Oct 1915

to 1916

Jab 1-44

"Noite" - Rio - 9 - Outubro - 1915 -

As lendas do norte

Sempre correu a lenda de que os indios tupys, em suas migrações, vindos do norte do Brasil, traziam ouro bruto, que, temendo a cupidez dos conquistadores, enterravam pelo sertão, onde em certas zonas ainda hoje se encontram rochas com toscas inscripções, que o povo diz marcarem o logar onde estiveram enterradas as pepitas do precioso metal. A gravura acima é um "croquis" dessas inscripções, tirado pelo deputado Gustavo Barroso, no sertão de Quixeramobim, e que o mesmo mostrou á Camara num seu discurso em favor dos indios. No sertão do Ceará sabe-se que muitos fazendeiros, cavando ao pé das pedras que têm taes caractéres, encontraram de facto algum ouro.

O Resedá do Cura

Conheci, ha tempos, numa aldeiola do Bocage, um santo cura que se recusava o menor gozo sensual, tudo renunciava com alegria e de prazeres só conhecia os do sacrificio. Cultivava no seu jardim, arvores fructiferas, legumes e plantas medicinaes. Mas, temendo até a belleza das flôres, não queria rosas nem jasmins. Sómente permittia a vaidade innocente de alguns pés de resedá, cuja haste tortuosa, tão humildemente florida, não attrahia seu olhar quando lia o breviario entre os canteiros de couves, sob o céo do bom Deus. O santo varão tão pouco desconfiava do seu resedá que, muita vez, passando perto, colhia um galhinho e demoradamente respirava o seu odor. Tal planta só deseja crescer. Um ramo cortado produz quatro. Desta sorte e ajudando o diabo, o resedá do cura chegou a cobrir um vasto canteiro do jardim. Transbordava para a aléa e puxava a batina do bom padre, que distrahido por essa louca planta, parava vinte vezes na hora de lêr ou de orar. Da primavera ao outomno o presbyterio rescendia todo perfumado de resedá!

Vêde quão pouco somos e como somos frageis! Ha muita razão em dizer-se que uma inclinação natural nos conduz ao peccado. O homem de Deus soubera preservar seus olhos; mas deixara as narinas sem defesa, e eis que o demonio o segura pelo nariz. O santo sorvia agora o cheiro do resedá com sensualidade e concupiscencia, isto é, com esse máo instincto que nos faz desejar o gozo dos bens sensiveis e nos induz a toda sorte de tentações, e saboreava de então por diante com menos ardor os odôres do céo e os perfumes da Virgem Maria; sua santidade, assim, diminuira, e talvez cahisse em desidia, sua alma ficasse pouco a pouco igual a essas almas frouxas que o céo vomita, sem o soccorro que lhe chegou a proposito. Outr'ora, na Thebaida, um anjo roubou a um eremitta a copa de oiro pela qual o santo homem ainda se prendia ás vaidades do mundo. Semelhante graça foi feita ao cura do Bocage. Uma gallinha branca tanto escavacou a terra ao pé do resedá, que em breve o matou. Ignora-se de onde viera essa ave. Inclino-me, porém, a acreditar que o anjo que, no deserto, furtou a taça de oiro ao ermitão transformou-se na alva gallinha, afim de destruir o obstaculo que impedia ao bom padre o caminho da perfeição.

Anatole France

(Trad. de Joãc do Norte).

"Diario Official" 14 de Outubro de 1915

O Sr. Gustavo Barosso (*) — Sr. Presidente, para dar idéa da situação afflictiva em que se debate a minha terra, apezar das promessas e dos recursos de que se tem fallado aqui, no Rio, *on paper* e *in nomine*, peço licença para ler o seguinte telegramma que recebi do Presidente do Ceará, o Sr. Benjamin Liberato Barroso.

«Deputado Gustavo Barroso—Rio—Diariamente cresce o numero de retirantes que affluem a esta capital em estado lastimavel. Os que veem pela Estrada de Ferro de Baturité ainda encontram este lenitivo em materia de transporte, porém, os que demandam Fortaleza a pé chegam, cambaleando

(*) Este discurso não foi revisto pelo orador.

de fome e dizem terem deixado á margem das estradas varios membros de suas familias alli sepultados.

Recebo constantes telegrammas de diversas localidades, communicando que de fome morrem tres, quatro pessoas por dia, sendo os mais attingidos os velhos e as crianças. Nesta capital o governo do Estado sustenta perto de oito mil pessoas, que aguardam embarque. As associações particulares sustentam approximadamente quatro mil retirantes.

Por toda via-ferrea de Baturité ha crescido numero de emigrantes, esmolando, pedindo trabalho, emquanto esperam passagens para esta capital, de onde embarca de dez em dez dias no Lloyd, para norte e sul, mais ou menos um milheiro em cada vapor.

Só na estação de Iguatú, ponto terminal da linha ferrea, ha cerca de oito mil retirantes. Ahi a situação é afflictissima. Vão faltando já até raizes, cardos e mucunan, com que mal se alimentam e tambem se envenenam.

Em toda a região da via-ferrea de Sobral, os factos se passam mais carregados de miseria, segundo as communicações que tenho recebido das autoridades locaes. Por terra muitos se retiraram em tempo para o Piauhy e Maranhão, mas agora já o não podem fazer por absoluta falta de recursos para a travessia. No porto de Camocim, ponto inicial da linha ferrea de Sobral, só tocam vapores cargueiros do Lloyd, que não transportam retirantes para outros Estados.

Os poucos açudes mandados construir pelo Governo Federal absolutamente não accommodam a vigesima parte dessa população faminta e deslocada de seus lares. Basta dizer que o açude de Guayuba alistou apenas 90 trabalhadores; o de Riacho do Sangue e o do Velame, a léste, alistaram no maximo 1.200; os de Parazinho, Caio Prado e Patos, a oeste, alistaram 1.600, perfazendo o total de 2.900 trabalhadores ou seja um agasalho para vinte mil pessoas, calculando as numerosas familias desses homens.

Segundo dados provaveis, á margem das duas ferro-vias do Estado estão agglomeradas cem mil pessoas! Dahi se meça a extensão de nossas aperturas.

Os donativos enviados por Minas, S. Paulo e Rio Grande do Sul estão quasi esgotados e teem sido exclusivamente empregados em assistencia aos retirantes sob a direcção de funccionarios estaduaes, que nada recebem por esse trabalho. Todas as despezas feitas tanto pelo governo como pelas associações particulares vão sendo publicadas pelos jornaes, para que os contribuintes saibam como foram applicados os productos de sua generosidade. Cordiaes saudações. — *Benjamin Barroso*, Presidente do Estado.»

Lendo esse despacho, tenho a dizer á Camara que o Sr. Presidente do Estado enviou telegramma identico ao Sr. Presidente da Republica, tomando a liberdade de lembrar algumas medidas mais urgentes para fazer frente á calamidade. E espero que, amanhã, lendo o *Diario Official*, o Sr. Dr. Calogeras, Ministro da Fazenda, tenha um pouco de piedade dessa gente que morre de fome, e não crêe mais os embaraços que tem creado, as delongas que tem tido, no enviar as sommas votadas pelo Congresso para soccorro desses pobres patricios nossos.

Era o que tinha a dizer. (*Muito bem; muito bem.*)

"Malho"
Rio
16
Outubro
1915

NO ACAMPAMENTO DO CEARA': a disciplina da miseria

"Grande mixordia na politica cearense a proposito da successão presidencial. Depois de tentativas para a candidatura do deputado Alvaro Fernandes, parente do actual governador, houve o telegramma energico do deputado Moreira da Rocha, depois do qual sobreveio a possibilidade das candidaturas Thomaz Cavalcante ou Lino da Justa".—(*Das nossas notas*)

Coronel Liberato : — Está quasi prompta a boia ! Espero que lhes agrade ao paladar...
Alvaro Fernandes : — A mim, com certeza ! Que bom cheirume !...
Lino da Justa : — Cheirava-te...
Gustavo Barroso e Saboia : — Se a boia é bôa, melhor para nós...
General Thomaz Cavalcante (á parte) : — Opinião de recrutas é sempre assim : disciplinada e ingenua...
Cabo Moreira da Rocha : — Protesto ! Revolto-me contra o cozinheiro do batalhão, se a boia não contentar *tout le monde et son père !...*
Padre Cicero : — Cousas de cabo de esquadra... Pae é padre e o padre sou eu... Portanto, sem o meu *tempero* não ha *boia* que resista... Não é verdade ?...
O Ceará : — P-a-pa-Santa Justa ! Vossa reverendissima é quem manda ! Vossa reverendissima é que tem de abençôar ou amaldiçoar o guizado ou desaguizado, para que eu possa ter a sua opinião...

(Trad. de Joaquim do Norte).
geis ! Ha muita razão em dizer-se que uma in-

MFN
915

"Diario Official" - 16 de Outubro de 1915

O Sr. Gustavo Barroso — Sr. Presidente, *O Imparcial*, de hoje, publica um brilhante artigo em favor das populações famintas do meu infeliz Estado, artigo esto provocado pelas minhas poucas e singelas palavras na ultima sessão desta Casa, lendo um telegramma do Presidente do Ceará sobre a secca.

Rogo a V. Ex. consulte a Casa, que já tem consentido na publicação de varios artigos politicos, e outros mesmo sem o interesse de ordem elevada daquelle a que me refiro, si concorda em que o referido artigo d'*O Imparcial* seja inserto nos Annaes da Camara, porque elle representa um vehemente brado em prol do povo da minha desgraçada terra.

(*Muito bem; muito bem*).

Consultada, a Camara concede a publicação pedida.

Documento a que se refere o Sr. Deputado Gustavo Barroso

PELOS FLAGELLADOS DO NORTE

O Deputado pelo Ceará, Sr. Gustavo Barroso, occupou ante-hontem a tribuna, na Camara, para ler o telegramma que a bancada cearense recebeu do Governador do Estado, e que hontem publicámos, expondo a dolorosa situação das populações sertanejas.

Os termos desse despacho, em que sem recurso á rhetorica se expõe nuamente o quadro de devastação e miseria que vae pelo interior do Ceará, não pedem commentarios. E' desnecessario, ante a singeleza da narrativa, empregar artificios para armar a piedade do Governo Federal.

Já a alma nacional, de norte a sul do paiz, vibrou unanime, na ancia de soccorrer os irmãos victimados pelo flagello tremendo. Dos Estados mais pobres seguem incessantemente para o Ceará dinheiro, roupas, generos alimenticios. Mas não basta. Tudo isso que a caridade privada fornece, em um fluxo que não cessa, pouco mais é do que uma migalha atirada á fome de centenas de milhares de brazileiros, que tiveram a desventura de nascer em terras onde o descaso dos governos tem permittido, por um seculo, que o mesmo phenomeno, já remediado em paizes menos ricos e menos prodigos que o Brazil, produza semelhantes resultados.

Agora mesmo está-se a ver o Governo Federal inerte quasi, ante as consequencias terriveis da secca no Rio Grande do Norte, Piauhy e Parahyba, mas sobretudo no Ceará, onde ellas são mais violentas e dolorosas.

Não é crivel que ante a pavorosa desgraça que atira á miseria uma grande fracção do povo brazileiro, acarretando com isso a decadencia de quatro Estados da Federação, o Governo se limite de quando em quando e com o vagar das formalidades burocraticas, já nocivas em tempos normaes, a abrir creitos parcellados, dos quaes mais de metade escôa para as algibeiras egoistas e despreoccupadas de funccionarios apadrinhados na politica.

Essa pobre gente, arrancada a seus lares desmantelados, arrojada á peregrinação através de sertões onde as raizes que o sol não queimou são o unico recurso que encontram ás suas torturas; essa pobre gente, que na singeleza de seu viver conheceu muitas vezes o conforto de uma abastança relativa, vive hoje da caridade, que tem de ser parcimoniosa, das populações das cidades que a recebe e onde, por lar, encontra a sombra das arvores desfolhadas de que se suspendem suas rêdes de retirantes.

Esse quadro está exigindo, evidentemente, do Governo Federal, em nome dos mais rudimentares sentimentos de humanidade, providencias mais promptas, mais energicas, mais efficazes.

O Deputado pelo Ceará terminou ante-hontem, sua breve oração na Camara dos Deputados, com um appello que veladamente é tambem uma accusação. Elle pediu ao Sr. Calogeras que não creasse mais embaraços á remessa de creditos para o Ceará e que tivesse um pouco mais de piedade por seus conterraneos, miseraveis e moribundos.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL
BIBLIOTECA
Nº Registro 793/2005
Patrimônio 63,804
Origem D

GB
AUTORIA
RECORTES
5
3

Nós não sabemos com que fundamentos se tem murmurado entre politicos cearenses que a acção vagarosa do Sr. ministro da Fazenda obedece a fins politicos. Não queremos, não devemos acreditar em semelhante monstruosidade. Por muita sympathia que ao Sr. Calogeras inspirem os adversarios da situação politica dominante no Ceará, não é possivel que essa sympathia possa obliterar em seu espirito recto a noção dos deveres impostos pelo seu argo e os mais comesinhos sentimentos de solidariedade humana para com os humildes sertanejos que, no actual momento, se encontram deante das mais sérias difficuldades.

Seria inominavel tal procedimento. Ante o clamor que se levanta da zona flagellada e que passa sobre todo o Brazil, não póde haver coração que se não confranja nem consciencia de politico empedernida bastante para cerrar os cordões á bolsa da caridade, que, além de tudo, não é a sua.

E' impossivel que o Sr. Calogeras esteja a retardar a remessa dos recursos que não são seus, de recursos que o Congresso já votou, para satisfazer o odio politico de seus amigos. Outras causas existirão para a demora. Mas essas mesmas devem cessar.

O Sr. Presidente da Republica não póde, não deve permittir, que emquanto na capital da Republica se está a cuidar com tanto interesse da sorte de funccionarios addidos, muitos dos quaes illegalmente nomeados; que emquanto aqui, em todos os ministerios, se consomem quantias consideraveis em gratificar extraordinariamente por serviços ordinarios funccionarios bem remunerados, se esteja, sem razão, a protelar a remessa de creditos que hão de minorar as torturas pungentes de tanto brazileiro, que, si não tem tantos titulos ao auxilio governamental, tem, pelo menos, este: o de nunca ter vivido á custa da Nação.

Milhares de mortes já terá produzido, sem duvida, a morosidade, na remessa de recursos; essas mortes hão de pesar nas consciencias dos que não se apressaram, como deviam em evital-as; outros milhares de vidas sejam salvas por uma acção prompta do Governo, acção que servirá de resgate á criminosa desidia de que, infelizmente, já o Governo Federal deu provas.

"Correio do Ceará" 29 de Set. 1915

Praias e Varzeas

(JOÃO DO NORTE)

Conhecedor profundo dos nossos sertões, analysta emerito dos nossos costumes, pesquizador infatigavel de tudo o que palpita na alma rude do nosso povo, amando bastante esse rincão infeliz, fixado no norte do Brasil, João do Norte tem aproveitado a grandiosidade de seu saber, a multiplicidade de seu talento indiscutivel, em escrever quasi que exclusivamente sobre esse pobre Ceará tão cheio de calamidades, sobre essa raça forte de pescadores e de sertanistas que trazem os hombros curvados para terra ao peso de vicissitudes innumeras e de desgraças sem conta.

E' que nas suas veias corre o sangue generoso e altivo dessa gente vigorosa e resistente ás ingratidões climatericas, desse povo gigante nas acções, que tem sabido soffrer sempre com a calma resignação dos justos e com a inquebrantabilidade sublime dos momentos crueis das grandes infelicidades.

Preso pelo torvelinho arrebatador do Rio de Janeiro, vivendo no meio absorvente e embriagador duma grande cidade, nada, no entanto, o tem impedido de lembrar-se sempre, ininterruptamente, de que para as bandas do norte do Brasil, existe uma terra hospitaleira e bôa, que sustenta uma lucta sem treguas contra as inclemencias da natureza, vive uma multidão valente de martyres que vêm o mesmo sol, a mesma luz, aquellas mesmas paisagens desoladoras e tristonhas, que os seus olhos viram na quadra feliz da primeira infancia sob um aspecto ainda indecifravel para as intelligencias tenras e depois, mais tarde quando o cerebro perfeito e já bem equilibrado poude melhormente comprehender e discernir a realidade desoladora, a verdade patente, terrivel e oppressora.

E assim, comprehendendo o nosso povo, estudando-lhe a alma, a vida, os actos e tudo o mais que concerne a essa variabilidade de factos que

compôem a existencia, João do Norte, tem sido o psychologo incançavel que, aos olhos dos homens do sul, ha reflectido com uma naturalidade inconteste, todos os defeitos, soffrimentos, crenças, poesia, arte e lenda do nosso povo, especialmente dos jangadeiros e dos sertanejos. Ao seu primeiro livro «Terra de Sol», que é um compendio preciso e valioso, onde se acham enxertados os mais preciosos escriptos sobre a ethnologia, arte, lenda e poesia dos homens que vivem nos confins dos nossos sertões, seguiu-se agora «Praias e Varzeas» onde o jangadeiro e o matuto são motivo de onze contos deliciosos.

Abre o volume, «Velas Brancas», o mais bello para mim, de todos os contos do livro.

E' a historia dum velho pescador encanecido na vida do mar, cego, sem mais poder enxergar o verde abysmatico das aguas, onde passava toda uma existencia de setenta e poucos annos.

Impossibilitado de guiar a jangada afoita nas pescarias, porque os seus olhos sem luz, não lhe permittiam distinguir cousa alguma na immensidade oceanica, ficava-se na praia ouvindo a terminologia, cadenciada e monotona dos pescadores, tão sua conhecida, arrastava-se pela brancura das areias aspirando o ar sadio, gozando o odor original da salsugem que absorvia com uma soffreguidão indizivel...

Vivia assim pelo tacto e pelo olfacto e rogava aos céos o favor unico de lhe conceder «um caquinho de olho, para enchergar o verde do mar, o azul do ceo e o branco das vellas pontilhando o horizonte»...

O mar era a sua paixão, admiravalhe a furia, o estrepitar rouquenho das ondas nas noites tempestuosas e sorria ao ouvir o enlanguecimento acariciador das vagas nos dias de bonança... Na vastidão marulhosa de suas aguas, existiam encantos, segredos divinos, que a sua alma rude de jangadeiro adorava mais que a propria vida. «Um dia o velho sahiu de casa e dirigiu-se á costa. A's apalpadellas preparou uma caçoeira. Pôz a jangadinha a nado, sentou-se á pôpa e, governando a escota rompeu pelo mar em fóra sob o oiro irrequieto do sol a borboletear nas ondas verdes. E a vela branca da embarcação apagou-se no ceu»...

Assim, admiravelmente, João do Norte termina este conto cheio de uma suavidade envolvente e sobre o qual, com a sua intelligencia robusta de moço, poderia ter tecido um romance encantador á maneira do «Pescador de Islandia» de Pierre Loti e do «Flor de Maio» de Blasco Ibañez.

Ao «Velas Brancas», seguem-se no genero «Finados», «Naufragio» e «O Pescador» todos elles escriptos nesse estylo scintillante que João do Norte empresta a tudo o que sahe de sua penna victoriosa. Mostra-nos as crendices dessa gente simples, ignorante e bôa para a qual a vida consiste numa lucta intermina e fatigante contra a morte sempre alerta e destruidora: descreve-nos a sua coragem na porfia pelo pão, singrando na leveza das jangadas a impetuosidade das aguas do mar, desafiando na fragilidade de suas embarcações á ferocidade brutal dos tubarões e dos collossos marinho...

Estes quatro contos são o assumpto das «Praias»; passam-se no meio da existencia trabalhadora dos que procuram, do mar tão cheio de attractivos, tirar proventos parcos, a custa de labores insanos em compensação a esforços innominaveis...

«Santa», «Espectro», «A Luiza do Selleiro», «O Patuá», «Absalão», «O Filho do Gurary» e «Emboscada» constituem a outra parte do livro cuja acção se passa na terra, no vasto descampado das varzeas causticantes...

Na exiguidade de uma chronica, não me é possivel o estudo detalhado de cada um desses contos.

Por isto, das «Varzeas» tratarei apenas do primoroso conto que é «A Luíza do Selleiro».

E' a narração tristonha da existencia duma sertaneja infeliz, que desconhecendo as labias dos homens da cidade, ignorando, não comprehendendo as miserabilidades que se encontram acantonadas na alma daquelles que ao sentirem o olôr penetrante das civilisações, têm um conceito especial e deprimente sobre a honra, desprezou a sinceridade brusca dos galanteios matutos e entregou-se de

corpo e alma á paixão ephemera do peralvilho da cidade, que para ella incarnava o typo ideal, que o seu cerebro, mal instruido, concebera em muitas noites de vigilia...

Ha então o começo de uma vida alegre, toda cheia de amores e de felicidades.

Depois sobrevem o cansaço do amante, o aborrecimento, o desprezo miseravel e a desgraçada fica-se ahi morrendo aos poucos, definhando, amarellecendo, até um dia em que a morte generosa, condoida de infelicidades tantas, vem arrancal-a desse fardo tremendo que se chama a vida.

Todos os outros contos são como este, bem descriptos, mostrando a superioridade invejavel do intellecto de João do Norte.

«Terra de Sol» foi a revelação de um cerebro culto, bem conformado; «Prias e Varzeas», é a confirmação portentosa de uma intellectualidade máscula, que tem sabido honrar brilhantemente o nome cearense na literatura nacional.

Torres de Mello

Bohemia da Penna

No dia 28 de setembro teria o deputado cearense sr. Gustavo Barroso apresentado e justificado na Camara uma emenda ao orçamento da Agricultura, creando verba para o serviço de protecção aos indios.

Não sei si chegou a fazel-o. Entretanto, seria muito para louvar si a carinhosa emenda fosse apresentada e approvada — numa terra em que todas as verbas para um destino honesto são approvadas sem difficuldade.

Essa emenda viria aproveitar á situação de setecentos mil selvagens, que a tanto ascende o numero dos que habitam as florestas de quatorze Estados brazileiros.

Todavia, esse recenseamento dos nossos patricios selvagens é assás imperfeito, si attendermos a que uma quinta parte do Brazil é inteiramente desconhecida. Segundo os nossos melhores historiographos, o numero do gentio ao tempo do descobrimento era geralmente calculado de quinhentos mil a um milhão, podendo elevar-se esse numero a dois milhões.

O sr. Gustavo Barroso teria dito, nesse seu formoso movimento de piedade christã em favor dos selvicolas, "que só agora a legislação brazileira é branda para com os habitantes das selvas nacionaes e que as cartas régias eram crueis e prégavam o seu exterminio."

Seria retrogradar muitos seculos pela historia a dentro, mas seria tambem prestar uma bella homenagem á verdade historica.

O gentio soffreu dos colonos, dos espoliadores de suas terras fecundas, dos usurpadores de seu estrellado ceu, toda a sorte de offensas, de carnicerias e si muitas vezes reagiu e atacou colonias, foi impellido a isso por exploradores que viviam com elle, que aprenderam a sua lingua e praticavam os seus costumes barbaros.

Hospedes em suas tabas, "extrangeiros na terra do seu berço", roubados nas suas proprias affeições, perseguidos dia e noite, os indios tiveram nos "mamelucos" — mestiços descendentes das raças portugueza e indigena — os maiores inimigos. Era justamente essa mistura de sangue civilisado com sangue barbaro que lhes envenenava a vida, e os "mamelucos" iam captural-os para vendel-os aos colonos nos mais reconditos sertões — "até

---

retrato dilacerado

tura, mas a "Noticia", do Rio, já adiantou que essa emenda seria "rejeitada pela Mesa da Camara, por transgredir as disposições do novo Regimento, creando despeza sem apontar a fonte de receita."

Não podia ser por menos: com um "deficit" proclamado de "cincoenta mil contos" e a perspectiva desenhada ha pouco pelo sr. Irineu Machado de que para o "proximo anno teremos de lançar mão de nova emissão para cobrir o "deficit", e dentro de dois annos o "funding" ahi está"...

O nosso gentio não terá a protecção orçamentaria solicitada pelo

sr. Gustavo Barroso, e — vivemos em um paiz onde em cada cidade existem uma e até mais... sociedades protectoras dos animaes...

Luiz Diniz

"Selecta" - 20 de Outubro de 1915

"ESCOLASTICA"

de Anatole France

Nesse tempo, que era o IV seculo da era christã, o joven Injuriosus, filho unico dum senador da Auvernia (denominavam-se assim os conselheiros municipaes), pedio em casamento uma moça chamada Escolastica. Deram-lh'a. E, terminando a cerimonia do consorcio, levou-a para sua casa e fel-a partilhar seu leito. Mas ella, triste e voltada para a parede, chorava amargamente.

— Por que te atormentas assim? Diz-me, peço-te.

E, como ella se calava, accrescentou:

— Supplico-te por Jesus Christo, filho de Deus, que me exponhas claramente o motivo de tua dôr.

Então, ella voltou-se para elle:

— Embora eu chorasse todos os dias, jamais seriam bastantes as lagrimas para espalhar a dôr immensa que enche meu coração. Resolvera guardar completamente pura esta carne fraca e offerecer minha virgindade a Jesus Christo. Infeliz de mim por elle de tal modo abandonada que não posso cumprir o que tanto desejava! O' dia que nunca deveria ter visto raiar! Aqui estou, divorciada do esposo celeste que me promettia o paraiso de dote, feita esposa dum simples mortal; e esta cabeça que devia ser coroada de rosas impereciveis está ornada ou antes profanada com estas rosas já bem murchas. Ai! este corpo que, sobre a quadrupla alva do cordeiro, devia revestir a estola de pureza, supporta como um fardo vil o véo nupcial. Por que não foi o ultimo o primeiro dia de minha vida? Oh! como seria feliz si tivesse transposto a porta da morte antes de beber uma gôtta de leite! e si os beijos de minhas doces amas houvessem sido dados sobre o meu esquife! Quando estendes os braços para mim, penso nas mãos que foram atravessadas de pregos para a salvação do mundo.

E, ao findar estas palavras, ella chorou amargamente.

O mancebo respondeu-lhe com doçura:

— Escolastica, nossos paes, que são nobres e ricos entre os auvernios só tinham os teus uma filha, os meus um filho. Quizeram unir-nos para perpetuar sua familia, com medo que em após sua morte um estrangeiro viesse herdar os seus bens.

Mas Escolastica respondeu:

— O mundo nada vale. As riquezas nada valem. Esperar a morte é viver? Vivem tão somente os que, na eterna beatitude, bebem a luz e gozam a alegria angelica de possuir Deus.

Nesse momento, tocado pela divina graça, Injuriosus exclamou:

— O' doces e claras palavras! A luz da vida eterna brilha em meus olhos! Escolastica, si queres cumprir o que prometteste, eu ficarei casto junto de ti.

Meia confiante e sorrindo já por entre as lagrimas, ella disse:

— Injuriosus, é difficil a um homem fazer concessão semelhante a uma mulher. Mas, si conseguires que ambos fiquemos sem macula neste mundo, dar-te-ei uma parte do dote que me foi promettido por Jesus-Christo.

Então, armado com o signal da cruz, elle retrucou:

— Farei o que desejas.

E, apertando a mão um do outro, adormeceram.

E dahi por diante partilharam o mesmo leito com incomparavel castidade. Depois de dez annos de provação, Escolastica morreu.

Segundo o costume do tempo, foi levada para a basilica em trajes de gala, o rosto descoberto, ao som dos psalmos, seguida do povo todo.

Ajoelhado junto della, Injuriosus pronunciou em voz alta estas palavras:

— Dou-te graças, Senhor Jesus, por me teres concedido força bastante para guardar intacto o teu thesouro.

A estas palavras a morta ergueu-se no seu leito funebre, sorriu e murmurou suavemente:

— Meu amigo, por que dizes o que te não perguntam?

Depois readormeceu para o somno eterno.

Injuriosus seguiu-a dentro em breve ao tumulo. Enterraram-n'o não mui longe della, na basilica de Saint-Allire. A primeira noite que repousou no sepulchro, uma roseira milagrosa sahida da tumba da esposa virgem, enlaçou com os seus braços floridos as duas sepulturas.

E no dia seguinte o povo viu que unia os tumulos uma cadeia de rosas. Conhecendo por este signal a santidade do bemaventurado Injuriosus e da bemaventurada Escolastica, os padres da Auvernia indicaram as duas covas á veneração dos fieis.

Traducção de

JOÃO DO NORTE

(Transcripto no "Correio do Ceará")

Diario Official - 27 - Outubro - 1915
(Discurso pronunciado a 26)

O Sr. Gustavo Barroso (*pela ordem*) — Sr. Presidente, ha alguns dias atrás o nobre Deputado pelo Estado do Rio de Janeiro, cujo nome peço permissão para declinar, o Sr. Mauricio de Lacerda, leu, por occasião da discussão da acta desta Casa, um telegramma em que se reclamava do Ceará contra os serviços feitos pelo Presidente do Estado nos jardins da capital, embellezamento da mesma á custa dos soccorros enviados daqui para os retirantes.

O *Correio da Manhã* publicou ha dous ou tres dias um suelto no mesmo sentido e *A Rua* repisou o mesmo assumpto, fazendo as mais duras accusações ao Governador do meu Estado.

Nada mais injusto e cruel do que essa campanha. O Presidente do Ceará tem distribuido os soccorros aos retirantes vindos do interior e agglomerados intensamente na capital do Estado da maneira mais humanitaria e mais correcta possivel. (*Apoiados.*). Em vez de humilhal-os com esmolas, elle manda que façam trabalhos e paga esses trabalhos. De modo que isso aproveita os retirantes e se aproveitam as obras, sejam federaes, estaduaes ou municipaes, não importa, ou mesmo particulares. O soccorro é, assim, feito diariamente, perfeitamente e honestamente.

O Sr. Octacilio de Albuquerque — Elles condemnam a distribuição na Capital, como se alli não existisse grande numero de retirantes!

O Sr. Gustavo Barroso — Elles querem que o Governo mande os retirantes trabalharem nos açudes do interior. O Governo não póde ter mais uma grande despeza, recambiando essa gente para os logares onde já existem innumeros flagellados vindos do mais alto sertão.

E não é só Governo do Estado que assim está agindo com os soccorros que recebe do Rio de Janeiro, de S. Paulo e outros logares.

O *Diario do Estado*, de 1 de outubro publica a seguinte nota:

«Já se acham concluidos os serviços de nivelamento e limpeza da rampa que existe ao lado esquerdo do gazometro. Esse importante melhoramento para a nossa capital foi executado por uma turma de *retirantes* pagos pelo Comité Cearense da Bahia.

Esteve encarregado da direcção dos trabalhos e do pagamento dos trabalhadores o Exmo. Sr. Dr. Barão de Studart, benemerito cidadão que tem seu nome ligado a muitas outras obras que o recommendam á estima e veneração dos cearenses.»

O Sr. barão de Studart é o presidente da sociedade de S. Vicente de Paula de Fortaleza; é, portanto, o director, o chefe de uma communidade, de uma congregação particular e está fazendo a mesma cousa que o governo.

O Sr. Octacilio de Albuquerque — Qualquer que seja a verba, desde que o Governo está distribuindo os recursos aos retirantes, está fazendo muito bem. (*Apoiados.*)

O Sr. Gustavo Barroso — *O Correio do Ceará*, de 27 de setembro, diz o seguinte:

«O revmo. Sr. arcebispo D. Manoel, de accôrdo com os Exmos. Srs. Governador do Estado e prefeito do municipio, acaba de prestar mais um valioso serviço á nosso cidade, mandando uma turma de retirantes fazer a limpeza e desentulho do reservatorio do Pajéhú, importante obra que nos legou a proficua administração do antigo Presidente Dr. José Bento de Figueiredo Junior.»

O bispo do Ceará está empregando os soccorros que recebe da mesma maneira que o Governador do Estado e as associações particulares.

Antigamente, nas seccas passadas, os Governadores do Ceará usaram o mesmo modo de soccorrer as populações famintas agglomeradas na capital.

O reservatorio de Pajehú, a que alludi, foi uma das obras construidas deste modo; igualmente as pontes existentes nas estradas de Mecejana, Soure e Maranguape, e o empedramento de parte dellas foram feitos pelos retirantes.

A proposito dessa accusação recebi do Governador do Estado o seguinte telegramma:

«Deputado Gustavo Barroso — Rio — Fortaleza, 17 — Os retirantes assistidos pelo Governo nesta capital estão divididos em duas turmas: uma dos que não querem embarcar, que trabalham no melhoramento das estradas de rodagem de Mecejana, Pirangaba, Pacatuba, Maranguape e Soure, em numero de tres mil e tantos; outra, dos que aguardam embarque no campo de concentração do Alagadiço, em numero de mais quatro mil, os quaes recebem comida e roupa, um pequeno salario, e trabalham por turma de 300, tres, quatro horas por dia nas praças, ruas, avenidas e jardins, em serviços de movimento de terra, nivelamentos e limpezas.

Os escombros das casas demolidas na avenida aberta pelo governo Franco Rabello foram por elles retirados, sendo o calçamento da mesma por elles concertado.

Releva notar que, tanto o material, pedras e tijolos, alli gastos, como os calceteiros e outros officiaes, todos flagellados, foram pagos por conta do Estado e não dos donativos remettidos de outras partes. A roupa desses trabahadores é fornecida pela associação das senhoras de caridade, as quaes dei mais de 23 contos dos donativos que recebi.

Tenho aqui as noticias dos jornaes declarando os dias, a hora, das visitas das senhoras de caridade, e, bem assim, o numero de peças de roupa distribuida.

O Sr. Octacilio de Albuquerque — Está agindo com o maximo criterio.

O Sr. Gustavo Barroso — «Gastam-se com os retirantes nesta Capital dous contos e quinhentos, diariamente, na média.

Já foram transportados pelo Lloyd, para norte e sul, por conta do Governo Federal, mais de sete mil péssoas, tendo sido todas, durante sua estadia aqui, vestidas e alimentadas pelo Governo do Estado.

Nunca até agora houve delles a menor reclamação nem entre elles houve o menor incidente, o que prova terem tido carinhosa acolhida.

Em nenhum dos serviços mandados fazer pelo Governo estadual trabalham velhos e crianças, nem aquelles que se queixam do menor incommodo.

Mulheres e moças offerecem-se expontaneamente a dar tres, quatro horas de trabalho diario ao Governo em troca da assistenc a que esse lhe dá no campo de concentração, um excellente sitio arborizado e salubre, onde se distribuem por dia 8, 10 bois, vinte mil bolachas, 25 saccas de farinha, cinco de feijão, dous de assucar; café em uantidade bastante e leite ás creancinhas de mama, estas protegidas tambem pela Assistencia á Infancia; além disso, os retirantes teem nesse campo remedios, medicos, sabão em quantidade sufficiente e outro cuidados hygienicos indispensaveis pelo terror que ha de qualquer epidemia, que até agora, felizmente, não appareceu, acontecendo o contrario do que tem succedido em outras calamidades, em que a variola matou mais que a fome! Todas as despezas teem sido minuciosamente publicadas pelo *Diario do Estado*.»

Isso é verdade. Eu tenho aqui o numero do «Diario do Estado» de 27 de setembro, em que estão arroladas as despezas importando em 27 contos, com as maiores minucias: café, cereaes, kerozene, etc.; tudo quanto é necessario.

«Pela maneira carinhosa e confortante com que o Governo trata os retirantes que assiste, tem o mesmo Governo sido muito elogiado pelos Srs. D. Manoel, arcebispo do Ceará, bispos do Crato, de Cajazeiras, da Parahyba, hoje aqui, de passagem; Dr. Aarão Reis, das Obras contra as Secc-s; padres, frades politicos, outros personagens illustres, que vão pessoalmente ver o modo por que são tratados os nossos infelizes patricios.

O Sr. Rodolpho Theophilo, escriptor cearense, muito conhecido e conhecedor profundo das nossas qusetões sertanejas, affrma publicamente nunca ter visto retirantes tratados com tanto desvelo.

Os jornaes da opposição até hoje não fizeram a menor referencia accusatoria sobre esse ponto e sim elogiosas.

A senhora do presidente do Estado, acompanhada pelas senhoras de caridade, teem preparado e distribuido roupa, pessoalmente, a milhares de pessoas, de dez em dez, de quinze em quinze dias, no campo da concentração, aos retirantes mais necessitados.

O presidente do Estado até hoje sómente receben duzentos contos para tudo isso, sendo cem do Presidente da Republica, cincoenta do Estado de Minas, quarenta do Estado de S. Paulo. Não é tão grande importancia para fazer face a tamanha despeza desde o comeco de agosto.

E' simplesmente irrisorio dizer que se empregam esses soccorros no embellezamento da cidade.

Não, fazem-se trabalhos de utilidade publica, elevando o retirante que recebe um salario pelo seu serviço, não o humilhando com a esmola, nem o pervertendo com a ociosidade.

O governo do Estado tem sérias apprehensões para manter essa gente, que se av-uma e se derrama por toda a parte, clamando por trabalho, sem recursos como se acha.

Nos trabalhos extraordinarios mandados executar pelo Governo Federal até hoje só se alistaram 90 homens no açude do Guayuba, 400 no do Riacho do Sangue e nada mais.

O engenheiro encarregado dessas obras declara que ha mais de quatro mil homens esperando trabalho.

Como já disse ao Presidente da Republica mais de cem mil estão nas estações das duas vias ferreas do Estado, esperando occupação, pedindo passagens para a capital e outros pontos do littoral, Camocim, por exemplo, afim de se expafriarem, comendo cardos, devorando raizes, morrendo á mingua!

Em outros pontos a proporção de gente agglomerada é como no açude do Riacho do Sangue.

Parece que no Rio de Janeiro não se acredita no horror do nosso flagello nem pensam que o Ceará tem uma população de um milhão e duzentos mil habitantes, geralmente atordoados pela miseria. Clame contra a indifferença com que estamos sendo tratados, oriunda, talvez, da ignorancia do nosso caso e do desconhecimento do nosso meio.

Tenho feito ver e sentir tudo bem claramente, sem exaggeros, e sobre mim, de certo, não recahirá a responsabilidade da morte pela fome de nossos patricios nem tão pouco dos desatinos gerados pela miseria.

Abraços. — *Benjamin Barroso*, presidente do Estado.»

Essas accusações ao presidente do Estado do Ceará são identicas a outras que se fizeram aqui, publicando-se até telegrammas de Fortaleza, em que se dizia que um membro da Associação Commercial tinha proposto uma moção pro-reeleição do Governador do Estado, sendo essa rejeitada por grande maioria.

E' uma outra balella que posso desfazer.

A moção votada pela Associação Commercial do Ceará é a seguinte:

«Em nome do commercio cearense, representado por esta Associação Commercial, cumprimos o dever de trazer a V. Ex. a expressão dos applausos pela maneira brilhantemente incisiva com que V. Ex., em telegramma de ante-hontem, descreveu, mais uma vez, aos olhos da Nação, o quadro de infinitas miserias que assoberbam o nosso Estado. A digna attitude por V. Ex. tomada, desde os primordios da calamidade que pesa sobre o Ceará e as medidas que, em synthese acaba de apresentar aos dirigentes da Republica brazileira, dmonstram á sociedade o ardor patriotico que V. Ex. vem mantendo na defesa vigilante da causa do Estado.

Esta Associação Commercial apresenta a V. Ex. protestos de consideração e apreço. Saude e fraternidade. — *José Gentil de Carvalho*, presidente. — *José Brazil de Mattos*, secretario interino.»

Nada mais differente do que esta moção, daquella que se propalou aqui ter sido proposta e recusada, para a reeleição do Governado do Estado.

A's pessoas e aos jornalistas que fazem essas accusações, em um momento tão triste para a vida do meu Estado e para a sorte da população de minha terra infeliz, eu só posso responder, depois desta leitura, pondo no plural a phrase com que Gustave Flaubert retrucou a Froechner, quando este criticou *Salambô*, nas paginas da *Revue Conteporaine*, de Paris: «Os senhores não são crueis: são levianos». (*Muito bem*).

"Diario do Estado"
Ceará - 12 - Out. 915

Praias e Varzeas

Ainda ao senhor Braz de Souza

Outra carta do sertão

Villa do Teixeira, 29 de Setembro de 1915.

Senhor Redactor do DIARIO DO ESTADO

O meu ingenuo amigo Braz Cubas de Souza, com quem já estou até sympathisando pelos conhecimentos grammaticaes que demonstra, «pisou-se no lombo» com a minha ultima carta. E quem pagou o pato foi o senhor João do Norte, que lá no Rio de Janeiro, nem se lembra se o Braz existe e talvez nem tenha lido os seus gatafunhos criticos. Disse (o Braz) que o senhor João do Norte tomára como pseudonymo o meu nome pobre e honrado, para mais commodamente se elogiar e para menoscabal-o (ao Braz). Perverso! Na minha carta são muito raros os trechos em que tenho uma palavra mais amavel para o escriptor, embora elle mereça todos os meus encomios.

O senhor João do Norte não carecia esconder-se sob o pallio do meu obscuro nome, para menoscabar o amigo Braz. Esse menoscabo, esse desprezo, esse desdem d'um homem nas condições do senhor João do Norte por um pobre Braz, que nunca passou nem jamais passará de *redactor* do *Unitario*, deve forçosamente existir e ser tão grande, tão forte, tão imperioso que o impeça até de dar resposta ao *critico*, mesmo acoitado na moita d'um pseudonymo. Não se arrepie e nem se zangue o meu talentoso e querido Braz de Cousa e de Cubas com as verdades que exarei. Si achar que se eleva respondendo ao senhor João do Norte, como fez da primeira feita, e não ao humilde José Farias, agarre se nesse pedestal e suba por elle, mettendo as botas no distante e silencioso autor do livro. Porem, cuidado! meu Braz, o pedestal pode metamorpho ear-se em páu de sebo e que tombo formidavel levarás, creatura de Deus ou do Diabo!

Mas entremos na critica da *critica* do Braz—velho, inimigo das repetições e sujeito zangado com quem lhe aponta a innata ma fé. Dessa virtude vamos dar-lhe documentos comprobatorios:

1.º—Teve má fé na asserção das figuras, na 1.ª *critica*. Não se poude defender na 2ª.

2.º— hama na sua ultima garabulha, *interminavel* repetição de *ss* esta simples phrase: «santo homem que andava no sertão em santas missões», sem tocar no exemplo de Julio Dantas: «sombra formidavel sobre um cavallo formidavel»; e querendo que o Eça exprimisse com repetições de rir o roçagar de pannos duma cortezã, que estava *immovel á porta duma casa de banhos*. Como o Braz conhece o Eça e o Julio Dantas! Toma mais uma repetição classica: «Judiaserás tu que assim judias commigo". —(Garrett).

3.º—Fala em pegar gado a laço no fechado das catingas, quando o senhor João do Norte escreveu: «era eximio pegador de gado pelo rabo, a laço e a unha, no *limpo* e no *fechado* das catingas.»

Diante deste modo de truncar phrases alheias em seu proveito haverá quem se fie no que rabisca o Souza?

4.º—Nega ter gryphado *fétos*, quando o fez, somente tendo gryphado *densa*, segundo affirma, porque acha que nenhum botanico encontrou jamais no Ceará *densa capoeira de fétos*.

Mais uma citação falsa, mentirosa. Verdadeira calumnia! No "Praias e Varzeas",

a pagina 81 se lê: «Pelo recosto do serro descia em ondulações de velludo novo uma capoeira densa, muito verde, de *fétos*, de *marmelleiros* e de *ameixieiras* bravas.

Não ha necessidade de mais exemplos de má fé e sordida inverdade. Mais depressa, bem se diz, pega-se um mentiroso do que um côxo

Agora vamos examinar os pontos em que o illustre grammaticologo ficou calado:

1.º—No seu formidavel erro: SE ENCONTRA RARAMENTE.

2.º—Na questão do periodo: «surgir em baixo das arvores».

3.º—Naquella expressão: «saudade de olhar».

4.º—Na *cataracta cobria-me* (J. do Norte); *O dedo treme lhe* (J. Dantas).

Queres mais?

Eu, José Farias do Teixeira, affirmo ao querido Braz que não desconheço a «importancia do factor—correcção de linguagem na estructora dum estylo». (Imaginem! Eu citando o Braz, que honra para o rapaz! Não é verso mas é verdade...) Não desconheço essa importancia. mas sei que todo o individuo que se prende a minucias grammaticaes não passa disso. Não são 2 ou 3 pequenos erros que estropiam a carreira litteraria dum individuo. Mais a estragam o vicio do pormenor e o habito da casuistica. Nunca, jamais, em tempo algum Braz de Cousa chegará ao calcanhar de Eça de Queiroz. E quanto erro o grande ironista commetteu! Ha uns que a gente acha tão bonitos: «Minha querida Clara, tenho pensado muito em si...» Escusado será dizer, meu caro Braz, que, com erro ou sem erro, pouco eu tenho pensado em si...

Tratemos da jugular... Não cuide irreprochavel, Braz, que eu o queira jugular, nem vá pensar que irreprochavel é gallicismo!

Falo da jugular, que soqueixa áquelles que usam chapéus de barbicacho

Esse soqueixa está classico, heim Braz velho, parece até de Joham Gomez de Abreu, um classico admiravel que certamente conheces, tu que «conversas os classicos».

A medicina não pode ter delimitado o o emprego da palavra jugular, porquanto não a emprega como substantivo e sim como adjectivo. Dahi: «veias jugulares», «veia jugular interna» «glandulas jugulares», etc. Nos diccionarios portuguezes jugular está como adjectivo, tolinho.

Tudo quanto se refere á garganta leva palavras da mesma raiz.

Em latim: *jugulatio* é a acção de degolar; *jugare* é prender, atar; *jugulatus* é o degolado; *jugulator*, o assassino; *jugumentare*, prender com traves de madeira; *jungere* jungir; *jugulare*, cortar o pescoço, derrubar, opprimir, dar cabo; *jugulus*, a garganta; emfim *jugum*, o jugo, a canga, sendo que desta ultima, meu pobre Braz, careces em demasia...

Vaes ter grande trabalho, si quizeres corregir todos os escriptores que empreguem latinismo. E deve ser grande erro, inexpiavel crime, um escriptor lançar mão dum latinismo. Valha, porem, aos que isso fizerem, a opinião de Camões, melhor que a tua, não é, Braz?

«E na lingua, na qual, quando imagina. Com pouca corrupção crê que é latina».

Ainda mais defende o meu amigo João do Norte o grande Francisco Manoel:

«Si temos de pedir a alguma bolsa
Termos que nos falleçam,
Seja a bolsa de nossa mãe latina».

Mas Camões e Francisco Manoel diante de Braz Cubas de Cousa e Souza que poderão valer?

Para defender João do Norte do seu *quase levantava se*, resultado de cuidados pela euphonia, basta mostrar que o exemplo citado pelo impagavel Braz, (de Antonio Vieira) é «já se sabe» pharse onde não ha a repetição de *sese* e somente de *ss*, o que é muito differente. Vale a pena accrescentar que o illustrado João Ribeiro, traduzindo o illustrado C. Rheinardstoettner, na introducção dos «Autores Contemporaneos», num profundo estudo da lingua portugueza, diz: «vae sempre abeberarse» (pag. XXV linha 3).

Mais adiante nas notas da pagina 8 João Ribeiro, grande philologo, diz: "é já muito commum dar-se". Basta. Acho, entretanto que João Ribeiro e quejandos não chegam aos pés de Braz...

Então, proprietario das preposições e do atavismo, o galho da jurema tinha a obrigação estricta de arrancar o chapéu do vaqueiro ou levantar a aba tão somente? Era só esta a permissão que lhe déste?

Por que não avisaste disto o João do Norte? Si elle soubesse, teria morto o vaqueiro doutro modo, porem não suspeitava as tuas determinações.

Quanto aos granitos brancos e aos côr de rosa, o sr. João do Norte, si te respondesse, mandar-te-ia consultar não um compendio de geologia elementar, mas a «*Histoire Ancienne des Peuples de l'Orient*», de Maspero, quando trata do material com que foram construidos certos edificios do Egypto, na pagina 676, linhas 20-21, ou então Letronne «*La civilisation egyptienne depuis l'établissement des grecs, sous Psammetichus jusqu à la conquête d'Alexandre*»; tambem Herodoto na discripção do *naos* de Tanit.

As tuas asnidades sobre atavismo, Braz de Cubas, eu acho melhor nem responder. Deus te guie, *zelação*, por melhor caminho!

Imagine-se que o Braz no seu infeliz artiguete declarou, felizmente entre parentheses, que a causa da maior frequencia das sêccas é o arroteamento das mattas. Causa da sêcca não é somente essa, meu querido onagro; muitas e muitas outras existem, concorrem. Lê qualquer coisa a esse respeito e verás. Accresce que não é verdade a maior frequencia a que te referes. Está aqui o quadro das sêccas, passa a vista por elle e examina si ellas têm amiudadas suas visitas ou mantêm um espaço quasi determinavel: 1614. 1692, 1703, 1711, 1721, 1723-27. 1736-37, 1745-46, 1754-55, 1760, 1777-78, 1790-93, 1803, 1816, 1825, 1835, 1845, 1865, 1877, 1888, 1898, 1900, 1915.

Como conheces as cousas da tua gloriosa e infeliz terra, ó Cousa!

Não posso dar o menor valor as tuas bobices sobre desenho e pintura, porque, com gestos dogmaticos affirmas que toda pintura tem desenho, um desenho ou traçado anterior. Ora, isto, meu velho, o conselheiro Accacio já dizia ha muito tempo. Nunca houve quem pintasse sem desenhar primeiro, mas isto não exclúe a differença entre desenho e pintura nem te apaga as asneiras. Todo desenho desde que levou as tintas deixa de ser desenho para ser pintura (na qual existe desenho) a oleo, a pastel, a gonache, a aquarella, etc.

E então, és delicioso, és supimpa, quando dizes, *professoralmente*, que os frescos de Miguel Angelo são mediocremente coloridos. O rei da pintura colorindo mediocremente!!! Só o Braz do *Unitario* era capaz de tanto! Quem com a maior riqueza de tons pintou o *Incendio de Borgo* seculos depois é qualificado no Ceará de colorista mediocre! Pobre Miguel Angelo! Talvez mais pobre que Braz, porque este pobre de espirito terá, sem duvida, o reino do Céu.

Elle nem sabe, porem, a que Miguel Angelo injuriou, si ao Caravaggio, si ao Buonarrotti...

Fala de David, de Ingres, de Chasseriau e diz que se *esculpe* primeiramente um contorno (golpe), o qual é, depois, cheio de *cor chata*. Onde o Braz foi encontrar *cor chata*?

Eu, aqui no Teixeira pelo menos, nunca vi côr chata, nem côr redonda, nem côr quadrada, nem côr comprida. Esse Braz é das Arabias: descobre cada uma!! Côr chata, é bôa! Adiante fala na *degradação* da luz. Coitada da luz! Até ella levou sopapos. Degradação da luz, é surprehendente! A luz anda muito por baixo, pelo menos no quengo do Braz, para ser assim degradada. E logo na *terra da luz* é que lhe fizeram isso!

O Braz é magnifico traduzindo francez. Não posso saber o trecho francez que elle traduzio. Certamente não o publicará. Mas o que eu posso affirmar é que *cor chata* não existe, pode, deve ser côr que tenha a mesma tonalidade, sem esbatidos e sombras; graduação de luz o Braz denomina *degradação* da luz!

Mas de convir, meu compadre Braz de Souza, que nem mereces resposta.

Falemos agora das *porradas ou porretadas*, de que tanto gostou o amigo Braz. Diz elle que o senhor João do Norte conhece muito essa palavra (a primeira) e lhe vota um culto mysterioso. Acho que o Braz nesse ponto tem toda a razão. Tenho cá para mim que o senhor João do Norte vota mesmo esse culto mysterioso, que não poderá explicar ao Braz, porque está no Rio e o Souza no Ceará; e talvez mais ainda porque o Braz, feio como todo o caturra grammatical, ramelento como todo o pessimo traductor, pouco aceiado como todos os jornalistas de meia cara, magricello como um *retirante*, não offerece á *bengala* do senhor João do Norte os necessarios attractivos....

Para terminar esta, senhor bondoso redactor do DIARIO, tenho a dizer que o ineffavel Braz acabou o seu ultimo artigo de *cor chata* affirmando ao menos que o senhor João do Norte é um escriptor realista, mau, porem realista. Que ruim que é esse Braz contra o senhor João do Norte que nunca lhe deve ter *feito mal* e que, até hoje só tem tido desejos de servir ao Ceará.

O seu primeiro artigo na imprensa carioca no «Jornal do Brasil» de 19 de Junho de 1910, foi sobre o Ceará. O seu artigo de estréa na redacção do «Jornal do Commercio foi a 25 de Dezembro de 1910, a respeito das primeiras explorações do Ceará. O seu primeiro livro, bom ou mau, foi uma prova de amor ao Ceará. Agora ha pouco, segundo noticiam os jornaes, fez seu primeiro discurso na Camara a favor do Ceará. Realmente é um bandido esse João do Norte...

Adeus, inventor da côr chata, amigo Braz e, para versejar, até nunca mais...

José Farias.

A ACÇÃO DOS NOVOS

II

O deputado cearense Gustavo Barroso, faz poucos dias, tratou em bem elaborado discurso, das expedições que homens maus preparam contra os miseros aborigenas restantes, factos deprimentes e que relembram as batidas ferozes dos aventureiros medievaes.

Assim procedendo demonstrou o seu amor pelas coisas da Patria, carecida mais do que nunca de filhos extremecidos: porque patriota não é só o que sopesa o gladio bellicoso no perigo, mas tambem quem cultiva as tradições do paiz, estudando-lhe as origens e o evolver atravez dos seculos.

Abraçamos suas idéas a respeito da colonização que na actualidade convem e não pode afastar-se da solercia, da persuasão e brandura; jamais a da força bruta e asselvajada que revoltará aos proprios selvagens.

Se os indigenas de nossas florestas eram, conforme os documentos historicos e as lendas, tam hospitaleiros para os exploradores lusos, como havemos de nós, depois de 4 seculos de civilisação e aperfeiçoamento moral, equipara-los a bestas irracionaes?!

"Correio do Ceará" - 15 de outubro de 1915

Commercio de São Paulo
29 de Outubro de 1915

O velho pagé, da lenda, ao encontrar Martim Soares, diz-lhe: «O estrangeiro é senhor na cabana de Araken». E como querem alguns brasileiros espingardea-los, se desejamos ainda mais a acquisição de vastas e ricas regiões por elles occupadas para fazel-as entrar numa civilização macaqueada e imperfeita?!

A attitude do novel congressista foi por demais nobre, estigmatizando a impiedade de colonizadores sem entranhas e o Parlamento não pode deixar de attender tam justa reclamação.

Com effeito as gentes autochtones ou que primitivamente habitam as nossas plagas, provindas da Asia pelo isthmo de Panamá, trouxeram-nos, ao caldeamento de nosso sangue, um valioso contingente que nos não cabe olvidar.

Dellas herdamos a sêde de liberdade, a fortaleza de espirito para arrostar essas grandes seccas, com que a natureza de vez em quando soe perseguir-nos e a finura de orgams sensoriaes, que ha produzido entre nós musicos de primeira plana.

Quem, porventura, alcançou mais laureis na expulsão dos hollandezes de nosso territorio que Felippe Camarão? E este era Poty, o destimido inimigo dos Tabajaras, a cuja tribu pertencia Iracema, «a virgem dos labios de mel» e o *leit-motiv* do mais bello poema escripto em prosa vernacula.

Muitas são as altas individualidades derivadas da poderosissima tribu dos Tupys, senhores antigos do litoral, bastando-me citar o maior expoente da nossa poetica, que é G. Dias, Floriano Peixoto, o insigne marechal de Ferro e consolidador do regimen democratico e Sylvio Romero, o primeiro tracejador da nossa historia literaria.

Não lobrigo, pois, nenhuma razão por que maltratarem esta raça *mater* quando della restam poucas tribus em degenerescencia e se conhecem expedientes mais brandos, para ensinar-lhes os principios da solidariedade, elos inquebrantaveis dos conglomerados humanos. — *Moraes Fontenelle.*

NOTAS DE ARTE

Palestra Literaria

No theatro Brasil, antigo cinema "High-life", o dr. Leopoldo de Freitas realizou a 27 deste mez a seguinte palestra literaria em uma sessão especial destinada a auxiliar as populações do Norte, assoladas pela secca.

— O orador disse que vinha falar a convite de alguns amigos que lhe facultaram a escolha do assumpto, neste festival cujo producto era para attenuar soffrimentos do povo.

Elle preferiu, uma vez que se tratava de uma palestra literaria, occupar-se com dois insignes escriptores cearenses; o romantico José de Alencar e o realista Gustavo Barroso.

Disse então que — o Ceará é o Estado que tem a inclemencia de um clima torrido e onde a terra e os seus habitantes, periodicamente, padecem a tortura das seccas.

O sol ardentissimo a tudo calcina, as searas e as pastagens; estanca a lympha crystalina dos arroios e mata os rebanhos dos sertanejos.

José de Alencar é o filho intellectual mais glorioso desse Estado que tambem foi berço nativo do intrepido general Antonio Sampaio, heroe da infantaria brasileira na batalha de Tuyuty.

Impressionista desde criança, José de Alencar, veiu residir no Rio de Janeiro com dez annos de edade, tendo vigiado pelo sertão de Cariry e através dos valles entre o Ceará e a Bahia; guardou então, profundas emoções das florestas do Norte que depois descreveu nas formosas paginas do "Sertanejo" e da "Iracema" com a arte sublime do estylo, essencialmente, brasileiro e americano.

Em 1846 era estudante da Faculdade de S. Paulo quando fundou, com outros companheiros, a publicação dos "Ensaios Literarios" e passava horas inteiras na consulta das classicas producções de Damião de Góes, João de Barros, Rocha Pitta e outros vernaculistas, existentes na Bibliotheca daquelle venerando instituto de ensino superior.

O seu biographo dr. Araripe Junior escreveu que, nessa época, José de Alencar "Estudou com sofreguidão os chronistas e prosadores de caracter puramente americano, para apurar o manancial das cousas patrias; assim começou um estudo apaixonado de tudo quanto servisse para dar luz e vida ao seu espirito; quiz conhecer os pintores da natureza agreste, fazendo emergir do obscuro este sonho que constitue a essencia da sua propria natureza.

14

Do mesmo modo que o chimico lucta por tirar do carvão a diminuta parcella do diamante, elle empregava todas os esforços para realizar uma crystalização ainda mais admiravel — a da propria Alma..."

Temperamento sentimental, o do romancista José de Alencar, deu expressões coloridas e apaixonadas ás cousas que a attrahiam sua attenção.

Para elle "a Palavra é a simples e delicada flor do sentimento, nota palpitante do coração... Muitas vezes é a nota solta do hymno que resoa docemente, que vibra no ar, e vae perder-se além, no espaço, ou vem alagar-nos brandamente o ouvido como o echo de uma musica em distancia... O sentimento faz della a chave dourada que abre o coração ás suaves emoções do prazer como o raio do sol que desata o botão de uma rosa cheia de viço e de fragrancia..."

Assim escreveu o estylista do "Guarany" na apreciação da "Confederação dos Tamoyos", o soberbo poema brasileiro de Gonçalves de Magalhães.

Diplomado em Direito no anno de 1850, depois de dois annos que esteve estudando na Faculdade pernambucana, deixou S. Paulo para ser advogado no Rio de Janeiro, onde trabalhou no fôro até 1853 que foi quando a profissão do jornalismo absorveu-o completamente; então o dr. José de Alencar entrou para a redacção literaria do "Correio Mercantil", o magnifico jornal dirigido por Francisco Octaviano, o Atheniense, prosador e inspirado poeta da "Flor do valle" e de balladas primorosas.

O escriptor cearense teve a seu cargo a chronica epigraphada: "Ao correr da penna"; pertenceu tambem ao "Jornal do Commercio", a revista "O Forum", e ao "Diario do Rio", confirmando em cada um destes orgams de publicidade o brilhantismo do seu talento e deslumbrante imaginação.

Datam desta época as suas primeiras novelas "Cinco Minutos" e a "Viuvinha", duas lindas miniaturas da sua phantasia sobre as faceirices e a garridice femininas; Carlota e Carolina, são duas delicadas e nervosas figuras que o artista poetisou em narrativas deliciosas, dizendo:

"A mulher é uma flôr que se estuda como a flôr do campo, pelas suas côres, sobretudo pelo seu perfume. Porque Deus deu o aroma mais delicado á rosa, ao heliotropo, á violeta, ao jasmim e não a essas flôres graves e sem belleza, que só servem para realçar as suas irmãs..."

— Carlota partiu da Guanabara para uma longinqua viagem; atravessou o Oceano e foi a Napoles, onde a sua phantasia recreiava-se contemplando a poesia de Ischia, da Margellina, a praia do amoravel Graziella, de Lamartine, e foi alli que a sua belleza "reanimou-se e expandiu-se como um botão que, por muito tempo privado do sol, se abre em flôr viçosa... Oh! quero viver!... Ella exclamava e foi abrigar-se num retiro, na quebrada da montanha, num verdadeiro berço de relva, suspenso entre o céu e a terra por uma ponta de rochedo... Numa linda casa toda alva e loucã, illuminada do sol, tendo ar puro, arvores e sombra... A caprichosa e faceira estava convertida pelo Amor!..."

Carolina, a "viuvinha", é figura differente de Carlota; menos versatil, residia em Santa Thereza, numa villa rodeada de arvoredo frondoso e onde respirava "o perfume inebriante do laranjal em flôr... Era, pois, um ninho de amor este gabinete em que o bom gosto, a elegancia e singeleza tinham imprimido um cunho de graça e distincção que bem revelava que a mão do artista fôra dirigida pela inspiração de uma mulher..."

O "Guarany", que é a joia scintillante da literatura romantica de Alencar, appareceu em folhetins no "Diario do Rio", em 1856, e despertou extraordinaria attenção do publico, enlevando principalmente o sentimento feminino.

Não havia, então, senhorita alguma que se não quizesse encarnar nos typos idéaes de Isabel e de Cecy.

Este romance é a poesia da fundação da vida colonial no Brasil, no valle do Parahyba; alli figuram dom Antonio de Mariz, gentilhomem portuguez; dom Alvaro, o bravo que combate as tribus Aymorés; o indio Pery, enamorado das graça de Cecy; os aventureiros, com o refalsado frade Lauredano, que foi queimado vivo... Que nitidez de narrativa! Que admiraveis scenarios da natureza no seu esplendor de folhagens das selvas!...

"A tarde ia morrendo. O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, que illuminava com os seus ultimos raios.

A luz frouxa e suave do Occaso deslizando pela verde alcatifa enrola-se como ondas de ouro em purpura sobre a folhagem das arvores..."

Além deste romance da poesia indigena, José de Alencar foi auctor de outros no mesmo estylo, como o "Sertanejo", a "Iracema", o "Tronco de Ipé", as "Minas de Prata".

Iracema é um primor de joalheria, pelo estylo literario e burilado ao fulgor da natureza nortista. A India, rival de Lindoya, do imponente "Uruguay", do poeta Basilio da Gama, é a moça morena cujos labios tinham o aroma do mel das abelhas dos jardins sylvestres.

O dr. José de Alencar, enlevado pela sympathia da terra natal, escreveu estes luminosos periodos:

"Verdes mares bravios da minha terra natal, onde canta a jandaya nas frondes da carnauba; verdes mares que brilhaes como liquida esmeralda aos raios do sol nascente, prolongando as alvas praias ensombradas de coqueiros — Serenae, para que o barco aventureiro, manso resvale á flôr das aguas..."

E quanta belleza, quanta expressão de indianismo nos cantares de Poty, o guerreiro potyguara, que o escriptor nos apresenta com as galas do seu engenho original e fiel aos costumes da tribu...

"Ubirajara" é tambem da mesma indole das creações indigenas, cheio de scenas pitorescas e que traduzem a significação da Taba, da selva onde as lianas enrolam-se nos troncos das arvores vetustas. E' a reproducção vivaz da floresta virgem, a cuja sombra acampavam os morenos brasileiros do periodo primitivo deste paiz americano.

O dr. José de Alencar foi de parceria com o scientista e sincero poeta Gonçalves Dias creador do Indianismo brasileiro como o novellista Feminome Cooper e o poeta W. Longfeslow, cantor suavissimo do poema "Evangelina" crearam o indianismo dos Estados Unidos N. Americanos.

Nos seus romances nacionaes Alencar é o estylista primaz "O mais independente, talvez, porque num ardoroso patriotismo insurgiu-se contra os puritanos da linguagem, escrevendo de accordo com as differenciações soffridas pelo idioma sob a influencia amollecedora do meio e trabalhando pelas differentes raças que delle se serviram", assim escreveu o fecundo e imaginoso romancista H. Coelho Netto, em louvor do merito do novellista de "Luciola".

Alencar não foi sómente um literato das paisagens e da vida sertanejas; foi como Ivan Tourgueniev, analysta do mundo e da sociedade da Russia moderna — um escriptor de observação social no seu tempo, e nesto genero são as novellas-romanticas: "Senhora, Diva, Sonhos de Ouro e Luciola", que na expressão de um dos seus criticistas pertencem a época que este escriptor brasileiro — passava no Rio de Janeiro — a tumultuaria vida do turbilhão dos prazeres da mocidade elegante, talentosa e abastada de recursos...

Mas... ha trinta e oito annos que o silencio da sepultura começou para o grande intellectual dr. José de Alencar.

Modernamente a literatura do Ceará conta o escriptor Rodolfo Theophilo, fundador do grupo denominado "Padaria Espiritual" e que tem produzido algumas publicações interessantes.

Rodolfo Theophilo é autor dos romances locaes e bastante realistas: "A Fome", "Os Brilhantes", "Maria Rita", "Paroára" e diversas novellas de um estylo vigoroso e quente pelo sol que aquece o sangue dos nortistas.

Mas o romancista e narrador que na actualidade empunha a bandeira dos legionarios do ideal da Arte e do sentimento dos casos cearenses, na intensidade da sua vida propria — é o dr. Gustavo Barros.

Por emquanto os seus livros, de novellas impressionantes, são "Terra do Sol" e "Praias e varzeas", em que se revela o brilho do seu talento pintoresco e apaixonado pela vida simples dos pescadores e camponezes, assim como Virgilio Varzea possue a qualidade essencial de ser o paizagista dos aspectos de Santa Catharina, em cujas praias e campos as modalidades da existencia humana tem differença das de outras terras brasileiras.

Eis porque não somos contrarios á existencia do que se chama Literatura dos Estados; porque cada um destes possue caracteres differentes de actividade social e individual; clima, aspectos, natureza e até sentimentos oppostos... Um poeta inspirado pela Natureza do Norte não produz com a mesma sentimentalidade nem impressionismo que os seus confrades do sul ou do centro brasileiro.

Na actualidade Gustavo Barroso e Alberto Rangel são os primazes da literatura do Norte.

Do recente livro de Gustavo Barroso — "Praias e varzeas" extrahimos esta passagem ou episodio do marujo Mathias Jurema, as "velas brancas":

"Sómente o mar o attrahia, e a terra elle despresava pela sua ingratidão.

Ah! ella era miseravel e covarde, a sua vingança estava na sua impassibilidade.

Não tinha coleras a sua inercia. O mar não. Esse, quando tinha raiva encapellava-se furioso e jogava os grandes navios sobre os rochedos e despedaçava as jangadas no abraço de uma onda.

A sua colera pintava-se na sua face, á luz do sil, á luz da lua e ao negror das trevas. E com elle o jangadeiro afoito acceitava a lucta...

Era o combate da intelligencia contra a força e contra a ligeireza. A terra, essa extendia-se plana, calada e concentrada.

Levava annos para dar um fructo, mezes para produzir uma fécula. Tinha-se de esfuracal-a com pás e enxadas para se arrancar alguma cousa. Parece que dava esmolas.

O seio largo do mar estava aberto á todo o mundo. Era inexgottavel.

Todos os seus thesouros lá estavam para quem tivesse animo de ir buscal-os.

Emquanto o seu rosto enrugava-se de colera formidavel o seu seio mantinha-se profundo e calmo. E como o seu coração se dilatava jubiloso ao perder a terra de vista, quando sobre a sua cabeça arqueava-se a cupula illuminada do céo e aos seus pés extendia-se o chamalote movimentado das vagas!

Sobre a terra avara e esmolando as aguas do céo, os seus avós tinham vivido curvados a procurar alimento.

Della emigraram famintos e esqualidos numa época terrivel de Sol e de secca. Vieram procurar a vida e a acharam com facilidade sobre as jangadas, na planicie liquida do Mar.

Elle nascera e se creára naquella vida rude..."

Pois este marujo apaixonado pela majestosa solidão das ondas — morreu no meio dellas. Mathias Jurema, o velho jangadeiro, talvez daquelles que transportaram os escravos que, fungindo ao eito da Terra da Luz — foragiam-se noutras plagas brasileiras.

"Sahiu de casa e dirigiu-se á costa.

A's apalpadellas preparou uma caçoeira. Pôz a jangadinha a nado, sentou-se á proa e governando a escota, rompeupelo mar em fóra sob o oiro inquieto do Sol a borboletear nas ondas verdes.

E a vela branca da embarcação apagou-se no céo..."

Outras scenas cearenses com este colorido e belleza, naturalidade e sentimento o dr. Gustavo Barroso — descreve nos seus dois excellentes livros "Terra do Sol" — "Praias e Varzeas", que recommendam o merito da sua literatura no Brasil contemporaneo.

E agora, minhas senhoras e senhores cumpre-me agradecer-vos a benevolencia com que fui ouvido e ao mesmo tempo, aqui da capital opulenta do altivo Estado paulista pedir ao bom Deus que em sua Misericordia se compadeça dos nossos compatriotas que morrem e padecem como os filhos do Egypto classico a influencia malefica das soalheiras abrazadoras.

O Ceará foi a provincia que se chrismou com o nome de Terra da Luz — por que extinguiu em primeiro logar a hedionda instituição do trabalho da escravidão e o genio literario e tribunicio do jornalista José do Patrocinio glorificou-a nas suas commoventes narrativas "Os Retirantes".

S. Paulo seja, pois, a consolação dos padecimentos dos seus filhos nestes tempos angustiosos!

"Diario Popular" S. Paulo
10-Nov.º 1915

A TERRA DO SOL

O Ceará está em fóco pelo flagello da secca e pelas perturbações da sua politica regional.

Desta não queremos saber.

Interessa-nos, porém, o seu distincto escriptor e representante intellectual dr. Gustavo Barroso, (João do Norte), por pseudonymo e autor do bello livro "Terra do Sol", que tirou segunda edição.

Neste livro de 273 paginas o talentoso autor, não fez sómente um trabalho sociologico, porque, trata do meio cosmico, dos animaes, do homem, da arte e da lenda ; tudo isto com estylo fluente e de jornalista habituado a escrever para o publico.

Moço, em plena juventude, contando apenas vinte seis annos de edade, robusto no physico, olhar vivo e penetrante, revelados da clareza da sua intelligencia perspicaz, indole affouta, que se acostumou as inclemencias do mar e as soalheiras do sertão, Gustavo Barroso tem o valor de representar a geração do novo Brazil, tão differente de aspectos e de climas como os seus numerosos Estados, do sul, do centro e do norte.

O seu livro "Terra do Sol" vale por um estudo elementar e scientifico daquella região brazileira que se parece com o antigo Egypto atormentado pelos flagellos periodicos e sem as inundações do rio classico e sagrado desde os tempos pharaonicos...

Gustavo Barroso escrevendo de sua terra natal nos recorda o estylo expressivo de imaginoso Euclydes Cunha, assim, elle, disse :

"Da terra cor de óca, avermelhada, da argilla granitada de grossa silica, dos granitos rompendo a terra em pontas que se aduncam e denteiam desageitadas, exparsas, ás vezes rubras, outras branquicentas, outras sujas, torvas, quasi sempre inclinados para resistirem a erosão das aguas, desprende-se um bafo de quentura armazenada; e o barro de louça, o tijuco, o massapé cinzento das varzeas, já todo estriado, abre-se, fende-se, lasca-se escancella-se ao calor.

Nos mezes de inverno o gado deixou-lhe molleza visguenta a forma profunda dos cascos. Veiu o sol. Os móldes ficaram endurecidos, cosidos á canicula; os bordos rigidos espetam e cortam; só a planta rude e cascuda do sertanejo pisa insencivel por alli em fóra."

Eis ahi a photographia destes terrenos crestados pelos ardores solares.

conhecedor dos habitantes do Ceará, da flora e da fauna do Estado, ainda disto nos dá prova efficaz o escriptor da "Terra do Sol", quando, neste periodo, exprime estas comparações :

"Nenhum animal é tão afamado como o cavallo arabe, nenhum mais vivo e esperto do que o tratador russo de Orlof, mais imponente do que o garanhão platino; porém na humildade do seu aspecto tristonho o magro cavallo do sertão arido do Norte tem o primeiro lugar na lucta terrivel e silenciosa contra a sêde e a fome, no varejar na carreira noite ou dia, os mattagaes, eriçados de espinhos, armados de estrepes, pisando os seixos lisos, que rolam tinindo até a profundeza das grotas, a galopar á beira das escarpas, o que jamais fez valente corcel de cossaco em vasta e rasgada Steppa da Ukrania, "pingo" de gaucho alfaneiro nos pampas desabrigados do Sul..."

Além disto o seu estylo pittoresco apresenta as feições exactas daquella gente numa linguagem que é a do povo inculto e laborioso ; assim nos dá uma idéa dos nomes do pello do gado pequeno e rijo do sertão :

"Geralmente é liso, de uma côr, sem manchas ; a côr mais commum é o amarello ; liso-fino e liso-amarello, ou mais escuro, liso-vermelho. O todo esbranquiçado é liso-alvação; o branco-fubá, o preto-fusco, o cheio de manchas, bargado; o pintado, cirigado ; o cinzento sujo, azul ou azulão", e assim por diante...

—Em Junho, após a ferra do gado novo, o vaqueiro tira as sortes — bezerros que lhe cabem em pagamento da pastoreação: um por quatro.

Nessa occasião tambem se pagam os dizimos, reminiscencias dos tempos coloniaes."

Mas nesta terra de um sol crepitante a natureza produz uma especie de aves, abundantissima, e que serve para a alimentação popular — são os pombos.

Escreve o literato das paginas cearenses que :

"A Africa e a Argentina têm gafanhotos, a Austrialia, coelhos; o Ceará tem as avoantes.

A avoante ou pombo de bando, como este ultimo nome indica, é um pombo selvagem, de pequeno tamanho, de arribação, estadeiando aqui e alli, emigrando sempre, andando á matróca numa aligera bohemia que apparece em bandos numerosos e depois some-se.

Deixa os ovos a chocarem ao sol, de onde nascem novos bandos sem fim..."

Esta especie de ave devora as plantações, mas os sertanejos sabem caçal-as, preparar na salga e vendel-as nos mercados como carne para a mesa dos consumidores.

Na parte que se refere ao homem, o autor deste livro estuda os differentes typos de habitantes do Ceará: passadores de gado, cangaceiros e curandeiros; sertanejos, fazendeiros e vaqueiros ; tendo cada um a sua particular physionomia.

Descrevendo as habitações deste povo simples, diz o dr. Gustavo Barroso, com poesia :

"Pobres e humildes casas de sertão agreste, de alvos oitões que soriem ao sol, sois o refugio hospitaleiro dos viajantes fatigados, e jamais alguem avistou a vossa alva fachada entre o matto denso que duvidasse da hospitalidade e da franqueza !

Sois toscas e humildes como tudo que produz a sub-raça infeliz e ignorante do Norte ; mas guardaes na pobreza da vossa construcção, a physionomia bem nacional dessa gente simples em cujas veias não corre sangue estrangeiro e consubstancia o verdadeiro typo da nacionalidade brazileira !..."

Depois chega ao ponto de vista da Arte e conta naturalmente que — a Poesia é a mais completa manifestação artistica do sertão, apparece sob dois aspectos : o repentista e o tradicional.

E assim descreve os desafios a viola, os lyricos trovadores, ultimos vestigios dos cancioneiros ou dos bardos provençaes...

Muitos exemplos das canções improvisadas leem-se nas paginas deste livro tão original e que falla sentimentalmente ao nosso culto patriotico e unitarista.

LEOPOLDO DE FREITAS.

"Noticia" Rio, 21. Novembro. 1915

O Ceará e a secca

A angustiosa situação do infeliz Estado

UMA CARTA

Ao tempo que os dias passam, mais angustiosa e dolorosa se vem tornando a situação do povo cearense, a braços com a terrivel secca que o assola neste momento terrivel da sua historia, agitada numa intercadencia de catastrophes, na phrase do maravilhoso estylista dos "Sertões".

Até hoje, á parte as demonstrações exhibicionistas e platonicas do governo, nada se fez ainda de pratico e de utilidade immediata em favor dos flagellados.

Num gesto de rebeldia contra essa attitude dos poderes publicos e contra a inacção daquelles a quem competia tomar decisiva attitude neste momento doloroso e premente da historia do heroico povo cearense, Octavio Rodrigues, jornalista e escriptor, escreve-nos a carta que se vae ler, onde se encontram duras verdades, ditas com desassombro e coragem

O nosso missivista, nome bastante conhecido no Ceará e no jornalismo carioca, é filho de Martim Rodrigues, deputado da Constituinte, chefe de grande prestigio da opposição cearense, tem sabido, até hoje, continuar as tradições paternas.

Eis a carta:

— "Sr. redactor. A bancada cearense ouvio hontem, na Camara, sem um aparte, sem um gesto de solidariedade, sem um simulacro, siquer, de applausos, o magnifico discurso proferido pelo Sr. Barbosa Lima, a proposito da tremenda desgraça que esmaga o povo do nordeste brazileiro.

Já quando o Sr. Lamartine teve a coragem sobranceira de comparar a miseria, o abandono dos Estados do norte com a prosperidade sempre crescente dos Estados do sul, graças ao amparo da União ás suas emprezas, ás suas industrias, á sua lavoura, a representação cearense se ficou queda, muda, indifferente, sem querer trazer o apoio da sua palavra, o subsidio do seu relato á demonstração vigorosa do illustre deputado norte-rograndense, como se fosse muito logica, muito natural, necessaria mesmo a cruel vicissitude por que passa agora a duplamente infeliz terra da Luz.

Duplamente infeliz, digo bem, pela miseria horrivel que a avassala e pelo frio abandono em que a deixam aquelles dos seus filhos que mais poderiam fazer pela sua prosperidade, pelo seu futuro, pela sua vitalidade, graças á posição excepcional que desfructam junto aos poderes da Nação.

E' que não sobra tempo aos deputados pelo Ceará, para cuidarem das coisas que digam respeito ao pavoroso cataclisma que anniquila aquelle povo de heróes.

A politicagem egoistica, mesquinha, dissolvente, sem um ideal superior, sem um principio norteador e supremo, os absorve por completo.

E' vel-os [illegible] dores do Monroe aos grupinhos, aos conciliabulos, aos cochichos, tratando unicamente da politica pessoal e interesseira e se aquilatará do interesse que despertam áquella gente os problemas urgentes e inadiaveis da sua terra.

A' excepção do Sr. Gustavo Barroso, com quem não mantenho relações pessoaes, e que tem mantido uma surprehendente linha de conducta nessa questão da successão cearense; do Sr. Alvaro Fernandes, que se mantem afastado, talvez, para não chafurdar na lama em que por prazer vivem os seus collegas, e do Sr. Ozorio de Paiva, por falta absoluta de capacidade; o resto da representação cearense, na Camara, vive continuamente a dar o triste espectaculo das suas intrigas, dos seus mexericos, da sua desorientação.

No Ceará já repercutio o descaso e o desprestigio em que vivem aqui os seus representantes e é preciso que nós, os cearenses, profliguemos continuamente o modo pouco digno, a attitude injustificavel da bancada cearense, abrindo os olhos daquelles que ainda não quizeram ver quanto é errada e criminosa a sua conducta immensamente condemnavel.—**Octavio Rodrigues.**"

Secca e politica

Estão se realizando, infelizmente, os augurios por nós prognosticados com relação á attitude dos politicos cearenses: ao envez de congregarem os seus esforços em prol dos flagellados pela secca, que morrem á fome e á sêde, nos sertões de seu Estado, dispersam as suas energias em disputar sobre historia antiga da sordida politicagem do Ceará.

A indicação do Sr. Paula Rodrigues para que a Camara dos Deputados se manifeste sobre uma questão morta, na qual nada hais ha a dizer, uma vez que o Congresso Nacional já approvou todos os actos, bem ou mal, realizados por occasião da intervenção do governo da União naquella unidade da Federação, sob o pretexto de manter ali o regimen republicano federativo, teve o condão de reaccender paixões, que se pretendia fazer esquecer por um projecto de amnistia.

Já hontem o Sr. Frederico Borges se insurgiu contra a indicação do seu collega de bancada, movimentando contra ella outros companheiros da representação cearense. De facto, o orador foi apoiado em suas considerações pelo Sr. Eduardo Studart, que se manifestou tambem radicalmente hostil á referida indicação.

Por sua vez, o Sr. Gustavo Barroso, ouvido por um confrade da redacção de um dos nossos vespertinos, disse-lhe que "a situação do Ceará é a peior possivel, verdadeiramente horrorosa, um inferno. A minha santa e infeliz terra, é o Sr. Gustavo Barroso quem affirma, carece muito de paz, de harmonia, de dedicação e de abnegação. Seria agora, diante do flagello que dizima e exhaure populações, occasião magnifica para juncções de forças politicas, que, abnegadamente, cedessem um pouco nas trincheiras dos caprichos e dos interesses pessoaes, para erguer o estandarte de salvação do martyrizado Ceará. A occasião é propria, não para luctas e dissidios, sim para a fundação de *exercitos de salvação*. Morre gente de fome. Precisa-se salvar quem soffre e não salvar desejos ou ambições politicas.

Paiz - 24 de Nov° — 1915

— Mas esta é a sua opinião sobre o estado de miseria social e material do Ceará. Permitta que insistamos em saber o que acha da situação politica, especialmente da indicação em favor da assembléa rabellista.

— O collega me põe num torniquete. Eu quizera nunca ter que me occupar de casos politicos. Preferia estar como sempre, a bater em dois assumptos, que posso chamar meus: secca e banditismo. Infelizmente as coisas chegaram ao extremado ponto em que estão! Infelizmente!

— Mas que acha da Assembléa rabellista?...

— O' meu caro, que lhe poderei dizer além do seguinte:—fui deputado á Assembléa do Joazeiro, que se antepunha como legal á do Sr. Correia Lima..."

Por outro lado a imprensa regional se agita, na previsão de acontecimentos que têm outro rumo á vida politica cearense. E os telegrammas de Fortaleza noticiam que o *Diario do Estado*, orgão official do governo cearense, rompeu as suas baterias contra o Sr. Paula Rodrigues, autor da indicação que tanta celeuma está levantando.

Não ha duvida que o gesto do *rabellismo* cearense foi, agora, inopportuno, pelo menos inopportuno. Em outra época, em outra situação, poder-se-hia, ainda, admittir uma discussão, mais ou menos theorica, mais ou menos literaria, sobre o thema. No actual momento, porém, como já nos manifestámos, parece-nos criminosa a attitude dos que, ao envez de procurar soccorrer os flagellados pela secca, pensam em fazer lavrar a desordem no Ceará, só pela sêde do poder, para a sua conquista.

Os deputados *rabellistas* ainda hão de comprehender que não é feliz a sua actual attitude e hão de operar uma retirada estrategica que os não deixe mal perante a opinião nacional.

O SR. GUSTAVO BARROSO TAMBEM NÃO DIZ NADA

Dentre os deputados barrosistas aquelle que melhor representa o pensamento do actual presidente do Ceará é, sem duvida, o sr. Gustavo Barroso, o representante cearense na Camara que mais se tem interessado pela sorte dos flagellados do Noroeste.

Fomos ouvir S. Ex., que nos disse:

— A situação do Ceará é a peior possivel, verdadeiramente horrorosa, um inferno. A minha santa e infeliz terra carece muito de paz, de harmonia, de dedicação e de abnegação. Seria agora, diante do flagello que dizima e exhaure populações, occasião magnifica para juncções de forças politicas, que, abnegadamente, cedessem um pouco nas trincheiras dos caprichos e dos interesses pessoaes, para erguer o estandarte de salvação do martyrisado Ceará. A occasião é propria, não para lutas e dissidios, sim para a fundação de *exercitos de salvação*. Morre gente de fome. Precisa-se salvar quem soffre e não salvar desejos ou ambições politicas.

— Mas esta é a sua opinião sobre o estado de miseria social e material do Ceará. Permitta que insistamos em saber o que acha da situação politica, especialmente da indicação em favor da assembléa rabellista.

— O collega me põe num torniquete. Eu quizera nunca ter que me occupar de casos politicos. Preferia estar, como sempre, a bater em dous assumptos, que posso chamar meus: secca e banditismo. Infelizmente as cousas chegaram ao extremado ponto em que estão! Infelizmente!

— Mas que acha da Assembléa rabellista?...

— O' meu caro, que lhe poderei dizer além do seguinte: — fui deputado á Assembléa do Joazeiro que se antepunha como legal á do sr. Corrêa Lima...

De uma cajadaaa...

O Sr. Mauricio de Lacerda conseguiu, ante-hontem, de uma cajadada, ficar mal em dois casos, ambos pretendidamente escandalosissimos e pretendidamente por não se ter verificado a veracidade dos mesmos.

Na accusação formulada, sem nenhuma base, por fantasia ou por sonho, os congressistas que seriam provocados a se deixarem subornar para votarem o poder liberatorio dos titulos do Thesouro, vulgarmente denominados *sabinas*, a cusparada que o deputado fluminense atirou a collegas indeterminados, mas synthetizados na pessoa de um representante do Paraná, caiu-lhe em cheio no rosto, depois que o Sr. Macedo Soares negou houvesse ministrado ao seu collega de bancada as affirmações, producto de sua imaginação, accentuou o director do *Imparcial*.

Teria, de facto, o Sr. Mauricio de Lacerda, em um momento de allucinação, ouvido as palavras do seu collega de representação, ou esse teria fugido a assumir a responsabilidade do que avançara? A esta interrogação só os dois deputados poderão responder devidamente.

Seja como for, dois discursos proferidos hontem no Congresso, um na Camara, pelo Sr. Gustavo Barroso, e outro no Senado, pelo Sr. Alcindo Guanabara, vieram demonstrar a soffreguidão, a precipitação, a criminosa leviandade com que os intrepidos advogados da virtude se atiram aos arduos misteres da sua ingrata tarefa.

Neste momento, o ardoroso tribuno de Vassouras ha de soliloquar sobre as vantagens de abandonar os negocios publicos pela charrua, como pretendeu ha pouco tempo fazer, desilludido de regenerar os nossos costumes politicos.

E' possivel que no bucolismo da sua fazenda, pensando mais demoradamente sobre os nossos males, o Sr. Mauricio de Lacerda se convença de que a nossa verborrhéa maledicente não é, entre elles, dos menores. E, então, de uma cajadada, que será no caso o silencio, poderá o deputado fluminense matar varios coelhos, meditando na sabedoria do ditado que assevera ser de prata a palavra e de ouro o silencio...

Rua - 23 - Nov.º 1915

"Paiz" 1-12-915

"Diario Official" - 1 - 12-1915 (revisão de 30-11-)

O Sr. Gustavo Barroso — Peço a palavra.

O Sr. Presidente — Tem a palavra o Sr. Deputado Gustavo Barroso.

O Sr. Gustavo Barroso (*sobre a acta*) — Sr. Presidente, em seu discurso de hontem, o nobre Deputado pelo Estado do Rio de Janeiro, Sr. Mauricio de Lacerda, referiu se á banca da coarense e ao Governador do Ceará nos seguintes termos (*Lê*):

> «... quando se diz que o Senado, por um dos seus relatores, vendeu por trinta contos o parecer que reconhecia o Sr. Thomaz Cavalcanti, por meio de um telegramma do secretario da fazenda do Sr. Liberato Barroso ao London Bank, havendo disso um recibo firmado por um membro da bancada coarense e a transacção sendo feito entre um membro da magistratura local e o relator do referido parecer.»

Mais adiante, accrescenta S. Ex. (*Lê*):

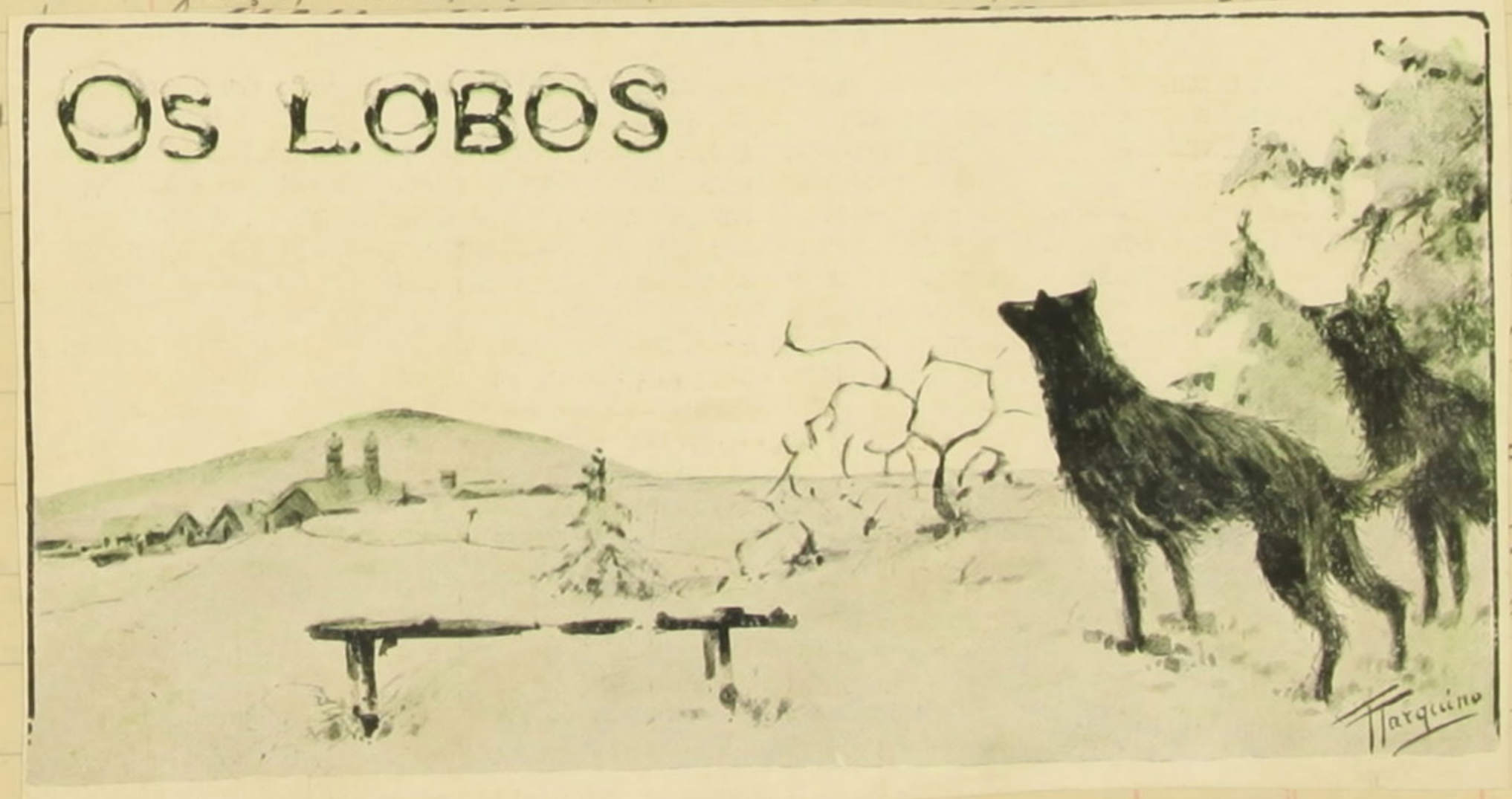
> «O membro da bancada coarense que foi ao London Bank e sobre o qual recae a accusação, é um parente da situação dominante no Ceará».

Tudo isto Sr. Presidente, é falso. Em primeiro logar a situação dominante não tem parentes; o Governador tem um, na bancada, que sou eu, apezar do parente longe.

Desejando provar o contrario do que affirmou o Sr. Mauricio de Lacerda, escrevi, hoje, uma carta ao gerente do London Bank, o qual me respondeu nestes termos (*Lê*):

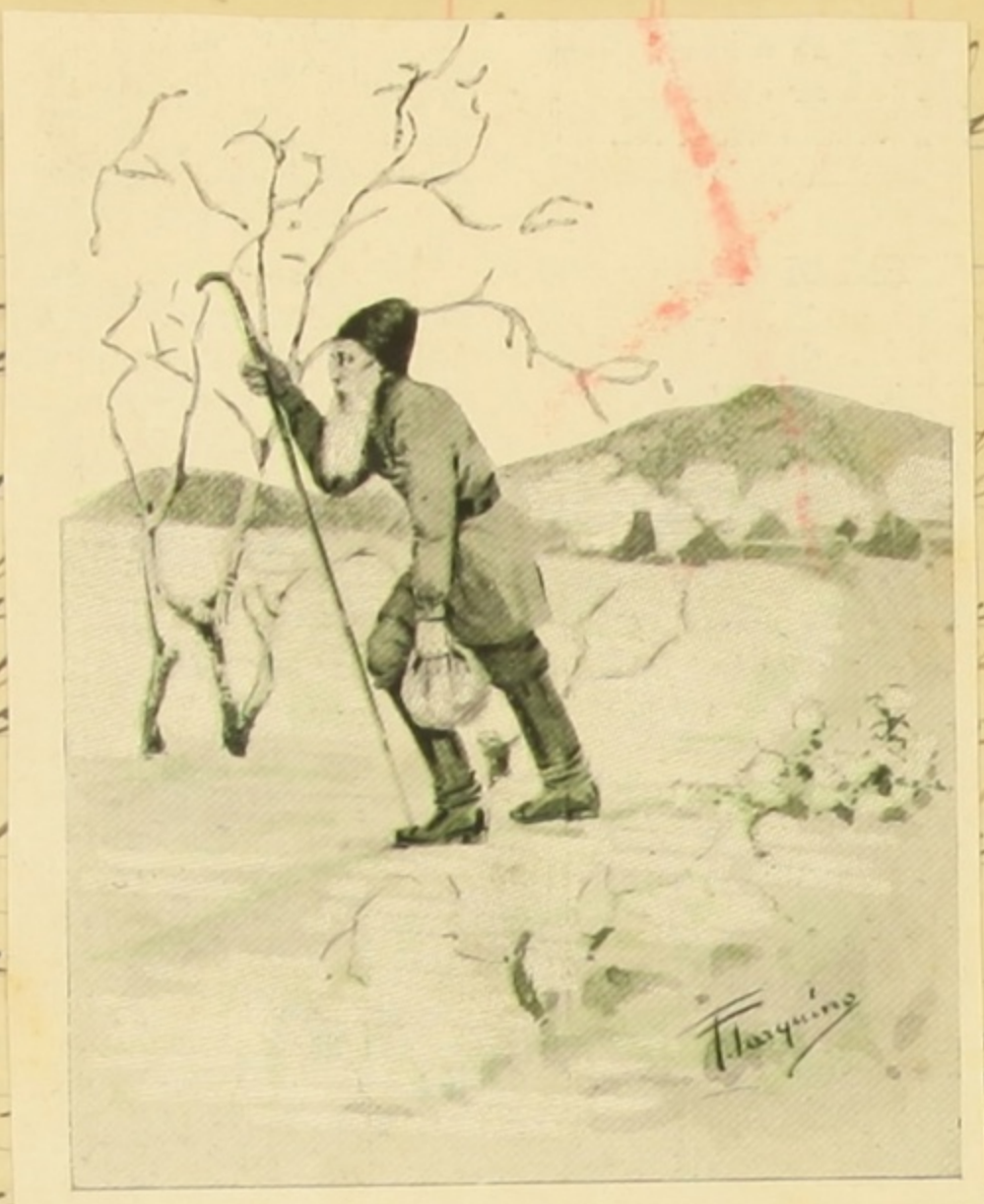
> «Exmo. Sr. Deputado Gustavo Barroso.
>
> Em resposta á vossa carta desta data, declaramos para vosso governo não constar de nossos livros termos pago a quantia de 30:000$ (trinta contos de réis) a V. Ex., por conta do Governo do Estado do Ceará ou de qualquer particular. Podendo V. Ex. fazer desta o uso que lhe convier, etc.».

Ora, si esse documento não fôr sufficiente para o Sr. Mauricio de Lacerda, eu me comprometto a lhe dar autorisação, por escripto, para que requeira de qualquer banco do Rio de Janeiro a certidão de que qualquer membro da bancada cearense, ou eu, conforme alludiu no seu discurso, tenha recebido a determinada quantia, e mais, eu o repto, em meu nome e em nome do Governador do meu Estado, a que S. Ex. prove, pela sua dignidade de representante da Nação, a accusação que fez. (*Muito bem, muito bem*).



Fon-Fon - 10 - abril - 1915 - Illustração do conto "Os lobos".

"Fon-Fon" — 1 de Abril de 1915



28-Dez. 1915. Jornal

Um novo redactor do «Fon-Fon»

João do Norte, assiduo collaborador do "Fon-Fon" e do "Jornal do Commercio", foi, hontem, convidado pelos directores daquelle semanario para fazer parte do seu corpo de redactores effectivos.

Está ahi uma noticia que, por certo, será recebida com muita satisfação por todos os leitores do querido "Fon-Fon".

Passou a fazer parte da redacção do «Fon-Fon» o nosso collega de imprensa, Deputado Federal Dr. Gustavo Barroso (João do Norte).

Jornal do Brasil

João do Norte, nome litterario de conhecido jornalista e deputado, antigo collaborador do *Fon-Fon*, figurará de agora em diante frequentemente no apreciado semanario, pois foi convidado para seu redactor effectivo o referido homem de lettras.

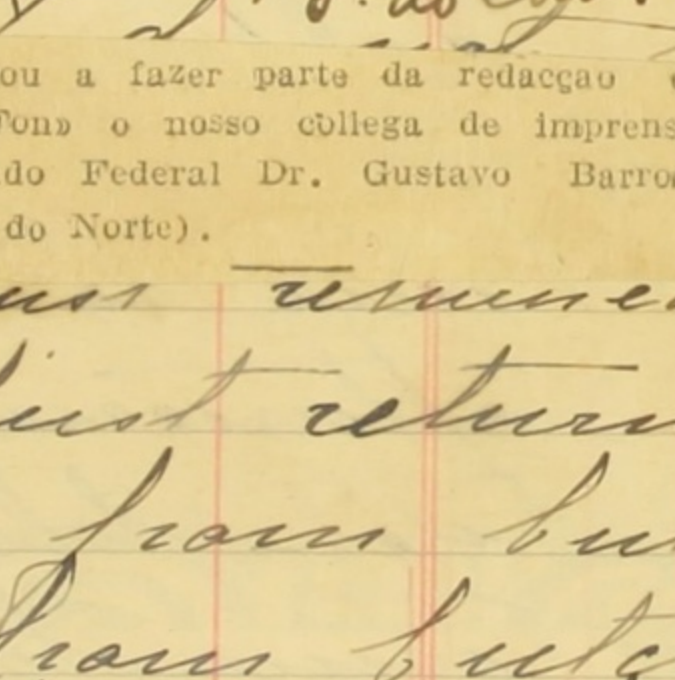
"Paiz"

Fon-Fon.

Somos informados de que passou a fazer parte effectivamente da redacção desse brilhante semanario o nosso distincto confrade João do Norte, que era já assiduo collaborador dessa revista.

Gazeta de Not.as

Acaba de entrar definitivamente para a redacção da excellente revista "Fon-Fon", da qual era collaborador, o deputado Gustavo Barroso, geralmente conhecido pelo pseudonymo festejado de João do Norte.



Deputado Dr. Gustavo Barroso
(João do Norte) — Redactor

"Fon-Fon" - 1 - Janeiro - 916

A AVOANTE OU POMBA DE BANDO

Selecta - 8 - Dezembro - 1915

A Africa e a Argentina têm gafanhôtos, a Australia — coelhos; o Ceará tem as avoantes. A avoante ou pomba de bando, como este ultimo nome indica, é um pombo selvagem, pardacento, de pequeno tamanho, de arribação, estadeiando aqui e alli, emigrando sempre, andando á matróca numa aligera bohemia, que apparece em bandos numerosos e depois some-se. Deixa os ovos a chocarem ao sol, de onde nascem novos bandos sem fim.

Surge em bandos incontaveis de milhares de milhares, escurecendo o sol como grandes nuvens sussurrantes, feitas do bater de muitas azas, que se abatem sobre o sertão prejudicando as plantações.

O logar em que pousa um desses bandos chama-se um pombal. Trinta, quarenta mil pombas descem numa varjóta, perto de uma pôça, onde estanquem a sêde, para darem começo á postura. O chão fica coberto de uma alcatifa pardacenta, rumorosa, sempre agitada, com um incessante reboliço de azas, que batem, e bicos que escarvam e trituram, arrulam e gemem. As arvores adjacentes cobrem-se de pombas, toucando-se assim de fôlhas pardas, movediças, arrulantes, vivas... E dessas arvores para o chão, do chão para as arvores, para o céu, para a luz, partem, voltam, vôam, vão, tornam, pousam, avoêjam. E' um continuo vai-vem, um continuo mover-se. As do chão luctam entre si, disputando espaço para se aninharem, empurrando-se, beliscando-se, esmagando-se, num sussurrar, num chiar, num farfalhar, num ruge-ruge... Comem vorazmente tudo que alcançam; e á beira da poça de agua, para beber, ainda é maior a lucta, e maior a confusão. Ha pombas nas arvores, descansando, nos ares a voar rumorosamente, pelo chão em reboliço e atropêlo nos capinzaes, nas pedras e nas moitas...

O chão por baixo dellas vai ficando branco de ovos em immensa quantidade, esquecidos entre talos de gramineas devoradas, ocultos entre seixos, cahidos a êsmo por toda a parte. Delles se apanhariam cargas e mais cargas. A gente ao passar, esmaga-os ás centenas. E as inquietas avoantes parece que ficam durante a postura sem o sentimento do mêdo; movem-se, vôam, empurram-se, mas não se amedrontam nem se espantam com gente, calháu ou tiro.

Acorrem pressurosos ao pombam cães, gatos bravios, lagartos, rapôsas, guaxinins, cassacos (1), gaviões, punarés (2), cobras; todos os esfaimados, todos os salteadores e todos os gastronomos. Começa a destruição: pombas estraçalhadas, devoradas, sangradas; ovos chupados, engolidos, espatifados. E ellas nem procuram fugir: entregando-se aos carrascos alheiadas do perigo...

Quando o bando levanta o vôo denso, fica o chão liso, limpo, espanado de hervas e sementes, todo escarvado, escarafunhado, as arvores quasi pelladas — como se já se andasse em sêcca brava. O bico terrivel da praga tudo ceifou. Aqui e alli um montão de pennas ensanguentadas vai-se espalhando ao vento, a revolutear...

O pombal se estabelece nas terras de um fazendeiro. Elle já sabe que perde o pasto e a sementeira naquelle terreno, mas descontará o prejuizo com as avoantes que matar. Todo o poviléu do Norte come-as com gosto, quer frescas quer salgadas e sêccas ao sol. Quando ellas invadem o sertão, os mercados das povoações se abarrotam de «pombas-sêccas», como as chamam, vendidas por vil preço.

Matam-nas a tiro, a pedra e a páu. Até os meninos as caçam com béstas e bodoque. Mais commumente, porquanto a polvora custa dinheiro, usam de armadilhas para as apanhar. A mais interessante e mais usada é o fôjo. O sertanêjo procura uma pôça de agua onde ellas costumam beber. Cerca-a toda de galhos espinhosos, de modo a impedil-as de pousar, deixando sómente, para que bebam, um pequeno espaço. Nessa abertura afluem em atropêllo milhares de pombas. Ahi o matuto cava um fôsso longitudinal, onde se deita, cobrindo-se todo com alta e basta camada de ramos fôlhudos. E com as mãos vai pegando pelos pescoços ás que se curvam para beber. Torce-os. Puxa-as palpitantes e mette-as no urú. Passa alli, pacientemente, o dia inteiro na humidade, com frio; mas á tarde tem morto mil, mil e quinhentas, duas mil avoantes.

JOÃO DO NORTE

---

(1) Gambás.
(2) Ratos do matto.

"Fon-Fon!" 1º de Janeiro de 1915

OS NOSSOS LEILÕES

Gosto de ir aos leilões cariocas. Quando passo numa porta e vejo, pregado, o cartaz do leiloeiro, é certo que não perco a occasião. A' hora marcada lá estou. Nada mais curioso do que essas vendas no Rio de Janeiro, especialmente quando a casa é de luxo e o reclame foi bem feito. E' uma delicia! Alli se encontram as familias curiosas de saber os detalhes domesticos de quem deixou aquella residencia, as mocinhas faceiras que procuram namôro, os amadores de raridades com os seus ares de entendidos, os que compram por economia, os que desejam fazer-se notar como collecionadores de objectos de arte e della não entendem, emfim até os que carecem de entrevistas discretas. Não se admirem, leitores. O leilão nesta feliz terra serve até para isso...

Outra coisa interessante é o palavreado do leiloeiro, os elogios que faz, as labias da sua verve incansavel. Nada, entretanto, mais digno de curiosidade do que o olhar policial do negociante de coisas artisticas que, por consentimento do agente de leilões, entre os vasos e estatuetas da casa, metteu jarras e bustos da sua loja, e vê com dôr os mesmos serem adquiridos por preço abaixo do custo ou ri satisfeito, quando um toleirão os adquire por muito dinheiro.

Porém melhores que os pares de flirtistas que ficam pelos cantos ou buscam as salas retiradas, melhor que os casaes de velhos a discutir o valor dum *cachepot,* duma faiança, dum relogio antigo, é o typo inconfundivel do burguez ricaço e empavonado, que compra tudo o que lhe avulta á vista, arrotando conhecimentos que nunca teve e jamais terá. Desse é que eu gosto. Vou aos leilões somente para vêl-o, admiral-o, estudal-o nos seus bizarros aspectos de *connaisseur,* a falar, a commentar tudo em voz alta.

Uma feita, na praia de Botafogo, eu presenciava um grande leilão. Apregoavam-se lindos pratos de prata portugueza, leves e recamados, com todas as ramagens e relevos feitos a martello. Um dos arrematantes, gordo, alto, de oculos de oiro, tomou um dos pratos das mãos do empregado que o exhibia, examinou-o, sopesou-o e bradou para a mulher que lhe ficava defronte:

— Não vale nada, Fulana. Pesa muito pouco.

Outra vez, num palacete do Leme, cujas alfaias eram vendidas ás rebatinhas, um cavalheiro barrigudo e de correntão doirado no collete branco, dizia num grupo:

— Aqui ha muitos imbecis. Compram qualquer quadrinho por dois, tres contos de reis. Eu não, acabo de fazer uma pechinha! comprei um quadro de dois metros de comprimento por duzentos mil reis!

O PEIXE DO BANQUETE

Esta me foi contada numa roda alegre, no Assyrio, entre aquelles touros alados dos velhos paços de Assurbanipal e as filas de fecheiros que voltam da guerra de Babylonia. Alli, naquelle recinto de tom serio e antigo, teve maior realce a anedocta e por isso a memoria guardou-a melhor.

Foi num banquete a que compareceu a melhor sociedade carioca. A grande mesa coberta de luzes e flôres, de baixellas finas e saborosos manjares, estendia-se entre duas filas de nobres assistentes, intercaladas de casacas negras e decotes luminosos. Um diplomata dos mais finos e elegantes ficara ponteiro á sua esposa e com ella trocava commentarios altos. Ora, está escripto que na diplomacia nunca se acabarão as *gaffes.* Tambem onde ellas se poderão dar, se noutros meios não são tão facilmente notadas?

Os criados *irreprochables* serviram o peixe, robalo de forno, claro e luzidio, com molho de alcaparras. Choveu nas copas de crystal o oiro do Sauternes. O diplomata provou o peixe. Achou-o moido. Logo, com assombro de toda a assistencia, prevenio a mulher em voz alta:

— *Mira, no lo comas que está podrido!*

E ella, sorridente, com os olhos negros a luzirem, retrucou:

— *Muchas gracias, pero ja lo habia sentido.*

Doutor Gustavo Barroso

Transcorreu hontem o anniversario natalicio do doutor Gustavo Barroso, deputado federal, representante do partido de que somos orgão na imprensa.

Gustavo Barroso é um nome feito na litteratura nacional, tendo aberto o seu caminho, graças aos seus unicos esforços e a sua pujança intellectual, fóra do commum.

João do Norte, como é mais conhecido nas rodas literarias, é, alem de tudo, um brilhante jornalista. Iniciou sua carreira na imprensa no "Jornal do Commercio", de que foi redactor, durante longo tempo.

Na Camara Federal tem sabido cumprir o seu dever, correspondendo assim á confiança do partido que o elegeu.

Nós do DIARIO, que somos todos seus amigos, lhe enviamos affectuosos abraços.

"Correio do Ceará" - 30 - Dez.º - 1915

DR. GUSTAVO BARROSO

Passou, hontem, o anniversario natalicio do illustre deputado cearense, dr. Gustavo Barroso, que apezar de muito moço ainda, é já um literato notavel e um jornalista de raça

Sob o pseudonymo de João do Norte tem publicado trabalhos de alto valor, merecendo os mais sinceros applausos e justos elogios da imprensa nacional e dos mais eminentes luminares das nossas letras.

Foi secretario da actual administração do Estado, occupando, hoje, o elevado posto de representante do Ceará no Congresso Nacional.

O «Correio do Ceará», por diversas vezes tem se referido largamente á personalidade sympathica deste joven escriptor patricio a quem, hoje, envia um cordial abraço de parabens.

"Diario do Estado" Ceará 4 - Jan.º - 1916

PRAIAS E VARZEAS

(Impressões de leitura)

Só agora, no descanso dos dias de sueto foi que li «Praias e Varzeas», o ultimo livro de Gustavo Barroso, o festejado auctor da «Terra de Sol».

Já ha algum tempo me havia vindo ás mãos por gentileza do seu auctor. Mas os exames se approximavam...

Agora, ao findar sua leitura, lamentei ser esta brochura composta apenas de cento e tantas paginas, tal foi o prazer intellectual que me proporcionou.

E' necessario, é justo que se dê valor ás obras do homem, mormente quando possue a scentelha brilhante do talento.

Ha neste livro, certamente, defeitos. Ninguem jamais alcançou a perfeição absoluta.

No conceito profundo de Comte, o absoluto é a relatividade...

O primeiro conto, por exemplo, pecca por idealismo excessivo.

Não seria mais humano e mais consolador que o velho Mathias Jurema do Meirelles morresse em sua choupana embalado pelo ruido do mar?

Por isto, não perde o livro a sua harmoniosa disposição.

Cearense de coração, nortista por excellencia, Gustavo Barroso merece a estima de sua terra que vê na sua intellectualidade forte e vencedora o reflexo de uma raça affeita ás agruras de um meio inclemente, impiedoso.

«Finados» já não tem este peccado do primeiro conto. E' a psychologia de um «praieiro» que não teme e não se deixa vencer pela crendice dos seus camaradas. E' um conto em que se encontram traços de um mysticismo muito proprio do nosso povo, que descobre em tudo um aviso, morrendo se não vê o rosto, pelo S. João, nas aguas claras de uma bacia...

«Santa»! Que magnifico descriptivo e que admiravel poder de observação!

Este trabalho começa assim:

«Novembro. Andava-se já em secca brava. As aguas tinham fugido.

Entre os arbustos resequidos terreavam mouchões de felga, kistosos e nús, de onde o vento levantava á tarde uma poeira de oiro».

Mas, seria necessario transcrevel-o todo, se é todo uma photographia de nossa terra, do nosso *habitat*.

Julgando o leitor que avançamos muito, leia-o, e diga-nos se não é assim que se é recebido no sertão, se não é assim que as creancinhas nos olham com espanto e medo receiosas do «moço» chegado ás horas frias do anoitecer...

O pensamento não deve morrer no cerebro, se temos meio de o revelar. Será sentir duplamente, transmittil-o.

Que importa ter caído sobre uma obra a criti a impiedosa, se devemos antes de tudo amar, para criticar?

Não ha quem resista á clava iconoclasta de um homem de espirito.

Entretanto nada nos priva de nos emocionar se a mesma obra exercer tal poder sobre nós.

Foi o que nos succedeu quando lemos «Praias e Varzeas», o formoso livro de Gustavo Barroso.

Ademais, penso como Carlyle: Devemos amar as obras humanas—ellas representam o maior esforço do espirito que as produziu.

Não me posso furtar ao desejo de transcrever o trecho seguinte, porque quem como nós já palmilhou os largos sertões cearenses na extensão de centenas de leguas, não poderá deixar de acceitar isto como real, realissimo:

«Alto, o céo era cinzento, deserto e tranquillo como a paisagem. Um parecia reflectir o outro. Todos os tons que durante o dia o sol esbrazeara, abrandavam-se, desmereciam: eram cinzento perola as capoeiras abertas, branco cinza as extensões queimadas; azuladas as serranias que fugiam no horizonte; empastados de bistre e sépia as varzeas que se ermavam e que se confundiam á distancia.

E ainda:

«A's vezes, dominando o carrascal morto, dormitava na quietude do espaço uma canafistula sempre viva, decotada a foiçaços.»

Não é commum esta força de colorido e de expressão.

Tem-se a idéa do espaço enorme dos nossos horisontes e a figura viva, impressionante, de uma canafistula morta á foiçaços...

Existe na parte propriamente dita do sertão, muita côr, muita justesa descriptiva.

Agradecendo ao auctor a remessa que me fez do seu bello livro asseguro-lhe a minha admiração pelo seu talento.

Mais tarde, quando a historia das nossas letras se coordenar livre de qualquer *arriere pensée*, Gustavo Barroso ha de ser classificado como um dos intellectuaes mais genuinamente brasileiro pelo grande amor que revela á sua terra e um dos cearenses que, como Rodolpho Theophilo, Papi Junior, Adolpho Caminha e tantos outros, honram o berço que os viu nascer.

Virgilio Gomes.

Rio, 8 de Janeiro de 1916.

A Tortura da Esperança

Somente o espirito fantastico de Villiers de l'Isle Adam era capaz de crear e descrever a tortura da esperança. E' uma narração que arripia. Antes de encetal-a, Villiers cita com propriedade, esta frase de Edgard Pöe no «O poço e a pendula»:

«Ah! uma voz, uma voz, para gritar!»

Tem-se, perfeita, a sensação do desespero. Com a alma presa de vexame e terror, só se deseja gritar, bramir, urrar, como se gritos e urros nos acordassem do pesadelo, tirassem de sobre o nosso peito o peso do máu sonho.

Resumamos a horrivel novella. Um judeu aragonez, o rabino Aser, preso em Segovia, num *in-pace* da Inquisição, soffria ha mais de um anno tormentos diarios sem que os juizes do Santo Officio conseguissem que abjurasse a sua fé.

Nas vesperas de ser queimado vivo, após uma visita do inquisidor-mór, entrevio por acaso um fiapo de luz que entrava pela fenda da macissa porta do carcere. Metteu as unhas crescidas naquella estreita frincha e puxou o batente para si. O' milagre nunca esperado! O carcereiro esquecera de dar volta á chave. A lingueta não correra. A porta rodou nos quicios. O rabi espreitou o corredor, ancioso. Ninguem. Esgueirou-se da masmorra rente com os muros, arrastando-se aqui, alli, sempre a avistar, ao longe, uma claridade mortiça, que devia ser a sahida e talvez lhe desse a liberdade.

Suas mãos tacteantes não encontravam uma unica porta nas paredes lateraes. Somente grades de respiradouros lhe esfriavam nos dedos. As lages humidas amorteciam o som dos passos. Pesava um silencio de morte. Raramente guardas ou frades, familiares ou carrascos, passavam apressados, arrastando sandalias. Cosia-se, abafando a respiração, aos muros lodentos.

Um vento frio bateu-lhe no rosto. Approximava-se da claridade que o guiava, a qual entrava por gradeada poterna, que abria para vasto pateo desmurado. Empurrou os varões de ferro. A grade girou silenciosamente nas bisagras. Precipitou se para o terreiro. Deteve-se, depois, um momento, resfolegante, olhando a noite estrellada, respirando com allivio o perfume dos campos. A campina estirava-se cortada de sombras. A agua dum rio reluzia adiante. Serras denteavam o horizonte. Emfim, era a liberdade, a salvação!

Correu... Porém uma negra figura que se despegara das muralhas como uma sombra se destaca de outra, tomou-lhe o passo. Cobria-a uma cogula sinistra, em cuja sombra luziam olhos amarellos. E, abraçando o judeu atudido, o frade disse-lhe baixinho que todas as facilidades daquella fuga tinham sido preparadas de antemão, que todos os guardas e familiares tinham notado o fugitivo, que elle o esperava alli com paciencia, que tudo aquillo não passava de um novo supplicio inquisitorial: a tortura da esperança.

O destino parece que de identica maneira se compraz em atormentar o infeliz Ceará, que ha seculos jaz amarrado ao eculeo das sêccas.

Não ha muitos dias, alegres noticias diziam que chuvas fartas refrescavam aquelle sólo estorricado e que em todos os corações da terra de sol cantavam esperanças. Era a salvação que lhe apontava a sorte.

Agora, os telegrammas contam que o céu vai azul e limpo, que nunca mais choveu, que a fome augmenta, que a confiança no inverno murchou e a perspectiva dum novo anno sêcco desola os retirantes miseraveis.

O céu se diverte, assim, em fazer aquella região soffrer a tortura da esperança. A's gentes famelicas, aos gados enfraquecidos, ás catingas resequidas mostra nuvens escuras, pejadas de humidade, promettendo regalo e abundancia. Depois, quando o gemer dos homens e rebanhos, o bracejar das arvores chamam avidamente a agua salvadora, escurraça os nimbus céu afóra. E toda a natureza viva e toda a natureza morta daquellas paragens recaem sombriamente no desespero.

João do Norte

INVASÃO DE RATOS

Contam-se historias terriveis de todas as invasões desde os pelagicos, aos hunos, aos vandalos, aos arabes, e idealisam-se coisas formidaveis sobre as futuras expansões dos amarellos. Entretanto, ha invasões peiores que as dos barbaros de qualquer especie ou raça. São as invasões de bichos damninhos. Não ha, por exemplo, exercito algum que devaste mais do que as nuvens de gafanhotos. Nunca os desembarques de papuás causaram á Australia peior damno que os bandos de coelhos. Nem bandos de cangaceiros ou jagunços jamais estragaram tanto os campos como as pombas avoantes do Ceará.

Agora, os despachos de Petrogrado diariamente contam da projectada invasão dos moscovitas na Bulgaria. Entretanto, parece que os bulgaros não têm medo dos russos. Nem podem ter. Em 1867 a Bulgaria foi invadida por milhões e milhões de ratos selvagens, que estragaram sementeiras, talaram campos, fizeram despovoarem-se aldeias. Por isso, dizem os bulgaros que não temem os russos, porque mais já soffreram dos ratos.

Conspirações...

Nunca houve tantas como nesses ultimos tempos. As mais conhecidas fôram aquella de que diziam ter resultado a morte do general Pinheiro Machado, a das bombas de dynamite das Laranjeiras, a dos sargentos e esta ultima, monarchica, sebastianista, que os jornaes têm romanticamente baptisado por conspirata.

Depois de diligencias, inqueritos e conferencias secretas, nada se descobre de verdadeiramente forte e emocionante. São sempre pequenas cousas e grandes supposições. Entretanto, os espiritos não andam muito calmos e todos perguntam com os olhos, nos encontros da rua: — Que é que haverá!? Outros nos segredam boatos fantasticos.

No dia seguinte são os primeiros, esses, a nos abordar, indagando baixinho: — Verificou o que lhe contei? Soube alguma novidade?

Dá ganas de retrucar, encolhendo hombros com desprezo:

— Morreu o Neves!

Mas, entre os que tem sido presos ou desterrados muitos talvez pudessem dizer como o general Mallet no anno de 1812, diante do conselho de guerra, em Paris:

— Os meus cumplices? Os meus cumplices seriam todos os presentes, si o movimento fôsse vencedor!

Inquilino de nova especie

Era num de nossos bailes chics, no Club dos Diarios. Dansava-se o *one-step* e o tango. Entre gazes e sedas claras, collos de marmore e relumbros de joias, perpassavam as casacas negras como sombras tristes.

Eu conversava com um poeta, encostado a uma columna, quando nos chamou a attenção um amigo, encasacado numa casaca ampla, enorme, que lhe fazia prégas nas costas, tufava sobre os braços, cujas mangas cobriam-lhe as mãos, a gola tapava o pescoço e as abas desciam quasi até os tornozellos.

Parecia um espantalho de passarinhos.

O poeta cofiou os longos bigodes brancos, rio com a sua face rubicunda e perguntou-me com vagar, martellando as palavras:

— Quem será o dono daquella casaca de que Fulano está sendo inquilino?

BORBOLETAS

Num de seus livros, não me lembro qual, Victor Hugo diz que as mulheres do Rio de Janeiro põem, nas noites de baile, pyrilampos no toucado, presos por alfinetes, para que os mesmos as coroem de pingos de luz. Entretanto, Victor Hugo foi mal informado e disse uma inverdade.

Agora, porém, meio seculo depois, quando mais espalhados estão os conhecimentos humanos e são mais intensas as relações entre o Brasil e a Europa, surge o Sr. Henri Allorge a dizer nuns versos que um dos nossos chronistas transcreveu alhures, que uma moça brasileira põe no cabello uns bezouros coloridos de azul, branco e vermelho, formando a bandeira franceza.

Ora, já se vio que mania deu nessa gente querer vêr os insectos de nossas mattas e campos, desprezando outras coisas melhores, nem ha duvida, que, felizmente, ainda temos. As nossas propagandas tem falhado e somos ainda um paiz de selvas curiosas habitadas por curiosos animaes.

Mme Catulle Mendés aqui esteve muito tempo, frequentou a nossa sociedade, teve occasião de sobra para nos conhecer a apreciar. Entretanto, ao chegar em Paris, os jornaes estamparam titulos como este: *Madame Catulle Mendés revient du Bresil chargée de gloire, de vers et de papillons.*

E ella, entrevistada por jornalistas, deixava de parte as suas impressões sobre o povo, os habitos, o meio, e levava o reporter para vêr sua collecção de borboletas colhidas no Brasil. Então, falava muito e com muito gosto:

—Esta borboleta semeada de scintillantes estrellas azues appellido Cassiopeia como a constellação. Eis aqui uma que chamo Ophelia: côr de agua quieta com nenufares. Vejo Satan com seus olhos vermelhos e cornos longos, todo de velludo negro. Olhe a Princeza da Primavera, côr de musgo. Tome Pelle d'Burro e seu vestido côr do tempo. Repare em Orpheu com a lyra de oiro, em Catharina de Medicis e sua gorgeira branca. Antonio está laivado de prata; Cleopatra tem serpentes de oiro; Murillo tem as côres do manto da virgem; Bonaparte veste o sobretudo cinzento; Endymião usa um collete de esmeralda; Carlos o Calvo é este escaravelho luzente; Alexandre e Dario aquelles insectos de armadura de oiro; e este pesado besouro é Monsieur Homais...

Estão ahi as opiniões de Madame Catulle Mendés sobre o Brasil: uma descripção de borboletas. E Deus permitta que todos esses escriptores de França prefiram falar de insectos e phalenas do que de macacos e *et cætera* e tal...

Catafunhos...

O padre Pires da Motta, que foi grande professor na Faculdade de Direito de São Paulo e honesto governador do Ceará nos tempos da monarchia, era um varão generoso e nobre, energico e sobranceiro, typo de austeridade e valor, da felpa dos que existiam na scena politica do imperio e que desappareceram por infelicidade nossa.

Contam delle curiosas anedoctas.

Um dia conversava com um amigo no sagão do palacio do governo, em Fortaleza, quando lhe passou ao lado um dos empregados de secretaria, homem pobre, carregado de familia e de baixa condição, o qual, apressado e desconfiado, mal tocou na borda do chapéo já verde pelo uso.

Pires da Motta tomou aquelle gesto como desconsideração á sua pessôa e ao cargo, de cujo prestigio era muito cioso. Voltou-se rapidamente, ralhando com o empregado que lhe não tirára o chapéo e tirou-o com uma brusca pancada, sacudindo-o á distancia sobre as lages. O pobre homem encolheu-se medroso da ira governamental. E de dentro do chapéo despejaram-se no chão pedaços de tripa, caroços de teijão, estourando de embrulhos de papel pardo.

Pires da Motta perguntou com espanto:

— Que é isto que o senhor leva dentro do chapéo?

O funccionario explicou com humildade que era muito pobre, porém amanuense da secretaria do palacio, não podendo pela decencia a que o posto o obrigava conduzir certos embrulhos na mão. Dahi ser obrigado a levar no chapéo o jantar mesquinho da sua numerosa familia.

O governador acocorou-se, apanhou os mantimentos, arrumou-os no chapéo e entregou tudo, pedindo desculpa, ao empregado surprezo. Ao outro dia mandou dar-lhe uma gratificação.

Jotaenne

EXAMES

Andam accordes os jornaes a preconisar o rigor das bancas examinadoras do Collegio Pedro II. Cumprem ellas o seu dever, fazem muito bem; no emtanto, por mais seriedade que tenham nos seus resultados, esses exames nunca se poderão comparar com os que se realisavam na Parahyba, ha uns annos atraz. Esses, sim, é que eram rigorosos!

Uma feita, ahi por 1904 ou 1905, um rapaz meu conhecido fazia alli os seus preparatorios. Na prova escripta de Physica e Chimica, como nada soubesse, empurrou o papel para um lado, deixou a caneta sobre a banca e ficou a matutar nos resultados da sua reprovação.

Fazia um calor terrivel. Foi inclinando a cabeça, fechando os olhos e ferrou no somno. Não se lembra quanto tempo dormio. Acordou com um susto. O porteiro do Lyceu batia-lhe no hombro:

— Senhor doutor, acorde. O senhor foi approvado. Vá embora que eu quero fechar as portas e ir para casa jantar.

E comparem os exames do Gymnasio Nacional com esse!

8 - Jan°. - 1916

FIGA PE' DE PATO!...

◆

O meu querido e intelligente amigo Caio de Souza tem pronunciado mania pelos synonimos. Apezar dum celebre Albalat, cantor de mal feita *Arte de Escrever,* ter assegurado que não existem synonimos, porquanto ha differenças sempre, as menores que sejam, entre as palavras de mais aproximada significação, o Caio não deixa a tal mania e por qualquer motivo dá largas a sua facundia sobre o assumpto. Começando a falar sobre synonimia não para mais. Deus nos acuda! E' como um trem sem freios pelas descidas de Petropolis abaixo!

Ha tempos, quando ainda existia o *Diario de Noticias* alli onde residio a *Epoca,* nelle o grande Ruy Barbosa publicou um burilado artigo—*A Rebenqueida,* empregando dezenas de palavras que significam chicote ou rebenque e que iam da elegancia do estafim á onomatopéa da vergasta, e do geito classico do azorraque ao tom chulo do chiquerador. O Caio delirou de prazer. Sabe a *Rebenqueida* de côr e salteada. Esse poema em prosa satyrica ao lategO dos politicos mais lhe augmentou a paixão pela synonimia, ao ponto de se pensar por ahi que anda amalucado.

Imagine-se que, agora, o Caio de Souza arregimenta na memoria palavras equivalentes a urucubaca... Passa fóra!

Domingo encontrei-o pensativo, á porta do Odeon. Começamos a conversar e logo me contou que avistára um individuo mal encarado na rua do Ouvidor e que o tal sujeito lhe dera logo infelicidade. Escorregou numa casca, cahiu e rasgou um pouco as calças. Então, desfiou-me o que sabia sobre jettatura, affirmando-me que o desconhecido lhe puzera máu olhado, lhe botára cafanga, caminga, azar, cabula, caipora, macaco ensalmo e bagata. Um typo assim, declarou-me, tinha por força calorge, patuá ou feitiço.

Felicitei-o pelo trabalho insano que se dera para achar tantos equivalentes ou parecidos e induzi-o, com elogios de cara, a escrever a *Caiporeida.*

—Olha, disse-lhe eu, terás mais successo do que muito chronista insulso por ahi...

Gatafunhos...

Gosto muito de estudos philologicos, quando são feitos com talento e subtileza. Detesto as digressões grammaticaes rançosas e mofentas, em que se gastam paginas para explicar a troca duma lettra miseravel, a transposição duma syllaba infima. Dahi o catar pelas revistas o que de interessante apparece sobre coisas da lingua, tanto da nossa como das estrangeiras que comprehendemos mal ou bem, as quaes são inglez, allemão, hespanhol e francez, porque russo, chinez, polaco e turco são idiomas inventados pelo demonio para atrapalhar os christãos...

Um destes dias encontrei num jornal parisiense um pequeno estudo comparativo muito interessante sobre as linguas allemã e franceza, procurando demonstrar que a inimizade e odio separadôres da Germania e França, desde tempos immemoriaes, até nos vocabulos deixaram o seu rasto imperecivel.

Assim, o que tem um significado honesto ou nobre além do Rheno quer dizer do lado da Gallia coisa inteiramente contraria. Aquillo que entre os teutões tem alevantada significação no seio dos gaulezes indica os mais baixos objectos.

Desta maneira, para o allemão o corsel, o ginete de guerra é *das rosse.* Em França a besta chontã, o sendeiro de carga é *une rosse.* O tudesco chama o seu fidalgo e nobre *herr.* Para o parisiense o miseravel, o pobre que pede esmola não passa dum *pauvre hére.*

Neste teôr discorria o artigo a que me referi, apresentando dezenas de exemplos frisantes.

E, citando isto, lembro aos que pouco ou nada tiverem que fazer, dedicarem-se a identico assumpto, procurando descobrir similares relações de differença entre o nosso falar e o de alguns dos nossos visinhos. Felizmente que tudo nos deve unir e nada separar.

Iotaenne

O Codigo Civil

« Depois de sessenta annos de letargo », cantou Thomaz Ribeiro no *D. Jayme,* exaltando a independencia do seu paiz, « olhava Portugal ao céu e ao largo », livre do duro captiveiro de Hespanha.

Depois de sessenta annos de trabalhos e demoras appareceu o Codigo Civil, que, emfim nos veio libertar das velhas Ordenações do Reino ou Ordenaçoens do Reyno. Virtudes tem, é innegavel, e muitas, essa illustre compilação juridica. Traz grandes facilidades á nossa embrulhada vida forense, aplaina caminhos em que brotavam por todos os lados os espinhos da chicana. Porém já a pretenção brasileira affirma e apregôa que é o melhor da America do Sul. Será dentro em pouco o melhor das duas Americas e mais adiante o melhor do mundo.

Nós nos engrandecemos tanto! Não ha época em que não tenhamos uma coisa maior que as outras nações. Um senador do Imperio declarou uma vez, numa sessão do velho passo do Conde dos Arcos, que Deus era brasileiro, só porque a Providencia ainda se não cançou de ajudar este paiz.

Tivemos o *Minas Geraes* como o mais possante dreadnought do seculo. O corpo de Bombeiros já foi, no dizer do povo, o mais perfeito da Terra. A banda de musica dos fusileiros navaes teve, antes da revolta de 1910, fóros de mais harmoniosa que a Guarda Republicana de Paris. A Bahia de Guanabara, a Serra dos Orgãos, o Amazonas, tudo isto nos tem doirado os brazões pretenciosos. E diante de Santos Dumont « a Europa curvou-se ante o Brasil »!

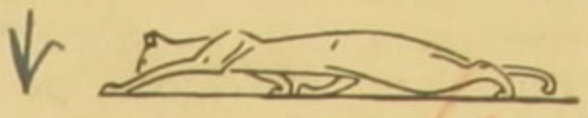
Que se curve o orbe inteiro agora perante as novas capitulares, as modernas institutas sem iguaes nos tempos que correm.

A CARTA

Alli á entrada do Forum o Arlindo encontrou um sollicitador seu amigo e, depois da troca dos necessarios cumprimentos, metteu a mão na algibeira para lhe entregar um papel importante. Tirou, porém, uma carta toda amarrotada. Desdobrou-a com cuidado, vagarosamente, e um riso de espertalhão lhe illuminou a face.

Diante da cara curiosa do sollicitador o Arlindo não se conteve e falou:

— Está vendo você, é o que acontece a quem é casado e esquece cartas femininas no bolso. Reparou como está amarrotada? Foi a minha mulher que a encontrou numa das suas buscas e, como não entende francez, ficou furiosa, damnada da vida e amachucou-a... Já estou tão acostumado que virei Sherlock...



Gatafunhos...

Nada melhor do que rodar de automovel por estas avenidas asphaltadas que se alongam beirando as aguas, á noite, rompendo o silencio e a fresca briza perfumada, a morder um charuto. Os renques de palacetes se estiram fechados, debruçando-se sobre os ermos passeios. Silvam ao longe apitos de guardas-nocturnos. O mar acaricia os pedrouços dos cáes somnolentamente e no alto céu morrem brilhos de constellações.

O *Berliet* deslisa silencioso. Gatos vadios atravessam a rua aos pinchos. Um vulto negro some-se, dobrando uma esquina. Passam, vagarosos, dois policias a cavallo, fumando. Depois, superpondo a sua massa negra ás fileiras recurvadas de lampeões, aos rosarios de contas doiradas das luzes electricas, o Corcovado avulta, espetando nuvens. E no silencio nocturno, ao perfume que o vento rouba aos jardins, os pensamentos esvoaçam como borboletas em volta dum clarão...

Souvenir d'Ostende

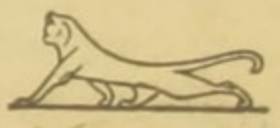
O velho Pinhão, voluntario da patria, jovem possuindo bens de raiz e dinheiro nos bancos, indo de quando em vez á Europa, resolvera de passagem pelo Rio reclamar da União uns soldos atrazados, que, reunidos, davam uma meia duzia de contos. Foi a um advogado, que um amigo intimo lhe apresentára e encarregou o do serviço. O homem das leis trabalhou mezes e conseguio o que o velho Pinhão desejava. Este, satisfeito, pedio-lhe a conta. Mas o outro, em attenção ao amigo que lhe apresentára o voluntario, disse que não era nada.

Pinhão desfez-se em blandiciosos agradecimentos de sovina contente:

— Meu amiguinho, quando eu voltar da Europa, ha de permittir, trar-lhe-ei uma lembrança pequenina de accordo com minhas posses, porém gentil e dada do coração.

Passou um anno. Pinhão tornou da viagem e o advogado foi visital-o. Recebeu-o o velho com grande ternura, abraçou-o demoradamente e deu-lhe, desculpando-se da insignificancia, um embrulhinho bem feito com laçarotes de fitinhas.

O bacharel levou a viagem de bonde a apalpar o envolucro, imaginando ser uma joia, um objecto rico de escriptorio, uma coisa de valor artistico. Em casa desfaz os laços e rasga os papeis. Horror! Era uma concha polida em cuja concavidade havia, pintada a oleo, a fachada duma grande casa e este distico em lettras meúdas: *Souvenir du Grand Hotel, Ostende.*



Males administrativos

Falam mal da nossa administração publica, muitas vezes com razão, porém outros com manifesto exaggero. E lembram coisas da Europa para confrontar com as nossas. Temos, é verdade, grandes erros; entretanto cá e lá más fadas ha. Não é só no Brasil que se põe dinheiro fóra e existem desleixos administrativos.

Um dos ultimos numeros de *Le Journal* estampa a photographia dum trem carregado de material bellico esquecido numa *gare* desde Setembro de 1914! Imaginem a brincadeira nesta época de guerra sem treguas e carencia de munições! Si fôsse nesta terra de Santa Cruz que berreiro não haveria.

E, ó leitor amigo, este diminuto suelto não tem assim uma carinha de artigo de fundo?...

Calças de bocca de sino

O mexicano do campo tem umas roupas tradicionaes curiosissimas, todas alcachofradas de oiro, vestea curta, sombreiro desabado e enormes calças bocca de sino. Uma vestimenta mais espaventosa que a dos toureiros. Essas pantalonas de larga bocca fôram sempre tambem privilegio dos marujos, tanto que os marinheiros inglezes usam-n'as por determinação regulamentar.

No Brasil sempre tiveram o privilegio do seu uso os vendeiros e taverneiros. Agora, porém, a moda se alastra. Os elegantes de Catumby e da Gambôa não as dispensam. Os guardas-civis de certo tempo para cá não as deixam. E, o que é verdadeiramente de espantar, os soldados do exercito começam a vestil-as...

DOS ANNAES

Um deputado por um dos mais atrazados e distantes dos nossos Estados centraes fazia reclamações na Camara contra as obras dum porto fluvial da sua terra, que affirmava ser a filha engeitada da União.

—Sr. Presidente, gritava elle, nesse porto, sobre um velho cáes, existe um guindaste desmantelado que não *inça*...

Um senhor deputado:—Não apoiado!

— Sr. presidente, o nobre collega que me aparteia não conhece aquella região. Posso affirmar que o guindaste não *inça*..

O mesmo senhor deputado: — Não apoiado!

— Sr. Presidente, o illustre deputado não conhece aquella localidade, mas eu posso ga-

rantir que a machina não *inça*...

O mesmo deputado: — Não apoiado!

— Sr. Presidente, S. Ex. me honra com seus apartes, porém certamente se equivoca, porquanto não conhece aquelle porto. Eu juro á Camara sob palavra de honra que o guindaste não *inça,* embora o meu aparteador continue a se enganar e a teimar.

O deputado aparteador:

— Sr. Presidente, não me equivoco nem me engano e nem teimo. Eu não conheço o Estado do meu nobre collega nem o porto a que allude. Mas conheço bem a minha lingua...

(*Risos. O presidente agita a campainha, chamando a attenção*).

Gente suja...

Casada ha pouco tempo, elegante e instruida, *madame* Bibi conversava sobre tudo nas rodas alegres do vasto salão, onde morriam perfumes no ar e resoava o passo dos tangos. Falou de musica, de theatros, apregoando seus conhecimentos da arte de representar e das linguas européas, analysando com um pouquinho de prosapia o valor dos artistas francezes que nos tem visitado.

O doutor Fagundes, meio aturdido com o falatorio e gostando de alfinetar a gente da alta roda, obtemperou com a sua voz calma que preferia aos Huguenets e Guitrys os artistas dos theatros nacionaes das immediações do Rocio, á *Rafale* e ao *Sanson*, o *Forrobodó* e o *Chuá*, ao Municipal e ao Lyrico, o S. José e o São Pedro.

Dona Bibi impedio-o de proseguir:

— Credo, doutor, Deus me livre! Eu não vou a esses espectaculos porque lá vai sómente gente suja...

Mas o Fagundes emendou:

— Mal vestida, minha senhora!

Gatafunhos...

Eu me entretinha com *Mademoiselle* na estação de Petropolis sobre as attitudes das moças elegantes, comparando-as nos seu passos meúdos, requebros, me-deixes e um geito especial de parar, ficando com o pesinho levantado e a mãosinha encarangueijada, aos figurinos que nos apresentam o Gaumont, o Eclair e o Pathé-Journal. Uma chuvinha fina, insistente, fustigava o macadam enlameado. Raros vultos passavam envoltos nas capas esverdeadas de borracha.

Mademoiselle explicava-me as attitudes feminis e as elogiava. A's vezes arremedava uma companheira ou conhecida com risinhos de ironia. Por fim disse-me:

— O senhor já reparou a ultima moda de andar das elegantes, que começou ha pouco tempo no Rio e hoje vai em voga por aqui?

— Ainda não.

— Admira! E' o andar do cachorrinho...

— Do cachorrinho?!

— Sim, meu caro, os lulús quando se põem de pé, ficam com as mãosinhas para a frente, encurvadas diante do peito. Pois agora a ultima moda é andar com as mãos assim. E' o andar do cachorrinho...

A Moda Militar

Não é a primeira vez que a moda feminina se arreia com os distinctivos, côres e fórmas dos uniformes militares. Nem foi esta grande guerra quem primeiro fez apparecerem nas mulheres os atavios dos soldados.

Quando o segundo imperio francez procurava erguer o prestigio napoleonico em successivas campanhas na China, na Criméa, na Italia, era grande elegancia vestir saias curtas como as vivandeiras, corpetes pequenos e justos como os zuavos, *bonets de police* como os dos cem-guardas da Imperatriz Eugenia. Havia até um vermelho que se chamava solferino em recordação da celebre batalha contra os austriacos. Não tinha *chic* nem graça a moça que não soubesse, nos bailes, as marcas dos lanceiros...

Um professor

Professor de mathematica num gymnasio equiparado e lente de grego num estabelecimento official, o Dr. Gervasio, que não sabia grego nem mathematica, era muito cheio de si.

O rór das suas asneiras encheria laudas e laudas, de maneira que nem é conveniente relembral-as. Bastará para dar uma idéa dos seus bestialogicos o trecho pequeno do seu discurso de abertura das aulas tomado por um alumno, que tinha geito para tachygrapho. Lá vai obra:

— Meus alumnos, eu sou o professor mais feliz e mais importante que vós tendes, porque eu lecciono do primeiro ao ultimo anno. Ensino num a arithmetica, que é o alicerce do bacharelato; no outro o grego, que é a cupola do mesmo. E desde que estou entre o alicerce e a cupola eu sou a maior e a mais forte columna do ensino publico...

Com as ultimas chuvas, dizem os jornaes appareceram nuvens de mosquitos em quasi toda esta cidade de S. Sebastião, especialmente para os lados de Botafogo. Todo o mundo logo reclamou furiosamente contra os malvados pernilongos e os pedidos de remedio contra a incommoda praga se multiplicam e amiudam até que a Saúde Publica a faça desapparecer com uma matança de carapanãs, uma carnificina de muriçocas...

Como os tempos mudam! Na Grecia antiga os pobres insectos tinham melhores garantias. Um dos classicos hellenos, Luciano de Samosate, não trepidou em fazer o elogio da mosca. Ora, que boa vida não teria esta numa terra em que os litteratos a elogiavam!

"Fon-Fon!" - 22-10-916

Póvos e Póvas!

O Theodoro de Pendotiba tinha a mania dos discursos e de arranjar synonimos e femininos para os nomes proprios, mesmo os de uso quotidiano. E zangava-se com a lingua portugueza, quando encontrava palavras, cujas fórmas augmentativas, femininas, diminutivas e masculinas, significavam cada qual coisa diversa.

Assim é que pregava a necessidade duma revisão mais cuidada que a da Constituição, porém da lingua e dos seus idiotismos. Não se podia conformar que o limo tivesse como esposa a lima e que o limão fosse menor que a fructa de cuja denominação era augmentativo. Rosnava que nunca tinha visto em idioma algum augmentativo que diminuisse. A sua asnatica inclinação fazia-o commetter asneiras. Uma vez publicou na *Alvorada,* jornal pendotibense, litterario, noticioso e politico uma lista de femininos e masculinos do portuguez, em que se encontravam fórmas como estas: o camafeu e a cama feia, como signaes das disparidades de genero na nossa lingua.

Numa grande festa que alegrou a sua villa natal, tendo de fazer um discurso começou desta maneira:

— Póvos, póvas, pôvoas, povoados e povoações desta redondeza pendotibense, eu peço o vocabulo, porque o vocabulo e sua mulher a palavra são...

Não poude continuar, porque chegara o prefeito municipal e a charanga tocou o hymno nacional.

Gatafunhos...

Como está na ordem do dia a revisão constitucional e o governo o apregôa pela bocca de seus mais notaveis arautos, foi para este assumpto que encaminhei a conversa com o meu velho amigo Pinhão, outro dia, na sala de espera dum cinematographo.

O Pinhão sorriu e desembrulhou uma peça inteira de argumentos juridicos, politicos e sociaes, maior que um drama da Ambrosio em 8 partes, 1 prologo e uma allegoria final, tudo para me provar que a nossa constituição é muito bôa e dará bons resultados, sendo tão sómente necessario executal-a.

For fim, quando já de somno cabeceava, o Pinhão lembrou que um dos nossos estadistas já declarára necessaria uma lei para fazer cumprir todas as outras.

— Desta maneira, meu caro, concluiu elle, o governo devia, em vez de fazer a fallada revisão, mandar votar uma lei que o obrigasse a cumprir os dictames do nosso pacto fundamental!

E o Pinhão tossiu com importancia...

Dansas

Escrevendo sobre o tango e comparando-o a varias dansas antigas um jornalista nosso disse ha dias que a idade média abolira as dansas.

E' verdade que o espirito religioso daquella época muito contribuio para o estacionamento de todas as artes e que a intolerancia dogmatica estragou as melhores alegrias do corpo e do espirito. Mas não é certo que abolisse tudo. Diminuio certas espansões, mas não as liquidou de vez. Não é que uma corrente não desejasse matar o bom e o bello, para implantar seu o dominio, mas é que contra algumas inclinações do espirito humano são impotentes todos os freios.

O jornalista patricio que tão bem recordou o sarambeque, a gavota, o minueto, esqueceu de pôr na Idade-Media, ao envez dum claro como fez, senão outras dansas, pelo menos a dos marchatins, elegante e solarenga, e a fról granada mais desenvolta e mais plebeia.

Actura

Quando o trem da linda, sorridente e perfumada cidade de verão passava em frente áquella estação vermelha, rodeada por meia duzia de choupanas e tristemente perdida naquelle recanto da pantanosa baixada fluminense, eu commentei-lhe a extranheza do nome. Actura? Que diabo significará? Será nome portuguez ou indigena?

O meu amigo e visinho de banco interrompeu-me, contando que um seu primo alli viera em 1907 passar o verão, numa fazenda enfurnada por traz de serrotes, que pertencia á sogra do mesmo. Durante todo o tempo que o seu pobre e infeliz collega alli esteve naquelle anno, o meu visinho nunca passára diante da pequena estação que se não lembrasse do genio irascivel da velha, da paciencia do genro e não murmurasse com piedade:

— Atura, rapaz! Atura!

Jonkopings

As chronicas mediévas nos legaram extravagantes nomes de santos: Cunegundes, Cucufate, Froalengo e outros. Os barbaros das invasões trouxeram os Radagasios e varios nomes assim terriveis. Ainda hoje continua a paixão por nomes difficeis, compridos e pouco vistos. No sertão do Ceará um individuo quiz, uma feita, baptisar a filha como Onça, porque o Papa era Leão, e um promotor matuto chamava-se Quariguazil.

Ha gente que attende por Clarimundo e Mumasona. Alguns teem sido baptisados como Calino. Já existe quem se chame Bigodinho e Max Linder. E agora, segundo noticias dos jornaes, num Estado visinho da nossa capital vive um politico que se apellida nada mais e nada menos que Jonkopings. Si por favor elle traduzisse o nome como fazia um vendedor de cigarros e phosphoros, que conhecemos: João dos Copinhos!

F.F! 22-1-916

PARA ALEGRAR UMA VIUVA...

Morrera o velho Maximo e a sua viuva ficara inconsolavel. Era um chorar sem treguas, que augmentava quando as visitas de pezames enchiam a sala.

O velho Manoel Lopes, vendeiro na esquina do quarteirão, muito amigo do defunto, de quando em vez ia á casa da viuva dizer-lhe umas palavras de consolo. E contam que a sua amabilidade chegára a ponto tal que no dia seguinte á morte do velho Maximo enviára de presente á chorosa senhora uma caixa de vinho do Porto. Quando extranharam aquelle mimo em tão doloroso dia, elle explicou que era para «a pobre D. Maria se *alegrare...*»

CHARLATÃO

Depois de reler a these do joven doutorando de medicina, em que os nomes complicados de complicados microbios se entreteciam a denominações difficeis de exquisitas molestias, o velho professor sorrio superiormente e, olhando o rapaz de frente, disse-lhe em dureza:

— Nunca esperei que o senhor tão moço fosse charlatão como demonstra ser!

O moço sem pestanejar retrucou friamente:

— E' verdade; porém sou moço e tenho ainda tempo de mudar. O senhor é que está velho e não mudará mais...

A China ia mais ou menos vivendo sob a fórma republicana de governo. Agora, segundo noticiaram ha dias os jornaes, voltou á monarchia, sendo o presidente da republica proclamado imperador. Que terá feito esse velho estadista chinez para obter a corôa do mais velho paiz do mundo? Talvez tenha posto em pratica a antiga formula de Confucio:

«Obtem a affeição do povo e obterás o imperio. Perde a affeição do povo e perderás o imperio.»

A occasião é mais do que propicia para se aconselhar aos dirigentes de muitas republicas que, embora sem pretenções ao sceptro, procurem ganhar e não perder a affeição popular.

Gatafunhos...

O trem de Petropolis corria ligeiro entre vasios capinzaes verdes, que iam se apagar longe, ao pé de morros solitarios. Tremulinas de agua cortavam os prados. O céu era de um azul macio, avelludado. Eu olhava a paysagem e o elegante e intelligente medico, que me deliciava com a sua companhia e a sua prosa, dizia-me dos ciumes de sua mulher...

— Meu amigo, nunca vi tantos assim! Imagine que uma vez ella foi ao meu consultorio e, como eu estivesse trancado no gabinete, ficou á espera na sala. Mas atravez do tabique ouvia que eu fallava e que me respondia uma voz feminina. Começou a desconfiar. Escutou, porém nada poude comprehender. Aquella voz de mulher aguilhoava-a. Mal se podia conter. E a demora era de mais. Passou assim uma hora. Depois, hora e meia.

Minha mulher não se conteve mais. Os ciumes faziam-lhe a cabeça andar á róda. Levantou-se e bateu na porta. Ahi, admirado, dando com ella, comprehendi pelo rosto afogueado o motivo da sua impaciencia. Sorri e mandei-a amavelmente entrar. Eu estava conferenciando com um collega que tem uma voz aflautada e fina. Apresentei-o:

— «Meu amigo e collega, o doutor R.»

— E a mulher ficou curada?

— Não sei, meu amigo. Nunca mais tive occasião de verificar...

VILLAS

Villa Engraçadinha, Villa Amelia, Villa Caturrita, Villa Ernestina, são lettreiros que se encontram aos milhares neste Rio de Janeiro, enfeitando fachadas alegres de casas, mesmo frontarias, quasi faustosas de palacetes.

Até conhecemos nomes de maior poesia: Villa das Rosas, Mon Repos, Meu Cantinho, Villa Nous-Autres.

Entretanto um pobre homem que acaba de construir sua casinha de taipa e telha vã adiante um pouco da estação de Merity, já fóra do territorio do Districto Federal, teve grande espirito e talvez profunda ironia estampando no oitão da sua residencia em lettras garrafaes: «Casa Paz e Amor».

V. O. T. M. S. F. P.

Quando cheguei no Rio ha uns annos passados, dizia-me um desses muitos *bororós* que aqui vem tentar fortuna, fugindo aos seus Estados pobres, e que passam a perna em todo o mundo, pensava que as iniciaes V.N., existentes em quasi todas as casas, eram o nome do proprietario das mesmas. Andava perplexo: não podia comprehender como havia tão grande fortuna predial. O Sr. Virgolino Nunes ou o Sr. Virgilio Nolasco era o homem mais rico do Brasil, julgava eu. A curiosidade foi tão grande que andei atraz de conhecer o tal capitalista e foi quando verifiquei que as taes casas tinham *vigilantes nocturnos*.

Nesta questão de iniciaes ha coisas interessantes, proseguia elle. Um sujeito meu conhecido mandou uma feita um presente de melões a um compadre e poz no lettreiro da canastra as seguintes lettras: L. B. O. M. P. C. Bt., que queriam dizer, segundo explicava: Lá bão os melones para o compadre bitorino.

Um vendedor de borracha no Acre visava as suas contas com L. L. L., iniciaes de Alexandre de Oliveira Lima ou como dizia: Lixandre Liveira Lima.

Um dia destes, passando de bonde pelo canal do Mangue, vi e ouvi um sujeito explicando a outro que aquelles quarteirões de casas em cujas platibandas existem, sob um sol, estes caracteres: V. O. T. M.

S. F. P., pertenciam ao Sr. Virginio Octavio Teixeira e Mello Sampaio Ferreira de Paula...

Tambem é difficil que se saiba que são da Veneravel Ordem Terceira dos Minimos de São Francisco de Paula.

NAQUELLE jardim fidalgo, de sombras amenas coalhadas de moedas de luz, uma fina e elegante senhora, riscando arabescos sem pé nem cabeça com a ponta da sombrinha, criticava costumes e modas. Era um encanto escutal-a.

Falou das saias modernas e dos modernos andares, do tamanho dos chapéos e do formato das plumas e da leveza dos véos. Discutiu a maneira de cumprimentar e de requebrar o corpo nos passeios. Falou de perolas e de joias artisticas. Lembrou a sensualidade das vestes gregas e a leveza attica das roupas feminis no Directorio e no Imperio, em que os seios tufavam ao alto os corpetes curtos e as saias escoriam pelas formas como tunicas antigas. Dizia ter saudades do paganismo e daquelles tempos de arte e de alegria.

Por fim, sorrindo com ironia, declarou que os tempos de hoje se alongavam enfadonhos e sinistros sem notas vivas de prazer e todos repletos de ridicularias e banalidades.

— Ao envez de se exhibirem graças ou apurarem formosuras, disse ella, phantasiam-se os nomes indigenas de nomes francezes. Imaginem que a senhora Ubirajára é *madame Ubirajará,* a senhorita Godoy, *mademoiselle Godoá* e aquelle menino do Antonio Bandeira Coelho da Fonseca, *le baron Bandière Lapin de La Fontaine Séche*...

O Ceará

é a terra que bate o *record* em titulos interessantes de lojas, vendas e armazens.

Uma casa velha e suja que alli havia, á rua Barão do Rio Branco, era o « Pharol da Bastilha ». Na estrada do Alagadiço uma taverna estabelecida numa casa nannica denominava-se: « A Torre da Lua ». Havia na praça dos Voluntarios da Patria a loja do « Diabo á quatro » e defronte do parque da Liberdade a dos « Quatro Diabos ».

A um canto do Matadouro uma venda tinha este distico: « Viva o resplendor da corveta Liberal ». Entre a Santa Casa da Misericordia e a Cadeia Publica uma locanda se appellidava « O canto da Briza ». Olhando o mercado publico existia a *bodega* d' « O sol nasce para todos! » e na rua da Conceição a « Casa da Onça ».

Em plena serra do Baturité, numa rua funda da povoação de Pacoty, uma casinha baixota em que se vendiam fazendas era a « Rosa dos Alpes ».

Perto da cidade de Baturité, no logar chamado a ponte do Mello montaram uma venda, qne tinha em lettras garrafaes este titulo: « Venham vêr a bobagem do Zé Theotonio na Ponte do Mello ». Dentro numa parede negrejava a carvão esta quadra:

«Quem vende fiado
Perde o freguez,
Fica lograd o
No fim do mez!»

E mais adiante:

— « Fiado? Nem a meu pae! »

4$800

E' o custo duma passagem de ida e volta, valida por um dia, do Rio a Petropolis...

Os veranistas, os felizardos que naquella agradavel cidade podem escapar á sanha do calor carioca são impiedosos para com aquelles cujas condições economicas ou a crise não permittem tal delicia desfructar.

Appellidaram por quatro mil e oitocentos as pessoas que, desejando pelo menos sentir o perfume da cidade das hortensias e cravos encarnados, sobem a serra da Estrella pelos trens da manhã, dão uma volta de carro na avenida Piabanha e praça D. Affonso, voltando pelos comboios nocturnos.

Tambem que gosto póde ter um christão em ir a Petropolis de manhã, deixando o brazeiro do Rio, errar á tôa numa pequena cidade, onde mal se divertem os que teem relações e paradas costumeiras, tornando á noite, cançado da viagem e sujo da poeira, a remergulhar no mesmo ou em peior calor?

E' bem merecida essa alcunha de quatro mil oitocentos sempre melhor do que meia pataca...

Gatafunhos...

A elegancia e o gosto numa sociedade nunca fôram coisas adventicias nem se podem tomar por emprestimo; são caracteristicos duma adiantada cultura e expoentes de civilisação.

Para chegar á elegancia e aos vicios requintados do imperio, os romanos tinham sido antes, como os spartanos de Lycurgo, cultores da força physica e das energias moraes. A epoca doirada da Renascença resultou de seculos monacaes e guerreiros.

Luiz XIV succedeu á Fronda e á Liga.

O sentimentalismo e o *chic* de 1830 vieram após as luctas da Revolução e do Imperio.

Somente quando uma organisação social chega a mui alto ponto na sua marcha ascendente, tanto que vá descambando já para a decadencia, é que se aprimora o gosto, augmenta o luxo e resalta a elegancia das maneiras, das vestes e dos costumes.

Bem fóra dessa regra andamos nós, os do Brasil. Após a remodelação material do Rio e as grandes obras que ás nossas cidades littoraneanas deram uma leve camada de verniz melhor, começou no Brasil a febre da elegancia.

Um mal a mais para esta ainda relativamente pouco culta sociedade brasileira, que não teve tempo de se alimpar do que de ruim nos legaram a phase colonial, o somno da monarchia, a escravidão e os erros democraticos.

Até hoje não cuidamos da educação physica, da creação das energias nacionaes, de enrijar o nosso caracter, de ensinar o *abc* aos nossos camponios, porém somos *chics*, elegantes, nobres, fidalgos, romanticos, *dernier cri* e *dernier bateau.*

Começamos tudo pelo fim. Somos decadentes antes de podermos ser!

Porque aos nossos rapazelhos, aos nossos *frangotes,* que se alindam com palitós cintados e calças de vinco á mostra, não indicamos com segurança melhor e maior patriotismo, ao envez da casa dos mais afamados alfaiates, o remo, o *football,* o tiro ao alvo, os livros em que aprendam a amar a terra-mater e a caserna onde se preparem para defendel-a?

E' por causa desse erro que, fumantes de horriveis charutos, vestidos no «Tombo», na «Casa da Torre» ou na «Thesoura de Ouro» dirigem o *cotillon* da nossa vida mundana...

"Fon-Fon!"
5-Fev° 1916

O Tiê

Não temos nas nossas mattas e catingas a excelsa ave do paraiso, o passaro lyra, o pavão nem outro animal de pennas e corpo que a esses se possa comparar. Não possuimos nos nossos bosques e capões o faisão doirado, muito menos os beija-flores variadissimos da Australia. Entretanto não faltam na fauna brisileira aves de rica plumagem, passaros de canoro bico.

Na rama dos arvoredos batidos de sol a plumagem que mais faúlha e berra é a do tiê vermelho e brilhante, parecendo pintado com a côr do poente nas tardes quentes de março ou o colorido do arrebol nas manhãs illuminadas de junho. Nas selvas do Amazonas teria virtudes feiticeiras como o irapurú. Nos carnahubaes cearenses destacar-se-ia mais que o valente currupião. Numa selva do Rheno dar-lhe-iam uma lenda de amor. Aqui nada é. Como não canta, os meninos chamam-n'o um passaro atôa. E porque as suas pennas rubras lembram as manchas das feridas largas, o vulgo o denomina: Tié Sangue.

Os buscadores de origens etpnologicas são, porém, homens extraordinarios. Um delles, falando-me de tão acarminado passaro disse-me que nos Estados Unidos o appellidam de Tio Sam *(Uncle San),* o que é verdade, seja dito de passagem. Então, accrescentava, veja o que são as modificações das linguas em meios differentes: Tio Sam na America do Norte transforma-se em Tiê-Sangue na America do Sul...

—Valha-nos Deus! repliquei num espanto.

DE UM AVARENTO

Um homem bem antigo, que vivia numa cidade de provincia, segundo rezam velhas chronicas da nossa vida semi-barbara, ganhára, herdára e recebera pelo dote de sua mulher bastante dinheiro, todo em oiro, o que naquellas priscas eras não se admirava, porque ainda não tinham sido inventados o cambio, a Caixa de Conversão e a crise.

Possuia assim, accrescentam as referidas chronicas, um bahú cheio de moedas valiosas: dollars, vinte mil reis portuguezes, soberanos com a effigie de Jorge IV, napoleões, florins, onças hespanholas com as columnas de Hercules, duros, pistolas, luizes, guinéos, paraús, sequins, dobrões e patacos.

Lá onde morava não havia bancos e mesmo, sem confiança em pessoa alguma, o sovina temia perder a menor das suas moedas, dellas tendo um louco e descabido ciume.

Com o envelhecer cresceu a sordidez e cresceu tanto que terminou ficando amalucado. Infelizmente a perda do pouco espirito que tinha não deu para fazer com que espalhasse em esmolas e presentes os fartos cabedaes.

Então, o que fazia? perguntará o leitor.

Simples e unicamente, unica e simplesmente o seguinte: levantava-se pela manhã cêdo, despejava o dinheiro numa grande bacia de prata, deitando-lhe agua; depois ensaboava as moedas uma por uma, com cuidado, vagar e paciencia. Por fim esgotava a agua da bacia e punha as peças de oiro sobre uma taboa a seccarem ao sol, no passeio da casa fronteira á sua. O metal faiscava, relumbrava á luz e elle ficava defronte, á pequena distancia, de olhos arregalados, montando guarda com o bacamarte bôcca de sino cheio de polvora e pontas de prego nos joelhos...

Gatafunhos...

Em toda a parte do mundo se escolhem os policias e guardas-civis entre os homens de maior força, de mais imponente aspecto e de melhor intelligencia. O *policeman,* o *sergent de ville,* os agentes de Copenhague e Berlim, os guardas-civicos americanos, os vigilantes hespanhoes e portenhos, são individuos altos e fortes, decididos e espertos, que envergam uma farda elegante e commoda, seria e respeitada.

Os nossos guardas-civis são bisonhos e rachiticos, tem blusas apertadas e mal cortadas de brim pardo, calças bôcca de sino e namoram as creadas da visinhança, de noite, pelas esquinas.

Mal conhecem as ruas da cidade, pouco comprehendem as perguntas que se lhes fazem, desconhecem a gymnastica sueca, sofirem injustiças a granel, não teem regalias e não sabem os deveres e as maneiras do seu officio.

Quando uma creatura tem na rua uma briga, um ataque, um começo de insolação, todos os curiosos e desoccupados se grupam em torno, vexando-a moralmente e physicamente, abafando-a, fazendo commentarios piedosos ou desairosos alli na cara.

O guarda não sabe afastar o poviléu. Não tem força moral nem physica para se impôr.

E' mais um curioso. Não passa disso.

Tambem se neste caso e em outros elle se mette a deitar energia, ha gente que lhe grita com altivez o *sabe com quem está fallando?* que o leva na troça, porque não respeita a policia; que o ameaça de tomar nota do numero e dar parte ao chefe, etc. E elle, que teme por experiencia propria as injustiças e já foi castigado, porque cumpriu seu dever, retrae-se, foge, esconde-se, humilha-se.

Então si o sujeito está de fraque é que são ellas! Porque um sujeito de fraque na Avenida é pelo menos deputado...

Rio de Janeiro, 5 de Fevereiro de 1916.

FOOTING

Um derradeiro raio de sol brincou numa fachada clara, na enseada distante de Icarahy. Ao passar sobre a bahia illuminou a alvura dum couraçado. Logo luzes brilharam no morro da Boa-Viagem e na praia de Santa Luzia. A tarde arroxeava o contorno das montanhas. Eu olhava as aguas que ennegreciam e fixava ás vezes uma lanterna verde, accesa na ponta do Calabouço, onde os restos dum pontal de madeira lembravam os moirões dum dique batavo que o mar tivesse desfeito num dia de furia.

O meu companheiro tocou-me no hombro. Continuei debruçado no parapeito do cáes e disse-lhe que o morrer da luz naquelle recanto do Flamengo dava-me sempre uma deliciosa impressão de tristeza, saudade e nostalgia.

Elle pensou um instante, sorrindo. Accendeu um charuto, soprou o fumo para o ar, com força e perguntou-me:

— Fallas em impressão. Lêste já o ultimo volume do Martinho Gama: *Impressões e Imagens?*

— Ainda não.

— E folheaste porventura a mais recente producção de Alvim Batalha: *Mitre e Saraiva?*

— Apezar da sonoridade desses rutilantes nomes de litteratos nacionaes, ainda não tive occasião de ler o que estão escrevendo. Tenho tanto livro antigo na estante.

— Pois, meu caro amigo, não avalias quanto perdes. Ficas desconhecendo as duas mais novas e triumphantes correntes das nossas lettras.

Eu que ignorava obedecesse a nossa pobre litteratura a correntes, porque sabia que se disciplinára em *coteries*, fiz um gesto de espanto. Elle continuou:

— E' verdade. Temos dois fluxos diversos na nossa arte de escrever: a litteratura de collectanea e a litteratura de aspinhas.

Olhei-o com assombro. Já os lampeões electricos do Flamengo clareavam o asphalto e a renda de espumas das ondas. O corpo anguloso do meu camarada estendia na calçada uma sombra esguia de cypreste. Seus olhos luziam perversamente. Sorrio com difficuldade e accrescentou:

— Sim, meu caro. A primeira corrente, chefiada pelo celebre Martinho estréa nas lettras e nellas prosegue a sua marcha ascendente, sem publicar um estudo serio, um romance, um conto, uma criação propria. Reune chronicas, collecciona artigos, somma sueltos e, assim, faz livros e mais livros, todos excellentes, originaes e attrahentissimos, segundo o côro da imprensa.

A outra, a segunda, encabeçada pelo Batalha, tem pretenções a tratar de assumptos serios e ainda é mais comica. Procura nos cartularios e archivos, nos jornaes velhos e nas notas antigas, trechos de correspondencia official sobre um assumpto sul-americano, ajunta todo esse material e sem extrahir delle um conceito, sem emittir sobre elle uma opinião, estampa-o em brochuras de duas centenas de paginas. Nestas a gente só encontra trechos desta ordem:

« No dia tanto de tal mez e tal anno o governo brasileiro determinava o seguinte: — aspinhas. — Agora segue o que determinava o governo. Fechadas as aspas, lê-se: « Mas o paiz visinho retrucou com a seguinte determinação: — aspinhas. Depois, a tal determinação; depois, novas aspas. E assim por diante vão sahindo á luz volumes e mais volumes. Desta sorte, quando um adepto de taes escolas chega aos quarenta annos tem uma estante de obras suas. Já é uma vantagem.

Seguimos para os lados de Paysandú, vagarosamente. Acabára o nosso *footing*. A praia estava deserta. Um vulto de mulher, toda de branco, dobrava uma esquina adiante. Apressamos o passo para ver quem era...

Jotaenne

No salão

clareado por lustres immensos, onde passavam nos rodopios das valsas e nos vaivens do tango diplomatas e rapazinhos de casacas cintadas que os cravos das lapellas manchavam de vermelho, um illustre senhor passeiava pelo braço uma dama illustre. Conversavam de *flirts*, de dansas modernas, de ultimos figurinos e dos communicados da conflagração européa. Ella apoiava com a sua voz clara as pretenções arrogantes dos imperios centraes. Elle dizia calmamente do arrojo francez e e da tenacidade britannica, garantindo que a victoria seria desse arrojo casado a essa tenacidade, e nunca da tudesca disciplina, que julgava quasi servidão das almas e dos corpos.

Passaram pela sala de jogo. Junto a uma meza oitavada coberta de panno verde sobre que se amontoavam fichas multicores, elle perguntou-lhe:

— V. Ex. não joga o *bridge?*

— Não, cavalleiro.

— Porque não sabe ou porque não gosta?

— Não o sei e, si o soubesse, não jogaria, porquanto não supporto todos esses pequenos vicios...

Elle não a deixou concluir a phrase, cortando-lhe o fio do pensamento com uma espantosa *gaffe:*

— Ah! já sei. V. Ex. não supporta os pequenos vicios, porque só aprecia os grandes.

"Fon-fon!" - 12. Fevereiro - 1916.

Banhos de mar em casa

— E' como lhe digo, affirmou o Juvencio, tomo banhos de mar na minha casa, lá em cima do morro de Santa Thereza. Basta comprar um pacote de sal e dissolvel-o n'agua da minha vasta banheira. Só me falta o movimento das ondas. Assim mesmo ás vezes imito esse, batendo fortemente com pés e mãos. E' uma verdadeira maravilha! Não tenho incommodo e não careço da tal *sauvetage*. Entretanto, com um desses pacotes de sal já salvei uma senhora da perseguição dum tubarão ou lambary.

— Conta essa aventura. Deve ser muito interessante.

— Ia para casa uma tarde e passava pela rua de São José. Na minha frente andava apressada uma senhora bastante bonita, perseguida por um pelintra, que lhe dirigia galanteios banaes e procurava conversar com ella.

Vendo que lhe aborrecia a insistencia do conquistador e que não tinha quem a defendesse, intervim, admoestando o typo com energica delicadeza.

Elle desrespeitou-me. Perdi a cabeça e sacudi lhe na cara o pacote de sal que conduzia para o meu banho de mar em casa. Fios de sangue correram-lhe no rosto. Juntou gente. Appareceu um guarda civil magro, que tossia. Mandei o agente da autoridade para o diabo que o carregasse e a gente toda para o inferno, escoltei a senhora afflicta até o bonde, no ponto da Jardim Botanico.

Ella nem me agradeceu o favor. Tomou um reboque de Ipanema e foi-se em paz.

— Foi só?

— Não, meu caro. Mezes depois num saráu elegante apresentaram-me ao Sr. Adonias, disse que tinha muita honra e satisfação em conhecel-o e outras banalidades, procurando encetar uma amavel conversação.

O Sr Adonias, rapazote elegante e fragil, desses que têm cultivado mais o tango e as roupas cintadas, do que o remo e as halteres, olhou-me e disse-me como introito da sua palestra: «Conheço-o de nome. Foi o senhor que fez a minha mulher soffrer um vexame na rua de S. José, obrigando-a a tomar parte num escandalo, que o senhor mesmo provocou por uma ninharia.»

— Sapristi! Não lhe déste uma lição?

— Qual! meu amigo. Era num baile e eu não tinha na mão um dos meus pacotes de sal para salgar-lhe a vergonha, afim de não apodrecer!

Gatafunhos...

Si é triste um homem ser conhecido unicamente pelo marido de fulana de tal, tambem é triste o sujeito nunca deixar de ser o filho de fulano de tal.

Entretanto, estas duas especies de gente abundam neste Rio de Janeiro.

Muita vez se encontra um rapaz elegante, de paletot cintado, calças com fortes vincos, gravata escura picada por uma grossa perola, bengala de canna da India de castão de marfim. Quem é? pergunta-se com curiosidade, e um amigo replica:

— E' o filho do banqueiro tal. Foi nomeado ha pouco tempo para a *carrière*. Tem uns 40 *flirts*, dansa o tango e espera-o brilhante futuro.

— Mas que fez até hoje? Escreveu alguma coisa aproveitavel? Prestou um serviço á nação? Descobrio algo? Demonstrou algumas aptidões? Distinguio-se por qualquer fórma, ao menos desde a Academia?

— Não. Nada disso fez. Porém o pae lhe arranja tudo. Ah! ia-me esquecendo: no banquete que muitos amigos offereceram a um collega que chegava da Europa, elle pronunciou uma saudação em nome dos presentes e ausentes... Achas pouco como demonstração de talento? Pois, por meio de um simples discurso a gente entra na Academia. E' questão de haver vagas e cavarem-se os votos...

— Ave, Maria! Não sei onde iremos parar com a prejudicial geração que estamos vendo e que não sei quaes os fructos que dará. Não se encontra um especimen que tenha personalidade ou valor proprio. Todos o têm de emprestimo. Recebem a luz de outrem e seguem pela vida, pensando que são grandes coisas. Prefiro, fallando com franqueza, aquelles cujos paes são desconhecidos, mesmo aquelles que não têm paes. Safa!

— Ora, meu caro, para que te aborreces com tão pouco? Elles são tão felizes! Sentem-se tão bem, abdicando a sua individualidade, que não imaginas! Conheci um moço que casou com a filha de um barão, o barão de Missanga, supponhamos. Pois bem, num alistamento para jury, quando lhe perguntaram que profissão era a sua, retrucou:

— Sou genro do barão de Missanga...

Gatafunhos...

Savary, duque de Rovigo, general de Napoleão e ministro da policia em 1810, prohibio a impressão do celebre livro de Madame de Stael sobre a Allemanha, que, na opinião de alguns, fez mais mal ao Imperio Francez do que a retirada da Russia.

Savary era um homem de espirito finissimo e se acostumára a cumprir religiosamente as ordens do Imperador desde a morte do duque de Enghien, em Vincennes, da qual fôra *magna pars*.

Assim, não trepidou em mandar destruir uns dez mil exemplares do livro que já estavam impressos, escrevendo uma

gentil carta a Madame Stael, na qual com subtil ironia tratava o seu valor litterario, terminando assim:

«Tenho immenso pezar, minha senhora, que me obrigasseis a começar minha correspondencia comvosco, noticiando uma medida rigorosa. Teria maior prazer em vos offerecer sómente os protestos da alta consideração com que tenho a honra de ser, minha senhora, vosso mui humilde e mui obediente servidor.»

Mais em baixo Savary traçava este cruel *post scriptum:*

«Tenho razões, minha senhora, para vos indicar os portos de Lorient, La Rochelle, Bordeaux e Rochefort, como sendo os unicos em que podeis embarcar. Rogo vos que me façais saber o que escolherdes.»

Pois bem, nesse grande livro duma mulher de genio, tão cruelmente impedido de circular pela tyrannia napoleonica que armava o braço do duque de Rovigo, ha as mais subtis e perfeitas observações sobre a sociedade allemã, estudos comparativos de costumes e ideias teutonicas e francezas, commentarios que elevam a gente tedesca, notas politicas que hoje parecem mentirosas, mas eram naquella época duma verdade purissima.

Tratando da litteratura allemã nesse tempo, Mme de Stael diz que uma das principaes desvantagens da sociedade em certas cidades da Allemanha era não se unirem os nobres e os homens de lettras. Isto acontecia, porque havia poucos escriptores distinctos e menos gente da alta roda que lêsse.

Accrescentava mais que os escriptores allemães de 1808 e 1810 viviam em *coteries* e affirmava que as *coteries* só podem existir nos paizes em que as idéas geraes e o interesse publico são pouco desenvolvidos, como se dava na Allemanha fragmentada daquelle seculo.

Esta observação calha perfeitamente ao nosso Brasil de hoje, um seculo depois de Madame de Stael. A nossa gente fina quasi nada priva com os nossos litteratos, porque ella quasi não lê e dos litteratos bem poucos tem tido triumphos que lhe despertem a attenção. E, tal qual a Allemanha esphacelada do periodo napoleonico, o Brasil não tem o culto das idéas geraes e do interesse publico. Dahi as *coteries* abundarem mais do que os mosquitos em Botafogo, depois duma quinzena chuvosa...

Brasileiro

da gemma, do tempo antigo, de botas de bezerro, meias de fio da terra, crúas, calças brancas, correntão de caçolêta, sobrecasaca e chapéo duro, o Innocencio absolutamente não póde tolerar as innovações civilisadoras que tem invadido este paiz, principalmente esta cidade.

Para elle *tramways* e automoveis são coisas insupportaveis; a phrase corriqueira — o Rio civilisa-se, verdadeiro martyrio.

Nas rodas intimas, no Meyer, onde reside, faz desfavoralissimos commentarios ás coisas publicas, politicas e sociaes de hoje, aos homens e aos costumes modernos. Ridicularisa moda, governo, actos, palavras, gestos. E' um demolidor!

Um destes dias dizia ao vizinho, o Facundo, escripturario da Central:

— No meu tempo e lá se foi elle ha muito e depressa, porque era bom; no meu tempo não havia as charlatanices, pimponices, pretenções, complicações e desafôros que existem agora a cada canto!

Tudo anda mudado, homem de Deus, até o nome das doenças, que hoje são molestias e enfermidades.

Antigamente se soffria do puxado. Agora é de asthma. Outr'ora se tinha catharrão amalignado. Presentemente é grippe ou influenza. De primeiro se apanhava um ar do vento. Morre-se actualmente de congestão. Imagine até que o flato se tornou neurasthenia!

Vai-se num hotel e em vez da lista cantada dão um tal de *menu*, em que a fritada é *omelette-pacha;* o repolho, *choux;* ovo cosido sem casca, ovo *brouillé;* tendo já eu encontrado um dia sopa, imagine do que? de *váricelle,* até escripta errado, porquanto lá estava *vermicelle.*

Nanja que eu comesse!...

POR QUE, dizia o joven politico, o nosso paiz é governado por uma minoria de intellectuaes e uma maioria de homens atrazados?

Admitto que as minorias governativas não representem as idéas e os sentimentos dum povo, como actualmente na Grecia o rei e seus ministros não demonstram a inclinação alliadophila da população. Mas não me posso conformar com o regimen em que vivemos: os homens cultos e adiantados não são eleitos, pode-se dizer, mas sim nomeados pelos chefes politicos e presidentes que os protegem, emquanto os mandatarios do povo que têm realmente votos são homens sem espirito culto ou demagogos occasionaes!

Um politico mais velho, de leve riso ironico, retrucou:

— Talvez te pareça paradoxo, mas nós vivemos numa democracia metaphysica em que o voto não se pesa, porém conta-se. O criterio da justiça politica e eleitoral no nosso paiz não é dado pela balança e sim pela somma. Ora, numa nação de 25 milhões de habitantes dos quaes 20 milhões são analphabetos, os homens de talento e instrucção só podem ser escolhidos fraudando a lei eleitoral. Os politicos capadocios, oradores de *carrefour* e toleirões, esses teem elementos votantes seguros.

Que queres, amigo, segundo os nossos estatutos republicanos, democratas o teu voto tem o mesmo valor que o do Theotonio da Saude. E' um algarismo, uma parcella, não é uma idéa nem uma convicção.

E o homem paradoxal caminhou vagarosamente, accendendo um charuto..

Tivemos vontade de entrevistal-o sobre a revisão constitucional.

Mas não: era capaz de nos comprometter com as suas opiniões estapafurdias.

A Geladeira

—Minha creada, dizia o Dr. Falcão, é duma incrivel estupidez.

— Olhe, que não é excepção á regra, replicou-lhe o Mendes. Deve ser pelo menos tanto quanto a minha, que procurava nos primeiros dias de serviço accender com phosphoros as lampadas electricas.

—A da minha, affirmou o Falcão, é peior e maior, porque é mais prejudicial.

Imagine que comprei uma geladeira moderna e de regular capacidade, e ordenei-lhe de nella collocar as garrafas de vinho e de agua necessarias ao consumo do almoço e do jantar.

Na primeira refeição após a minha compra, o vinho que ella trouxe estava quente e a agua idem.

Fiquei furioso. Perguntei onde deitara as garrafas.

— Na geladeira, senhor doutor.

Julguei que não tivessem tido tempo para esfriar e tomei agua e vinho sem gelo.

Ao jantar, novamente me vem os liquidos quentes. Tornei a perguntar com raiva onde puzera as garrafas.

— Na geladeira, senhor doutor.

Calculei que o gelo fosse pouco e tivesse derretido durante o intervallo dos dois repastos, havendo tempo para ficarem as botelhas quentes de novo.

Armei-me de paciencia e esperei o outro dia. Mas a hora do almoço aconteceu a mesma cousa. Obtive da copeira a mesma resposta:

— Na geladeira, senhor doutor.

Só havia uma explicação: a geladeira estava desmantelada. Levanto-me para examinal-a.

Ao chegar na copa dou com as pedras de gelo derretendo-se inutilmente na pia. Abro a geladeira. Estava cheia de garrafas de vinho e de agua até ás bordas.

— Maria, que é isto? Porque você não poz o gelo aqui dentro? perguntei fóra de mim.

Sabe o que me respondeu alvarmente a xancarona, a deslavada? Isto sómente:

— Senhor doutor, eu não puz desde hontem o gelo dentro, porque não cabia.

Gatafunhos...

Em todo e qualquer paiz em que se não tenha perdido como no Brasil o culto da tradição e o sentimento do apparato necessario ás coisas publicas é impossivel se presenciar scenas, aqui tão conhecidas ao ponto de não despertarem a attenção.

Não ha um ministerio, uma alta repartição publica, um tribunal neste Rio de Janeiro em cujos corredores se não encontrem grupos de continuos mal vestidos ou mesmo sujos, fumando cigarros, cuspilhando no assoalho, conversando preguicentamente com guardas civis ou soldados de policia. Si se procura um ministro, recebe o cartão do visitante um negroide coberto de brim pardo, que mal sabe dar informações e arrasta os pés ou palita os dentes. Quando um presidente de tribunal agita a campainha, apparece um servente desdentado, de collarinho tarjado de luto, gravata esfiapada, resmungão e vagaroso.

Tudo isto é tão diferente e tão feio diante dos bedeis, *huissiers* e estafetas de qualquer repartição publica nos paizes civilisados, todos, a maior parte das vezes, de libré, bem abotoados e bem limpos, physionomias abertas, intelligentes, prestativos e bem educados, cooperando com a sua presença, a sua limpeza e o seu desempeno para a bella apparencia das funcções publicas e o prestigio das coisas officiaes.

Na nossa capital sómente os lacaios do palacio do Cattete, fazendo excepção á regra geral e os porteiros do Theatro Municipal se apresentam com decencia. Os mais ficam abaixo da critica.

Entretanto, não temos, para dizer a verdade, direito para exigir dos pobres continuos das nossas secretarias, mal escolhidos e peior pagos, a elegancia dos seus collegas europeus, que teem diverso modo de vida.

Além disso é sobre esses infelizes que pesam os mais fortes encargos. Quando as crises abalam as nossas finanças, o governo reduz os seus vencimentos ou os dispensa em massa. E' este um dos melhores meios que os nossos estadistas encontram para diminuir os *deficits*...

Gatafunhos...

Os primeiros apparelhos registradores e recitadores da voz humana e das musicas, que appareceram no Brasil chamavam-se phonographos. Eram umas caixas quadradas de madeira, de onde sahiam tubos de borracha, bifurcados em y, cujas extremidades se introduziam nos ouvidos. Os canudos eram brancos e as extremidades pretas, bem pretas, como garantia contra o sujo. As peças eram cylindricas e o som mais fanhoso que o dos de hoje.

Agora, as coisas são outras, o graphophone de caixão desappareceu e sómente existem os de trompa e caixa pequena, que até enfeitam uma sala. Tambem não se chamam mais phonographos e sim graphophones, gramophones e zonophones. Felizmente já não prendem pelos ouvidos os pobres escutadores, que tem ao menos a liberdade de fugir. Viva o progresso.

O meu amigo Pires que detesta taes machinas e outro dia, falando dellas, dizia-me assim:

— Não gosto de conservas.

— Conservas?!

— Sim, homem de Deus, si hei de comer peixe de lata, compro um robalo fresco; si hei de beber vinhos saturados de alcool para se conservarem, prefiro choppes; si hei de ouvir musica de conserva nos zonophones malditos, ouço piano ou violino.

Jotaenne

8-Janeiro-1916

5 Fev.º 916

Um calculo

Dona Mathilde, moradora á rua de São Luiz Gonzaga, tendo de ir passar o verão em Mendes, pedio á sympathica e economica dona Clarice, sua visinha, que lhe guardasse no quintal, durante o tempo que demorasse fóra, uns tres pares de gallinhas de raça.

Logo pela manhã do dia seguinte enviou-as á casa da amiga pela Rosa cosinheira, gordalhufa e cuidadosa mulata.

A' hora do almoço dona Clarice referio-se ás gallinhas e, com o rosto a sorrir de prazer, disse á familia:

— Vejam vocês como a Mathilde é bôasinha e sem calculo. Mandou as gallinhas esta manhã sem esperar que ellas puzessem...

Gatafunhos...

22 Jan 0 1916

Em materia de traducções do francez tenho visto bôas. Conheci um estudante que dizia, decorando vocabularios: — *le mouton*—o botão. Tive um collega que uma vez fez esta traducção: *un cadeau de noce* — um pedaço de dôce. Num exame vi um rapaz transladar desta sorte uma frase facillima: — *par une journée d'eté*—por uma jornada de estação. Outro, lendo na Avenida Atlantica este lettreiro: *Mère Louise,* disse: já sei, é a Maria Luiza.

Echo ainda da revolta gorada dos sargentos contaram-me uma de se lhe tirar o chapeu. Um official inferior, envolvido no movimento, fazia algumas reclamações ao capitão da sua companhia. Em dado momento excedeu-se. O official mandou-o calar, energicamente:

— Alto lá! Dê meia volta e recolha-se preso! Lembre-se do que dizem os francezes: *honni soit qui mal y pense* — eu não sou quem você pensa!

Gatafunhos...

5 Fev.º 1916

As antigas tropas de guerra, mesnadas, hostes ou escalas, como eram chamadas, dividiam-se em benguarda, alas, costaneiras, batalha e coice.

A moderna arte de matar aboliu taes denominações. Ainda resta a benguarda transformada em vanguarda, mas o coice é hoje rectaguarda, a batalha mudou-se em centro, as costaneiras e alas são os flancos.

Entretanto um povo ainda guarda tradicional e religiosamente a antiga formatura das hostes medievaes quasi por completo, não nas suas arremettidas guerreiras, mas na accidentada vida do seu aspero pastoreio.

E' o sertanejo do nordeste, retardatario social, que a falta de communicações insula e as seccas dizimam, embravecem e espalham longe do seu meio primitivo.

Ao voltar para as fazendas, tangendo os bois, depois das vaquejadas festivas, guiam o gado os vaqueiros da cabeceira, ladeiam-n'o os costaneiras, tangem-n'o os vaqueiros do coice.

E neste pequeno exemplo bem se vê que a população das catingas e carrascaes de grande parte do Brasil ainda tem, pelo menos em muita coisa da lingua, os mesmos caracteres e modos dos antigos descobridores...

O breviario...

O Sr. Cardoso era intimo do dr. Felicio e sempre lhe estava a enviar presentes. Como o Cardoso tinha uma venda muito sortida e afreguezada, ia mandando ao seu medico e amigo duzias de vinhos finos, queijos de varias especies, dôces, especiarias, biscoutos.

Ouvira, porém, fallar que o doutor era homem, além de grande saber medico, de fina cultura litteraria e artistica. Um compadre até lhe aconselhava que um dia remettesse ao esculapio um pacote de livros bem escolhidos.

O Cardoso tambem lia e com bastante prazer, aos domingos, durante o dia, e tinha os seus autores predilectos.

Um dia comprou o volume mais forte das obras de Bocage, embrulhou-o num rico papel vermelho, amarrou-o com uma fita azul e mandou deixal-o ao dr. Felicio.

Este, homem serio e circumspecto, porém sardonico em extremo, ao chegar em casa recebeu o embrulho e, abrindo-o, deu com o livro famoso. Ficou perplexo. Então aquillo era presente que se desse a um scientista e litterato da sua qualidade? Desafôro!

Sentou-se á mesa, envolveu novamente o tomo no seu papel encarnado e devolveu o ao Cardoso com este bilhete:

«Ahi vae o seu breviario. Devolvo-o, porque lhe faria muita falta.»

Gatafunhos...

Atravessando a bahia de Guanabara, para ir a Nictheroy, numa grande e barulhenta barca da Cantareira, afim de esquecerem o medo dum naufragio igual ao da «Setima,» dois amigos falavam de litteratura e de arte animadamente. E um terceiro, levantando os olhos do jornal que lia, olhava calado o esplendor do sol surgindo por traz da Jurajuba e o vulto esbatido da pontuda serra dos orgãos, dominando a rasteira vegetação dos pantanos da Baixada.

Ao pausado rumor das rodas do ferry-boat, os dois affirmavam a eternidade da raça de La Palisse no tempo e no espaço. Um resuscitava o typo celebre em todas as camadas sociaes, mostrando-o até no crime. O outro lembrava as differenciações entre os varios representantes da especie que reproduz *chapas,* desde Pacheco até Monsieur Homais, citando nomes em evidencia no nosso meio social, para corroborar as suas asserções.

O que se preoccupava mais com os aspectos da natureza que o sol doirava do que com as palestras de em torno, virou-se para os camaradas e disse com calma:

— Disseram já que o riso é proprio do homem e eu affirmo que tambem dizer asneiras e repetir coisas sediças com ar de descobrir mundos é mais que proprio do homem. Nunca houve escriptor ou poeta que se eximisse de accacianismos. Si esta viagem não fôra tão curta, eu me encarregaria de lhes mostrar exemplos desde Homero até Victor Hugo, do Ramayana ás tragedias de Ibsen.

Agora mesmo neste jornal que leio encontro entre dezenas de phrases identicas estas duas, que são, por certo, de La Palisse:

« Com a morte de Ramalho Ortigão perdeu a lingua portugueza um cultor notavel... No Brasil conhecia-se e admirava se o autor das *Farpas* e da *Hollanda.*»

E' que entre os que escrevem nos jornaes e nos livros bem poucos não são descendentes do tão querido Conselheiro Accacio ..

A barca bateu no pontão de Nictheroy e, entre a azafama dos passageiros que sahiam, os tres amigos se separaram.

Froideur

Muito esbelta e com um passo miúdo de gazella domesticada, cingida elegantemente no seu *tailleur* de xadrezinho, o rosto claro sorrindo pela minuscula bocca vermelha á sombra do largo chapéo côr de rosa, com laços negros, ella andava pela Beiramar, á hora do *footing* e do pôr do sol.

Parou depois numa alegre roda de rapazes, ao canto da rua Paysandú, conversando desenvoltamente com a sua voz cantante de fonte, da qual as syllabas francezas resaltavam como gottas de agua batendo crystallinamente nas pedras.

Fallaram de dinheiro e cada qual gabou a sua generosidade, lamentando a sovinagem dos outros. Uns affirmaram desprezar o oiro. Outros mostraram a necessidade de possuil-o, lembrando a phrase americana:

« *Make money, honestly if yon can, but make money !* »

A francezinha interrompeu-os, sorrindo e dizendo com fina e subtil ironia:

— *En matière d'argent, messieurs, mon ami est si froid qu'il paye tout le monde avec de la monnaie frappée...*

Pivettes

A policia apanhára grande quantidade de *pivettes*, desses que estadeavam nos pontos dos bondes, roubando e pintando a saracura.

Fôra uma batida magnifca, levada a cabo com habilidade por oito ou dez agentes e guardas civis.

A pequenada relapsa amontoada numa sala da delegacia de policia esperava com cynica calma a chegada do delegado, chamado pelo telephone, para iniciar o inquerito.

Resfolegou um automovel na rua, parou á porta e o delegado subio a escada com pressa, logo cercado de commissarios, que lhe narravam as peripecias e minudencias do caso, gabando as ordens e planos que dera.

O bacharel descansou um pouco, bebeu agua e ordenou ao escrivão começasse a rabiscar o papelorio.

Sentado á sua mesa fez um signal aos *pivettes*, para que se approximassem e perguntou-lhes *pro formula:*

— Então, vocês todos confessam que são *pivettes?*

Os moleques se entreolharam sem comprehender.

— Confessam que são gatunos e vadios?

Um mais alto, esgrouviado, de rosto picado de bexigas, avançou e, fazendo-se *leader*, respondeu:

— Todos nós *semos*, senhor doutor.

A autoridade sorrio superiormente e emendou:

— Somos, não é?

Todo o mundo rio. Os petizes ficaram impassiveis. E o que respondera, disse com cynismo, fingindo espanto:

— Ah! o senhor doutor tambem é?

Um arcebispo mineiro acaba de se manifestar numa severa circular contrario ás roupas de hoje, que mais despem do que cobrem. Cumpre o seu dever de pastor das almas, indicando-lhes o caminho contrario ao da perdição. E merece todo o louvor pela energia demonstrada na defeza dos bons costumes christãos.

Sómente nos tempos pagãos é que as roupas tinham o unico fim de fazer resaltar as fórmas ou de desnudar-lhes algumas partes, para fazer outras mais attrahentes e cobiçadas.

Durante a media idade gorgueiras, samarras, saias pesadas, renques, capas, acitaras e ovaes cobriam as mulheres do pescoço aos pés, tapando o perfil do rosto e as curvas do corpo.

Hoje, porém, os habitos da moderna descrença e da actual anarchia dos espiritos impellem aos exaggeros, que uma pastoral severa deve de quando em vez cobihir.

Gatafunhos...

O meu amigo Pires poisou os jornaes que comprára na estação de Praia Formosa sobre os joelhos e, enclavinhando o queixo nas mãos, ficou a olhar a paysagem que fugia do lado direito do trem.

Ficou algum tempo, assim, sem dar palavra, até que lhe perguntei, porque não lia as folhas que lhe enchiam as pernas.

Sorrio com enfado e disse-me vagarosamente:

— Não têm o que se ler.

— Não é possivel. Tantos jornaes e tão grandes!

— Sim, meu amigo, mas nelles nada encontro. São infindaveis e identicos os communicados da guerra. Acabou a rebellião dos sargentos. O congresso está fechado. Passou o caso dos armamentos e não vale a pena tratar do attentado dum estudante amalucado contra o Prefeito. Ademais, podes ficar certo, já se acabou quem dava assumpto diario e sempre novo á imprensa. Morreu!

— Quem era, Pires?

— O Pinheiro, homem de Deus!

No trem

O comboio corria para a serra da Estrella entre immensos capinzaes apojados de humidade, onde se erguiam as chaminés das dragas, que limpam os rios da baixada fluminense.

A voz de um diplomata enchia um dos vagões. Ninguem fallava, porque elle em alto tom contava coisas e loisas das suas viagens por Séca, Méca e Olivaes de Santarem, obrigando todos os presentes a escutar o que dizia.

Conversava com um senhor de idade que se sentara á sua frente e não abria a bocca. Disse dos livros que escrevera e dos que preparava agora. Commentou a guerra, elogiando mais o valor allemão, porém dizendo-se francez pelo espirito, o que é um traço de elegancia, que um homem moderno não deve e não póde dispensar.

Por fim, elevando ainda mais a voz, para ser ouvido até pelos guardas freios, que andavam no telhado do carro, começou a esmiuçar as genealogias dos principes allemães, repetindo as informações sediças do Gotha e das notas dos magazines europeus, quando tratam das trocas de visitas entre soberanos ou dos casamentos fidalgos das côrtes.

Elogiou vastamente a educação dos principes germanicos, preparados todos elles para bem reinar. Affirmou que sabem sciencias e cultivam lettras, manejam armas e manobram exercitos, terminando por garantir que todos aprendem, para se precaverem contra as eventualidades da vida uma arte liberal, sendo sempre ferreiros ou marceneiros.

O senhor de idade, rompendo o silencio pela primeira vez, atalhou:

— Mas trabalhar a madeira ou o ferro não é arte liberal. E' officio, meu caro.

O diplomata calou-se e toda a gente do vagão poude, emfim, palestrar um pouco.

FALLAVA-SE

de certa gente que põe nos filhos nomes complicados e alguem até assegurava que o nome exprime a intelligencia do individuo, porque mostra o gráu de intellectualidade dos paes.

Um dos da roda contou que tinha um primo chamado Itricleo e outro chamado Iclirerico. Houve um espanto. Onde haviam encontrado nomes tão fóra do commum e tão desconhecidos? O homem explicou:

— A familia delles morava em pleno sertão, numa fazenda insulada e triste. Quando se baptisava um dos pequenos convidavam-se todos os parentes da redondeza. O pae de ambos, meu tio, o velho Innocencio, agarrava uma folha de papel, escrevia o seu nome e pedia que os parentes homens, sem excepção, fossem, por ordem de idade, collocando os appellidos em baixo do delle. Conseguia a seguinte lista:

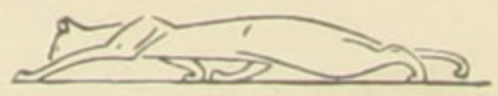
Innocencio
Tancredo
Raymundo
Irineu
Carlos
Luiz
Eduardo
Osorio

Tirava o acrostico: Itricleo. Baptisou-se a creança. Para Iclirerico usou o mesmo processo.

Então o dr. Soares, que se mantivera calado, interrompeu-o:

— Ora, esses nomes são nenês diante dum que eu sei. E' uma senhora que vive em Portugal, fidalga e rica, que se chama assim: Eva Primitiva Elta Restituta Egas Viroegas de Sá Mora e Amora, de Moraes Bruegas, de Alpoim Cerqueira Borges Cabral, de Vasconcellos Sarmento Osorio...

— Ufa! — disseram todos *a una voce.*



Jornalismo

Foi numa cidade do norte deste vasto paiz que o caso aconteceu, o caso que vamos contar.

Um velho jornalista politico, mestre do officio, tido e havido como homem talentoso e de processos violentos, queria ferir um amigo do governo, que era funccionario superior dum tribunal. Para isso, escreveu um artigo no seu jornal de opposição, affirmando que o tal sujeito recebia custas indevidas.

O atacado respondeu ao outro dia pela folha official, adduzindo provas em contrario e esmagando de verdade a accusação.

Mais tarde, um rapaz, ainda inexperto nas coisas da vida, que trabalhava com o velho jornalista, entrando na redacção, encontra-o a gatafunhar umas tiras de papel e pergunta-lhe:

— Que está o senhor a fazer?

— Estou respondendo a Fulano. (E disse o nome do funccionario inimigo).

O rapaz, que ingenuamente pensava ser impossivel responder a quem tão bem demonstrára sua innocencia, arriscou outra pergunta:

— O Sr. leu a resposta delle?

— Não — retrucou o velho — não li; mas eu affirmei, elle com certeza nega: eu affirmo de novo!

Do alto

E' como se a Baixada fôra um grande mappa em relevo, quando a gente a olha do alto da serra da Estrella.

O risco da estrada de ferro corre entre serrotas, capinzaes e mangues num zigue-zague immenso. Oitões brancos de casas rebrilham ao longe. A mancha escura da ilha do Governador corta o horizonte, beijada pelas aguas da bahia. Uns vultos azulados de montes denunciam o Pão de Assucar e o Corcovado. O sol faisca nos pedregaes. Aguas alumiam atravessando os campos verdes: aqui serpeia o rio Faria; alli, o Surucurana; acolá, o Iguassú; depois, o Sarapuhy; adiante, o Merity; por fim, outros mais finos, perdendo-se á distancia.

A ermida da Penha domina um penasco. As cupolas moiriscas de Manguinhos surgem dos longinquos arvoredos... E pelos pendores da serra vae se esgarçando o fumo do trem que sobe para Petropolis.

Este Rio de Janeiro

é a cidade do mundo em que o transporte é mais caro, pelo menos em tramways e automoveis.

Apezar de mais baratos que os das linhas da Jardim Botanico, os bondes da Light, que vão para os Lados de Matto Grosso, ainda cobram passagens bem pesadas para o bolso da gente pobre. Além disso, certas linhas sómente têm passagens directas, de maneira que quem quer ficar no meio do caminho tem que pagar até o fim.

Para os nobres lados de Botafogo a coisa é outra. Ha meias passagens até o largo do Machado, porém caras pela hora da morte, sendo que houve um tempo em que havia tambem uma bôa quantidade de carros directos.

Um taxi exige mil e quatrocentos reis só para sahir do logar e uma viagem da Avenida á praça da Bandeira sáe por quarenta tostões!

temos, nós os cariocas de nascença ou de emprestimo, que nos sujeitarmos a tanto. Agora que a alta da gazolina matou os carissimos auto-avenidas, é alli no duro: temos que nos contentar com os bondes e seus reboques saculejadores. Os suburbanos marcham nos trens da Central e da Leopoldina. Os outros tem que viajar na Light. E' dente ou queixo. Não ha para onde fugir...

As esperanças de um metropolitano morreram em todas as almas, depois que se espalhou a fabula ou a historia de que o sub-solo do Rio de Janeiro não permitte a abertura de galerias subterraneas para a marcha veloz de trens de passageiros.

---

* Ao nosso companheiro Gustavo Barroso dirigio o Sr. Felix Pacheco, redactor-chefe do *Jornal do Commercio*, que acaba, como noticiamos no nosso ultimo numero, de renunciar com rara altivez á cadeira de deputado federal, a seguinte carta, que transcrevemos com verdadeiro prazer:

« Gustavo. — Só devagar posso ir agradecendo aos que me acompanharam com a sua sympathia e amizade na minha renuncia. *Merci* ao velho collega e querido amigo. Mas o meu obrigado tem um adminiculo: — quero que sejas perante os amigos da *Selecta* o interprete de minha gratidão pelo que escreveram e publicaram no ultimo numero.

Olha que estou quasi a aconselhar-te que renuncies! Palavra que vale a pena!

Dispõe sempre do teu ex-corde — *Felix.* »

"Fon-Fon!" - 26-2-916

Victor Hugo

conta que as assembléas dos Estados Geraes de França ou do Parlamento eram realisadas em ricos salões cheios de quadros e marmores, onde brilhavam oiros de molduras e lusiam ribetes de prophyro.

No emtanto, em 1793 localisaram a Convenção Nacional, a assembléa formidavel da Revolução Franceza, o « pinaculo da historia », numa velha sala mal arranjada, onde se fizeram decorações fingidas, e marmores pintados sobre a caliça, tapeçarias de papelão disfarçado, como se aquella scenographia apressada pudesse ser comparada á sumptuosidade dos salões das assembléas antigas. Dos luxuosos recintos poucas idéas tinham sahido e nunca as victorias lhe esvoaçaram ao redor. Naquella quadra salpintada ás pressas nasceram os maiores idéaes dos modernos tempos e o genio da França vencedora.

Na Europa, as scenas da tragedia grega teem sido levadas nas velhas ruinas, diante da natureza sorridente.

Nas arenas de Arles e Nimes, nas columnatas derruidas de outros logares, se representaram já obras de Eschylo, de Sophocles e de Euripedes.

Nós não temos ruinas antigas, veneraveis e verdadeiras, para nellas assistirmos ás scenas gregas. Fizemos no campo de Sant'Anna porticos e columnatas doricas fingidas, defronte archibancadas de madeira, tudo de rudeza e simplicidade. Entretanto, dessa scenographia arranjada sobre uma verde *pelouse* de parque podem sahir triumphos e idéas maiores e melhores que dos velhos circos romanos que ainda estão pela metade de pé. Tudo depende do esforço!

Ah! si acontecesse entre nós com o theatro da Natureza o que se deu em França com a Convenção!

Desafôros...

Nós, os homens das cidades, quando queremos insultar alguem vamos para o jornal, mandamos as cartas anonymas ou dizemos frente a frente, o que é raro, o rosario de desaforos a que vulgarmente se chama nomes feios, os quaes ferem honra, familia e dignidade.

O matuto nortista é mais curioso e original no seu modo de insultar. Elle cria denominações curiosas e emprega metaphoras interessantes.

Uma vez, na ribeira do Genixará, um vaqueiro cearence descompunha outro. Eis uma pequena lista dos termos que empregava:

«Caneco furado, burra de padre, vacca enforcada, maribondo de chapéo, cachorro doido, roseta de carrapicho, lingua de sogra, dente de piranha, terra de herdeir trem de inguilez, jogo do bicho, escrivão de collectoria, porco engeitado, arapuá de vasante, esporão de lacraia, praga de freira, piolho de gallinha, café requentado, doutor da estranja, calva sem vergonha... e ia por diante...

Eram tres rapazes e discutiam, sorvendo vagarosamente os seus sorvetes, na sala pequena, Luiz XV, da Cavé, as suas origens nobiliarchicas. Um mostrava o seu annel brazonado como um cunhal de pedra de antigo palacio, explicando porque uzava nove cunhas azues em campo de viro. Outro affirmava provir de Vasco da Gama e o terceiro garantia ter avós filiados á casa de Hannover.

Numa mesa proxima um francez e um brasileiro escutavam aquelle parolar, sorrindo. O brasileiro commentou:

— Fidalgos sem renda, diabo que os entenda!

O gaulez sorrio e disse á meia voz, piscando os olhos:

— *Ils descendent des croisés par les fenêtres.*

O nacional, diante desse *calembourg* não quiz ficar atraz e, pretendendo talvez mais uma feita fazer a Europa curvar se ante o Brasil, bateu com uma prata na mesa chamando o *garçon* e concluiu, ao se levantar:

— Si tivesse certeza de que elles ao menos têm dinheiro, traduziria assim a sua phrase: « Descendem dos cruzados pelas patacas ». Mas, meu amigo, estou quasi a garantir que não vêm dos cruzados nem pelos tostões e nem pelos vintens...

Maupassant tem um conto em que um allucinado vê, no cemiterio, os mortos se erguerem do tumulo, apagarem os elogios mentirosos gravados no marmore e escreverem com lettras de fogo, a seu respeito, as mais duras verdades.

E' uma severa, porém bem merecida critica, porque não ha melhor banho para uma reputação do que a morte. Nunca um jornal declarou que um morto não tivesse sido em vida honesto e probo, bom pae de familia e amigo generoso. Nunca numa sepultura se estamparam as más qualidades de uma pessoa. Sempre á entrada dos cemiterios se lê o distico: *Pax!* e nem é de bôa educação e de bôa moral insultar os que morreram. Quem assim procede é logo chamado pela sociedade: — hyena, com todas as lettras!

Sómente um povo, o turco, grava nos marcos de pedra dos sepulchros, figuras denunciadoras do que em vida foi o que alli jaz, dormindo o eterno somno. Os assassinos têm um punhal que gotteja sangue; os ladrões, uma mão cortada; outros criminosos, differentes symbolos.

Nenhum outro povo assim entende a morte. Para todos, ella é a esponja que alimpa as immundicies da alma.

Já Ariosto puzera com apurada ironia esta phrase na

63.804

bocca de Rolando, quando o heroico par de França, arrastava o cadaver da sua egua famosa, que valia mais nos combates que os murzellos, os palafrens, os corceis e os garanhões:

— « Ella tem todas as qualidades imaginaveis e um só defeito: — é que está morta! »

E' um velho costume

aqui no Rio o de transformar as antigas residencias apalacetadas, que estão fora da móda, em réles casas de commodos.

Em quasi todas as ruas desta grande cidade existem casarões vetustos, que fôram palacetes nos tempos idos ou mesmo casas de fazenda, na epoca em que a cidade não se estendia até onde hoje em dia vae.

Antes de demolir uma dessas enormes mansões, que teem 50 ou 60 quartos, fóra as depedencias, para construir uma dessas celebres *avenidas* ou *villas*, para elevar um novo palacio de accordo com o gosto de hoje, o seu proprietario entrega-o, gasta-o, transformando-o em vasta casa de commodos.

Logo elle se enche de soldados de policia, conductores de bondes, continuos de repartição e fica sendo um verdadeiro cortiço.

Quem lhe passa ao pé vê cordas de roupa ao sol, nos terraços e areas, janellas tapadas com cortinas de estopa, gallinhas passeando impunemente pelos corredores. Dentro, os corrimães das escadas desapparecem levados para o fogo, os meninos arrancam azulejos ou quebram os florões dos varandins de ferro.

E' triste vêr nessa decadencia e assim conspurcados os antigos solares dos nossos maiores, onde tanta gente foi talvez feliz, onde houve tanta festa e tanto luxo, e que vão desapparecendo do perimetro urbano, depois de arrastarem uma penosa velhice.

Antes os derrubassem logo!

Gatafunhos...

O velho bonzo philosopho Confuncio diz no capitulo XXVII, do seu livro Lun-Yu:

— « Como podem os homens vis e abjectos servir o principe? »

Quem ler essa indagação singela do antigo Kung-futsen, bem pouco caso ha de fazer do intellecto do maior sabio da China, porque todo o mundo verifica diariamente que justamente os homens vis e abjectos são os que mais de perto servem os chefes das nações e as proprias nações.

Entretanto, o leitor da doutrina confuciana adiante encontrará estas amplissimas explicações claras como as aguas dos lagos tibethanos, ribombantes como o escachoar do Yang-tse-Kiang e verdadeiros como um espelho magnifico da dynastia dos Ming:

« Os homens vis e abjectos que servem o principe, antes de obter os seus empregos foram atormentados pelo temor de os não obter; depois que os obtiveram começaram a ser atenazados pelo medo de perdel-os. E, desde o instante em que foram mordidos pelo terror de perder os seus logares, tornaram-se capazes de tudo quanto delles se exigir. »

Parece que o grande pensador chinez viveu no Brasil e nelle observou com profundeza e apuro os costumes publicos, porque isso que ahi fica é uma carapuça cortada justa para nós. E' verdade que a China e o Brasil não são tão dissemelhantes quanto parecem...

Cartomantes

No Rio, como em todas as grandes cidades cosmopolitas, abundam os magicos, charlatães, fakires, hierophantes, curandeiros e cartomantes, formando estas ultimas a verdadeira especialidade carioca.

Ha tempos, quando se abria um jornal, deparava-se logo com os annuncios das deitadoras de cartas, que todos começavam assim:

Cartomante espirita
Cartomante discreta
Cartomante moderna
Cartomante scientifica.

Agora não, as bruxas resolveram substituir, não se sabe porque, mas deve haver um motivo poderoso, os qualificativos citados pelos adjectivos gentilicos.

Quem procura presentemente os seus reclames encontra:

Cartomante franceza
Cartomante cearense
Cartomante bahiana
Cartomante gaúcha.

O Zé Guedes matuto do Pirangy, no sertão cearense, contava a um amigo uma briga que tivera com a mulher por causa da venda duma vacca fouveira, que o dono da fazenda dera ao casal:

— « Vendi o diabo da vacca ao Totonho do Sacco por sessenta mil réis. Um negoção! A bicha era reboleira e se infuleimava até com os bois de carro. Não dava quasi leite. Só prestava para o açougue. Contei uma historia comprida e empurrei-a ao Totonho pelos sessenta bagos.

Quando voltei do Sacco e cheguei em casa encontrei a mulher sentada num tamborete, no alpendre, espiando para o chão e pensando... »

O amigo atalhou-o com a sua voz grossa e rouca de vaqueiro velho:

— « Você é besta, Zé Guedes, mulher não pensa. Que diabo! Não pensa e nem matuta. Mulher scisma, homem de Deus! »

Ex pluribus unum e a divisa nacional dos Estados-Unidos, que, em verdade, de muitos territorios reunidos, apezar dos puridos seccessionistas, conseguio fazer um grande paiz unido e forte, imperialista e commercial, capaz de impor a sua vontade ao mundo.

Depois que se vulgarisou essa divisa yankee, deu na veneta de todo o mundo arranjar disticos latinos começados por *ex*, tanto para estabelecimentos fabris como para peças de fazenda ou latas de conserva.

A nossa companhia do Gaz, americana por signal, estampou no frontespicio do gazometro, no canal do Mangue, um tituleiro pretencioso: *Ex fumo dare lucem.*

46

Passando alli outro dia o Praxedes olhou o edificio ora abandonado, porque a companhia se mudou, e disse com um sorriso: *Ex fumo dare cebum!*

O Orozimbo Motta, encontrando o Alves na esquina do Watson, perguntou-lhe por onde tinha andado, porque ha mais de um seculo não o via! (Que mentira convencional!)

O Orozimbo abraçou-o com prazer e declarou-lhe que, durante o dia, trabalhava e de noite não sahia mais de casa.

— Por que estás assim enfurnado, tu que és solteirão e não tens ao menos com quem conversar?

— Meu caro, é porque pode me dar a vontade de ir a um cinema. Ha cartazes de fitas que seduzem a gente. Ninguem pode resistir ao desejo de ver a Bertini ou a Robinne. Deus me livre de entrar num cinematographo! Sou calvo. As rajadas dos ventiladores fazem-me refriamentos. E si eu não tirar o chapéu, pode apparecer um coronel que me mate no escuro! Sabe duma coisa? Eu nao vou ao theatro da natureza. Lá é ao ar livre. Sou careca. Tenho de tirar o côco: apanho um tiro ou uma congestão pulmunar! Nossa Senhora me defenda!

Rio de Janeiro, 26 de Fevereiro de 1916.

FIDALGUIA

Quando as tropas de Pompeu se preparavam para combater Cesar, na Thessalia, tinham certeza de vencer pela superioridade numerica e valorosa cavallaria, por estarem repousadas e bem abastecidas. Nos seus colloquios, legados, tribunos e centuriões não discutiam os meios da victoria, mas calculavam os proventos que ella lhes daria. Um desejava o sacerdocio ou o tribunato militar; outro queria ser pretor, edil ou proconsul; todos contavam apoderar-se dos bens dos amigos e clientes de Cesar.

Ao outro dia, na planicie de Pharsalia, Pompeu era derrotado!

Agora, nesta terra da Vera e Santa Cruz, illuminada pelo cruzeiro, republica federativa com pruridos revisionistas ou parlamentaristas, a melhor gente, tal qual a officialidade romana, não cuida dos perigos que ameaçam nossa integridade, dos entraves que embaraçam commercio e industria, da insufficiencia de nossos meios de defeza, da regeneração do caracter nacional, mas discute os seus pergaminhos, explica os seus brazões e affirma a veracidade dos seus titulos nobiliarchicos.

Ninguem se incommoda com as questões vitaes do paiz, porém todo o mundo quer demonstrar que tem o sangue azul e sabe os segredos da heraldica e das genealogias.

Não ha rapaz elegante que não use um grosso annel com as armas da familia: escudos escaqueados de oiro, atravessados de prata com asnas de sinopla faixas de bláu, e bricas de contrarminho. Quando seus nomes não têm *particula*, criam-n'a: os Souzas são De Souza; os Freitas, De Freitas. Dividem tambem os sobrenomes: os Montenegros ficam a Monte Negros; os Viannas, Vi Annas; os Benjoins, Ben Joins (estes têm sangue arabe, dos califas e cheiks).

Arranjam-se titulos e genealogias complicados. Ha quem descenda dos dozes pares de França, de São Luiz, de Branca de Castella, de Roberto do Diabo e de Guilherme o Conquistador, de Carlos o Temerario e dos doze de Inglaterra, de Dom Diniz e de Ricardo Coração de Leão.

Usam-se as divisas da cavallaria: *Qui s'y frotte s'y pique! – Deus providerbit! – Santiago! – Sus, ao inimigo! – Je m'en tiendrai! – Por la fuerza!*

Muito raros são os que confessam provir dos grandes bastardos historicos: o Mestre de Aviz e o Conde de Trastamara, o Duque de Bernick e Eugenio de Saboya.

Conheço quem, se julgando mui altamente fidalgo, recuse avoengos como os principes gloriosos da epopéa napoleonica: La Moskowa, de Essling, de Ponte-Corvo, de Eckmühl e de Wagram.

Outr'ora, quando se via um sujeito recheiado de prosapia, já se sabia que era alto politico ou grande ricaço. Agora não: é um principe, um duque, um marquez ou visconde, que tem velinos heraldicos e nome mais comprido que a sua genealogia, onde passam, luzindo de honra e valentia, Hugos, Lancelotes, Esplandianos, Arnos, Lopos, Sesnandos, Paios, Gutierres Froalengos, e, espelhando virtude e beleza, Briolanjas, Mumadonas, Egilas, Cunegundes e Violantes.

Admiravel é a força do sangue azul, que ferveu nas veias dos degredados do descobrimento; andou com os aventureiros da conquista e os bandeirantes das explorações; dormio no corpo dos faiscadores da mineração, acordando nas carnes dos fazendeiros, estancieiros e senhores de engenho; teve indios, por certo, de permeio; atravessou a escravatura, o marasmo do imperio e veio até os dias democraticos da Republica, da Avenida, dos cinemas, sem jaça e sem pinta!

João do Norte

47

RUINAS DA MATRIZ DE PETROPOLIS

Paredes abandonadas com a cantaria ennegrecida á chuva, arcos desamparados, ogivas a cahir, tudo isto parece a ruinaria duma cathedral demolida pelos obuzes dum combate. Entretanto, são o começo duma egreja que ainda se não concluiu.

E' a matriz de Petropolis, que a princeza Imperial tanto desejo tinha de ver inaugurar e cujas obras ha vinte e tantos annos estão paradas. Existe, porém, e bem administrado um capital obtido por esmolas para o acabamento da basilica, que será para breve.

Emquanto não se o effectua, em torno das paredes negras e insuladas, entre as arcadas esbeltas, cultivam flôres, dessas flôres perfumadas, suaves e macias, que só existem na encantadora cidade serrana. Ao pé das muralhas toscas espanejam-se os tufos cinza, côr de perola, ligeiramente roseos ou azulados das hortencias. Junto aos pilares de marmore sorriem violetas. Os cravos mancham de sangue a sombra dos silhares. E nas pilastras esguias se emmaranham as roseiras...

Nas manhãs de sol os perfumes embalsamam todo esse poetico recanto onde estão as ruinas da Sé que ainda não acabaram de construir...

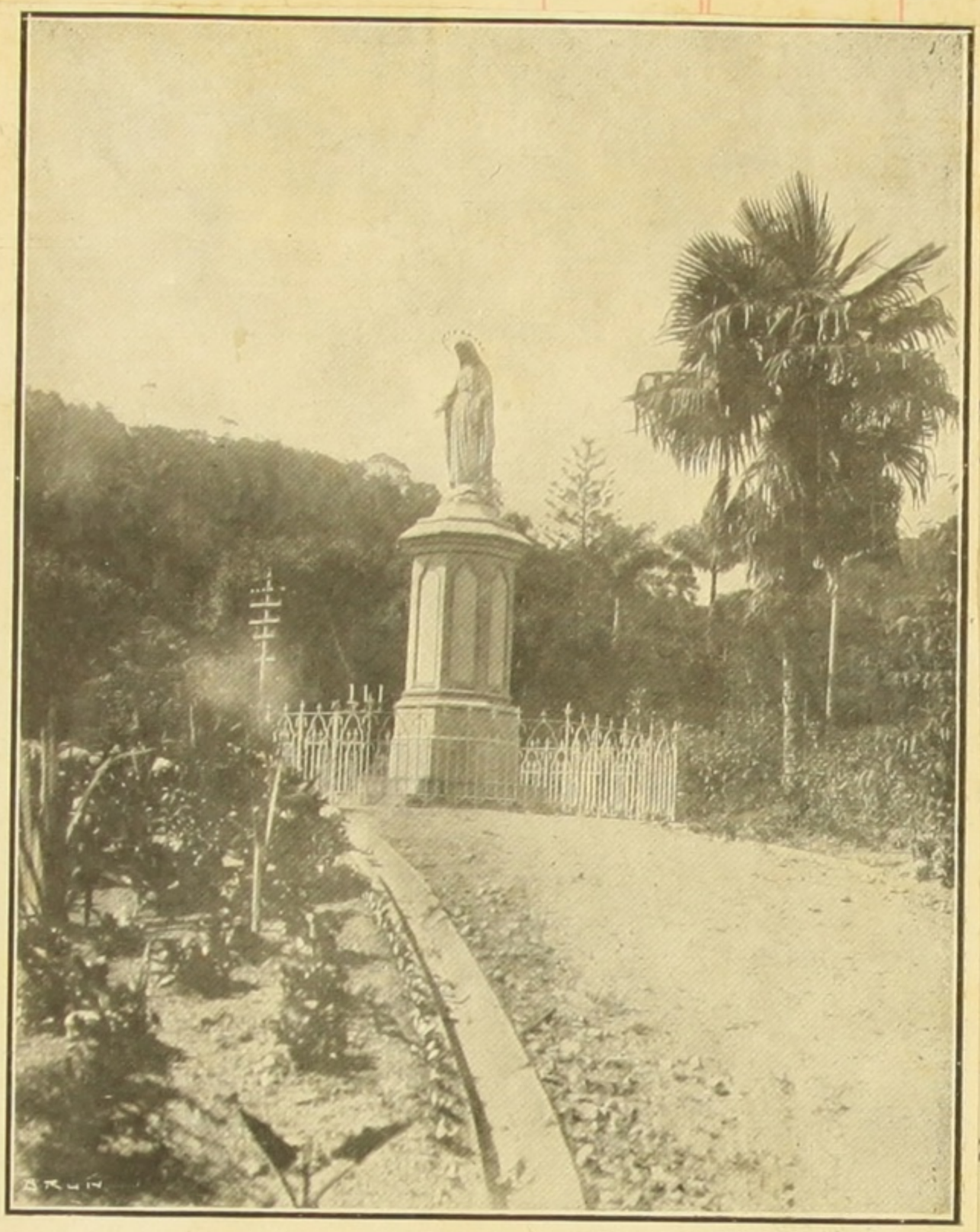


Imagem de N. S. da Conceição, nas proximidades das ruinas da Sé.

O Mané dos Cachorros

Manoel Ferreira Lima, vulgo Manoel dos Cachorros, cantador pilherico, afamado nos sertões do Ceará, especialmente no Ipú, tinha uma grande memoria. Sabia de cór series de desafôros interessantes, de nomes de cães de caça curiosos e de perguntas e respostas engraçadas.

Elle mesmo estabelecia, andando pelas estradas, em voz alta, este dialogo:

— Qual é o coração do burro?
— Milho.
— E o do negro?
— Relho.
— Do relho?
— Sêbo.
— Da trahira?
— Caçote.
— Da Pirauba?
— Carne fresca.
— Qual o remedio para doido?
— Hospicio.

— Para bebedo?
— Caldo de canna azedo.
— Para dôr de cabeça?
— Cacete.
— Para dôr de barriga?
— Panellada.
— Para cego?
— Caminho errado.
— Para aleijado?
— Moletas.
— Vá para o inferno!
— Vá elle!

Nos dolorosos tempos de sêcca, pelas tristes e lugubres noites de lua, quando uivos de rapozas famintas e berros de gados a morrer de inanição, dilaceravam o ar, o Manoel dos Cachorros, encostado á forquilha duma alpendrada de venda, olhava o esqueleto das catingas, esquecia os dialogos e series engraçadas, zangarreava a viola e largava para o céo versos doloridos, mais doloridos que lamentos:

« Diz-me você anda! vamos!
Para onde é que havemos de ir?
Quem nasceu para a desgraça,
Para onde é que ha de fugir!? »

Guttenberg

O nobre e fino diplomata contava entre discreta e reduzida sociedade algumas impressões da Europa, gabando o apparato necessario ás coisas publicas, ás cerimonias officiaes, apparato que nós Brasileiros desconhecemos, porque não cultivamos tradições nem usos e tudo achamos ridiculo.

Falou das cidades do norte da Europa, descreveu Stockolmo e Copenhague e por fim referiu-se a Hamburgo, narrando uma festa que alli assistira e na qual comparecera o burgomestre, chefe do governo da cidade livre, governador fiel da tradição do povo que sempre defendeu a independencia da liga hanseatica.

— « Era um homem alto, espadaúdo, todo vestido de preto. A barba em leque, côr de prata, luzia sobre o pelote negro. Uma gorra antiga cobria-lhe a cabeça encanecida. A gola branca, enrocada, enrolava-lhe o pescoço.

Fivellas de oiro brilhavam nos seus sapatos. As mangas, golpeadas, tufavam apertadas de quando a quando por laços de fitas. Um vasto pelição chegava-lhe aos joelhos.

Trazia na mão um rolo de pergaminho. »

E eu tive a impressão de estar nos fins da idade-media, vendo Guttenberg passar vagaromente pelas ruas de Moguncia...

SABBADO, 4 DE MARÇO 1

A secca do Ceará e o auxilio do governo federal

Fala-nos o sr. deputado Gustavo Barroso

«O sr. presidente da Republica deve attender ás solicitações do governo cearense, não em doses homœopathicas, mas ás mãos cheias»-diz-nos o representante do Ceará

Tendo o governo federal declarado hontem, pelo *Jorna do Commercio*, que já despendeu 4.200:000$ com a secca do Nordeste e continuando o clamor em pról das victimas daquella calamidade, para as quaes os soccorros têm ido ás gottas mais augmentando o seu martyrio com a tortura da esperança, procurámos ouvir a opinião do sr. deputado Gustavo Barroso, que devido ás suas ligações com o governo cearense, nos podia com segurança dar informações sobre a natureza desses soccorros e a angustiosa situação da Terra da Luz.

Deputado Gustavo Barroso

A' nossa primeira pergunta sobre os auxilios enviados pelo governo federal, respondeu assim :

— Até agora, segundo informações publicadas no *Jornal do Commercio*, o governo já distribuiu á delegacia fiscal do Ceará, para custear despezas com obras em que sejam aproveitados os serviços dos flagellados pela secca, a quantia de 4.430$:000$, fóra os creditos orçamentarios da Inspectoria de Obras Contra as Seccas nos exercicios de 1915 e 1916, que subiram a mais de 1.000:000$.

Arredondando as cifras officiaes, admittamos que o governo tenha despendido até a presente data a quantia de 6.000:000$.

As declarações acima, evidentemente de caracter official, visam abafar os gritos lancinantes da população cearense de que tem sido echo o presidente do Ceará, a Associação Commercial de Fortaleza, todos os orgãos, emfim, com autoridade bastante para serem acreditados, quando pintam a situação horrivel do infeliz Estado. A imprensa do Rio tem se posto ao lado do Ceará faminto e nú, e a resposta do governo, dotado, por autorisação legislativa, do credito de 50.000:000$ para soccorros aos flagellados, é o que se lê linhas acima, isto é, a União já despendeu cerca de 6.000:000$ até hoje em soccorros ás victimas da secca.

— Que nos diz da efficiencia desses soccorros?

— Volvamos, compungidos, os olhos ao passado e comparemos a sordidez actual do auxilio aos flagellados cearenses com a attitude do governo imperial, sempre de mãos rotas quando o Ceará se contorcia no desespero de suas quadras de fome, secca e peste. Na secca de 1888, épocha em que do Ceará emigraram para o Amazonas e provincias do sul 30.000 pessoas, tendo morrido outras tantas de variola e outras pestes, sendo avultado o prejuizo em gado e lavoura gastou o governo imperial mais de 15.000:000$000!

Na secca de 1877, que ficou memoravel na historia por seus infindos horrores, o governo imperial despendeu a cifra de 72.000:000$, fóra os subsidios da caridade particular.

Na secca de 1844, anno em que a população adventicia de Fortaleza se elevou a mais de 30.000 pessoas, em que a mortandade do gado foi tambem enorme, ninguem morreu de fome, porque, segundo escreveu o dr. Thomaz Pompeu, "quer a caridade particular, quer a publica, prodigalizaram soccorros aos famintos."

Do cotejo da attitude do governo imperial ante ás seccas de 1844, 1877 e 1888, com a do governo republicano em 1915 e 1916, é, evidentemente, desconfortadora a situação do ultimo, relevando notar que a secca actual é peior que a de 1888!

Os dados de que nos utilizamos para constatar a indifferença que se nota nos tempos de hoje pela sorte de nossos patricios famintos e a prodigalidade do governo imperial em situações identicas, não temem qualquer contestação. Aos 6.000:000$ até agora despendidos no periodo de 1915, e no primeiro trimestre de 1916, podem ser comparados os 15.000:000$ gastos em 1888, e os 72.000:000$ distribuidos em 1877, mas da comparação o que resulta é a prova do descaso lamentavel e criminoso da administração federal em face do soffrimento inconcebivel da heroica população cearense, despojada de sua fortuna, laboriosamente ganha, despojada de sua propria terra natal, além do mais, desprotegida e andrajosa e despejada por outros pontos do territorio nacional, como restos de infortunio, mas tambem como attestado, é preciso dizel-o, muitas e muitas vezes, da extrema cegueira e impiedade dos poderes nacionaes.

Esta é a verdade insophismavel.

Já é tempo do honrado sr. presidente da Republica se convencer de que as constantes e reiteradas solicitações do governo cearense são para ser attendidas, não em dóses homœopathicas, como até agora, mas ás mãos cheias, mesmo que isso custe á nação os mais assignalados sacrificios.

— Qual a sua opinião sobre a attitude do governo estadoal?

— Não posso deixar de consignar aqui a prova provada de que o sr. coronel Benjamin Barroso, presidente do Ceará, nesta hora de infernal amargura para seus patricios, tem estado sempre na brecha, falando ao governo federal, em todos os tons, a verdadeira linguagem, a unica de accordo com a tetrica situaçãa cearense. Basta que se veja o telegramma abaixo, datado de 27 de outubro de 1915, que transcrevo do "Diario do Estado", de Fortaleza, ha cerca de cinco mezes atrás:

"Dr. Wenceslão Braz, presidente da Republica — Fortaleza, 27—10—1915. — A situação do paiz é muito precaria e tanto o é que v. ex., seguramente por força maior, nada tem podido fazer deante dos justos reclamos deste povo, que morre de fome. Até agora, talvez v. ex. ignore, os soccorros que o governo federal forneceu ao povo cearense, constituido de 1.200.000 habitantes, são: 1°) 100:000$, enviados a mim, directamente, por v. ex., para assistencia aos flagellados, os quaes já foram gastos com os retirantes que, nesta capital, aguardam embarque; 2°) acham-se empregados 1.740 homens nos poucos açudes mandados construir, com salario de 1$ diarios, quando o litro de feijão custa 600 réis, o de farinha 300 réis e a familia normal é de sete pessoas.

Já não tenho expressões bastante felizes para mover a piedade de v. ex. em favor deste povo, repito, que está morrendo de fome. Indiquei o minimo de trabalho para agazalho na travessia desta horrorosa crise, attendendo á situação difficil da nação, porque tambem amamos o Brasil.

Infelizmente não tenho sabido fazer-me interpretar. Em vista disto, vejo-me na dura contingencia de aborrecer novamente v. ex. pedindo para o povo serviço nas estradas de ferro e de rodagem porque os açudes nada mais comportarão, ou, então, navios que os conduzam para outros Estados, visto que as viagens normaes do Lloyd não dão vencimento. Eu vejo o scenario de perto e v. ex. o vê de longe.

Não tenho exaggerado. Só parece que o governo federal não acredita nas informações que daqui vão. Ousaria pedir á v. ex. mandar secretamente emissario de sua inteira confiança para observar e sentir a miseria deste povo infeliz e as difficuldades sem par em que me colloca o governo federal, surdo aos nossos clamores, oriundos de horrenda calamidade. Sou forçado a falar com tanta insistencia e franqueza a v. ex., porque julgo do meu dever de homem, brasileiro, e presidente do Estado, assim fazel-o.

Convicto dos esforços que tenho empregado junto a v. ex., e representantes deste Estado, com intuitos attenuar os effeitos da secca, tenho consciencia de que me sinto exonerado da responsabilidade que os desatinos da fome possam gerar.

Cordeaes saudações. — (Assignado) *Benjamin Barroso.*"

Em face destas vibrantes palavras do presidente do Ceará, só se pode concluir que s. ex. tem cumprido brilhantemente o seu dever. Mas s. ex. não é responsavel pela secca, nem pela surdez e sordidez do governo da União. A nação precisa ter conhecimento dos que andam na boa trilha, zelando pelo seu credito, pela boa sorte de seus governados: o sr. Benjamin Barroso deve ser contado no numero dos que têm galhardamente correspondido á confiança de seus compatriotas, já porque se vem constituindo em elemento preponderante da pacificação cearense, já pelos esforços louvaveis no sentido de cumprir

zelosamente os compromissos da divida externa do Ceará, já pela insigne coragem com que ha procurado despertar nos nossos dirigentes os sentimentos de humanidade, chamando-os a não quebrarem as tradições de caridade, philanthropia e generosidade instituidas pela politica do imperio e que a usura do sr. Calogeras destruiu, para vergonha do regimen republicano.

No anno passado o que se perdeu foi o gado; no corrente anno, o que ainda se tem a perder são vidas humanas preciosissimas ao trabalho e ao desenvolvimento do Brasil. Para salvar tudo isto, 6.000:000$ em 1916, oppostos a 72.000:000$ em 1877 !!!

"Gazeta de Noticias"

Março 1916

Para a vaga do Sr. Affonso Arinos na Academia de Lettras já ha um candidato. Sabem quem é? Ora adivinhem lá. Um, dous, tres...

—João do Norte!

Bravos, leitor. Adivinhaste. E' elle mesmo, o autor das "Praias e Varzeas". João do Norte, como o leitor deve saber, é S. Ex. o Sr. Dr. Gustavo Barroso, parente do coronel Benjamin Barroso e, graças a isso, deputado federal pelo Ceará.

Elle ouviu dizer que Affonso Arinos era um grande escriptor nacionalista. Vai, lembrou-se das "Praias e Varzeas", onde ha umas quadrinhas de capadocios de Fortaleza e umas historias de "Bumba meu boi" e descobriu que Affonso Arinos não podia ter melhor successor do que S. Ex. o Sr. deputado cearense. Só isso. Questão de nacionalismo...

S. Ex. não acha que ainda é cedo para fazer parte da Illustre Companhia? Não ha duvida que [illegible] dão de academico ia como uma luva em S. Ex., que é um rapagão bonito, como poucos. Mas, que diabo! S. Ex. actualmente só possue, como titulos a academico, a sua juventude em flor, a sua bella figura e as "Praias e Varzeas". E' pouco, Excellencia. Para ser deputado chega, mas para ser academico é muito pouco.

Se o Sr. Benjamin Barroso fosse presidente da Academia, não ha duvida nenhuma que o joven deputado entrava mesmo, como entrou para a Camara. Mas, por emquanto o presidente da Academia ainda é o Sr. Ruy Barbosa...

Situação financeira do Ceará

Durante 10 mezes o governo federal, por intermedio do presidente do Ceará, deu dez tostões a cada faminto!

Fala-nos o deputado Gustavo Barroso

A imprensa desta capital, notadamente o *Jornal do Commercio* e *O Imparcial* exaltou o acto do sr. coronel Benjamin Barroso, presidente do Ceará, que, pela segunda vez na sua curta administração, antecipou o pagamento dos *coupons* da divida externa cearense. E' sabido que já está pago o *coupon* vencivel a 1º de maio proximo. Não obstante tudo isto, lemos, datado de 4 do corrente um telegramma de Fortaleza em que se procurava deprimir o merito da acção do sr. Benjamin Barroso no tocante á liquidação daquelles compromissos.

O alludido despacho dizia que, em começo de 1915, esteve em Fortaleza um representante da casa bancaria Dreyfus & C., o qual conseguiu do coronel Benjamin Barroso uma letra no valor de 810.000 francos para resgate dos *coupons* atrazados, letra esta que ainda não foi paga. Que, nessa occasião, assignou tambem o sr. Benjamin Barroso um documento pelo qual se obrigava a entregar aos representantes de Dreyfus & C., que no Ceará são os srs. Boris Fréres — 40 °/° do imposto de exportação. Que, esta firma, a maior exportadora da praça de Fortaleza, deixou, em vista deste contrato, de pagar o imposto de tudo quanto exportou até completar a importancia do *coupon*.

Em face de tal telegramma procurámos ouvir o deputado Gustavo Barroso e s. ex. logo nos foi dizendo:

— A primeira inverdade contida neste despacho é a de que a letra assignada importe em 810.000 francos.

"Imparcial" — 13-3-916

49
50

O valor da letra assignada é de... 750.000 francos, que representam a somma de dois *coupons* vencidos e não pagos — o primeiro *coupon* correspondente ao segundo semestre de 1914 e o segundo *coupon* correspondente ao semestre de 1915.

Quanto a não ter sido paga tal letra, são patentes a má fé e a falta de patriotismo do informante.

A letra não foi paga por uma circumstancia que em nada desabona a honorabilidade do governo do Ceará, isto é, não foi paga porque ainda está demasiado longe de seu vencimento, que só se verificará a 1º de maio de 1917, portanto, de hoje a quatorze mezes. Além do mais o representante de Dreyfus & C. foi convidado pelo presidente do Ceará a ir a Fortaleza para estabelecer, como diz o sr. Benjamin Barroso em sua mensagem á Assembléa Legislativa de 1º de julho de 1915 — "para estabelecer com o governo do Estado um modo de realização dos pagamentos dos *coupons* — uma vez que era intenção do governo não se furtar aos seus compromissos".

Accrescenta o sr. Benjamin Barroso na alludida mensagem:

"*De repetidas conferencias resultou "um accordo, pelo qual o governo se "comprometteu a depositar em banco "ou casa bancaria quarenta e cinco por "cento da renda de exportação para" reencetar o serviço normal de juros do emprestimo externo a partir de primeiro de novembro de mil oitocentos e quinze*".

Ninguem, accrescentou o sr. deputado Gustavo Barroso, pode encontrar nesta operação financeira, tão simples quanto honrosa, qualquer aspecto deprimente para o governo do Ceará. Deprimente para os creditos do meu Estado foi o destino dado ao emprestimo de 1910, do qual resultaram os compromissos representados pelos *coupons*, e mais deprimente foi ainda a circumstancia de ter sido o emprestimo de 1910 em grande parte absorvido pelo pagamento dos juros delle decorrentes, não cabendo ao actual presidente do Ceará qualquer responsabilidade, directa ou indirecta em tudo isto.

O informante parece suppôr ter descoberto uma grande brécha por onde levaria de vencida o merito do sr. Benjamin Barroso, felizmente consagrado nos editoriaes do *Jornal do Commercio* e do proprio *O Imparcial*, disse-nos ainda o sr. Gustavo Barroso, mas perdeu inutilmente o seu latim; basta que se abra a mensagem do presidente do Ceará, a mesma a que já me referi. Nella, sob o titulo *Emprestimo externo*, o sr. coronel Benjamin Barroso, sem fugir ás responsabilidades de seus actos, elle, se pecca, é pela sua extrema franqueza, diz claramente o seguinte: "Deante da crise financeira que se alastrou por todo o paiz, e de certa escassez na exportação, aggravada com a guerra européa, o Thesouro não pode satisfazer os compromissos emanados da operação do emprestimo externo de 1910, deixando de pagar o *coupon* do segundo semestre de 1914 e o do primeiro de 1915. Por este motivo convidei o representante dos banqueiros Luiz Dreyfus & Comp. a vir a esta capital, para estabelecermos um modo de ser destes pagamentos, uma vez que era intenção do governo não se furtar aos seus compromissos, mas não poder, ao mesmo tempo, debellar a crise. De repetidas conferencias resultou um accordo, pelo qual o governo se comprometteu "*a depositar "em banco ou casa bancaria quarenta e "cinco por cento da renda de exporta-"ção*" para reencetar o serviço normal de juros do emprestimo externo a partir de 1º de novembro de 1915. Assignou uma "*promissoria do equivalente "a setecentos e cincoenta mil francos*", que representa a somma dos *coupons* vencidos e "*não pagos*", rendendo o juro de 5 °/° aos seus portadores. O vencimento da promissoria será no dia 1º de maio de 1917. O governo se compromette a reencetar o serviço de amortização cumulativa do emprestimo externo a partir de 1918. E são estas as bases do accordo, que vão sendo cumpridas".

Parece-me, ajuntou o sr. Gustavo Barroso, que o sr. Benjamin Barroso não procura encobrir a verdade, e, dessa verdade, que elle tão claramente expõe na sua mensagem, não lhe resulta senão o merito que todos, de boa fé, lhe reconhecem. O presidente do Ceará continúa firme, honrada, serena e dignamente no seu amargurado posto de sacrificios, já tendo na sua folha de serviço: — a pacificação, que s. ex. implantou no Estado; — a victoria da candidatura do dr. João Thomé, indicado por s. ex. para substituil-o; — o pagamento, antecipado, de dois *coupons* da divida externa, na importancia de 750.000 francos ou 518:300$000 ao cambio actual, tudo com as proprias rendas estadoaes; — a sua inatacavel attitude deante do flagello da secca, corroborada pelos depoimentos mais sinceros de todos quantos prezam a verdade; — a sua insubmissão ao pranteado general Pinheiro Machado, quando, oppondo-se aos conselhos deste, claramente manifestados, não acceitou, na chapa federal do partido situacionista, representantes do partido acciolysta, — tudo isto sem se tocar fogo nas casas de Fortaleza; — sem augmentar, antes diminuindo de mais de 50 °/° o effectivo da força policial do Estado; — conseguindo, em 1915, arrecadar a maior renda que até agora tem entrado para o Thesouro estadoal, ao passo que o *deficit* do exercicio de 1914, durante o qual esteve á frente do governo em seis mezes apenas, foi de 800:000$000, ao mesmo tempo que, desde 1913, a receita orçada era inferior á arrecadada, um governo que, em 20 mezes, ante uma quadra de calamidades indiziveis, consegue ter, no seu activo, serviços desta ordem, é, evidentemente, um governo probo, digno do respeito e gratidão de

seus governados. Por esta razão é que o futuro governador do Ceará, quando o actual lhe ofefrecia aquelle posto de sacrificio, relutando em acceital-o ponderava que, comquanto a theoria republicana talvez se offendesse com a reeleição do sr. Benjamin Barroso, na pratica, o que seria para se desejar, era justamente a reeleição do actual presidente.

—E que soccorros tem recebido directamente o presidente do Ceará durante a actual secca?

—O presidente do Ceará recebeu de donativos particulares a quantia de... 176:000$000, e do governo federal, directamente, recebeu 300:000$000. Isto quer dizer o seguinte: sendo de cerca de 300.000 o numero de flagellados, fazendo-se por cabeça a distribuição, a cada faminto teria tocado, durante dez mezes de seca, de fome e de martyrio, *"a quantia de dez tostões, dados pelo "governo federal, e de cinco tostões, dados pela caridade particular!"*

E note: o litro de feijão, em outubro, custava $600 e o de farinha $300. O governo federal, portanto, de esmola propriamente dita, de maio de 1915 para cá, deu a cada flagellado um litro de farinha, outro de feijão e um nickel de tostão. O sr. Calogeras está talhado para salvar as finanças nacionaes, morram, embora, de fome, os nossos patricios.

A SECCA NO CEARA'

Escreve-nos o Sr. Deputado Gustavo Barroso:

"Sr. Redactor — Os jornaes desta Capital diariamente têm publicado telegrammas que pintam de modo horrivel a dolorosa situação do meu querido Ceará.

Tambem todo o dia recebo verdadeiras supplicas em favor dos famintos, feitas pelos poderes publicos do Estado, pelas corporações mais importantes de Fortaleza, pelos simples particulares.

Ha poucos dias a Associação Commercial me enviou longo despacho, pedindo para conseguir do Governo mais alguns trabalhos para os flagellados.

Hoje o Sr. Rodolpho Theophilo, muito conceituado escriptor e um dos mais benemeritos Cearenses, cuja vida é um padrão de devotamento á causa de seus patricios infelizes, me enviou o seguinte telegramma:

"Peço venia para diver-vos situação angustiosa Fortaleza só póde ser alliviada, sendo continuado já o serviço da Estrada de Ferro de Soure. Outra medida será improficua. Fortaleza está exhausta, não póde mais soccorrer os famintos. Abraços."

Outras noticias pintam-me a Capital com côres mais carregadas do que aquellas que vi, quando menino ainda, em 1898 e em 1900, épocas menos calamitosas que a secca actual. Os cajueiraes dos arrabaldes cobrem milhares de rêdes e tipoias armadas nos seus galhos, nas quaes dormem em promiscuidade, ao ar livre, os retirantes infelizes. De manhã e de tarde essa pobre gente, suja e exhaurida pelas caminhadas, enche as ruas de Fortaleza, pedindo esmolas de porta em porta, cahindo de inanição pelos passeios.

Tão ordeira, humilde e resignada população deixa-se perecer de fome, mas não estende a mão para furtar, não commette uma depredação. E' dum estoicismo admiravel! Unico talvez na historia do mundo!

Raramente se registra uma violação da propriedade, um assalto commettido por essa população adventicia, faminta, vinda em manadas miseraveis dos altos sertões resequidos.

Meditou o Governo Federal, porventura na possibilidade de um movimento de rebeldia por parte desse povo famelico, que a tal póde ser levado pelo desespero? Meditou já nas graves consequencias da situação que a sua usura está criando?

Não meditou, porque o Governo Federal não tem reflectido nem se apiedado daquella gente miseravel, sim tem negado o punhado de farinha aos brasileiros que tem fome, brasileiros infelizes de nordeste... Se o foram do sul ou do sudoeste de outra maneira lhes sorriria a vida.

Desde os simpies particulares até os poderes estadoaes e o Bispo Diocesano, todos têm supplicado soccorros ao Sr. Presidente da Republica. Sua Excellencia, porém, parece não poder fazer mais do que está fazendo, porquanto não posso crêr que não tenha ao menos piedade de quem tem fome e sêde.

Já que não póde o Governo Federal soccorrer com urgencia e relativa abundancia os meus irmãos do Ceará, eu tomo a liberdade de aconselhar ao Presidente do Estado, ao Arcebispo de Fortaleza, á Associação Commercial, ao Sr. Rodolpho Theophilo e outros, que se dirijam aos eminentes senhores chefes de Estado dos Estados Unidos, da Argentina, do Chile, do Uruguay e de outras generosas nações, explicando-lhes minuciosamente a situação horrorosa do povo cearense e pedindo-lhes soccorros e esmolas, pois que o Governo do nosso proprio paiz não attende aos seus repetidos clamores. — *Gustavo Barroso*".

"Jornal do Commercio" 1ª pedidos

16-3-1916

Secca do Ceará

CARTA ABERTA AO SR. DEPUTADO MOREIRA DA ROCHA

Em duas entrevistas concedidas ao «Imparcial» largamente condemnei a criminosa inacção do Governo Federal diante dos horriveis soffrimentos do infeliz povo cearense, tendo a consciencia de cumprir o meu dever de Deputado pelo Ceará!

Hoje, tive uma grande decepção, uma immensa tristeza! Encontrei no referido diario um *interview* do meu collega Dr. Moreira da Rocha. Procurei lêl-o com tanto desejo que até arrebatei o jornal das mãos de um amigo. Ah! o meu companheiro de bancada ia certamente coadjuvar a minha acção em pról dos que morrem de fome! Mas qual! S. Ex. garavetou nas minhas palavras uma veladissima referencia á administração do Sr. Franco Rabello e, procurando deffender este, que eu não accusára, tentou desviar a attenção do publico da questão momentosa da secca para uma nuga da politicagem aldeã de que tanto gosta de se occupar.

Representante do meu querido Ceará, que se estorce nas maiores torturas, eu, que até hoje sempre puz a minha voz na tribuna do Congresso e a minha penna no jornalismo e na litteratura a favor dos que sentem fome e sêde naquella terra de luz e sol ardente, fiquei compungido, horrorizado, vendo um representante do Ceará como eu, preoccupar-se mais com a defesa duma politica e administração já desapparecidas e esquecidas pelos seus proprios partidarios, do que com o soffrimento dos seus irmãos!

Emquanto tive duras palavras para os poderes publicos, porque não soccorrem o meu torrão natal; emquanto descrevi com verdade o que é o padecer de uma grande e laboriosa população, S. E. não teve uma palavra de auxilio ou de reforço em pról dos seus patricios. Porém, ao descobrir que eu accusara, embora de leve, um periodo governamental que abrange as administrações acciolyna e rabellista, logo o illustre deputado veio a publico e deu materia para tres columnas de jornal.

Eu nunca precizei de Cyrineus para cousa alguma da minha vida e esta carta não tem por fim pedir ao Sr. Dr. Moreira da Rocha que me ajude a clamar por soccorro para o Ceará. O que eu desejo, peço e espero é que o Deputado Moreira cumpra o dever de tambem pedir na tribuna e na imprensa aos poderes publicos compaixão pelo infortunio da sua terra tão soffredora e tão digna.

Para terminar, declaro que não responderei ao Sr. Moreira sobre questiuncula de politicagem, entretanto, estarei disposto a coadjuval-o em qualquer movimento a favor do nosso Ceará. Desejaria que o meu illustre e erudito collega me respondesse a seguinte pergunta:

«S. Ex., se fôra Presidente da Republica, ou Ministro da Fazenda, tendo um credito de 50 mil contos votado pelo Congresso, limitar-se-hia a assumir perante o seus concidadãos a attitude do Governo actual, dispendendo em obras menos de 6 mil contos e dando em auxilio directo ao Presidente do Estado, durante dez mezes, apenas 300 contos, isto é, dez tostões para cada retirante, no praso acima, ou melhor um tostão por mez a cada faminto?!»

Pense S. Ex. nas responsabilidades que tem como deputado de um povo que perece de inanição e veja como responde a isso. Diante do Sr. Dr. Moreira da Rocha estão sómente dous caminhos: ou S. Ex. defende o Governo Federal nesse ponto ou está ao lado do povo cearense. Tudo mais é fugir da questão.

GUSTAVO BARROSO.

Petropolis, 15 — 3 — 1916. Hotel Rio de Janeiro. Rua Dr. Porciuncula.

"Jornal do Comm.º" Apedidos - 17-3-916

Secca do Ceará

O illustre Deputado Gustavo Barroso, na carta aberta que me dirigio pelo «Jornal do Commercio» de hoje, depois de salientar os seus esforços, nunca aliás por mim contestados, em favor dos nossos irmãos famintos, aconselha-me, não sei mesmo com que direito, a cumprir, a juizo de S. Ex., os meus deveres de representante da Nação, pelo Estado do Ceará.

Antes de tudo, sem pretender julgar os meus proprios serviços, devo dizer ao meu erudito collega, que, nessa conjuntura afflictiva em que se encontra a nossa desgraçada terra, é bem difficil saber qual dos seus filhos, com residencia provisoria ou definitiva nesta Capital, mais se tem excedido em dedicação e trabalho em prol daquella boa gente, digna, por certo, de melhor sorte.

Deputados e senadores, medicos e pharmaceuticos, engenheiros e advogados, negociantes e capitalistas, soldados e marinheiros, todos, emfim, sem distincção de côr politica, que tiveram a ventura de possuir o mesmo berço que embalou os primeiros sonhos de Alencar, têm porfiado em trabalhar, cada qual na sua esphera de actividade, em beneficio dos seus infelizes patricios, victimas actualmente da mais cruel das calamidades.

Se S. Ex. julga mais util agir, nesse caso, pela «voz na tribuna do Congresso e pela penna no jornalismo e na litteratura», atacando o Governo Federal, nós outros acreditamos mais efficaz e pertinente uma acção calma e ponderada, desenvolvida directamente junto do Sr. Presidente da Re-

52

publica e dos Ministros da Fazenda e Viação, a quem temos procurado quais diariamente, para solicitar as medidas que julgamos necessarias para a salvação daquelle povo varonil.

Nesse sentido a acção dos Deputados e Senadores cearenses é permanente, constante e proficua, sendo certo que alguns delles se deixam ficar, dias consecutivos, quatro e mais horas seguidas, nas dependencias do Ministerio da Fazenda, acompanhando a marcha regulamentar e indispensavel dos processos de creditos para a Delegacia do Ceará, destinados ao grande numero de obras alli já em execução.

E assim, cada um vai cumprindo o seu dever, conforme os ditames da propria consciencia.

MOREIRA DA ROCHA.

Rio, 16-3-1916.

"Jornal do Com.º" – 18-3-916

Secca do Ceará

Respondendo á minha carta aberta, o meu illustrado collega Dr. Moreira da Rocha absolutamente não *respondeu* á minha unica pergunta e procurou como pôde fugir á questão.

S. Ex. tambem veio tornar publica a inutilidade dos esforços daquelles deputados cearenses, que passam quatro horas nos Ministerios diariamente e *agem* junto do Governo Federal para que sejam enviados soccorros a famintos que não podem esperar.. S. Ex. confessou assim o seu desprestigio junto aos poderes publicos, pois que de sua acção ao lado do Governo que se demonstra tão lerdo, sómente resultou em dez longos mezes de miseria para 300 mil pessoas, a quantia ridicula de 6 mil contos *on paper*...

O descaso da administração federal pela sorte dos flagellados ficou patente com a propria declaração do Sr. Moreira, pois que S. Ex. passa quatro horas diarias no Ministerio do Sr. Calogeras e mal consegue que simples funccionarios dêm andamento a creditos abertos para os que morrem de fome.

E como S. Ex. explica o fatal desencontro de creditos, ordens para inicio de obras e remessas de dinheiro, desencontro que tanto mal tem causado ao Ceará e com o qual o Governo Federal procura illudir o publico sobre sua impatriotica inacção? Agora, vejo que o meu erudito collega pouco tem conseguido nas suas decantadas quatro horas de insano labor, e tomo a liberdade de aconselhal-o a passar de ora em diante nas dependencias ministeriaes umas oito horas pelo menos, para ver se assim vai mais alguma cousa para a terra da jandaia.

Proponho-lhe um accôrdo: S. Ex. passará esse tempo a trabalhar nos Ministerios e eu clamarei furiosamente na imprensa. S. Ex. agirá *calma e ponderadamente*, como convém agir junto aos que têm o poder nas mãos. Eu gritarei por soccorro. Mas para esse accôrdo, honroso para nós e producente para o Ceará, peço uma unica condição, tão facil, tão suave que S. Ex. nem a ella quiz alludir na sua *resposta*. E' responder áquella minha pergunta innocente e inocua: «*S. Ex. Presidente da Republica ou Ministro da Fazenda, tendo um credito de 50 mil contos ao seu dispor, teria mandado no prazo de 10 mezes de secca e fome aos seus irmãos miseraveis um tostão por mez de esmola a cada um e menos de meia duzia de mil contos em obras?*»

S. Ex. deu a entender que eu gabava meus esrviços. Não os tenho. Quiz alardear que eu ataco o Governo Federal. E' verdade. Ataco-o nesse ponto de não soccorrer os meus patricios e o atacarei sempre que assim proceder. Tenho felizmente esta coragem que parece faltar a S. Ex. Saiba o meu erudito collega que, como um medievo personagem da «Illustre Casa de Ramires», eu prefiro *ficar de mal com o rei e o reino, mas de bem com a honra e commigo*. Póde traduzir isto desta sorte: *de mal com o Presidente e o Ministro, mas de bem com o Ceará, com os cearenses e com a minha consciencia.*

Termino affirmando que não continuarei com o meu notavel collega esta amabilissima discussão, porém, espero que responda a unica pergunta que lhe fiz e acima repeti.

Caso não o faça e ainda sophisme e chicane para fugir a interrogação, eu quedarei em silencio.

GUSTAVO BARROSO.

Rio, 17— 3—1916.

53

54

"Fon-Fon!" — 11 de Março de 1916.

Gatafunhos...

Eu aprecio immensamente dois irmãos ou duas irmãs, que, mostram em publico a sua união de vistas e gostos, vestindo igualmente, embora me lembrem os cartazes de theatros ou circos, em que se apresentam com identico traje duas bailarinas. Nesses annuncios sempre se lê: *Les Dondini, chanteuses et danseuse! Los Curiales, duettistas españholes! — The Colloks, excentrics musicists!*

Ha dias eu olhava um *rink*, onde perpassavam, deslisando, linda moças e elegantes rapazes sobre os seus patins de rodas ligeiras. Fumava um charuto com vagar e enlevo conversando com um amigo. De repente, elle me puxa pela manga do casaco e me aponta duas encantadoras senhorinas que vinham pela calçada fronteira, em um passinho miudo de gazellas.

Uma era bem mais alta que a outra, mas ambas eram bonitas, sympathicas e vestiam igualmente. Traziam largos chapéus desabados de onde pendiam esguias espigas de trigo, casaquinhos azúes escuros com tantos botões como o dos *grooms* de grande casa, saias a ultima moda, de xadrezinho escuro.

Elogiei-as, e o meu amigo, olhando-me de frente e completando o meu pensamento, disse, sorrindo:

— *Les Yvonnes! equilibristes et danseuses!*

Alli adiante da estação da Penha as ruinas da velha fazenda do Conde de Irajá dominam um outeiro, onde viçam velhas e grandes mangueiras.

Uma fileira de arcos ainda de pé se prolonga sob os festões das trepadeiras, que enlaçam as columnas, se estendem pelos restos da cornija e occultam as lodentas pedras das pancas. Entre a sua folhagem embastecida as cambachirras fazem ninhos. E ao clarear do dia toda aquella vegetação parasitaria se enche de pipilos alegres.

Ao lado da velha mansão derruida, erguem-se ainda as quatro paredes da capella senhorial cujo telhado já desabou e o frontespicio no gosto portuguez da Renascença todo se arreia de plantas, que a esmo crescem no intervallo das pedras, alimentando-se com a caliça humedecida.

São as duas partes do edificio que ainda se mantém de pé: a capella e a arcada da residencia campezina. Sob uma o velho Irajá, politico e bispo, descançava das suas fadigas na Côrte. Na outra, esquecendo as tricas da vida publica, cingia a estola e dizia missa aos camponios da redondeza.

Noite de luar, quando se passa diante da ruinaria levado pela velocidade do trem de Petropolis, evocam-se forçosamente as figuras dos nossos velhos politicos vinculados á terra pela lavoura dos seus escravos, tão diversos dos homens publicos de hoje, que muita vez não poderão dizer de onde vêm nem para onde vão....

Gatafunhos...

Não se lê um artigo sobre coisas de interesse nacional na nossa imprensa que não falle na carencia de prepararmos o futuro do Brasil ou o Brasil do futuro. Parece até que é mais do que geral a crença de que o do presente está irremediavelmente perdido. Não é de hoje que se prega essa necessidade de salvaguardar os interesses por virem desta grande Patria, que vae do Amazonas ao Prata, do Rio Grande ao Pará, e possue o Pão do Assucar, o Corcovado, a Avenida, o Corpo de Bombeiros e o Codigo Civil...

Ha decadas e decadas os jornaes clamam pela preparação do Brasil, dos nossos filhos e dos nossos netos e até hoje pouco têm clamado pela reorganisação e moralisação do presente, pelo culto do passado, pelo amor das tradições nacionaes de que ninguem faz caso e que já vão morrendo.

Assim, não conseguiremos nunca melhorar esse futuro, que foge á nossa approximação como as fructas e os manjares fugiam da bocca de Tantalo, que anda á nossa frente, inalcançavel sempre, como a sombra marcha na frente do caminheiro. E não conseguiremos nunca formar o Brasil do futuro, emquanto não purificarmos o Brasil do presente e não despertarmos na alma popular o amor pelo Brasil do passado.

Sem tradição e sem moralidade publica uma nação se afunda, perece, apaga-se, mas nunca poderá esperar um futuro melhor!

"Fon-Fon!" - 18 - 3 - 1916

Na vasta mesa do almoço, quando os convivas já esgotavam a derradeira taça de champagne, alguem fallou da celebridade e os meios de adquiril-a. Discutiram todos, atabalhoadamente, personalidades em evidencia, julgando que se haviam elevadosem merecimento por simples circumstancias fortuitas ou guindados pela mão de outros.

Ao se sentarem, depois do abandono da mesa desalinhada, em commodas poltronas de verga, no terraço, entre jarrões, flôres e sol, uma tolda listrada de vermelho e branco, um moço alto e forte, molhando a ponta do charuto, pacientemente, no calix de marrasquino, disse com vagar:

— E' tão facil ser celebre, tão simples adquirir importancia. Um autor russo, Miguel Gogol, que li ha tempos, conta dum sujeito que em toda a parte era tratado a véla de libra, recebido como grande senhor e respeitado como nem os boyardos o eram na Russia servil que descrevia; tudo isso, porque nas salas dos hoteis ou nos passeios das cidades espirrava com muita força...

Ora, meus caros, muita vez a gente fica notavel assoando-se com barulho... E' tão facil!...

54
55

"Fon Fon!" 18 de Março de 1916

Gatafunhos...

A' porta do *Jornal do Commercio* parei, conversando com o Medeiros, que me dizia os ultimos *potins* desta terra em que ninguem delles escapa.

Falamos depois de trocadilhos e louvamos nessa sciencia o valor e agudeza do Raul e do Bastos Tigre.

O Medeiros aconchegou aos olhos o *pincenez* de aros de oiro e disse-me:

— Ha um velho trocadilho neste Rio de Janeiro que merece ser lembrado, por que foi feito por uma linda mulher ha algum tempo.

Lembras-te do ministro americano Page Bryan? Pois bem, a referida dama, que primava em só falar francez, chamava-o, como é natural, *Monsieur Page Brian.*

Um dia, andando pelo seu braço no jardim duma legação, ella, a proposito de tudo, dizia-lhe: *monsieur Page.*

Elle, sorrindo num galanteio, declarou que tinha immenso prazer em ser o seu pagem, já que talvez não pudesse ser o seu cavalleiro.

A formosa senhora quasi o não deixou acabar e soltou-lhe esta phrase á queima roupa:

— *Oh! monsieur, vous êtes plus brillant que ministre!*

Eu não me pude conter. Despedi-me do Medeiros e fugi pela rua do Ouvidor...

Gatafunhos...

Quando eu andava de viagem nos sertões do Ceará, assisti um dia a uma scena interessante. A meio de extensa varzea o vaqueiro deteve o cavallo diante de alta carnahuba que se cobria de flôres, soltou um suspiro de desalento e disse-me:

— *Seu* moço, no anno em que a carnahuba flora ha sêcca.

Dando pouco credito aos temores do sertanejo, perguntei-lhe a queima-roupa:

— E no anno em que ella não flora?

— Ah! é muito peior!

Embora me achem sceptico e assoalhem que sou descrente ou despeitado, creio que ao nosso Brasil se póde applicar a historia do matuto que me acompanhava pelo infeliz sertão cearense.

— Durante a conflagração que estraçoalha a Europa vai ruim, ruim mesmo deveras.

— E depois da guerra?

— Ah! depois da guerra irá peior!

Gatafunhos...

Em Fortaleza, na rua das Flores, que leva ao cemiterio ha uma venda com o seguinte titulo: «O caminho da Verdade».

Na culta cidade de S. Paulo, a meio caminho do Ypiranga, uma casa de barbeiro ostenta na fachada este distico: «Barbaria».

Rente á praia do Zé Menino, em Santos, pintaram na parede duma tasca um barril com tres cruzes sahindo do tampo. Por baixo puzeram este letreiro: «O calvario da bôa pinga!»

Aqui no Rio ha no becco de Dom Manoel uma taverna réles, que tem no frontespicio uma pipa rechonchuda rodeada por dizeres alegres: «Vem, freguez, meu amor, espero apaixonada por ti! Vem, meu anjo!»

Para completar a lista de tão interessantes annuncios, basta, sem o menor commentario, transcrever o que um negociante hyperbolico e amigo de coisas difficeis, estampou com solennidade pretenciosa na frontaria do seu armazem de seccos e molhados, numa avenida de Petropolis, a elegante cidade das hortensias, dos diplomatas e dos *potins*.

Pasmem os leitores de *Fon-Fon!* diante das denominações que tal homem deu a batatas e cebolas!

Lá vai obra:

THERMOMETRO MERCATORIO

Grande emporio de vitualhas!
Cereaes e legumes
Tuberculos solaneos
Bulbos asphodeleos
Feculas euphorbiaceas
Vinhos do porto
Alcool

MINISTRO SHERLOCK

Um dos nossos ministros da Fazenda, ha tempos, desejou comprar em um leilão no bairro elegante de Botafogo, velho e precioso quadro, que valia uma dezena de contos.

Não o conseguiu, porém, porque um sujeito de fraque claro e botoeira florida, risonho e taful, sempre augmentava o seu ultimo lance até ficar com a pintura.

No outro dia o ministro recebe o quadro valioso, acompanhado por um bilhete em que um senhor Serapião Marreco lh'o offerecia.

Indagando quem era o typo, veio a saber o secretario de Estado que occupava o cargo de thesoureiro da Delegacia Fiscal dum Estado longinquo.

Immediatamente o ministro, como se tivera encarnado a alma arguta de Sherlock, devolveu a téla cubiçada sem o menor agradecimento, lamentando tão sómente em laconico bilhete não poder acceital-a por desconhecer quem a enviava.

Depois, mandou abrir rigoroso inquerito na Delegacia, o qual averiguou fabuloso desfalque. E o thesoureiro foi demittido...

"Jornal do Commercio"
19 - Março - 1916
(apedidos)

A acção do Governo Federal no Ceará

«Intentando baldadamente nos collocar mal perante a opinião do Ceará e dos cearenses, o *Jornal official* do Governo do Sr. Benjamin Barroso procura demonstrar que, ao contrario das nossas affirmativas, o Governo Federal *quasi nada tem feito, sendo simplesmente ridiculos os soccorros vindos para o Ceará, em face das necessidades actuaes.*

Não retalliaremos com palavras as objurgatorias que tão injustamente nos são dirigidas.

Para provar que o Governo Federal e principalmente o eminente Sr. Dr. Wenceslau Braz têm prestado ao Ceará serviços inegualaveis na situação angustiosa que atravessamos, recorreremos simplesmente aos factos, porque de mais não precisamos.

Estes dizem-nos que o Governo Federal tem mandado ultimamente, em menos de um anno, fazer no Ceará as seguintes obras:

Prolongamento das duas estradas de ferro de Baturité e Sobral, concluindo-se a construcção das obras já atacadas pela South American, e proseguindo-se no movimento de terras dahi por diante;

Construcção de tres estradas de rodagem, a saber:

a) De Baturité a Guaramiranga;

b) De Sobral a Meruoca;

c) De Quixadá a Riacho do Sangue.

Construcção de 12 açudes, a saber:

1) Caio Prado, em Santa Quiteria, já terminado;

2) Guayuba, no municipio de Pacatuba, já terminado;

3) Acarape do Meio, no municipio de Redempção;

4) Tucunduba, no municipio de Sant'-Anna;

5) Riacho do Sangue, no municipio de Cachoeira;

6) Velame, no municipio de Riacho do Sangue;

7) Salão, no municipio de Canindé;

8) Patos, no municipo de S. Francsco de Uruburetama;

9) Mulungu', no municipio de Itapipoca;

10) Parásinho, no municipio de Granja;

11) Varzea da Volta, no municipio de Palma;

12) Bahú, no municipio de Pacatuba.

O Governo Federal não se contentou em mandar realizar essas obras, que tem provido de recursos fartos, havendo apenas de vez em quando pequenas demoras, explicaveis pelas exigencias da nossa burocracia e de um systema de contabilidade fiscal ainda imperfeito. Fez mais, já mandou dinheiro de contado directamente ao Sr. Benjamin Barroso, não sabemos bem se 150 ou 200 contos. (300 contos, posso assegurar, embora, pelo regimen de segredo official hoje estabelecido no Ceará, nada tenha sido alli publicado nesse sentido.) Neste ponto o *Diario* póde saber melhor que nós e dar informações segura. E' com este dinheiro e com o que tem recebido de outros Estados da Federação e de instituições particulares que o Governo do Estado tem occorrido ás despezas das obras de soccorro publico que mandou realizar nesta Capital e suas circumvizinhanças!

Diante de demonstração tão eloquente, póde-se affirmar, sem receio de contestação, que não houve jamais neste paiz um Governo que, de maneira tão efficaz e proficua, soccorresse o Ceará em época de secca. E, attente-se bem — o Governo Federal, que assim veio em soccorro do Ceará, tem-se visto a braços com a mais tremenda crise financeira que já atravessou a nacionalidade e recebeu a herança do Governo mais nefasto que já presidio aos destinos do nosso pobre Brasil — o Governo-terremoto, como já foi cognominado.

Em contraposição com o procedimento desse Governo, tão injustamente atacado e que ousamos defender, por um sentimento de justiça e gratidão que, estamos certos, é compartilhado por todos os bons cearenses, deve-se pôr em relevo a acção do Governo do Estado, a QUEM INCUMBE, PRIMEIRO QUE AO DA UNIÃO, O DEVER DE PROVER ás necessidades da nossa vida collectiva.

O que já fez o Governo do Estado, com os seus proprios recursos, em soccorro das populações flageladas? Que obra de beneficio publico iniciou ou concluio com os recursos do nosso Thesouro?

Não vale a consideração de que o Estado não estava habilitado a emprehender obras quaesquer de soccorro publico. E' sabido que a receita arrecadada excedeu em mais de mil contos á receita orçada e com esse *supravit* é bem de ver que se não muito, alguma sousa se podia ter feito.

E por que não se fez? Por que se preferio esbanjar desabaladamente com as gordas commissões e propinas, com os empregados supranumerarios, eleitores e filhos de eleitores, etc., etc.

Ora um Governo que assim procede, um Governo que, nesta emergencia dolorosa, não prestou ao Ceará serviço algum real e efficaz, póde accusar o Governo Federal de desidioso e relapso, quando este tem em seu activo todos os serviços que enumeramos acima?

Que responda a consciencia dos homens justos de nossa terra e desse julgamento temos certeza que não appellaremos.»

(Da «Folha do Povo» de 1 de Março de 1916, orgão do Partido Democrata Cearense.)

Pela palavra do orgão do meu partido, creio haver, de modo completo, satisfeito a curiosidade do Sr. Deputado Gustavo Barroso. Está ahi, em termos claros e syntheticos, a nossa opinião a respeito dos serviços que o Governo Federal tem prestado á nossa terra, nesta phase de atrozes soffrimentos.

MOREIRA DA ROCHA.

Rio, 18 — 3 — 1916.

56
57

"Jornal do Commercio". E.S. Fonte
2 de Março - 1916

SECCA DO CEARA' e MORTES PELA FOME!

Escreve-nos o Sr. Deputado Gustavo Barroso:

"Sr. Redactor — Para um Cearense que ama verdadeiramente a terra natal nunca é demais clamar pela sua salvação.

E' por isso que venho mais uma vez occupar um espaço no vosso jornal, mais uma vez condemnando a maneira impatriotica com que o Governo Federal está agindo para com o Ceará.

Nas ruas de Fortaleza, Sr. Redactor, morre-se de fome!

Se não bastara para pintar os horrores da miseria na minha desgraçada terra, aquella commovente, dolorosa, horrivel historia que de lá nos veio e que todos os jornaes publicaram, a historia duma mulher que foi encontrada louca dentro da choupana humilde, onde já apodreciam os cadaveres dos seus filhinhos, seriam sufficientes os casos diarios de inanição occorridos nas ruas da Capital cearense e de pessoas mortas envenenadas com alimentos os mais extravagantes e os mais porcos!

Diariamente a imprensa fortalezense regista pavorosos casos de morte pela fome.

O "Correio do Ceará" de 7 do corrente mez transcrevo, como exemplo, uma triste local. Eil-a:

"MORTO DE FOME! — Do distincto educador cearense Sr. Odorico Castello Branco recebemos a eloquente protestação que abaixo publicamos, e que lhe foi inspirada pelo quadro desolador e revoltante de um homem moço e forte, cahido nas calçadas da Fortaleza, de pura fome. Scenas como esta são hoje communissimas em todo o Ceará, onde, a cada momento, cahem não sómente homens, mas velhos, mulheres e crianças — familias inteiras — vencidas pelas angustias aterradoras da fome. Que fique ao menos este testemunho indignado para que a posteridade ferre a marca da ignominia na memoria dos responsaveis por tantos males.

"Meu caro Sr. A. C. Mendes.

Diga por seu jornal de hoje, mas diga-o de modo que todos entendam, essa cousa inadmissivel, essa cousa em que eu não acreditava e só acredito agora porque não posso duvidar do testemunho de meus olhos: vi cahir de inanição aqui, na calçada de meu collegio, cahir de fome e de miseria, um rapaz robusto de vinte annos, braços fortes que bem podiam servir de merito ao seu Estado, ao seu paiz.

Diga de modo que todos o saibam; diga-o de modo que faça subir o sangue ás faces dos responsaveis por tanta miseria num paiz que tem uma Constituição e presume ter homens; diga-o de modo que desperte os brios da gente que explora a fome e tira partido até mesmo da miseria; diga-o de modo que sirva ao menos de protesto contra o abandono em que se deixa o Ceará.

Mas não sei se Vc. ou algum da redacção do "Correio", encontrará phrase bastante forte para causticar tanta indignidade; não sei, porque eu tenho procurado uma e não a encontrei.

Diga-o, porém, de qualquer modo, comtanto que o diga; e se o meu testemunho não basta, o rapaz ainda está alli.

E agora eu acreditarei que se morre de fome em Fortaleza.

Em 7 de Março de 1916. — *Odorico Castello Branco*, Director do Instituto Miguel Borges."

Diante desse eloquente brado de dôr de um mestre da mocidade de minha terra, homem afastado da politica e incapaz de mentir, eu mais uma vez, segundo já repeti, venho em publico condemnar a falta de piedade do Governo Federal, e gritar por soccorro para os humildes, infelizes, laboriosos e heroicos sertanejos que a fome ceifa nas ruas de uma cidade empobrecida, que a secca anniquila nas varzeas desertas e nos caminhos batidos de sol!

Outro exemplo, este tirado do *Diario do Estado*, de 4 de Março:

"A "retirante" Raymunda Pereira, de côr morena, de 40 annos de idade, em companhia de cinco filhos, chegou de S. Matheus a esta Capital na sexta-feira da semana passada e foi morar num barracão proximo á usina da "Light".

Hontem, como estivesse morrendo á fome, mandou o seu filho de nome Martins, de 13 annos de idade, implorar á caridade publica.

O pequeno depois de muito andar pelas ruas, encontrou na Praia um homem jogando fóra uma massa branca que lhe pareceu farinha e apanhando uma grande porção dessa massa, levou para o barração onde sua mãi preparou uma papa com que todos mataram a fome.

Depois de meia hora a infeliz familia debatia-se nas agonias do envenenamento, pois era cal a massa que o pequeno encontrara.

A desgraçada familia foi recolhida á Santa Casa de Misericordia, onde já morreram em consequencia do envenamento os infelizes Raymundo, de 6 annos de idade e Maria de 18 annos.

Acham-se em estado desesperador os menores Martins, de 13 annos e Francisca de 14.

Raymunda Pereira e Manoel Lourenço, este de 11 annos, já se acham fóra de perigo."

Para essa desgraçada gente nem as inundações que ora encheram os sertões de nada servem. As pragas de insectos e larvas devoraram-lhe as plantações incipientes, faltam-lhe todos os recursos.

Só lhe resta o desespero, se os poderes publicos continuarem cruelmente surdos. — *Gustavo Barroso.*"

57
58

"A Epoca" - 23 - Março - 1916

A SECCA DO CEARA'

Entrevista com o deputado Gustavo Barroso

Um crime do governo. — A responsabilidade do sr. Calogeras!

Tendo o deputado Gustavo Barroso escripto varias cartas ao "Jornal do Commercio", descrevendo a horrivel situação dos flagellados cearenses, abandonados pelo governo federal, aos quaes o sr. Calogeras tem negado migalhas até, procurámol-o, afim de que nos dissesse algo sobre o que vae pela sua desventurada terra.

— Então, doutor, já chove na sua terra e já se alliviaram os seus soffrimentos?

— Felizmente tenho noticias de muito bôas chuvas e parece-me que o inverno está definitivamente pegado, porém tão auspicioso facto não diminue os padecimentos das populações que a secca enxotou das suas moradas.

A minha terra, collega, é a mais infeliz do mundo e por isso eu cada vez mais a amo. Ninguem aqui no Rio póde avaliar o que é uma secca e quaes são os soffrimentos do homem do campo naquella região.

Depois de atravessarem a secca terrivel do anno passado, que dizimou os rebanhos e torrou a vegetação, os sertanejos que resistiram á fome e á sêde e se haviam acolhido ás povoações do littoral, voltaram ás suas ribeiras e fizeram novas plantações. O inverno se annunciava bondoso. Mas a praga das lagartas devorou todos os roçados. De novo as chuvas falharam e os sertanejos viram-se obrigados a emigrar e outra vez, numa odysséa de martyrios, alimentando-se de animaes mortos, de podridões, de raizes, de cardos!

Devido a isto, presentemente, como poderá verificar dos jornaes de todos os matizes do Ceará, nas ruas de Fortaleza e outras cidades, morre-se de fome. Basta, para pintar o horror da vida alli, aquelle expressivo telegramma do veneravel e abnegado arcebispo D. Manoel, que começa pedindo ao presidente da Republica soccorros "em nome de Deus".

— Então, serviram muito pouco os auxilios do governo federal?

— Os auxilios do governo federal foram humilhantes, não para minha terra, porque esta tem fome causada por uma fatalidade climaterica e não pelá preguiça, mas para o decoro do proprio poder nacional, que paga immigrantes estrangeiros e gasta em outras coisas superfluas, deixando morrer de fome os seus patricios, os filhos da mesma Patria.

O governo federal deu ao Ceará dóses homoepathicas de esmolas. Em dez mezes de tortura, enviou de auxilio dire-

O deputado Gustavo Barroso

cto 300 contos a 300 mil famintos, dez tostões por cabeça!! Deu mais em obras, dinheiro que não foi enviado todo ainda, sendo a parte delle remettida, mandada em pequenos creditos, seis mil e duzentos contos!

Entretanto, o governo tinha em mão um credito de cincoenta mil.

Ha, porém, deputados pelo Ceará, como o dr. Moreira da Rocha, segundo declarou no dia 19, pelos "A pedidos" do "Jornal do Commercio", que achava ter o governo federal feito os maiores beneficios ao pobre Ceará!

— E a quem v. ex. attribue essa falta de piedade do governo da Republica?

— Não quero e não posso crer que o sr. Wenceslão Braz tenha contribuido para esse crime, porque considero crime deixar alguem perecer á mingua; não posso acreditar que o sr. presidente da Republica tenha má vontade contra aquelle povo. Mas affirmo, sem temor, que á responsabilidade da morte de milhares de cearenses cabe inteiramente ao sr. Calogeras, que, segundo todos sabem, anda de mãos dadas com o acciolysmo e tudo faz contra o povo da minha terra.

E' o sr. ministro da Fazenda quem impede remessas de dinheiro, retarda os creditos, cria difficuldades de toda a sorte á necessidade de soccorrer os retirantes.

58
59

"Fon-Fon!" - 25 - Março - 916

Do coração de s. ex. fugiram os sentimentos de piedade e commiseração.

O povo cearense, que fez a abolição e tem dado em todos os tempos os melhores soldados ao Brazil, que desbravou a Amazonia e conquistou o Acre, agonisa faminto ou foge empilhado nos porões dos navios, como os escravos no tempo dos negreiros! Só merece esse tratamento e essa sorte, porque expulsou do seu seio uma tribu a quem o ministro da Fazenda presta apoio material e moral.

— Qual o meio por que o governo poderá, agora, remediar a situação dos famintos?

— O presidente do Ceará acaba de indicar um meio seguro ao sr. presidente da Republica.

E' a internação dos retirantes no sertão, que ora as chuvas fertilisam. Essa gente precisa somente de amparo durante dois mezes, tempo em que poderá fazer a colheita dos cereaes que plantar.

Si o governo federal ha de estar gastando com o seu transporte para outros Estados, dê-lhe passagens para o interior, sementes e uma pequena quota de auxilio directo por familia, para esperarem a colheita. Sahirá mais barto.

O governo póde fazer isso facilmente, caso o sr. Calogeras não continue a trabalhar contra...

"Gazeta de Noticias" - Rio
24 - Março - 916

SALPICOS...

—

Creio que o João do Norte, o mui
[fermoso
Dono de uns olhos languidos, que-
[brados,
Esteve hoje a amargar o contra-goso
De ver seus lindos dotes afealdados.

Elle que de Gustavo e de Barroso
Allia os nomes entre deputados,
Teve os seus traços de donzel gar-
[boso
Na "Epoca" de hoje muito mal tra-
[çados.

Esse risco só corre quem se exhibe,
Pela tola mania do retrato
Que o senso evita e o pundonor pro-
[hibe.

Com João do Norte é bem diverso o
[facto:
— Por maldade, o Vicente Piragibe
Deu-lhe um carão de criminoso nato.

* * *

Entre cearenses:

Frota Pessoa — Que idéa aquella da "Epoca", de dar o retrato do neto do Accioly, com o nome do Gustavo Barroso.

Moreira da Rocha — Qual neto do Accioly, qual nada. Aquillo é um retrato antigo do celebre Mathieu, do Viaducto do do Chá, em S. Paulo.

Leopoldina Real

Muitas e muitas vezes se tem commentado na imprensa carioca a falta de significação dos nomes de grande quantidade das nossas ruas, especialmente das que são baptisadas simplesmente como rua Bambina, Aurelia, Alice, Estephania ou Isaura.

Nunca se consegue saber a razão de taes nomes, salvo se se procurar conhecer a quem pertenceram em outros tempos os terrenos onde foram traçadas essas vias publicas. Assim mesmo, é bem difficil precisar a razão dos titulos citados. Entretanto, seria conveniente e acertado que taes denominações fossem substituidas por outras de melhor e maior significado social.

Nos suburbios servidos pela Leopoldina uma longa rua beira a via ferrea e dia a dia cresce em importancia com as construcções que vão tapando os seus lotes de terreno ainda vasios.

Essa grande rua chama-se Leopoldina Real. Ora na historia do Districto Federal não figura essa senhora como notavel de maneira alguma. E' uma illustre desconhecida. Dahi andar muita gente pensando que Dona Leopoldina Real não existe nem jamais existio, sendo taes palavras a corruptéla popular de Leopoldina Railway...

Será mesmo?

Gatafunhos...

Logo que se proclamou a Republica houve uma verdadeira e terrivel mania de destruir tudo quanto pudesse lembrar o regimen imperial aos olhos do publico.

Das grades dos parques, dos portões de jardins e das bandeirolas das repartições publicas arrancaram-se a martelladas as corôas imperiaes de ferro ou bronze, arrebentaram-se os escudos com a esphera armillar e os ramos de fumo e café.

59
60

Nos cunhaes de marmore rasparam o brazão monarchico. Na fachada dos quarteis e ministerios borraram letreiros, taboletas ou brazões. E' muito raro neste Rio de Janeiro se ver num edificio publico, num logradouro qualquer, o menor symbolo que relembre meio seculo de monarchia. Por toda a parte disticos republicanos e as estrellas enfiadas num gladio substituem a cruz de Christo enlaçada na esphera, a corôa floreada e o monogramma de Pedro II.

Outro dia, passando rapidamente de trem adiante da estação de São Chistovão, vimos com espanto do oitão sujo duma casinhola de trabalhadores da central, negras, estas lettras garrafaes: E. F. D. P. IIº.

Como a irreverencia republicana se esqueceu de borrar de ocre aquellas maiusculas antigas? Não sabemos explicar, porém fazemos votos para que o pincel democratico continúe a esquecer aquellas lettras, que ha 27 annos estão em paz...

A chuva estragou o carnaval, innundou ruas, paralysou a viação publica e durante oito dias encinzentou o ar e entristeceu as almas. Aqui nestas plagas sulinas, onde o matto é sempre verde e o sol dá vida ao envez de tiral-a, os effeitos das chuvas são lugubres e as suas consequencias maleficas.

Ella apaga o riso azul do céo, enfeia a cidade, entedia os habitantes, para os divertimentos, entra em cachões pelas avenidas dos suburbios, derrubando os muros singelos e estragando os moveis da gente pobre.

Mas a oito dias de viagem daqui ha uma região devastada pelas calamidades de toda a sorte, onde as aguas do céo são a fonte de toda a alegria, as nunciadoras de todos os prazeres e autoras de toda a abundancia. Lá não se canta o *meu boi morreu* na toada carnavalesca daqui, porém se gemem outras coplas mais doloridas pelos bois e pelas gentes que perecem de fome e sede.

Bemditas as chuvas que por lá se derramam! mil vezes bemditas!

Lá fóra a chuva cahia incessantemente, uma chuvinha fina, que mal riscava a sombra das portas abertas, porém que ensopava o chão, derretia a areia do macadam, molhava tudo de vagar, com paciencia, com maldade, com perversidade mesmo.

Aborrecido pela reclusão forçada tamborilava com os dedos no peitoril da janella, assoprando a fumaça do charuto nos vidros perolados de gotas. A rua se estendia deserta, monotona, com os seus postes e lampeões enfileirados, as casas fechadas, o calçamento luzindo. Nem um vulto apparecia. Um nevoeiro preguiçoso se esgueirava entre dois altos morros. apagando contornos de casas, recortes de folhagens, vultos de pedregáes.

Vinha num silencioso deslisar e foi fazendo esmorecer a paizagem, borrando, tapando tudo o que alcançava. E quando eu olhava para aquelle lado parecia que duas enormes *velides* cobriam-me as pupillas. Então, dentro da minha alma foi tambem se formando, e adensando um cinzeiro. Mais tristes se tornaram os pensamentos. A' proporção que apagava o perfil das coisas naturaes aquelle véu de neblina tangia as ultimas alegrias que tinham resistido a um dia de clausura e de aguaceiros...

Oh! não fiqueis nunca em casa nos dias de chuva!

◎ O velho mulato offereceu-me com humildade um bilhete de loteria. Eu, que tomava com vagar o meu café, olhei os numeros indifferentemente, depois reparei no vendedor. Era um mestiço de branco e negro, corcovado pelos annos, com uma pera branca pontuda no maxillar de simio. Cobria-o velho sutambaque esverdeado humido da chuva. As pernas cambaias terminavam em pés chatos, disformes, que desengonçavam as velhas botas de coiro vermelho.

Fiquei a scismar naquella reminiscencia das senzalas e em todo o horror do captiveiro. Como a vida deve ser triste e despida para certos entes, si é que elles pensam alguma coisa, si já a miseria e os estigmas da raça não os embruteceram de todo!

Que seria o passado daquelle descendente de escravos, daquelle filho dos selvagens da Africa?

Elle insistio na venda dos bilhetes.

Tomei um ao acaso e dei-lhe uma prata de dois mil reis. O velho beijou longamente a moeda. Olhei bem o que fazia e então notei que a prata era do tempo do Imperio e tinha a corôa e a effigie de D. Pedro II.

Rio, 25 de Março de 1916

A LEGIÃO PORTUGUEZA

Todos aquelles que conhecem e amam as glorias de Portugal, vendo-o entrar tambem na grande lucta européa, não podem deixar de recordar entre os feitos militares da gente lusitana a epopéa da legião portugueza, esse punhado de valentes que acompanhou até o amago da Moscovia os passos heroicos do primeiro Napoleão.

Effectivamente, se o glorioso paiz irmão tem as paginas memoraveis dos descobrimentos e das conquistas pelos mares e terras d'Africa, Asia e America, os feitos dos granadeiros e lanceiros na Russia e na Allemanha podem ser inscriptos ao lado das façanhas da formação do reino, da aventura e da reconquista com as mesmas letras de oiro.

Bem hajam da Patria os que pereceram em La Moskowa, e no Berezina pela gloria do maior espirito militar do mundo! Portugal nunca poderá esquecer os soldados do marquez de Alorna, que, de fardas cinzentas laivadas de vermelho, o alto guritão de coiro riscado de torçaes e borlas, encimado pelo plumacho cavalheiresco, foram dizimados pela metralha russa na planicie de Valoutina, sem arredar pé!

A historia da Legião é um luminoso rastilho traçado a baioneta entre as glorias do Grande Exercito. Conhecendo o valor da gente lusitana, os generaes de Napoleão que invadiram o reino peninsular trataram de organisar um corpo de exercito com os naturaes do paiz, ao qual deram o nome de Legião Portugueza. Foram encarregados da organisação os tenentes generaes marquez de Alorna e Gomes Freire de Andrade, o marechal de campo Rodrigo de Lencastre, os brigadeiros Pamplona, Carcomo, Brito Mousinho, e o coronel Freire Pêgo.

Alorna foi nomeado commandante em chefe, tendo como immediato o general Gomes Freire. A Legião compunha se de duas divisões de infanteria e dois regimentos de cavallaria, estes commandados pelo Marquez de Loulé e Roberto Ferreira de Aguiar. Entre os coroneis da infanteria estavam o marquez de Ponte do Lima e aquelle que mais tarde seria o duque de Saldanha. Era, como se vê, gente da mais nobre que ia seguir a estrella do Corso, gente pela raça e pela crença possuida do desejo de aventura que levou Portugal sempre aos mais audazes commettimentos.

Entretanto, forçoso é confessar, os soldados, que não possuiam os ideaes da officialidade, desertavam todo o dia, até que a Legião, mobilisada em Abril de 1808, foi para Burgos, onde ao contacto das tropas escolhidas de Bessiéres, duque da Istria, se tomou de enthusiasmo pelo Imperador dos Francezes. Dahi por diante nunca mais houve uma deserção.

O contagio da insurreição que lavrava em Hespanha fez-lhe esfriar o ardor, porém ella foi logo enviada á França, onde seus claros foram preenchidos com hespanhoes emigrados e começou a desempenhar arduas e muito honrosas commissões.

Em 1811, ao se delinear a campanha da Russia, o marquez de Alorna reorganisou-a. Passou a formar tres regimentos a pé e dois a cavallo, tendo o effectivo de seis mil homens.

Na campanha da Russia ella mostrou quanto valia o soldado portuguez. A sua cavallaria protegia os comboios da guarda imperial e nunca os lanceiros de Loulé ou os clavinoteiros de Freire Pêgo voltaram ao grosso do exercito sem trophéos tomados aos cossacos de Sacken. Por seu turno a infanteria, que abrira a arma branca a passagem do Dnieper, que sustentára o choque de Kutuzoff em Valoutina, perdendo dois terços do effectivo, depois da batalha de Borodino vio-se reduzida ainda á metade. Restava um só batalhão dos tres regimentos! Ney tomou-o para o seu corpo de exercito, emquanto Mortier escolhia a cavallaria para acompanhal-o.

Esse batalhão de cavalleiros foi um dia cercado por tres mil cossacos. Apeou-se, entrincheirou-se nuns pardieiros á beira da estrada e defendeu-se horas seguidas, até que as tropas do duque de Trevisa vieram libertal-o.

Heroicos, abnegados, extraordinarios foram os portuguezes durante a retirada. Nem a fome, nem o frio, nem as emboscadas, a metralha e o exemplo da desorganisação do exercito puderam apavorar a alma lusitana da Legião. Os infantes de Pêgo e os cavalleiros de Loulé mantiveram a sua disciplina. Mas foi tamanho o esforço que, após a passagem do Berezina, Gomes Freire sómente poude reunir cento e cincoenta homens, e, em Koenigsberg, o marquez de Alorna succumbio ás fadigas da campanha!

Esse glorioso resto da heroica Legião foi dispersado pelos outros corpos do exercito imperial, sendo o seu derradeiro esquadrão chefiado por aquelle bravo Pinto Madureira, de quem os soldados cantavam:

« Gentes, lá vem Madureira,
Com a sua espada na mão
E o seu chapéo desabado,
Na frente do batalhão: »

Tal era o valor de Gomes Freire, que Napoleão o fez governador de Iena e governador de Dresde, tendo em ambas essas cidades o heroico general bem merecido da França e do Imperio.

E aquelles que conhecem e amam as glorias lusitanas têm esperança de vêr ainda novas legiões portuguezas se cobrirem de gloria nos campos de batalha do mundo.

João do Norte

"Diario do Estado" - 15 - Março - 1916 +

Como a "Folha" justificou (!) as declarações do Coronel Franco Rabello

Causaram pessima impressão aqui e no Rio as declarações do coronel Franco Rabello ao "Jornal do Brazil". A "Folha" não podia deixar de vir em defesa do seu ex-chefe. Fê-la, porem, da maneira mais desastrada.

Na parte em que se referiu á proxima adhesão de um deputado nosso ao partido rabellista, é evidente que o coronel Franco Rabello quiz pôr em duvida a firmeza de convicções do illustrado doutor Gustavo Barroso.

Diz a "Folha":

«Porque é que falando de um deputado que poderá vir para as nossas fileiras, vão pôr o dedo sobre o senhor Gustavo Barroso?»

«Significa isto que é o que merece menos confiança.»

Moço e habil é ainda o senhor Studart e o proprio senhor Eduardo Saboia. Portanto não havia que escolher entre os tres o senhor Gustavo, se é que merecesse confiança egual aos outros.»

Para desfazer a intriga dos collegas da "Folha", basta dizer que não augmentámos uma palavra ao telegramma recebido e que foi o proprio doutor Gustavo Barroso quem o enviou, justamente revoltado contra as declarações insultuosas do coronel Franco Rabello.

Para me'hor conhecimento do publico, transcrevemos hoje o telegramma em questão:

Rio, 11

O «Jornal do Brazil», orgão independente, sem ligações partidarias, publica as seguintes declarações do coronel Franco Rabello, ex-presidente de facto do Ceará:

«*Os unionistas já declararam que votarão apenas no doutor João Thomé para Presidente. Quanto aos vices, ficarão indifferentes. Isso é symptomatico e quer dizer que o partido situacionista está fraco e os eleitos serão os nossos candidatos. Alem disso parece que se dará em breve uma vaga na representação cearense na Camara e a substituição caberá ao nosso partido. Em caso contrario, isto é dada a hypothese de ninguem morrer, sei que um deputado moço e habil sem ramificações politicas, fará pacto comnosco*».

Envio textualmente as palavras publicadas no «Jornal do Brazil» que, como toda gente sabe, é alheio á politica cearense.

Causaram desagradabilissima impressão as declarações do coronel Franco Rabello no «Jornal do Brazil», contando com a morte do deputado Eduardo Saboya, unico representante cearense que se acha doente, para que esse desapparecimento abrisse vaga a ser preenchida por um dos seus amigos. Esta parte das declarações do ex-presidente de facto do Ceará, tem dado logar a commentarios sobre a sanidade mental de s. s. Ninguem comprehende que um homem, em plena lucidez de espirito, possa fazer declarações desta natureza. Quanto á parte em que se refere ao deputado Gustavo Barroso, as suas declarações não têm nenhum fundamento porquanto este deputado está mais do que nunca firme, ao lado do partido que o elegeu, e cada vez mais incompatibilisado com os processos politicos do deputado Moreira da Rocha.

Os proprios amigos do coroeel Franco Rabello estão horrorisados ante a deshumanidade e inepcia de suas delaraçõ'es.

(Do correspondente)

62
63

"Selecta" - 29 de Março de 1915

De quem será Constantinopla?

PAGINAS CONTEMPORANEAS

A posse de Constantinopla que tem sido ambicionada pelas grandes Potencias da Europa talvez não esteja longe da sua solução definitiva (si é que em materia de direito internacional ha alguma cousa de definitivo), com o incremento que teem tomado de poucos mezes a esta parte as operações dos exercitos russos que, sob o commando do Grão Duque Nicoláo, operam contra a Turquia. Mezes depois de declarada a guerra o ataque das esquadras alliadas aos Dardanellos, ameaçando a velha Bysancio, parecia destinado a resolver o caso do «Homem Doente». Essa tentativa, entretanto, veio a fracassar. Agora o «Homem Doente» parece que agoniza, dada a importancia das operações dos exercitos russos que lhe batem á porta, fragorosamente... D'ahi o interesse com que os nossos leitores lerão o artigo abaixo, do nosso companheiro o brilhante escriptor João do Norte (Gustavo Barroso), escripto por occasião da ultima guerra italo-turca e que hoje reproduzimos.

Ha muito tempo os paizes europeus cubiçam a partilha do Imperio Ottomano, a posse dessa Constantinopla tão fallada, doirada e branca entre o azul do céo e o azul do mar, com os minaretes esguios, finos e claros erguendo-se ao meio dos cyprestes escuros.

Depois que as tropas turcas recuaram para além do Danubio e dos dois Silos, abandonando o desfiladeiro do Vulkan e os contrafortes do Despoto-Dagh; depois que os irrequietos principados danubianos proclamaram a independencia e a Grecia conquistou a liberdade ; depois da grande lição de Mahomed Ali, da complicada questão de Creta, mais cresceu na alma cupida das nações da Europa o incontido desejo da partilha. Por que havia o turco barbaro e amollecido de possuir aquellas maravilhosas paragens? Era necessario tomar-lhe as terras que inutilizava com preguiça e atrazo.

Mas ao espirito dos estadistas apresentava-se irrespondivel e insophismavel questão: «a quem pertenceria Constantinopla ? » Diante della todos se callavam e iam tecendo intrigas diplomaticas.

Pouco e pouco as nações foram avançando para o mesmo fim, abusando da fraqueza do Imperio do Crescente. E, quando uma na sua furia de conquista ameaçava a soberba Stambul, logo as outras intervinham a favor do Turco, isto é, do seu interesse, com a diplomacia ou com a força.

A questão do Oriente foi, assim, ficando eterna.

A Russia adiantou-se pela Transcaucasia, após o anniquillamento do heroico Thamas Kruli Khan, apoderando-se de Erivan e Kars, ameaçando a altiva Erzerum. Ficou com grande parte da Armenia. Arrazou depois, em Sinopse, a esquadra ottomana. Houve a guerra da Criméa. O russo parou... A Inglaterra immiscuiu-se nos negocios internos do Egypto. Tomou o Sudão. Encheu o paiz dos Pharaós de tropas suas. Administrou-lhe as alfandegas.

A Austria paulatinamente se foi apossando da Bosnia e Herzegovina e influenciou as revoltas servias e albanezas.

Depois, a Allemanha adquiriu o caminho de ferro de Bagdad, dominou a educação militar da Turquia e começou a agir no sentido de abrir pelo centro europeu e atravez das duas Turquias uma rota para a India...

Agora a Italia vai conquistar Tripoli.

E' a partilha do Imperio Turco feita aos bocadinhos. Faltam a Asia Menor, a Turquia Européa, Constantinopla.

Amanhã a Bulgaria annexará a Romelia, a Albania revoltada tornar-se-á independente ; a Servia, a Grecia, o proprio Montenegro e a propria Austria alargarão as fronteiras. A Grecia deseja os archipelagos do Egeu tão lindamente espalhadas á face do mar, ilhas onde andaram os antigos rhapsodos e habitaram os velhos deuses ; ambiciona a ridente Candia, a vetusta Escarpanto. A Grã-Bretanha, dona de Chypre e dos seus vinhos, ha de querer outras ilhas ferteis ou portos da Anatolia. A Allemanha reclamará compensação na Mesopotamia, sempre buscando a India... O moscovita cauteloso avançará pela Armenia, cercando o Mar Negro, quasi todo seu. A França tambem concorrerá ao grande inventario.

E Constantinopla de quem será?

Nos profundos conselhos daquelle profundo testamento politico, que acoimam de apocrypho, o arteiro e manhoso Pedro o Grande diz aos seus successores:

« Approximai-vos o mais possivel de Constantinopla e das Indias. Quem nellas reinar, reinará sobre o mundo. Portanto, suscitai continuas guerras aos Turcos e Persas, construi estaleiros no mar Negro e pouco a pouco apoderai-vos d'esse mar. »

63
64

Para o velho Tzar era de grande alcance politico a posse de Byzancio. E esse mesmo pensamento encheu o cerebro dos homens de Estado da Europa. Então, convergindo todas as ambições para o mesmo ponto, encontraram-se. E, como forças iguaes e contrarias se annullam, ellas se annullaram. D'ahi ter conseguido viver até hoje, embora combatido, o Imperio dos Sultões.

Foi a desejada e discutida posse da grande cidade do Oriente que aparou como um escudo as garras que se abateram tremulas de desejo sobre as riquezas do Imperio.

As ambições ficaram esvoaçando em torno a capital do Islam, apertando a cada volta o circulo asphyxiante.

A Europa nunca procedeu de bôa fé e para a Europa o ideal alevantado da paz, concordia e fraternidade universaes não é mais do que uma linda mascara que afivela e desata ao seu bel prazer.

Quando a Grecia suffocada em Missolonghi, escorrendo sangue das feridas, vendo os filhos vendidos pelos turcos como escravos, pedia á Europa auxilio em nome da raça, da crença e da civilisação, ella indifferente cruzou os braços. Porém logo que a prepotencia turca, exhorbitando os limites marcados, ameaçou os interesses das potencias, em Navarino, os canhões de tres esquadras, na Moréa, no Danubio, no Pruth e na Armenia os exercitos de tres nações impunham ao Padischah uma paz vergonhosa.

Mehemet Ali, vice-rei do Egypto revoltou-se contra o governo imperial. Indifferente aos pedidos do sultão, a Europa contemplou a lucta. Mas logo que o imperio ia cahir nas mãos do egypcio ambicioso, ella obrigou sultão e khediva a fazerem as pazes.

Um dia a Russia entrou pela fronteira do Danubio, desbaratou os exercitos dos vizires, bloqueou as costas do mar Negro e avançaria até Constantinopla, se a Europa, temendo a conquista d'aquella metropole, não tivesse mandado as suas tropas para a Criméa. A Turquia respirou. Viveu á custa das ambições contrarias da Europa.

Agora a Italia subitamente lhe faz guerra, guerra injusta, encarada pelo lado dos sentimentos, justissima, vista pelo lado pratico da necessidade de expansão e do eterno dominio da força.

A Europa, muda e calma, olha o desenrolar-se dos factos.

O telegrapho, entretanto, noticiou que forças italianas desembarcariam em Preveza. Immediatamente a atilada Austria manda a esquadra cruzar nas costas dalmatas, epirotas e albanezas, e todas as potencias fazem a Italia declarar que não levará a guerra a portos europeus.

Mais uma vez a Europa temeu pela sorte de Constantinopla ; porque ella só sae da farta indifferença do leão que vê outro fartar-se e o teme, quando aquelle ameaça os seus proprios interesses. A Europa sempre foi assim.

Em 1453, quando Mahomet II cercou Byzancio, ella negou auxilio ao Paleologo e só a enfraquecida Veneza lhe mandou os valentes soldados de Giovanni Justiniani. Que lhe importava a quéda do Imperio do Oriente? Depois, ao ameaçarem os turcos Vienna e a fronteira da Polonia, ao enxamearem pirateando no Mediterraneo, talvez se tenha arrependido da recusa, porque perigavam os seus interesses.

Reproduz-se hoje o que se deu em 1453. O sultão pede, implora uma intervenção salvadora. A Europa não se move, comtanto que a Italia não dê desembarque em porto da Turquia européa, não queira abrir o caminho de Constantinopla.

Emquanto todas as cubiças disputarem a posse da grande capital do Bosphoro, fantasticamente bella, onde todas as civilisações deixaram a sua pegada, latina, grega, slava e turca, com zimborios de mesquitas que foram cathedraes, minaretes que foram torres e atalaias, ella viverá e salvará o Imperio, embora fraco, a arrastar-se.

Sobrevirão mais tarde novas guerras, haverá novas partilhas. E Constantinopla, capital dos gregos, metropole dos turcos, invejada pelos latinos, desejada pelos saxões, sonho doirado e branco, de marmore rendilhado e de oiro repolido, dos Commênes, dos Mahomets, de Pedro o Grande, de Catharina, da Europa inteira, de quem será um dia ? ...

João do Norte

"Fon-Fon!" - 1- Abril - 916

Azurrar

E' um verbo commum nos escriptos dos classicos da lingua portugueza. Hoje nós lhe damos menos importancia do que antigamente, tanto assim que, no seu emprego usual, diminuimos uma lettra. Desta fórma, quando nos referimos aos burros de dois ou quatro pés, achamos que zurram e só por elegancia ou demonstração de erudito saber vernaculo escrevemos que azurram.

A proposito desse verbo o velho Herculano fez, naquelle seu lindo conto da *Dama Pé de Cabra* uma interessante satyra.

Como o Diccionario da Academia de Lisboa ficou interrompido seu azurrar, Alexandre Herculano não se poude

conter e lá escreveu este pedacinho mordaz:

« O onagro fitou as orelhas e, em signal de approvação, começou a azurrar; começou por onde, ás vezes, academias acabam. »

E' ou não é bem forte a ferroada? Dahi não ser descabido se aconselhar ás academias que confeccionam diccionarios, muito cuidado nas palavras em que tiverem de os interromper...

Gatafunhos...

— O velho Victor Hugo deu uma sincada medonha naquelle seu poemeto «Aymeri», tirado das antigas gestas medievaes, disse-me o Ayres Netto.

E eu indaguei curioso:

— Qual foi?

— Elle descreve a fortaleza sarracena de Narbona, tida como inexpugnavel. Carlos o Magno propõe grandes recompensas aos seus mais esforçados gardingos para que della se apoderem. Todos recusam, alguns seccamente, outros fazendo considerações e commentarios. Um falou tanto, que o imperador franco se aborreceu e retrucou-lhe: « Falas como um doutor da Sorbonna.» Ora, isto é um anachronismo feroz. A fundação da Sorbonna é muito posterior ao reinado de Carlos o Grande...

Quiz adduzir alguma coisa em favor do grande poeta, mas o Ayres não me deixou dar uma palavra e proseguio desta sorte:

—Tambem o nosso querido Herculano tem cada uma desse genero de se lhe tirar o chapeu. Leia você este pedaço do «Alcaide de Santarem», cuja acção se passa no seculo decimo. E' o santo Al-Muulin quem diz textualmente estas palavras:

«Atomo varrido pela colera de cima contra outro atomo, que vais anniquilar, pergunta, antes, se nos thesouros do Misericordioso ha perdão para o orgulhoso sensato!»

O Ayres Netto deu uma risada em falsete e exclamou:

—Atomos no anno da Graça de 950, essa é bôa!

Mas eu, sentindo como se a mim fôra feita aquella offensa ao Herculano glorioso, embasquei-o e derrotei-o com esta resposta:

— Leia, senhor pretencioso, os velhos livros e verá que o escriptor tinha razão. Procure a «Legende Dorée», de Jacques de Voragine, um livro medieval. La encontrará o seguinte: *Lair est aussi plein de dyables et de mauvais esperitz comme le ray du soleil est plein de* ***athomes.***

O meu boi morreu...

O divertimento predilecto do Ceará, no tempo do Natal, é o «Boi Suruhy», longa palhaçada sertaneja, em que se allude á vida aspera dos vaqueiros e ao boi e carneiro do Presepe.

E' nesse divertimento, commum aos habitantes do nordeste brasileiro, porém mais arraigado e querido no Ceará, especialmente do povo de Fortaleza que ha essa cantiga do meu boi morreu, ora tão afamada nas ruas cariocas pelo carnaval.

Uma das figurantes da tal farça, a Pastorinha, vendo o boi morto no terreiro, começa a cantar em tom dolente:

O meu boi morreu,
Que será de mim?

E o fazendeiro responde em voz fanhosa:

Manda buscar outro, ó maninha!
Lá no Piauhy...

O Piauhy entra nessa cantiga, não só como rima segundo a fanhosa voz do cantador, como porque é no Piauhy que o matuto cearence manda buscar o gado de que carece para refazer sua fazenda após os repiquetes e as sêccas.

Contam até os velhos vaqueiros que os grandes e chifrudos bois do Piauhy, quando atravessam a serra da Ibiapaba, que é o limite dos dois Estados, voltam-se para traz, para os campos piauhyenses, com lagrimas nos olhos, gemendo...

Entretanto, como na cantiga se fala em Piauhy, não houve jornal carioca, que a commentando não desse a entender ser a mesma originaria da terra do nosso querido confrade Felix Pacheco.

O Ceará foi até nisso mais uma vez esquecido. Bem certo é o dictado dos seus matutos: «Papagaio come milho e o perequito leva a fama!»

65
66

"Fon-Fon!" 1-4-916

Sobremesas

Falava-se de sobremesas. O Lobato queixava-se de só lhe darem na Pensão *desserts á la confiture*. Eram todos os dias as mesmas coisas: *madeleine á la confiture, pain de lot à la confiture, gateau á la confiture.*

O Magalhães declarou desejar viver num lugar onde nunca mais ouvisse falar em goiabada, porquanto no seu hotel no almoço, no jantar e até no lunch, diariamente, havia o tal dôce mais do que nacional.

O Horacio, que estivera em França algum tempo, gabou o bom gosto, pouco espalhado nestes Brasil incultos, de se comerem queijos com pão após o repasto da manhã, quando nada mais delicioso existe do que o Camembert, o Port-Salut e o Brie.

Mas o velho Brederodes, chamado por ultimo a se manifestar nessa questão de sobremesas, disse sorrindo:—Eu cá prefiro, meus amigos, sempre e sempre o queijo prata com banana oiro...

"Fon-Fon!" — 8-Abril-916

Condecorações

Os tres amigos tomavam lentamente café. Um poisou a chicara, accendeu o cigarro, tirou duas fumaçadas e disse, olhando um cavalheiro, que tinha uma fitinha de côr na botoeira:

— Temos ao lado da mania de nobreza a moda das condecorações. Que ordem honorifica será aquella? Será a Legião de honra.

O segundo tornou:

— Não. Deve ser Christo, de Portugal, ou Calatrava, de Hespanha.

— Estás enganado, replicou o primeiro, que gostava de discussões; dá mais ares da Estrella Negra, do Benin, ou do Elephante Branco, da Dinamarca.

— Tambem pode ser o Nicham Ifitikar, de Tunis, mesmo a Jarreteira Ingleza, a Aguia Vermelha, da Prussia, o Tosão de Oiro, da Austria ou...

A sineta da partida do trem interrompeu-os. Todos correram. Ao sentar se no banco do carro, o terceiro falou pela primeira vez:

— Acho que aquelle é um guarda-freio da Companhia á paisana...

Abro a minha janella

ao saltar da cama e toda a minha alma se banha de jubilo como o meu corpo se lava no sol. O céo se arqueia azul sem macula e a natureza sorri sob o oiro da luz.

Após tantos dias de chuva tenue e monotona ou pesada e innundadora, de chuva que parecia não mais querer parar, é tão consolador e reconfortante este dia de sol. Ah! felizmente o equinoxio já se foi! Este dia claro, fresco, suave, estival e primaveril, todo de bláu, sinopla e jalne, luminoso nas suas côres como os esmaltes heraldicos, bem merece a exclamação ingleza:

— *Glorious day!*

Salve dia glorioso, dia de gloria, que escurraçaste os dias humidos e côr de chumbo!

Deixo a minha janella aberta: e o meu canario, que andava havia duas semanas encorujado aos cantos da gaiola, começou a cantar gloriosamente.

O policia, o ladrão e a escada de corda...

A proposito da historia, ha dias acontecida, dum guarda nocturno que era socio de gatunos na sua zona, ajudando-os nos assaltos, contou me o Alves o seguinte caso, que se não é verdadeiro ficará por conta delle, informante.

Numa cidade do Norte, onde ainda existem velhos sobradões coloniaes em ruas estreitas e tortuosas, os ladrões abundam de modo espantoso. Em clara e suave noite de luar, um *cambrioleur* descia do quarto andar de abastada morada, com o sacco pejado de objectos roubados ao hombro, segurando-se difficilmente na longa, oscillante escada de corda.

De repente, olhando para baixo vio com assombro um soldado de policia que se approximava da escada e segurava-a para que balançasse menos, acto que lhe facilitava o descer.

Mas o roubador, impossibilitado de fugir, porquanto temia que o rondante o sacudisse abaixo com forte sacudidella, sentia os cabellos se arripiarem pensando na cadeia e no jury, coisas essas que nesse tempo ainda amedrontavam.

Não tendo outro recurso senão descer, continuou a fazer isso. Ao pôr os pés nas lages do passeio, resmungou tremulo:

— Bôa noite, *seu* soldado.

E o agente da autoridade, o velador do somno e dos bens dos cidadãos, retrucou:

— Passe para cá uns dois mil reis, camarada, pelo trabalho que tive.

Da surpreza o ladrão quasi desmaiava.,.

EL BARON

— E' como lhe digo, meu amigo, foi elle, o velho Rio Branco, o unico homem que tivemos nestes ultimos tempos, nós que tão pobres de homens notaveis somos.

— Não nego que tenha sido um grande homem, porém acho que exaggeras um tanto, que lhe pões á frente um vidro de augmento.

— Exaggero? ... Francamente, é engraçado o teu modo de dizer...

— Então, prova-me as tuas asserções.

— Com prazer. O Barão foi na Republica o unico homem que conseguio fazer sombra ao Pão de Assucar e ao Corcovado, o unico que chegou a fazer concurrencia, e séria, á Tijuca, á Gavea e ao Jardim Botanico.

— Não entendo.

— Toleirão! Não sabes que todos os extrangeiros que desembarcam no Rio procuram logo vêr as suas decantadas bellezas naturaes, especialmente os nossos irmãos do Prata e mesmo do Pacifico? Não ha argentino, uruguayo, chileno, que, saltando nesta capital, não tome um automovel para ir á Tijuca, voltar pela Gavea, visitar o Jardim Botanico, ir á praia da Saudade, afim de olhar o Pão de Assucar, chegar até Aguas Ferreas com o fito de apanhar o trem do Corcovado.

Pois bem, toda essa gente. quando elle era vivo, ao pular da lancha no cáes do Pharoux ou da praça Mauá, esquecia todos os passeios que ennumerei, toda a *naturaleza* e perguntava logo onde estava *El Baron,* onde se podia passar para vêr *El Baron*, si era possivel se approximar *del Baron.*

E não te convences de que elle tinha *enfoncé* o Corcovado?

Tragedia de Amor

Nestes perigosos tempos em que, por um motivo qualquer de ciume, se degolam mulheres ou, por causa do rapto duma esposa, se matam homens em plena avenida Rio Branco, o mais civilisado logar do Brasil, vale bem a pena contar a historia dum casal que conheci.

Elle era professor de linguas. Ella dava lição de piano. Ambos sentiam-se felizes. Almoçavam e sahiam para os seus trabalhos. Ella voltava mais cedo, para preparar o jantar e arrumar a casa. Elle entrava para jantar. Depois liam livros ou revistas em commodas cadeiras de vime, no terraço, ao lado um do outro.

Mas um dia Satanaz, que aborrecia já aquelle exemplo de felicidade, fel-a apaixonar-se por um estudante e o estudante enlouquecer por ella ao ponto de raptal-a, conduzindo-a para um hotel em Petropolis.

O marido chorou tres dias a fio, faltando ás suas lições. No quarto dia subio para a cidade serrana. Iria matal-os?...

Lá em cima, dirigio-se ao hotel, onde os encontrou no jardim em amavel colloquio, sob o caramanchão. Os dois levantaram-se pallidos. Mas o professor de linguas serenou-nos com um gesto amavel. Dirigiu-se á mulher e disse-lhe que ella fazia muita falta em casa, onde tudo estava em desordem, que elle não tinha mais quem lhe preparasse o jantar, que ella lhe dava grande desgosto, abandonando-o, que lhe perdoava tudo, toda aquella estroinice da fuga, mas voltasse para sua companhia. Vinha buscal-a e esperava que não recusasse seguil-o.

Ella, compenetrada das razões, subio ao quarto, arrumou a malota de mão, despedio-se do estudante e foi, sorridente, tomar o trem.

Entretanto, o estudante não era homem da félpa do calmo e ordeiro professor de linguas. Ficou agitado, em desespero. E, quando ouvio o apito do trem que partia, deu um tiro nos miolos.

Ao ler a noticia do suicidio, num jornal, o professor calmamente resmungou:

— E' assim que um homem de bem se vinga dos que lhe offendem a honra...

Garatujas...

E' completa quasi a falta de tradições militares entre nós. Se alguma coisa sabemos do que fizeram os nossos guerreiros no Prata e nas Missões, pouco ou nada conhecemos da campanha de Cayena, da guerra do Tidié e mesmo das lutas com hollandezes e francezes. Se temos sciencia dos feitos heroicos de nossos generaes, ignoramos por completo as tradições dos nossos uniformes e a vida do nosso exercito. Nem nos archivos do ministerio da guerra se acham dados sobre esse ponto.

Vá alguem hoje procurar saber quaes e como eram os uniformes dos dragões portuguezes, que guardavam os districtos auriferos de Minas ou que escoltavam o primeiro imperador, dos regimentos de mercenarios de Tudescos e Irlandezes da Côrte, dos fusileiros de marinha, das milicias provinciaes, das tropas de cavallaria auxiliar, dos caçadores a pé e a cavallo, dos granadeiros e sapadores da antiga Guarda Nacional. Nada, absolutamente nada conseguirá saber.

Entretanto, não ha nação por menor ou mais pobre que seja, que não guarde, apertadas amorosamente sobre o peito, as suas tradições. Nós procuramos esquecel-as, querendo até que se deixem de commemorar as datas das maiores victorias que tivemos.

Garatujamos estas considerações depois de folhearmos a obra monumental sobre a historia do exercito portuguez, organisada e escripta por Christovam Ayres de Magalhães Sepulveda, official lusitano, e que abraça a vida do soldado de Portugal desde Affonso Henriques até hoje.

Como nós precisamos de quem escreva livros assim! Infelizmente só temos poetas a cada canto...

Curiosidade

A titulo de curiosidade, ora que Portugal entra na guerra, damos estas quadras de soldados lusitanos do tempo do duque de Saldanha, apanhados a esmo num caderno de notas:

«Acabou-se a raça teutonica,
Não vale a Prussia um vintem,
Portugal canta victoria,
Morreu a Hespanha tambem.

Veio a Russia para a Prussia,
Para brigar com os francezes.
Mas voltou para Malakoff,
Quando vio os portuguezes.

Constou-lhe que entre os soldados
Destinados á campanha,
Vinte havia dos noventa
Da revolta do Saldanha!»

Gatafunhos...

Andavamos a destruir a nossa nacionalidade, matando as suas tradições, como si uma nação pudesse viver sem ter passado e se nelle não estivesse o espelho das acções dos homens que guiaram a patria. Onde buscar emulações, onde procurar exemplos? Que se ha de ensinar ás crianças para lhes incutir o amor da terra natal, si, pelos actos do poder publico, cancellarem-se os mais bellos feitos da historia nacional, como si os brasileiros devessem corar de tel-os praticado?

São tão poucas as lembranças da nossa antiga vida e ainda se apregôa a torto e a direito a necessidade de apagal-as de todo!

Noticiam os jornaes que o governo pretende extinguir as festividades militares nos dias de anniversario das batalhas de Riachuelo e Tuyuty. Entretanto, deviamos antes dar os nomes de regimento de Tuyuty á unidade do exercito que alli maiores façanhas praticou e não deviamos deixar a esquadra sem um navio chamado Riachuelo.

Somos o unico povo do mundo que procura apagar a sua historia. Somos tambem o unico povo que ridicularisa o seu proprio hymno nacional. Não ha brasileiro que não ache interessante cantarolar:

Laranja da China!
Laranja da China!
China!
Abacate!
Limão dôce!
Tangerina!

Dahi nós ignorarmos o que fomos, desprezarmos o que somos e não sabermos o que seremos... Ainda ha pouco tempo um curioso que se occupa de coisas militares não poude conseguir saber no Quartel General como eram os antigos uniformes do Exercito Brasileiro. Nada constava nos archivos...

"Diario do Estado" - Fortaleza - 25 de Março de 1916.

Um telegramma
do deputado Gustavo
Barroso ao
Presidente da Republica

RIO, 24

O deputado Gustavo Barroso [illegible] *viou ao doutor Wenceslau Braz* [illegible] *seguinte telegramma:*

"Toda vez que as medidas con [illegible] *os effeitos das seccas partem dir* [illegible] *tamente de V. Excia., são dign* [illegible] *de maior louvor. O Ceará está c* [illegible] *vencido da bôa vontade do Presid* [illegible] *te da Republica, está certo que* [illegible] *Excia. saberá impedir que continuem a embaraçar sua humanitaria acção em prol dos famintos! Como cearense e representante da nação* [illegible] *nho agradecer a V. Excia. as m* [illegible] *didas que hontem determinou, em favor de minha infeliz terra. Respeitosas saudações".*

O telegramma acima foi publicado pelo «Jornal do Commercio» em uma de suas Varias.

1916

68
69

VELHAS E SEMPRE NOVAS ARMAS DE GUERRA

Desde a epoca remota em que Polyeno escreveu as suas series de estratagemas militares até a guerra actual, nunca de todo se perdeu a forma artistica do emprego de certas armas, a esthetica dum gesto guerreiro. A' guerra se pode applicar o velho aphorisma da sciencia: nella nada se perde e nada se destróe, tudo se transforma.

Os habitos e aspectos dos povos se modificam, mudam-se os limites das nações, surgem e desapparecem reinos ou imperios, raças vencedoras esmagam raças vencidas, e, seguindo o fios das luctas e oppressões, a sciencia vai applicando vagarosamente ao campo de batalha as descobertas dos laboratorios. A' catapulta succede o canhão. A polvora é substituida pelo pyroxilo, a lydite, a cordite, a dinamite. Nas fortificações inimigas não se atiram mais podridões ou vermina, mas irrigam-se as trincheiras adversa com os gazes asphyxiantes. Na essencia as differenças são espantosas. Nos aspectos todas as velhas coisas renasceram.

Milhares de invenções brotam a cada canto, mas idéas semelhantes outros homens haviam tido tempos atraz e outros aperfeiçoal-as-ão mais adiante.

Os zeppellins bombardeiam agora cidades da inviolavel Inglaterra. No emtanto, quando Napoleão concentrava tropas em Bolonha, para invadir o sólo inglez, jornaes e revistas estampavam planos duma *descente en Anglaterre* por meio de balões esphericos.

Os submersiveis tudescos que torpedeam os navios mercantes repetem as façanhas daquelle submarino dum principe hindú, de que nos fala Julio Verne, e que mettia a pique, por vingança, os barcos de commercio inglezes em todos os mares do globo.

Nas mais antigas guerras, que Herodoto ou Polybio contam, para a tomada das cidadellas inimigas cavavam-se minas como buracos de toupeiras. E o assaltado percebia a manha de guerra, pondo um broquel sobre o chão e nelle escutando o ruido subterraneo da sapa. Então, furava a contramina. A guerra de hoje é toda de buracos, adegas fortificadas, minas e contraminas, enorme trabalho de toupeiras e tatús.

Nunca os exercitos de Roma acamparam sem construir um castro. A legião adormecia confiante dentro do campo que os vallos, os fossos e as palissadas defendiam. Tambem alli recebia o ataque de inimigos muitas vezes superiores em numero. O regimento moderno se abriga nas trincheiras asseteiradas, dorme em excavações que o defendem dos obuzes e anda pelos *boyaux* de communicação ao abrigo da metralha.

Quando a historia apagou nas vastas dobras dos seculos o elegante gesto do discobolo grego fez nascer em compensação o dos fundibularios baleares, que formavam metade da *auxilia* nas legiões romanas, e mais tarde o dos fundeiros das mesuadas medievaes. A polvora matou o disco de cobre e a bala de argilla, mas o gesto do arremeço ficou. Erguendo-se na ponta dos pés como os fundibularios, arqueando o braço qual o discobolo atheniense os granadeiros de Fontenoy atiravam ás linhas inglezas, não discos de metal ou balas de barro, mas as granadas de mão, que rebentavam em mil estilhaços. Hoje em dia, mau grado o poder da artilharia, os soldados, copiando o gesto antigo, lançam para o entrincheiramento inimigo granadas presas em raquetas, que lembram os discos, seguras á ponta de laços de coiro, que arremedam as fundas.

O guerreiro de Marathona retezava os jarretes, distendia os musculos e o dardo acerado ia perfurar as couraças e ferir as carnes. O legionario romano tambem arremessava o *pilum*. Hoje nenhum soldado de kaki ou resedá sacode dardos pontudos.

"Selecta"
15 de Abril de 1916

Elles chovem do céo sobre os destacamentos de caçadores e as patrulhas de hussardos, nos descampados. E um cavalleiro, erguendo os olhos para o azul, vê o aeroplano que os lançou fugir para as nuvens.

As hostes da Idade-Media tinham na peonagem os besteiros de polé e de garrucha, na cavallaria os besteiros a cavallo. A besta foi longo tempo esquecida até que nos dias actuaes os *poilus* a utilizaram para atirar bombas nas posições allemãs.

A mais surprehendente astucia hellenica da guerra que Homero narra é a daquelle cavallo de páu, de cujo bojo, á noite, os phalangiotas e vélites sahiram, de armas em punho, para abrir ás tropas argivas as portas de Troya. Nos dias que correm, na proximidade das paragens da velha Dardanos, um grande navio inglez approximou-se das baterias turcas e, supportando o seu fogo terrivel, encalhou na praia. E os ottomanos viram com surpreza escancarar-se no seu bojo larga poterna, descer umà enorme prancha e por ella desfilarem, como em parada, regimentos de zuavos e batalhões de argelianos.

Em Aljubarrota, os trons castelhanos, canhões curtos, do feitio de roqueiras, presos a pesado cepo, espantavam a cavallaria do Mestre de Aviz. Agora que existe o morteiro de 120, os canhões de 155, 350 e 420, ainda o formato do velho morteiro, do pedreiro, do falconete, do trom, da roqueira, subsiste nos pequenos canhões que o *piou*-

11 Fon-Fon! 15-4-916

1

Garças

Nas manhãs de sol aquelles campos da baixada fluminense, a 15 minutos desta populosa *urbs*, enchem-se de bandos de garças alvas.

A' beira das poças que alumiam entre os capinzaes, andam as brancas aves pernaltas vagarosamente, sem o menor receio de pedrada ou tiro. Nem com os trens que passam perto se espantam. E causam um curioso effeito dezenas de claras aves aquaticas paradas nos campos tão proximos duma enorme cidade. Dão a impressão duma dessas paizagens de biombo japonez, lembram aquellas lagoas mysteriosas de Julio Verne, o Lago do Espelho de Fenimore Cooper e o Acaracú, o rio das garças brancas, a que se refere José de Alencar.

piou prepara na trincheira, para hostilizar o inimigo fronteiro.

A epoca medieval vio as alcanzias, as manganellas e carpio saudades do fogo grego. A presente substituio esssas armas mortiferas e temiveis pelos obuzes mais terriveis e mais mortiferos.

Nas denominações e nas roupas, a copia historica prosegue. Os famosos terços castelhanos tinham dez companhias como os regimentos europeus agora. A' sua frente, nas paradas, iam os dez capitães, logo depois do mestre de campo e do sargento mór, seguidos pelas bandeiras desfraldadas e por dez pagens, cada um dos quaes levava o doirado monião do chefe da companhia sobre uma almofada vermelha. No nosso tempo os regimentos desfilam em linha, em continencia, com os capitães formados á frente logo depois do coronel e do fiscal.

A peonagem medieval punha á cabeça um casco de ferro, meio chapeu e quasi bacia, a que se chamava bacinete. O artista que desenhou o actual capacete de trincheira do exercito francez tomou para modelo o celada do acostado medieval.

Quando os generaes da Revolução e do Imperio punham á cabeça dos cavalleiros os grandes capacetes de bronze, *á chenille*, pontudos e cheios de crinas, o genio de Victor Hugo bradava num verso de epopeia.

« Dragons que Rome prendait par des legionaires. »

E as legiões de Roma eram chamadas na epoca napoleonica : legião do Vistula, legião italiana, grega e portugueza. O imperio romano tivera a legião gauleza da Cotovia. O imperio francez tinha a legião dos Allobrogos, nome do povo que combatera Cezar.

O hussardo moderno veste o trajo dos camponezes hungaros que Mathias Corvino alistou na sua cavallaria. E a placa que remata o capacete do uhlano é a mesma que cobria o turbante do *oghlan* turco.

A's suas galeras militares os romanos adaptaram uma ponte para darem abordagem ás triremes carthaginezas. Muito antes disso, porém, imitando os barcos da Phenicia e das ilhas hellenicas, essas mesmas galeras tinham esporões de aço. Era com esse rostro forte como os arietes que mettiam a pique as naves inimigas. Seculos e seculos após, com um navio de madeira, num escuro rio do Paraguay, um almirante brasileiro cobria-se de gloria, usando o mesmo processo, que tambem deu em Lissa ao austriaco Tegetoff victoria sobre a armada italiana.

O homem, não podendo mudar a sua

estructura biologica nem transformar o seu modo de ser, tem de eternamente repetir as suas manifestações. Nada mais feio do que um antigo gladiador da Thracia : capacete ponteagudo, viseira cobrindo o rosto qual uma disforme mascara, bicuda, onde em duas brechas luzem olhos fulvos ; e o respaldo dos avambraços de bronze ergue-lhe aos hombros uma saliencia de corcunda. Repare-se o aspecto dum asphyxiador dos exercitos do Kaiser. E' um monstro similar, Tem o capacete de ponta, mascara em bico de rapina, olhos luzindo em duas gretas vidradas, braços envoltos em grossa fazenda e uma corcova formada pelo deposito do gaz.

Cada dia resurge o emprego de uma arma esquecida e se refaz o prestigio duma antiga *pose* militar, embora as fulminantes descobertas da sciencia.

Respondendo num artigo aos que preconisavam o fim das cargas de cavallaria, um general francez dos de maior nome na quadra que atravessamos, mostrava *pari passu* as modificações impostas á arma nobre pela tactica moderna, mas terminava aconselhando que, numa planicie, se um corpo de tropa a cavallo fosse atacado, carregasse com o enthusiasmo e a confiança das cargas de antanho. E as forças montadas usam ainda a mais antiga arma do mundo — a lança!

No seu fundo social tambem não ha mudança na guerra e suas causas. Os homens batem-se hoje como nos tempos de Xenophonte : pelo interesse.

João do Norte

"Diario do Estado" - Ceará

Um novo livro de Gustavo Barroso

Brevemente Gustavo Barroso, o talentoso auctor do «Terra de Sol», publicará, um novo livro que será mais uma confirmação do original e fecundo talento de que é possuidor.

«Pergaminhos», eis o titulo da delicada obra com que vae brindar ás letras patrias o notavel escriptor cearense.

Apesar da grande guerra que devasta a Europa, o trabalho graphico está sendo executado em Paris, sendo de esperar que saia um requinte de bom gosto esthetico

Illustrado por Correia Dias com illuminuras de oiro e cores heraldicas dum sabor gothico e duma perfeição maravilhosa tudo nos leva a crer que vamos ter uma obra verdadeiramente artistica quer no tocante á confecção em geral, quer na parte propriamente intellectual, attento o merecimento de seu conhecido auctor.

Terá letras capitulares vermelhas, com arabescos, ribetes e laivos de prata.

«Pergaminhos» compor-se-á dos 10 escolhidos contos seguintes: A Mentira, O Sultão de Navarra, Santa Bridanja, Os Falcões, Rei Cruel, Os lobos, O Tribunal Secreto, O livro, Os trez architectos, Perdição de Bizancio!

Abril - 1916

"Fon-Fon!" - 22 Abril - 916

Madame

sorria com os labios vermelhos, mostrando-me os dentes muito brancos, a malicia fulgindo nos claros olhos inquietos, e dizia-me:

— E' demasiado enfadonho fazer visitas neste Rio de Janeiro! Verdadeiro sacrificio para quem, como eu, está acostumada em outro meio. Na casa onde se vae só nos falam do ultimo figurino, da carestia da vida e sempre, sempre, da ruindade dos creados.

Ora, que tem que vêr uma visita que a dona da casa seja ou não mal servida. Essa gente, então, não lê um jornal, não folheia um livro, não vai a uma conferencia, não frequenta um theatro?

E eu lhe retruquei com perversidade:

—Toda essa gente vai ao cinematographo, ao *Marroeiro* e ao *Meu boi morreu*. Mas nem disso, que ainda é mais ou menos interessante, fala. Felizmente, a senhora só encontrou quem lhe falasse mal dos creados e não...

—Sei, meu amigo, o que vai accrescentar. Pois encontrei e, como sou discreta, não tinha dito nada. O maior numero nem dos creados fala, gasta todo o tempo a falar da vida alheia!...

71
72

"O Album" - Fortaleza 22 abril 915 - nº 2

1ª pagª

GUSTAVO BARROSO (João do Norte), o laureado autor de *Terra de Sol* (1912), livro que constituiu um verdadeiro successo de livraria, merecendo as referencias mais elogiosas de Ruy Barbosa, Jose Verissimo, Graça Aranha, João Ribeiro, Affonso Celso, etc. e de *Praias e Varzeas* (1915), a que a critica indigena não regateou novos applausos, é um talento masculo, invejavelmente culto e artista.

Em sua obra, a par de observações extraordinarias da alma complexa do norte, ha realidades notaveis e agudezas subtis sobre o *meio*, num estylo opulento e corredio.

Terra de Sol tem paginas admiraveis, que não desmereceriam ao escriptor mais renomado das duas patrias irmãs. Hajam vista as passagens respeito á queimada: «o incendio temeroso, doudejante, ensanguentado, galopa, vôa e vae queimando, queimando . . . As altas chammas ennovegalopa, vôa e vae queimando, queimando . . . As altas chammas ennovelladas afastam-se, chofram-se, investem furentes, rabêam baralhando-se, desladas afastam-se, chofram-se, investem furentes, rabêam baralhando-se, tramam-se lambendo as folhagens encarquilhadas e os troncos resinosos, que estrondêam, fumarando . . .»

Como este, são os trechos concernentes á secca, aos cangaceiros, e outros.

72

Praias e Varzeas, o segundo tomo, por assim dizer, de seu estudo sobre o Ceará, consta de contos praieiros e do sertão, narrados com mestria. mormente os seguintes:—*Velas brancas*, *O pescador*, *A Luiza do Selleiro*, *O filho do Guarary*. Este, um dos menos notados pelos analystas, é a nosso ver a pagina mais lavorada do livro, onde, com uma firmeza real, o autor diz de um mancebo que o assassino de sua gente adoptara, educando-o nas rijas nórmas do sertão, isemptando-o de qualquer sentimento de somenos valor. «Tinha o animo mais arrebatado d'aquellas redondezas. Temiam-no. Os cabellos castanhos guardavam ainda um reflexo metallico do louro da meninice. Os olhos eram os mesmos olhos verdes, sensuaes e fortes, duma côr profunda, duma transparencia tão grande, que pareciam deixar entrever toda uma historia de ascendencia européa vinda por um mar calmo, sob o sol, onde riscavam caminhos caravellas altas em busca do ignoto...»

Assim é toda a obra, nesse apanhar dos typos como das scenas, tragica, succinta, cheia de traços formosos.

João do Norte possúe ainda, em elaboração: *Cangaceiros do norte* (estudo), *Cizalhas* (contos humoristicos), *Saudade* (chronicas); e annuncia para breve—*Pergaminhos* (contos medievaes). Deste, conhecemos varias paginas, dentre as quaes bastavam *O corvo* e *O jantar dos falcões* (duas peças que não se acham abaixo d'*A dama pe-de-cabra*, de Alexandre Herculano e d'*O defuncto*, de Eça de Queiroz), para darem uma prova do que será o novo triumpho do escriptor patricio.

"Diario Official" - 25. Maio - 1916

O Sr. Gustavo Barroso — Sr. Presidente, eu me permitto chamar a attenção da Camara dos Deputados para um facto da maxima importancia, no momento actual, e espero que os meus illustres collegas me escutem com benvolencia, embora não tenha nenhum predicado para merecel-a. (*Não apoiados geraes.*)

O Sr. Luiz Domingues — Não acredite V. Ex. que façamos favor em ouvil--o; é dever nosso. (*Apoiados.*)

O Sr. Gustavo Barroso — A 27 de abril deste anno, o *Jornal do Commercio*, edição da tarde, publicava um artigo sobre questões de emigração, no qual dizia que «o Brazil ia ser, dentro em breve, um asylo de invalidos e que era necessario evitar esse perigo decorrente das consequencias da guerra européa».

Ora, Sr. Presidente, sempre depois de todas as convulsões sociaes, ha uma forte corrente immigratoria, uma grande quantidade de gente que vae procurar nos outros paizes os meios de vida que no seu lhe escassearam, devido á guerra, aos saques, aos morticinios, ás depredações, á falta dos chefes de familia, que ficaram nos campos de batalha.

Vou citar um exemplo disso, lembrando as grandes correntes emigratorias que sahiram da Europa logo após as guerras de religião e que não só foram fundar as Republicas da Africa do Sul, como tambem contribuiram para o progresso da America do Norte. Mas os immigrantes que agora nos chegam do estrangeiro não trazem nem a força physica, nem a energia das idéas, nem capitaes; nem elemento de progresso de especie alguma. Antes, pelo contrario — todos elles veem concorrer para augmentar as nossas necessidades, as nossas miserias, para pesar sobre as nossas costas, como mais um fardo e talvez perturbar esse equilibrio apparente da economia nacional.

Os Estados Unidos, cuja doutrina constitucionalista é semelhante á nossa acham que aquelle paiz deve ser o refugio dos que são infelizes nas outras patrias; entretanto, na realização- pratica dessa theoria, votaram e executam, com a maior severidade, a lei dos *undesirables*, impedindo a entrada no paiz das prostitutas, daquelles que não teem profissão; dos jornaleiros contractados em nações estrangeiras, que são mais baratos e prejudicam o trabalho dos nacionaes, dos alienados e menores; afinal de contas, de todos quantos não cooperam no progresso nacional.

73

Leis no mesmo sentido acabam de ser votadas na Argentina, prevendo essa invasão de elementos prejudiciaes, logo após a guerra européa. Mas no Brazil não estamos mais na occasião de prever esses factos; estamos em uma situação de prover, de providenciar quanto a elles.

Bastará, para prova disso, uma pequena estatistica, que servirá de base a essas minhas palavras e que foi publicada no *Jornal do Commercio* da semana passada:

«Ha dias entrou em nosso porto um vapor, o *Darro*, que nos trouxe, como immigrantes espontaneos, 62 passageiros de 3ª classe, assim distribuidos:

Adultos — Homens, 4; mulheres, 23;

Menores — Masculinos, 13; femininos, 22.»

E' evidente que o que nós procuramos como immigração não são precisamente nem mulheres nem creanças. Não precisamos de nenhuma immigração prejudicial e é tempo de nos defendermos dos perigos que nos possa acarretar a conflagração européa.

Penso ter feito algo de util, chamando a attenção da Casa para esse assumpto e vindo á tribuna para mandar á Mesa a seguinte indicação: (*lê*) (*Muito bem*; *muito bem.*)

Vem á Mesa, é lida e enviada á Commissão de Agricultura e Industria a seguinte

INDICAÇÃO

N. 2 — 1916

Indico que a Commissão de Agricultura, considerando os perigos da immigração de menores e mulheres desamparados, de estropiados e outras pessoas inutilizadas pela guerra européa, tendo em vista as estatisticas do porto do Rio de Janeiro sobre o assumpto, diga sobre a melhor fórma de evitar os prejuizos decorrentes dessa inconveniente entrada de immigrantes prejudiciaes.

Sala das sessões, 24 de maio de 1916. — *Gustavo Barrozo.*

"Fon-Fon!" - 22 - Abril - 916

O Commendador falava-me da vida das perolas e desta forma me dizia com a voz calma e doce de homem civilisado, que o habito das conversas agradaveis repoliram:

— Ah! o meu joven amigo não avalia o que de mysterioso vae na vida das perolas, essas joias as mais bellas e as mais distinctas para uma mulher! Em certas pelles setinosas de mulheres as perolas encontram elementos de vida e se perpetuam cada vez mais lindas, mais brilhantes, mais avelludadas, mais mysteriosas. Ficam roseas ou acizentadas á emanação dessas epidermes especiaes.

Outras vezes embranquecem, chegam a ser côr de leite.

Outras, se illuminam, cada dia se tornam mais transparentes.

Nem todas as mulheres têm esse poder extranho de dar vida e belleza, frescura e coloração ás perolas. Ha as que as matam, as que as torturam, as que as fazem emmurchecer, depuliar, empourar-se, polluir-se... Mas as deliciosas mulheres que revivem as perolas são até procuradas pelos joalheiros das grandes capitaes para guardarem os collares a vender sobre os seus luminosos collos.

Que extranha sensação a dessas joias! Que mysteriosa sensação talvez a dessas lacteas e setinosas e perfumadas epidermes!

Passando uma dessas manhãs pela praia de Botafogo vi do banco do meu bonde burguez, alguns barquinhos que iam tangidos a remo pela face luminosa das aguas. Prestei attenção, julgando fossem yoles ou esquifes dos clubs de regatas, que andassem em exercicios e cotejos. Não passavam de esguias canôas, cavadas num tronco de arvore, toscas e primitivas, iguaes ás do periodo lacustre e ás montarias dos seringueiros da Amazonia.

Sem que eu procurasse tal reminiscencia de velhas leituras, ellas me trouxeram á lembrança as antigas luctas entre os conquistadores e os selvicolas nas praias e enseadas desta formosa Guanabara. Em pirogas quasi identicas a essas que eu via, pela face destas mesmas aguas que alli reluziam tremulas, os tamoyos fugiam dos arcabuzes portuguezes ou escapavam ao tiro dos falconetes de Villegagnon.

O selvagem desappareceu. A piroga ficou. Não serve mais para a fuga ou ataque, porem conduz por esses reconcavos e ilhotas da Guanabara os contrabandistas, os vendedores de fructas, homens pacificos que transportam generos e alfaias, e homens desmoralisados que roubam as cargas dos saveiros, piratas em miniatura...

74

A' maneira de Pisistrato

Tarde. O vento sussurrava nos oitys do cáes Pharoux. Lentamente, uma barca da Cantareira largava do pontão. Lanchas apitavam, indo e vindo pelo canal da ilha das Cobras. Uma poeirada que o sol doirava, envolvia a silhuêta elegante da ilha Fiscal. Vinha dos couraçados, fundeados defronte do cáes, um som gritante de fanfarras, emquanto as desbotadas bandeiras desciam dos mastros.

Eu, que esperára pacientemente a chegada dum politico amigo, depois dos abraços de boas-vindas, ia-me esgueirando pela praça 15 de Novembro á procura dum bonde, quando dei cara a cara com o Edgard Pauleta, meu antigo camarada, que a guerra expulsára do velho mundo, onde espairecia ha cinco annos. Trocámos abraços. Sentámos-nos, sorrindo, em um banco vasio, alli perto, e ficámos conversando com prazer, saboreando charutos claros.

Falámos da Civilisação e da «Kultur». Commentámos a guerra européa. Dissemos a nossa impressão sobre o futuro economico do mundo e a provavel hegemonia financeira dos Yankees. Lembramos as figuras distantes de amigos saudosos. Recordámos deliciosas coisas antigas e acabámos por escorregar para as nossas coisas e, muito especialmente, para a politica.

Após extranhar a nossa pasmaceira, não aproveitando as ensanchas commerciaes que a conflagração nos dá, referi-me a muitos dos nossos Estados, ás suas riquezas e questões de politicagem nacional, terminando por condemnar certas interferencias do poder central nas successões governamentaes das unidades de nossa federação.

O Edgard sorrio e, riscando o fino saibro da alameda com a ponteira de marfim da bengala de junco, disse-me com a sua voz sonora e calma: que parecia ter naquelle instante um brilho como o oiro do poente:

— Ha muito tempo, li em Herodoto, ao lado daquella linda narrativa do rei Candanle, a historia pinturesca de Pisistrato, tyranno de Athenas.

Esse politico grego, querendo voltar ao governo, usou dum curioso estratagema. Havia na capital da Attica uma mulher de grande altura e belleza quasi viril. Elle industriou-a; vestiolhe uma coiraça recamada, cingio-lhe o boldrié tauxiado de pedrarias com a espada galivada de oiro; cobrio-lhe as pernas com as cnémides de bronze; soltou-lhe as madeixas esvoaçantes sob o alto capacete de crinas vermelhas. Mandou espalhar pelos seus agentes entre o povo que Minerva, a padroeira da capital argiva, trazia em pessoa o governador que devia ser eleito. Subio ao carro, onde já estava a pseuda deusa e entrou na cidade do Erechteion entre o populacho que que se ajoelhava respeitoso á passagem de Pallas Athenae e do magistrado que ella escolhera com a sua opinião infallivel.

— E a que vem isso? indaguei.

— Meu caro, se eu fôra presidente de Estado, teria o cuidado de arranjar sempre um sosia do chefe da nação. Ao indicar o meu successor, ao fazer as eleições, ao dar-lhe posse, interrompia as communicações com o Rio e me apresentava em publico ladeado pelo meu candidato (do peito) e pelo Presidente da Republica, vindo á minha capital para referendar pessoalmente a indicação. Assim e sempre escolheria o novo tyranno...

Não achas um optimo meio?...

Levantei-me rindo, apertei-lhe a mão, marcando um novo encontro e rumei para o borborinho da Avenida. Estava quasi escuro. O holophote dum vaso de guerra illuminou as altas torres da cidade, fazendo faiscar a imagem que remata a torre da cathedral, toda de oiro.

Iotaenne

O elegante moço, batendo pequenas manchas de pó de arroz na gola impeccavel da impeccavel casaca, lamentava que se não usassem mais hoje as roupas coloridas do tempo de Luiz XV, com punhos de renda, alcachofradas de oiro. Tudo, na sua opinião, recahia na banalidade. Os homens vestiam de negro e não cuidavam da elegancia e finura das maneiras.

— Por certo, tornou um jornalista, sorrindo. No tempo de Luiz XV não se inventára ainda a *cavação* da vida. Os fidalgos sómente se occupavam de vestir bem, divertir-se e bater-se. O clero desfructava suas rendas. O terceiro estado moirejava para sustentar os outros dois. A moda é reflexo do modo de viver. Hoje as classes se baralham, ha caminhos de ferro, automoveis, aeroplanos, uma vida febril, estonteante, que occupa a todos, nobres e plebeus, porque todos têm que *cavar* a vida. Ora, nestas condições, seria a coisa mais tola, mais ridicula, mais contra os sentimentos praticos da época, a casaca doirada com punhos de renda. Lida-se diariamente com tinta, carvão e poeira. Só o *veston* resiste á maneira de viver. Até o fraque já desapparece. O paletó sacco é o rei da moda. E a casaca um dia é capaz de desapparecer, embora seja preta e não tenha rendas nem doiraduras.

Se eu fosse Deus!...

Os tres amigos palestravam sobre a crise que a nossa pobre terra vae dolorosamente atravessando. Um era pessimista e via tudo do modo mais feio possivel. Outro, optimisma, achava que tudo vae ás mil maravilhas. O terceiro, indifferente, limitava-se a escutar a conversa com os labios ironicamente franzidos num quasi sorriso.

O pessimista mostrou o despenhadeiro por onde rolamos e ameaçou o pobre Brasil até com a occupação européa. Se elle fôra a Inglaterra já tinha tomado conta *disto!*

O optimista elogiou as nossas riquezas naturaes, a nossa felicidade em escapar sempre aos perigos e terminou por affirmar que se fôra presidente da Republica faria *isto* andar direitinho pelo caminho do progresso.

O ironico, como se tivera grande preguiça de se manifestar e grande desdem por todas as opiniões, sorrio com maior difficuldade e assim fallou:

— Se eu fosse Deus, pegava um pincel enorme e pixava o Brasil!

"Fon-Fon!" - 22 - Abril 916

Naquella roda erudita,

por curiosidade se falou na nobre arte da falcoaria, que era tanto do agrado da fidalguia mediéva. Cada qual demonstrou conhecimentos sobre o assumpto, rememorando trechos de antigas leituras.

E o mais moço dos presentes, depois de tirar baforadas do cigarro turco, disse:

— Não eram os ricos-homens, os filhos d'algo, os senhores feudaes aquelles que na Media idade gostavam mais de caçar com falcões e mais se occupavam com esta arte, que uns appellidam cetruria, outros altaneria e outros ainda falcoaria ou colateria. Eram os padres os seus mais fervorosos adeptos, os padres e os frades, os curas e os priores dos conventos.

— Qual o que! interrompeu um velho. Isso é lá possivel!

— Tanto é, caro amigo, que o concilio de Agdé, no anno de 506, prohibio tal arte aos ecclesiasticos. O concilio de Epaon, em 517, tomava a mesma medida. O concilio de Macon, em 585, tambem votava a mesma prohibição. Hoje em dia é que os padres não caçam mais, porém, quaes os seus collegas da Idade Media, batem-se com tanto valor como os melhores soldados. Que o digam as ordens do dia do exercito francez.

"Fon-Fon!" 29-Abril-916

Um dos meus amigos

disse-me um dia que não gostava dos livros de pequeno formato. Parecia que não tinham bom miolo. Um livro pequeno, no seu entender, não podia conter grandes ideias. O tamanho influia muito.

Quando acabou de expender essa original theoria, eu lhe disse que, a proposito de tal modo de pensar, o velho Domingos Sarmiento tinha um excellente trecho no maravilhoso livro *Facundo*, onde estuda a barbaria e a civilisação argentinas.

Fui á estante, tirei o volume e li em voz alta este pedaço:

«Por qual autor vocês estudam direito? perguntava o grave doutor Jigena a um moço de Buenos Ayres.

— Por Beutham.

— Por quem? Por Beuthamsinho? e marcava com os dedos o tamanho pequeno do volume in-12º, em que está a edição de Beutham... Ah! ah! ah! por Beuthamsinho. Num volume meu ha mais doutrina que nesses folhetos ordinarios. Que universidade e que doutoresinhos!

— E os senhores por qual autor ensinam? perguntava o rapaz.

— Oh! pelo cardeal de Lucca!... Que pensa você? São desesete volumes in-folio!...

Recitativos

Esguia e elegante no bem talhado vestido branco, a mocinha recitára naquelle pequeno salão Luiz XV, todo perfumado de cravos vermelhos e cheio de lindas mulheres, leve e deliciosa poesia franceza, com o sotaque de verdadeira parisiense.

Um grupo de rapazes, ao canto da varanda engrinaldada de trepadeiras em flôr, commentava o recitativo, fazendo elogiosas referencias á senhorinha que exhibira sem acanhamento apreciaveis dotes de declamadora. Dizia um que ella era uma verdadeira revelação e teria na arte de representar, se quizesse, brilhantes triumphos futuros.

— O que é lamentavel, acudio outro, é que todas essas meninas de talento, que recitam nos nossos salões, sómente o façam em francez.

Dia a dia perdemos em tudo o feitio nacional. Ha tanta coisa graciosa e ligeira dos nossos melhores poetas, escriptas em lingua pura e melodiosa, que poderia tão bem servir para serem ditas nas salas. Entretanto, só em francez essas mocinhas recitam, como se tivessem nascido em Paris e não sob este esplendido sol, rodeadas por este luxuoso verde das margens da Guanabara.

Era tempo dos paes obrigarem as filhas a aprender portuguez!

Garatujas...

Gonçalves Crespo num poemeto que se chama o Minuete e cuja ideia mãe lhe veio dum celebre conto de Theophilo Gautier «La cafetière», começa a descripção duma sala de castello antigo desta sorte:

«Espaçoso é o salão, jarras a cada canto.

Admira-se o lavor do tecto de páu santo».

Com esta naturalidade de expressão elle continua a falar da velha sala fidalga. Ora apezar da differença entre um poeta laureado e celebrado, como Gonçalves Crespo, e um

76
77

estreante nas letras, joven e ainda sem pratica, sem technica e sem execução convenientes, vieram-me á lembrança os versos do primeiro ao lêr uma *plaquette* de Antonio Bandeira, que publica as suas primeiras poesias com erros, mas com certa naturalidade graciosa e facil, que logo o fazem destacar. O novo poeta fala-nos dum salão de castello e assim se expressa :

Tem reposteiros vermelhos,
Grandes lustres de crystal,
A sala immensa de espelhos
Do castello medieval.

Porém no poemeto de Gonçalves Crespo apparece na sala nobre uma fidalga joven e bonita que «dansa airosa o airoso minuete». Antonio Bandeira é tragico como todo o moço que só teve alegrias e faz tragedia por desfastio. No salão do seu castello roqueiro anda um vulto severo :

Em negro manto enrolado
Passeia triste, espectral,
O castellão devorado
Por uma dor sem igual.

Liège e Walter Scott

Muito se tem dito e escripto da firmeza e valentia dos belgas, durante a guerra actual. E todo o mundo recordou que Cesar, nos «Commentarios», dissera serem os belgas dos gaulezes os mais fortes. Então, á resistencia de Liège se fizeram os maiores elogios possiveis. Ainda agora, que já passou o maior enthusiasmo pelas noticias da grande lucta européa, se fala no heroismo da valente cidade.

Essa fama de destemor é bem antiga. Num dos capitulos do «Quintino Duruard», Walter Scott põe na bocca dum capellão flamengo estas palavras:

— «Não conheceis os habitantes de Liège. Pode-se dizer que são os mais terriveis e indomaveis da Europa, mesmo sem exceptuar os de Gand.

Duas vezes o duque de Borgonha castigou suas repetidas revoltas contra o bispo. Duas vezes tratou-os com severidade, privou-os de privilegios, tomou-lhes as bandeiras, submetteu-os a novos direitos e exigio impostos, aos quaes Liège, como cidade livre do Imperio, não estava sujeita. Ha pouco tempo bateu-os, fazendo uma carnificina perto de Saint Tron. Liège perdeu nesse dia seis mil homens, uns pereceram no campo de batalha, outros se afogaram, fugindo. Entretanto, mau grado acontecimentos tão recentes, embora a continua vista das brechas dos muros ainda não reparadas, apezar o mau estado do seu arsenal, basta um capacete de archeiro francez para de novo os excitar á revolta! »

Era o assumpto

da palestra a revisão constitucional. Cada qual dos presentes dava uma opinião. Sómente o velho conselheiro Montes, com a barba branca derramada sobre o peito, escutava e sorria.

Um dos interlocutores insistio pela sua opinião. O ancião quebrou com vagar a cinza branca do Cabañas y Carbajal no cinzeiro lustroso de louça dinamarqueza, onde num plaino esverdeado rennas escuras fugiam, e disse com calma :

— Peguem os senhores uma carabina Mauser do melhor modelo, arma de precisão que mata o inimigo a quatro kilometros, e dêm-n'a a um negro do Zanzibar, que nunca tenha visto armas de fogo. Para quem essa Mauser é mais perigosa? Para os inimigos desse negro que a não sabe manejar ou para o proprio negro? Para o dono por certo, pois que é capaz, na sua ignorancia, até de se matar encostando ao hombro o cano e não o coice.

O mesmo acontece ao nosso paiz, meus caros amigos. Arranjamos uma constituição e uma forma de governo dos povos adiantados, que sabem lêr e agir. Demos taes coisas, delicadas e perfeitas, a quem não as sabe manejar, a um povo de analphabetos. Eis o resultado. A constituição e a forma governamental para nós são como a Mauser nas mãos do negro. Podem até nos matar e...»

Um dos presentes interrompeu :

— Paradoxo, conselheiro. Paradoxo!

"Fm-Fm!" - 6-Maio-1916

TALENTO

Conversando sobre um dos nossos mais eminentes homens publicos os tres amigos declararam que tinha immenso talento.

Alguem que se acercava, mais descrente, mais calmo e mais reflectido, indagou do que elle fizera, dos planos que executára, dos livros que escrevera, das obras que realisára.

Os tres nada puderam adduzir. O outro insistio. Elles começaram a fugir da questão, a illudir a justeza das perguntas, a apontar provas sem o menor valor sob qualquer ponto de vista.

Depois de tanta tergiversação, o sceptico sorveu um gole de *chop*, quebrou com indolencia a cinza do charuto na bandeja de gorgetas do *garçon*, deu uma risada e concluio:

— Esse homem é como a maior parte dos que a fama apregôa por ahi. E' um talento honorario...

Aquelle homem esgrouviado entrou-me pelo escriptorio adentro para me propôr um negocio, disse-me o director dum jornal. Depois de elogiar o seu talento e a habilidade de alguns amigos seus, mostrou a situação em que, por causa da crise, a minha empreza se debatia, ameaçada de fallencia proxima e terminou por propôr-me a sua entrada e a dum amigo para a redacção, para remodelal-a, a entrega da administração a outro amigo, para salvar as finanças e...

Então, perguntei:

— Mas sobre que base propunha tal negocio? Que capitaes trazia?

— Nenhuns. A unica base era a experiencia e o seu talento.

— E o que lhe respondeste?

— Nada. Devia ser doido. Toquei o telephone para o dr. Juliano Moreira, pedindo me enviasse com urgencia dois enfermeiros de muque e uma camisa de força. O homem fugio.

Falta de tradições

Não resta a menor duvida que o Norte é mais rico de tradições que o Sul. Os seus habitantes são mais conservadores. Quasi não têm mistura de sangue estrangeiro. Mas têm os typos de mestiçagem inteiramente nacionaes.

Nesta cidade cruzam-se todas as raças. Em S. Paulo alastra-se o elemento italiano. Santa Catharina e o Paraná estão cheios de allemães. O Rio Grande do Sul tem germanicos, slavos e a visinhança dos hispano-americanos.

No Norte, muito especialmente no Nordeste, existem em grande quantidade, dominando, o sangue portuguez e o indigena. O negro é até raro na maioria dos Estados comprehendidos entre Alagôas e o Piauhy.

Dahi, quando o Sul, para a sua festa mais popular, o Carnaval, carece de canções vai buscal-as ás velhas fontes tradicionaes do Norte.

Assim, cantam-se por estas Avenidas e por todo o sul do Brasil, as emboladas dos praieiros nortistas com o estribilho da «Cabocla de Caxangá», o «Boi Suruby» e os desafios do sertão com a quadra dolorosa do «Meu boi morreu», e outras muitas cantigas, que já escurraçaram da folia carnavalesca as versalhadas cariocas como a «Yáyá me deixa!»

Ha tempos roubaram as corôas de bronze votivamente atiradas ao pé da estatua do almirante Barroso. Começára, então, por causa da guerra, a carencia de metaes. O bronze já dava bom preço.

Agora está mais caro ainda e a audacia dos ladrões tambem subio. Carregaram com uns trinta balaustres metallicos da avenida Beira Mar, em frente ao Monroe.

Aproveitaram uma noite de chuva que afastou os transeuntes e a policia, descollaram as pedras dos parapeitos e levaram os bronzes.

Se a alta dos metaes continuar, o que é mais que certo, qualquer destes dias os ladrões levarão nos hombros os portões do palacio do Cattete, as maçanetas do Supremo Tribunal e por que não alguns dos grupos que enchem o monumento do Floriano?

Desse já uma feita furtaram uma das placas em que se ostenta a divisa positivista: *a sã politica é filha da moral e da razão*. Gatuno é que não tem nem uma nem outra...

AS REFORMAS

Acabando de ler um artigo pessimista sobre a nossa situação economico-financeira, que dizia estarmos nós, brasileiros, numa situação de verdadeiro pesadelo, o Barreira começou a dar opiniões quanto ao modo de agir dos poderes publicos, aventando dezenas de ideias salvadoras.

Segundo ellas, o Barreira salvaria a nossa industria, pagaria as nossas dividas e levaria o Brasil pelo caminho do progresso em fóra.

Eu faria isto, aquillo e aquillo outro, terminou elle, já inflammado como um deputado da opposição.

E o Zé Cravo, que o escutava sorridente e silencioso, disse:

— Se eu fôra presidente da Republica, a primeira e unica coisa que faria, com inteira fé de salvar a nação, era simples e unicamente chamar os meus ministros e prohibir que inventassem e executassem mais reformas!...

"Fm-Fm!" - 13-Maio-916

☼ Chovia. O movimento da cidade diminuira. Raros automoveis passavam pela Beira-Mar. Vasta bruma vagarosa entrava pela barra adentro. Mal se viam tremeluzir as luzes de Icarahy. Eram 9 horas da noite. Lá para os lados da Igrejinha pestanejava um fóco electrico, avermelhado e triste. Os bondes que passavam do outro lado do jardim da Gloria rompiam o aguaceiro que cobria os trilhos com estrondo, chispando clarões ao attrito da alavanca sob os fios conductores da energia. Todas as luzes da Avenida se aprofundavam, reflectidas, no asphalto espelhante.

A chuva não descontinuava. E eu seguia por alli afóra triste, pensativo, sem destino, sem desejos, cheio de tedio por tudo o que é a vida, a cuidar no viver doloroso dos vagabundos e dos cães vadios...

Na primeira sessão preparatoria da Camara, conversavam a um canto da sala do Presidente dois deputados moços. Trocaram ideias diante duma janella que dá para o mar.

Dizia um que acabára de lêr um livro maravilhoso. Era a grande obra do grande argentino Domingos Sarmiento: «Facundo — Civilisação e Barbaria na Republica Argentina». Elogiou com enthusiasmo o livro e aconselhou ao collega:

— Escuta, tu que te occupas sempre de condemnar os nossos abusos e erros governamentaes, lê o «Facundo». Terás notas e informações excellentes sobre o caudilhismo sul americano, ficarás sabendo de coisas interessantes a respeito dos caudilhos.

E o outro replicou com desalento:

— Para que, meu caro? A nação brasileira já não tem mais nem forças para produzir caudilhos...

O professor tinha verdadeira preferencia, que até despertava ciumadas na aula, por aquelle alumno alourado e pallido, de rosto esguio e sem expressão. Entretanto, o menino tinha bem pouca intelligencia, o que fazia com que todo o mundo pensasse que o mestre o protegia por piedade sómente.

Quando chegou o dia do exame, o pequeno apresentou-se mais pallido e mais timido que do costume. Chamado á prova oral de grammatica, coube-lhe um trecho facil para analysar. Logicamente, embatucou. O perceptor sorrio e declarou preferir que analysasse grammaticalmente. Continuou calado. Então, o mestre começou a ajudal-o:

— Esta palavra aqui é um sub...

E elle respondia:

— Substantivo, sim senhor!

— Esta é um ver...

— Verbo, sim senhor.

— Esta um adj...

— Adjectivo.

— Esta um adv...

— Adverbio.

— Muito bem. E esta um pro...

— Proverbio, sim senhor...

Garatujas...

Num exame de medicina o alumno chamado á prova oral começou a dizer tantas asneiras que a banca examinadora o mandou calar-se. Nem era possivel continuar o pobre moço a ser alvo da chacota de todos os presentes.

Quando elle se sentou offegante e côr de cal, o presidente da mesa, velho e respeitavel professor, de olhos maliciosos e amarellados cabellos brancos disse calmamente, vagarosamente, a sorrir:

— Este rapaz, se fôr approvado, será medico e certamente irá clinicar no interior. Matará muita gente, mas terá freguezia. Chegará com certeza a crear um eleitorado. Virá deputado. Será um dia chamado para ministro do Interior. E o seu primeiro acto sabem qual será?

— Não, retrucaram todos.

— Reformar o Ensino!...

"For-Fun!"-15-4-916

Pascal e Da Vinci

O apurado moço encantava-me com a sua prosa, toda rendilhada e toda subtil, demonstrando um grande cultivo e uma longa pratica de correr terras e palestrar com gente fina.

Enlevado naquella conversação brilhante, eu raramente abria a bocca para uma replica. Mas, de repente, elle estufou o peito e disse-me com um certo orgulho que tambem era dado ás lettras e que, quando tinha uma inspiração, escrevia fosse onde fosse e como fosse.

— Eu sou como Pascal. Esse grande sabio, disse-me elle, um dia fazia com o giz calculos importantes nas costas negras dum *coupé* de praça. O carro poz-se em marcha e Pascal acompanhou-o, correndo, até terminar o seu calculo. Eu sou assim: escrevo tambem em qualquer parte. Sou muito parecido com o velho Pascal...

Sorri e retruquei com vagar, tirando do bolso a minha carteira de notas com o seu lapis delgado:

— Meu caro, eu cá me pareço muito com Leonardo Da Vinci. O grande artista não sahia á rua sem objectos de escripta. Mal tinha uma idéa, fixava-a logo. Eu sou assim. Eu me pareço demais com Leonardo Da Vinci. Acho até que devo ter o mesmo sangue. Descendo delle...

Gatafunhos...

Eu, outro dia, por acaso, entrei numa elegante casa de jogo, frequentada pela melhor sociedade.

Em torno do panno verde se premiam, anciosos, olhando os montes de fichas e o gyro veloz da roleta, uma porção de rostos juvenis. Eram rapazes e moças que tinham prazer em perder o dinheiro dos paes; eram creanças quasi que vinham alli *arriscar* os seus magros dez tostões, melhor empregados num pacote de confeitos. Porém, ao lado da mocidade inexperiente, havia gente madura, que jogava por vicio, e havia mesmo gente de minha idade, que jogava nem sei por que...

E eu ia passando em revista todas aquellas faces claras e enrugadas, lendo nellas as paixões intimas, que a emoção do jogo desvendava, quando deparei com uma pessôa que ainda não notára. Era uma senhora de uns setenta annos pelo menos, que punha sobre o duplo zero cedulas de vinte mil reis e perdia-as sem um gesto de impaciencia, raiva ou despeito, sem uma contracção na cara vincada de rugas. E, calmamente, a idosa senhora via o movimento da roleta calmamente tirando baforadas azues da sua perfumada cigarrilha de fumo turco...

Pessimo costume esse que nós brasileiros temos de falar alto em toda a parte. E não ha meio de acabal-o. Uma certa camada social já o vai perdendo, mas outras não o largam por coisa alguma. Nada mais feio. Que importam aos outros, aos circumstantes, as graçolas que um rapazelho esteja dizendo na sua roda de amigos? as conjecturas dum funccionario publico sobre a guerra européa? os aborrecimentos intimos dum pae de familia?

Entretanto, gente ha que tudo o que lhe diz respeito apregôa no bonde, em trem, no cinema, na esquina. Ainda ha dias, num vagão do Plano Inclinado um cavalheiro idoso contava com atordoante vozeirão a um parente o motivo porque se divorciára...

"Fon-Fon!" 15.4.916

1830

Já vão desapparecendo as saias largas e curtas, que vieram com a guerra e lembravam as vivandeiras de Solferino e Malakoff.

Começam a surgir as saias cheias de babados franzidos, que semelham uma porção de funis mettidos uns nos outros.

Tambem principiam a usar chapéos de forma masculina, quasi meias cartolas, largos, as mais das vezes felpudos, com uma grande fivela de metal á frente.

E' 1830 que volta para as roupas femininas. Essas *jupes* de babados eram usadas pelas mulheres que liam os versos de Musset e passeiavam á espera dos seus amados no jardim das Tulherias.

E esses chapéos de fivela larga cobriam a cabeça dos homens romanticos daquella epoca e tinham tanta voga, que até os postilhões não os dispensavam. Nessa epoca em que ainda não havia a locomotiva, o conductor das seges de posta tinha grande importancia.

Emquanto a moda das mulheres ressuscita bellas formas do vestir de antanho, a moda masculina se arrasta monotona e feia. Mudamos o numero de botões, o comprimento dos casacos e mais nada. Entretanto, seria tão bonito que voltasse o tempo das altas gravatas negras enrodilhando o pescoço, das golas altas, das calças de presilha e dos chapéos fidalgos que uma grande fivela de oiro enfeitava...

Mas se 1830 voltasse de todo nos modos de vestir, não poderia voltar mais nas almas de hoje onde o scepticismo mora.

Papyrus

O vermelho do occaso esbatia-se no céo, ao longe, por traz de altas serranias. A agua alumiava, amarujando, entre juncos e capins.

Alvas flôres de lyrios do-prado semeavam a campina verde. A' beira dum rio abriam-se os leques pequenos, elegantes dos pery-perys.

O meu companheiro, um extranho e fino conservador, bateu-me no hombro:

— Sabes que o pery-pery é o papyro classico?

Abri os olhos de espanto e respondi que não o sabia.

Elle sorrio e continuou:

— Nunca fui ao Egypto, mas conheço o papyro de nome, de qualidades e mesmo *pessoalmente*. Os livros ensinaram-me que nascia nos lodaçaes do Nilo e delle tiravam os egypcios o papel em que escreviam os seus hieroglyphos. Viajando pelo sul da Italia, fui á Sicilia e lá visitei a decantada fonte de Arethusa. Conheces a formosa lenda dessa fonte?

— Sim. E' a lenda dos dois amantes transformados em aguas, para serem separados, pelas mãos dos deuses ciumentos. E elle, rio da Arcadia, ella, fonte siciliana, rompendo todos os obstaculos, correm para o mar, em cujo seio as suas gottas se encontram. E' o maior dos milagres de amor!

— Bem. Na fonte de Arethusa existem, conservados com grande cuidado, papyros vindos do Egypto, authenticos e veneraveis. Vio-os. Examinei-os. São identicos ao nosso banal pery-pery. E um botanico digno e officialmente prestigiado outro dia, passando por aqui, disse-me a mesma coisa. E' o mesmo junco. O pery-pery tambem fornece fibras textis. E as suas denominações scientificas, segundo a classificação seguida por qualquer botanico são as mesmas. Escute o seu sonoro nome, em latim...

— Meu caro, deixe os papyros quietinhos. Não me queira estragar mais uma das nossas velhas crenças. Deixe o papyro existindo muito no Egypto!

Velhas mangueiras

Entre as estações de Vigario Geral e Penha, na linha da Leopoldina, grandes, frondosas, quasi seculares mangueiras enfeitam os comoros esmoitados, nos logares onde a nova e banal edificação suburbana ainda não apagou de todo os ultimos vestigios das antigas fazendas senhoriaes que existiam nas redondezas da Côrte.

São arvores enormes, que espalham sombra e frescura, alegram a vista e dão saudades dos tempos que se fôram. Fortes e bôas arvores, que talvez não dêm mais fructos, porém ainda dão abrigo contra a soalheira e guardam os ninhos dos bisnetos daquelles passaros que lhes devoravam as mangas saborosas.

Mas as hervas de passarinho, as parasitas encheram-lhes os braços robustos, cobrem nas todas de alto a baixo, brotando em todos os nós do caule, equilibrando-se em todas as curvas dos ramos, segurando-se nas bifurcações dos galhos. A folhagem das velhas mangueiras amarellece. Toda a seiva sugada á terra fecunda vai alimentar aquella floração de plantas más. Todo o trabalho das mangueiras reverte em beneficio dos vegetaes preguiçosos e damninhos, que vieram trazidos pelos passaros ingratos, que durante gerações as bôas arvores alimentaram.

E não ha uma alma que se condôa das mangueiras que morrem, não ha uma mão que as liberte dos parasitas crueis!

"Fon. Fon!" - 15-4-916

Não sei bem por que motivo muitas e muitas vezes se confundem os antigos nomes de Deus com os velhos appellidos do diabo, confusão essa que parece vir da interpretação que muitos escriptores dão aos deuses de varias raças e religiões dos tempos idos. Uns consideram certos nomes de já apagadas divindades como sendo de demonios; outros acham que são synonimos de Deus.

Naquelle seu engraçado e profundo livro *Bouvard e Pecuchet*, contando scenas de magia a que se entregavam os protagonistas da obra, Gustavo Flaubert diz que chamavam pelos titulos dos espiritos infernaes. Assim, diziam:

— « Ethaniel, Anazin, Ischyros, Athanatos, Adonaï, Sadaï, Eloy, Mesiasos, Bechet! »

Já na «Abobada», quando o freire esconjura o Mestre Ougnet, Herculano põe na sua bocca as denominações variadas de Deus, das quaes muitas são iguaes ás citadas acima. Ahi estão:

— « Hel, Heloyn, Heloa, Sabaoth, Helyon, Esereheye, Adonay, Jehovah, Ya, Thetagrammaton, Saday, Messias, Hagios, Ischiros, Otheos, Athanatos, Soter, Emmanuel, Agla, Jesus. »

Ante essa confusão o melhor é a gente, para não se enganar, quando tivesse necessidade, bradar as invocações de Salammbô á lua:

— « Rabbetna, Baalet, Anaïtis, Derceto, Astarté, Tiratha, Astoreth, Tanit... »

São tambem tão semelhantes, se não pelos vocabulos, ao menos pela maneira de ennumeração...

O trem corria veloz e um outro comboio, vinha em sentido opposto, por outra linha, crescendo de momento a momento no largo leito ferroviario. Passou celeremente. Na plataforma do ultimo carro um guarda-freio, vestido de azulão, fumava sentado sobre o gradil de ferro.

Em torno do seu rosto bronzeado esvoaçavam prantos de panno negro.

— Que gravata enorme! disse eu.

O meu companheiro de viagem respondeu:

— Não é gravata. E' um lenço grande de seda preta enrolado no pescoço. E' o lenço tradicional dos guardas-freios. Tu sabes que cada classe tem o seu attributo. Nunca houve um escossez sem o *plaid* de quadrados multicôres nem granadeiro napoleonico que não fumasse o *brule-gueule*. Jamais houve hussardos sem laços hungaros alcachofrando as mangas da pelliça nem cossacos sem cartucheiras ao peito. Todo o mandarim traz uma penna de pavão no barrete do mesmo modo que os botocudos não dispensam a pedra redonda no labio inferior.

Para que citar-te mais exemplos eruditos ou chulos? Basta ficares sabendo que nenhum guarda-freio da Central que se preze entra em funcções sem o esvoaçante lenço preto da ordenança, do costume, da tradição obrigatoria, ao pescoço.

Mendigos

Diariamente estamos lendo nos jornaes cariocas noticias de mendigos que se casam, tendo cadernetas nos bancos, de outros que morrem, deixando uma duzia de contos de reis. Em toda a parte existem exploradores que se mascaram com a capa da necessidade e essa raça damninha parece nunca se acabará.

No Recife havia um pobre que esmolava com as pernas envoltas em mulambos ensanguentados, queixando-se de mal poder andar. Um dia andava solto pelas ruas um touro furioso. Todo o mundo fugia á sua approximação. A' entrada da ponte da Bôa-Vista o animal investio contra o tal pobre das pernas feridas. O mendigo desatou a correr como louco e das canellas desamarraram-se os farrapos sujos de sangue e com elles cahiram ao chão pedaços de figado de boi crús que elle punha de encontro ás gambias para fingirem feridas e gottejarem sangue.

Em Petropolis anda um individuo de horrivel aspecto que esmola á porta das igrejas e tem um pé a apodrecer, todo em sangue e pús. Um medico bondoso quiz cural-o da enfermidade. Medicou-o á sua propria custa durante um mez. O pé sarava, dentro de algum tempo estaria perfeito. Mas o desgraçado pedidor de obulos desappareceu do consultorio.

O esculapio, encontrando-o dias depois, numa esquina, perguntou-lhe porque não ia tratar-se, já que estava ficando bom. E o mendigo retrucou:

— Sr. doutor, ha quasi 20 annos não trabalho. Perdi o costume. O meu pé é quem me sustenta. Por causa delle é que me dão esmolas. O Sr. estava curando-o, estava estragando o meu unico meio de vida. Não quero mais isso, não.

"Fm-Fm!" 15.4-9,6

Garatujas

Irineu Filho, meu patricio e meu amigo, acaba de enviar-me um livro de versos, satyrico e espirituoso, que publicou com o pseudonymo de Gilberto Flôres e que lhe deve ter dado pelo menos quarenta e dois inimigos, que tantas são as pessoas que retrata em verso. E' um livro de perfis, ou antes de caricaturas poeticas, que só têm valor verdadeiramente para aquelles que conhecem o Ceará, os *potins* de Fortaleza e os expoentes sociaes e politicos da terra de Alencar, da jandaia, dos verdes mares, das sêccas, da luz e de sol.

Entretanto, é um livro curioso pelo chiste de que os seus quarenta e tantos sonetos se revestem, embora as verdades duras que dizem. Longe estou eu de subscrever todas as criticas feitas pelo meu amigo e poeta. Applaudo o seu modo original e engraçado de versejar e para mostrar como é forte a sua ironia transcrevo aqui o soneto em que elle a si proprio se retrata:

O PIGMEO

Miudo e moreno. Rosto de fedelho
Perpetuamente desbarbado e liso.
Olhos grandes, polidos como espelho,
Bocca enorme, vastissimo sorriso.

Vate *do* Sahara *de apertado piso,*
Que em tudo quer metter o seu bedelho...
Não sabe nada e tem bem pouco juizo...
Se assim não fôra, dava-lhe um conse-
[lho:

— Quebre a lyra, abandone essas pieguices,
Destrúa o que escreveu... Versos de amores,
Por melhores que sejam, são tolices!...

Entre na vida real, enfrente as dores...
E — sobretudo — deixe as gabolices
De andar passando por Gilberto Flôres!...

E esse iconoclasta, que zomba de todos e de si proprio, que se mostra descrente nos versos da sua poesia «Sahara», é no fundo uma alma ingenua e credula, amigo da sua terra e dos seus patricios, que talvez esteja agora a penar por ver os cearenses como elle soffrendo, como têm soffrido.

Jotaenne

Gatafunhos...

Eu perguntei ao meu amigo Gervasio, que foi seminarista, a razão por que os padres usam na missa casulas de côres differentes, pondo hoje uma verde, amanhã uma amarella, depois uma branca.

Um fumo de incenso espiralava junto ao altar mór por sobre cabeças de mulheres ajoelhadas. Pelos vitraes de caprichoso coloridos coava-se a luz do sol em raios brilhantes. Esmorecia ao alto a voz do côro.

O Gervasio sorrio e respondeu:

— Não precisas procurar a razão do que perguntas num manual de liturgia. Lê Emilio Zola no «Rêve». Encontrarás uma bella pagina sobre as côres rituaes das casulas. Os escriptores, por mais incredulos que sejam, vem á religião buscar effeitos de arte, porque dentro da religião ha muita coisa bonita. Pensa bem quantas intelligencias se consagraram ao culto de Deus e quanto trabalharam pelo catholicismo. Foi este quem inspirou a architectura gothica e produzio a singeleza encantadora de Fra Angelico. O Vaticano foi o pae da arte e o culto formoso da virgindade deu vida aos maiores pinceis e aos maiores buris. A historia da religião vibra toda ao sôpro dos ideaes artisticos. Mas lê esse pedacinho do «Rêve» e terás a explicação que me pedes. Não sei bem se delle me recordo. Vamos tentar:

«As casulas com as suas cinco côres: brancas quando o santo do dia é um confessor ou uma virgem; vermelhas quando um apostolo ou um martyr; negras para as missas pelos mortos e os dias de jejum: roxas, quando o dia é dum innocente; verdes para os dias de festa e doiradas tambem, ou para substituir as vermelhas e verdes.»

Vês tu como tem bonitos estatutos o ritual catholico?

O GAVIÃO

Toda a vez que o trem passa por aquelle longo pantano da baixada fluminense, aquem do rio Sarapuhy, um gavião vôa vagarosamente e vai sentar-se adiante no galho duma quaresma florida. Ainda não houve uma manhã que eu o não visse da janella do vagão e até o tomei como o meu *porte-bonheur* de veranista para os negocios do dia. Quando elle não apparecer, julgo que terei um dissabor qualquer. Todos nós temos as nossas superstições.

A primeira vez que o vi, porém, lembrei-me das antigas caças de altaneria, da colataria moirisca, daquelles reis e barões que levavam nas monterias um gerifalte poisado sobre o guante vermelho. Vieram-me á lembrança os *tercielets* do Caucaso de que nos fala Flaubert na «Lenda de São Julião», os falcões tordilhos de pinta amarella como flôr de enxofre, evocados por Enrique Larreta na «Gloria de Dom Ramiro».

Tambem recordei Luiz XI e o seu gosto pela falcoaria, ao ponto de um pagem, querendo desculpar dois fidalgos que se batiam em duello, dizer-lhe, num dos actos da «Marion de Lorme», que disputavam, porque um dissera que «l'alet ne vaut pas l'alfaneq».

E todo o dia o vôo do meu gavião (eu já o chamo meu!) faz-me reviver na lembrança aquelles medievos versos populares que Garrett incluia no «Cancioneiro»:

«Gavião, gavião branco,
Vai ferido e vai voando!»

LOUCA

Domingos Lopes tinha partido da villa de Pentecostes, ao cahir da noite. Cançado de lutar contra a sêcca que devastára as pobres ribeiras sertanejas, tendo visto cahir de inanição a ultima vacca da fazendola onde trabalhava, resolvera fugir daquelle povoado faminto já, rumando para o littoral e dahi para onde o destino o levasse. De nada se arreceiava. Tinha gasto trinta annos de vida naquelles cafundós a mourejar na lavoura e na criação, de enxada em punho ao sol quente, de viola na mão ao luar, pelos terreiros onde fervilhava os sambas. Nascera — e bastára esse pensamento para lhe dar coragem — na terra em que desgraça pouca é *bobagem* e só se pesa a infelicidade de arroba para cima.

Caminhára a noite toda, a velha lazarina ao hombro, o chapéo de coiro deitado para a nuca com o barbicacho a lhe vincar o pescoço, o passo igual e seguro resoando pelo caminho ermo, atravez dos carrascaes sêccos, sem folhas, em gritos de animaes bravios. O luar escorria pelos arvoredos esqueleticos, prateava o pateo limpo das fazendas abandonadas onde se não ouvia mais ladrar de cães e alumiavam ossadas de rezes. De tempos em tempos sentava-se numa pedra, accendia o cachimbo e ficava a matutar no que seria a sua vida, folha que o vento tangia num descampado. Como seria a capital, a cidade do Forte, o mar, o vapor, o Amazonas ou o Sul? Baixava a cabeça, passava a mão pelos cabellos duros, espetantes, empoeirados, e ficava a cuidar nos horrores que enchiam o sertão. Havia fome e peste. Tinham morrido os gados. Começavam a morrer as gentes. E os olhos se humedeciam com a vontade dos tempos felizes, quando andava encoirado atraz dos barbatões ou modulava cantos nas vendas das encruzilhadas. Erguia-se e continuára a caminhar.

Quando amanheceu, a serra do Gigante, ao longe, pouco e pouco se ia banhando no oiro pulverizado do sol. Pedregulhos micantes reluziam entre a garrandreira da catinga, á beira do leito secco dum córrego. O vento erguia rente ao solo nú ligeiras espiraes de pó. De onde em onde, por cima dos matagaes desfolhados, surgia uma copa de joazeiro, quasi murcha, verde-cinza. As palmas das carnahubeiras esparsas, em grupos, pelas varjotas, gemiam doloridamente.

O cabôclo parou num ponto mais alto da estrada e relanceou um triste olhar por aquella passagem morta. Depois, fixou a vista num ponto. Meio kilometro adiante, uma fachada singela branquejava á luz. Sobre o tecto avermelhado poisavam urubús. Um revôo de aves negras ondeia ø ar. Domingos Lopes apressou o passo.

Perto da casinhola, um aflato de podridão fel-o tapar as narinas. Avançou, porém, e, chegando á porta gritou:

— O' de casa!

Houve um silencio maior. Depois o echo repetio distante a ultima syllaba do grito. Empurrou a porta. As umburanas resistiram, guinchando. Então, metteu os hombros ás madeiras, retezou a musculatura num grande esforço e arrombou os batentes, que abriram com estrondo e ficaram estremecendo nas dobradiças desconjunctadas. Um bafo horrivel veio do copiar escuro. O sertanejo recuou, aperrou a espingarda num receio de qualquer surpreza e penetrou na casa.

O cadaver dum rafeiro magro, atravessado em frente da porta, estava coberto de formigas e moscas. Ao pé das tacaniças estiravam-se, quasi nús, resequido um, horrivelmente podres os outros, os corpos de tres crianças ossudas, que mostravam ter perecido de fome.

Quando o retirante se approximava, para os reconhecer, voltou atraz com terrror. Pela porta da casinhola, sahia uma mulher mal coberta por immundos trapos, melenas cahidas, olhos esbogalhados, ossos furando a pelle terrosa. Tudo nella era desespero e loucura. Arrastava-se, dando de quando em quando pequenos saltos, rangia os dentes; estremeções, espasmos sacudiam-lhe o corpo em que os ossos pareciam chocalhar. A mão tremula brandia uma comprida faca sertaneja, reluzente e afiada. Fitou os olhos côr de lôdo no homem aterrorisado e rugio entre gemidos roucos, sacudindo a cabeça, revolvendo o ar com a lamina:

— Assassino! Abandonaste-me com os meus filhinhos! Elles morreram! Eu tenho sede e fome. Vou matar-te, para te comer e beber o teu sangue!... Quero beber o teu sangue!

E deu um pulo maior, fitando as pupillas pantanosas no sertanejo que um suor frio cobria. O Domingos vacillou, encostando-se á parede. As mãos apertaram a fecharia da lazarina. Insensivelmente, ergueu a arma até o peito, apontou-a á louca e um tiro quebrou o silencio do sertão. A mulher rolou, escabrijante, estertorando e elle, largando a espingarda, fugio pela porta aberta, na carreira.

"Gazeta de Noticias"
26-5-916

UM PERIGO A EVITAR

A entrada de immigrantes prejudiciaes

Os desamparados e mutilados pela guerra européa virãoaugmentar o pauperismo nacional

Entrevista com o deputado Gustavo Barroso

Deputado Gustavo Barroso

O Sr. deputado Gustavo Barroso tratou ante-hontem, na Camara, da necessidade de impedir a entrada de immigrantes que não possam contribuir para o progresso do nosso paiz, antes prejudicando o seu desenvolvimento. Procurámos hontem ouvil-o sobre o assumpto.

O representante cearense nos fallou da seguinte maneira :

— Em consequencia da guerra européa, cessou a immigração de gente valida e apta para os trabalhos da industria e do campo, se não cessou pelo menos diminuiu de tres quartas partes. Presentemente, os vapores estão vindo da Europa cheios de familias compostas sómente de crianças e mulheres, pois que a conflagração tem ceifado os seus chefes, pais ou irmãos. Tambem começam a vir cégos e mutilados, todos incapazes de trabalho.

Esses elementos são demasiadamente prejudiciaes ao paiz. Não vêm collaborar com idéas ou capitaes, nem com o seu trabalho material, em beneficio da nossa vida economica. Os menores desamparados tornar-se-ão em breves, na maioria, pelo abandono e pela necessidade, vagabundos ou criminosos. As mulheres em grande numero, dirigidas pela miseria, que é má conselheira, farão crescer a prostituição. Os estropiados augmentarão o numero de mendigos.

— Mas, a Constituição Federal, objectámos, não cogita de impedir a entrada de ninguem nesta terra de liberdades.

— Entretanto, ahi está a lei da expulsão de estrangeiros e outros dispositivos legaes que não são muito de accordo com as interpretações radicaes da Constituição. E' uma questão de defesa propria, ademais. Nós não podemos consentir que se perturbe o apparente equilibrio economico em que vivemos.

Então, o problema do pauperismo nas cidades maritimas, como o Rio de Janeiro, mais se complica com a entrada dessa gente quasi desvalida.

— Que nos diz do que a respeito tem feito as outras nações ?

— Os Estados Unidos, cuja Constituição não permitte que se impeça a entrada no paiz de quem quer que seja, praticamente a prohibem, não deixando que desembarquem em Nova York nem os menores sem tutores ou responsaveis, nem os operarios contratados em paizes onde o jornal é mais barato e que vêm prejudicar o trabalho do operario nacional, que é mais caro.

Na Argentina a imprensa se tem occupado muito do assumpto e o Congresso já votou as leis necessarias, visando mesmo o augmento desses immigrantes desvalidos, em consequencia da guerra européa.

— Qual o fim que o senhor teve, apresentando a indicação que enviou á commissão de Agricultura ?

— O meu fim foi chamar a attenção do poder legislativo sobre o assumpto, que reputo da maior importancia, e tambem fazer com que a referida commissão procure estudal-o e sobre elle se pronuncie, indicando os meios preventivos necessarios.

84
85

"Folha do Povo" - Ceará - 29.4.916

✻ Sic vos non vobis ✻

O poeta Irineu Filho dirigiu á redacção do "Fon-Fon" no Rio de Janeiro, a seguinte carta, cuja publicação nos pede.

Illmo. Sr. Redactor do FON-FON.

Rogo-vos a publicação do seguinte.

Fui desagradavelmente surprehendido ao ler, em o n. 1(de vossa conceituada revista uma local epigraphada—GARATUJAS—e firmada por um snr. *Jotaenne*.

Antes de tudo, é de mister que se desfaçam duas inverdades flagrantes contidas na alludida local. A primeira é essa em que o supradito senhor confunde, convicta e candidamente, numa só pessoa, Irinêo Filho e Gilberto Flores. A segunda é essa em que o mesmo garatujador diz que Irinêo Filho lhe offereceu a elle um exemplar do MARICAS E MARICOES.

Em contraposição a isso me cabe declarar, mais uma vez, pela imprensa, que entre mim e o incognito autor do livro em questão nada ha de commum. Ora, não sendo eu, como não sou, o escrivinhador de tal obra, não poderia nunca, á claro, por fórma alguma, nessa qualidade, offertá-la a quem quer que fosse, mesmo ao Snr. *Jotaenne* que se diz meu amigo e patricio e a quem, por uma dessas fatalidades da vida, não conheço e nem sequer desconfio quem elle seja.

Das duas uma:—ou tudo isso é uma pilheria, aliás de mau gosto, arranjada adrede pelo snr. *Jotaenne* para fins que não descubro, ou esse homem das GARATUJAS anda fóra dos eixos e a ver estrellas ao meio dia. Em qualquer das hipotheses, só me é dado dizer-lhe que prove, insophismavelmente, que eu lhe haja porventura offerecido, pelo meu proprio punho—ou mesmo autorizasse alguem a fazê-lo—um exemplar qualquer de qualquer obra e, mui especialmente, de minha lavra.

Se tal conseguir, consiguirá tambem me *convencer* da minha autoria sobre uns perfis que jamais escrivi---MARICAS E MARICOES.

De modo contrario, ficara desfeita essa lenda sem graça e sem fundamento de me attribuirem a paternidade intellectual daquillo que não produz e cuja fama, antipathica e má alguns espiritos gaiatos, maliciosos ou perversos querem ligar ao meu mui obscuro nome.

Terminando, agradeço ao snr. *Jotaenne* as affaveis palavras que me quiz dirigir, principalmente a criteriosa classificação de *ingenua e credula* que fez de minha alma e que é, em summa, a maior e quiçá, a unica verdade escripta em a sua local. Confesso, de bom grado, que sou, de facto tão ingenuo e credulo que seria incapaz de attribuir, nem por sonho, a João do Norte—celebrado autor de tudo que tem feito—a maternidade dessas GARATUJAS.

Sem mais, snr. Redactor, sou com a mais ampla estima e consideração, vosso amigo certo e humilde servo.

Irinêo Filho

85
86

"Selecta" - 18 - Mars - 1916

O "Trust" dos Estreitos

A face mais interessante da politica ingleza de dominio maritimo é necessariamente a maneira tenaz, incansavel, sorrateira com que a Grã Bretanha conseguio ter nas mãos todos os estreitos importantes, chegando a ser hoje em dia a proprietaria de todas as passagens de mar. Durante seculos, os estadistas inglezes, com uma paciencia e uma segura visão que lhes fazem honra, trabalharam por se apoderarem de todos os canaes ou das estações navaes que os possam atalaiar.

Actualmente, ao lado da sua monstruosa esquadra, que lhe dá incontestado poder nos mares do globo, a Inglaterra possúe tambem o monopolio, o *trust* dos estreitos.

Em 1704, ao findar a guerra da successão de Hespanha, quando os exercitos de Bernick, que era bastardo dos Stuarts e marechal de França, recolhiam pelos Pyrineus e as tropas do magnifico Villeroi se repatriavam pela Bresse, Albion, previdente e astuta, preparando patrioticamente sua grandeza futura, deixava em Gibraltar, ao redor do gonfalão rubro vergastado pelo vento d'Africa, um troço de soldados. Com o correr dos tempos Gibraltar ficou definitivamente britannico. Logo lhe recavaram, esfuracaram as duras entranhas, levantaram espaldões, chumbaram casamatas e torres blindadas aos rochedos. E, prescrutando as aguas, os canhões estiraram os longos pescoços negros.

A entrada do Mediterraneo estava guardada e esse mar não tinha outra porta. Mas um dia Lesseps rasgou o isthmo de Suez, offerecendo um curto e facil caminho ás armadas que buscassem a India. Tambem os politicos de Londres tinham de ha muito previsto a abertura daquella passagem. Quando a Europa se occupava com as guerras napoleonicas, ella tomára conta de Malta, pondo entre o Geb-el-Tarik e o futuroso Suez uma estação naval poderosa, que tanto o vigiasse como ao canal de Otranto. Depois, adquirio Chypre, outra atalaia mais proxima. Para se consolar da perda de Calais, que com Dover lhe dera a dominação da Mancha, da cessão das ilhas Jonicas, que lhe permittiam o gozo de governar a navegação da costa grega do Adriatico, tão sagazmente manobrou que o Egypto lhe veio cahir totalmente nas garras. Então, de par com a posse completa do melhor caminho para as Indias ficou com o quasi dominio do Mediterraneo.

E' necessario notar que a Inglaterra não procura impedir a rota das terras indianas, de onde lhe vem toda riqueza. Ella conhece bem a resistencia das couraças modernas e sabe que, mesmo apezar das minas, ha certas passagens que se não podem guardar. O que não quer é que lhe impeçam esse caminho, é que, nos estreitos abandonados, se embosquem esquadras inimigas á maneira da de Togo em Tsuschima. O que não quer é que lhe faltem guaritas de vigia ou poisos onde consertar navios e receber carvão.

Não contente com o Mediterraneo, tomou conta do mar Vermelho. Guardava Suez, a entrada; fortificou Aden, municiou-o. Fechou, assim, o Bab-el-mandeb, a sahida. Do lado de fóra, guarneceu a ilha de Socotora. Era a sentinella.

No cabo das Tormentas fiscalisava as aguas do Atlantico fundindo-se nas do Indico; na colonia do Natal vigiava o canal de Moçambique; entre as ilhas da Oceania, os *attols*, os recifes madrepothicos, eram seus o estreito de Cook, o de Torres, o de Van Diemen e cem outros; possuia as passagens que intervallam as ilhas polares do norte; affirmava a territorialidade das aguas entre ella e a Irlanda; as vedetas das Falkland dum momento para outro podiam defender o estreito de Magalhães; Santa Helena e Tristão da Cunha, unicos oasis na vastidão deserta do Atlantico, tinham estações navaes de vigilancia e cruzeiro; a Jamaica e as Lucayas serviam de bases de operações para a defeza dos braços de mar das Antilhas; os seus ministro manobravam habilmente para, em qualquer partilha dos despojos do « Homem Doente », devorarem os Dardanellos; e fôra um grave erro entregar á Allemanha Helgoland, chave do mar do Norte, base para o tapamento do Texel, ao sul, do Cattegat e do Sund, ao norte.

Entretanto, ainda se podia buscar a India pelo sul, trazendo caladamente as esquadras pelo Pacifico, pelos mares Indo-chineses. Adiante do Indostão se alevantava um grande imperio colonial francez e o Japão, certo, um dia viria a ser ameaça aos interesses britannicos, no Oriente. E Singapura, que

guardava o estreito de Malaca, logo hasteou a bandeira da «Union Jack».

Assim, durante seculos de manhosa e previdente politica expansionista, a Grã Bretanha conseguio formar o *trust* dos estreitos. A's suas mãos escapou a canal do Panamá e agora fugiram os Dardanellos. Não obstante estas duas decepções e erros graves como a cessão de Helgoland, ou fructos de verdadeira impotencia qual a entrega de Calais, pode-se dizer que nunca nenhuma nação maritima logrou tamanho poder nos oceanos nem conseguio ter em sua possessão todas as viellas e beccos do mar.

Foi á habilidade tenaz dos seus politicos e á bravura dos seus marinheiros que a Inglaterra deve ter sempre anniquilado as suas rivaes em commercio e navegação: a Hespanha, Portugal, a França e, com trabalho maior, a Hollanda. Se um almirante batavo hasteou no mastro grande da sua capitanea uma vassoura, em signal de ter varrido os inglezes dos mares, um almirante inglez içou no da sua náu um chicote para mostrar que surrára as armadas flamengas onde as encontrára!

Hoje assistimos a uma lucta formidavel. O poder naval inglez accionando as menores engrenagens estrangula o commercio mundial e tenta abafar os Imperios Centraes. Veremos se os submarinos tudescos lhe causarão grande mossa e mais adiante, com o fim da guerra, quem continuará a dominar as aguas.

A verdade, porém, é que á superficie das ondas ninguem se pode medir com a Grã-Bretanha e, para lhe offender um pouco o prestigio, não se acham com animo os *dreadnoughts* adormecidos em Kiel. Só a insidia do submarino logra alcançar pequenas vantagens.

João do Norte

"Fon-Fon! 20 Mai - 1916

A ELEGANCIA DOS CONGRESSISTAS

Quasi todos os jornaes se occuparam em *sueltos* e chronicas da abertura recente do Congresso. Alguns atacaram o poder legislativo e suas obras. A maioria, porém, dedicou columnas inteiras sobre o modo por que se apresentaram vestidos os paes da patria, na totalidade, póde se dizer, ignorantes quanto ás regras do protocollo official.

Commentando taes coisas dizia-me outro dia o Monte:

— Ora, já vio você como é interessante e original este Brasil? Pois numa época de tão grandes aperturas e tão fortes emoções, quando a esperança até parece que nos abandona, a imprensa limita-se a tecer tão frivolos commentarios sobre o começo dos trabalhos do poder legislativo. Em vez de se pezarem as condições deprimentes do paiz, analysarem-se as causas da crise, mostrarem-se providencias acertadas, todo o mundo anda ahi a se occupar com a sobrecasaca dos deputados e o fraque dos senadores, comparando-os com as fardas vistosas ou a linha irreprehensivel dos diplomatas. Que contrasenso. Tivessem elles, os lycurgos, boas ideias e andassem até de calça e camisa, valia a pena!...

Les enfants terribles

Parei na esquina da rua da Passagem, á espera dum bonde. Um grupo de meninotes conversava, fumando, descuidosos e alegres. Escutei o que diziam. Um, alourado e forte, com a malicia a luzir nos olhos claros, contava esta esperteza:

— Imaginem que já tenho quatorze annos e meus paes não me querem marcar a menor mesada. Entretanto, agora consegui quarenta mil reis por mez. Dão para o cigarro, o bonde e o club de regatas.

— Como cavaste esta mina? indagaram todos, curiosamente.

— Ora, papai foi passar uns tempos em Pindamonhangaba. Estou só em companhia de mamãe, que é muito tolinha. Outro dia, imitando a lettra de papai, fiz-lhe uma carta, na qual dando noticias agradaveis, declarava que eu estava crescido quasi homem, precisando duma mesada sufficiente. E papai terminava a epistola, ordenando á mamãe dar-me quarenta bagarotes mensaes. A velha, coitada! cahio na esparrela.

Toda a meninada cahio na gaihofa. Eu tomei o bonde pensando que especie de homem iria ser aquelle rapazola.

* O vispora em familia é um dos costumes eminentemente nacionaes que possuimos. Haverá uma casa de funccionario publico ou guarda-livros ahi por esses suburbios afóra onde, á noite, se não *cante* o vispora divertido?

Outro dia, eu passava por uma rua de S. Christovão, quando dei com uma casa toda illuminada, em cuja sala de visitas jogavam o loto. Em torno de uma mesa se premiam moçoilas e rapazolas. Numa cabeceira impunha respeito uma matrona de oculos de oiro. Na outra um velhote magro, esgrouviado, remexia o sacco das pedras, tirava uma por uma, fazendo gracinhas. Não havia meio de dizer os numeros. Todos tinham alcunhas.

— Os oculos do Padre Eterno (88)!

— Os annos de Christo (33)!

— Os patinhos da lagôa (22)!

Eu segui pela rua abaixo e da esquina ainda lhe ouvi a voz fanhosa:

— D. Quixote e Sancho Pança — o 18, minha gente!!...

"Fon-Fon!"

Rio de Janeiro, 20 de Maio de 1916.

Na Beira-Mar

Aquella *terrasse* do Passeio Publico, que deita para a Beira-Mar, foi abandonada. Raras pessôas sentam-se alli. Nem os funccionarios publicos apozentados a procuram mais. A's vezes, soldados de policia enchem-lhe as mesas. Uma destas tardes, descancei lá da longa caminhada que me trouxera desde o canto elegante da Avenida de Ligação. Servio-me o refresco um *garçon* tristonho, certamente por nunca receber gorgetas. Fiquei olhando a tarde, que morria, amortalhada em violeta e oiro. Manchas de luz ennodoavam os morros arroxeados. Um transatlantico sahia, vagarosamente magestoso, com as côres hollandezas pintadas no casco. Duma fortaleza espiralou leve fumarada. Ecoou um tiro de canhão. Começaram a passar automoveis lustrosos, cheios de mulheres formosas e de elegantes cavalheiros. A' proporção que passavam, eu murmurava os seus nomes sonoros e recordava tudo quanto se dizia, nos chás e nas esquinas, da sua vida galante, movimentada, que parecia a todos venturosa.

Veio-me á lembrança a crise, os sem-trabalho, a miseria das ruas, as dividas que afogam a nação e, por fim, numa associação de semelhança, a maneira por que se fazem fortunas neste Brasil prodigo.

Analysei um a um os que passavam, deslisando nos *popes* macios, nas *renauds* silenciosas, nos *humbers* de metaes brilhantes, bem vestidos e perfumados, leões das festas e dos theatros, pretendentes victoriosos a todos os triumphos da nossa civilisação transitoria. Deviam ser felizes. Este enriquecera nos fornecimentos ao Estado. Aquelle ganhára uma fortuna, vendendo concessões. Este outro fizera em larga escala a advocacia administrativa. Aquelle outro defendera no seu jornal os governos dissolutos.

Sorri. Viera-me á lembrança uma coisa muito antiga. A minha alma mergulhára num momento no esplendor de belleza da Grecia de outr'ora.

Eis o que eu recordava com ironia. Voltando do Egypto, Solon promulgára em Athenas uma lei excellente, que obrigava cada habitante a declarar todos os annos, ás auctoridades, quaes os seus meios de vida. Essa lei fôra instituida pelo Pharaó Amasis. Por ella os moradores das nomachias egypcias iam cada anno á presença do governador provar se viviam de modo honesto ou não. Emquanto durou tal lei, o Egypto e a Attica estiveram limpos de ladrões e delapidadores.

Ah! se apparecesse neste Rio de Janeiro um homem da envergadura de Amasis ou Solon, que obrigasse a sua população a ir declarar na policia de que vive, provocaria uma revolução, porque a maioria dos que arrotam riquezas não pode explicar como as ganhou.

Levantei-me ainda a sorrir, porque fantasiava o medo de muita gente, quando recebesse a intimação policial. Olhei a praia de Santa Luzia puntilhada já de luzes. O obelisco da Avenida parecia negro, entre a brancura do Monröe e o acinzentado dos terrenos sem construcção. Fui andando, vagarosamente, para a cidade, a meditar:

— Importamos as bôas coisas das civilisações alheias e as modificamos aqui ao bel prazer dos nossos interesses. Importamos a constituição, a caixa de conversão, idéas financeiras, sociaes, politicas. E tudo se estiola, tudo mingua, tudo morre. A velha lei egypcia seria fraudada, falseada como os constructores da Avenida falsificaram o obelisco...

E terminei, para os meus botões:

— Este paiz está perdido!

Jotaenne

As Ardennas

Vai formidavel a lucta nas Ardennas. Alli se travam os mais formidaveis duellos de artilharia entre francezes e allemães. Sómente nos arredores de Verdun a lucta é maior. Já no tempo da Revolução se dizia que a floresta da Argonne seria as Thermopylas da França. E foi na sua proximidade que se travaram as batalhas salvadoras da nascente republica, derrotados os veteranos de Frederico II pelos voluntarios do anno 1°.

Mas a reputação do valor defensivo das Ardennas é muito mais velha, é quasi tão antiga quanto o mundo. Stabão na sua «Geographia» conta que, no tempo das invasões germanicas, os gaulezes da região entrançavam os cipoaes e ramarias da floresta, impedindo a passagem, cavavam fossos, armavam emboscadas e depois iam esconder-se com as suas familias, completamente descançados, porque era impossivel ao invasor continuar a marcha.

Tantos seculos mais tarde estamos vendo a velha floresta novamente fortificada para defender os gaulezes de hoje da invasão dos germanos modernos.

No Monröe. A um canto da sala do café, olhando or jardins por uma janella aberta, conversam amavelmente dois deputados. Falaram da guerra européa, do *funding*, da eleição para a commissão de finanças e por fim de questões eleitoraes.

O mais idoso, cofiando a bigodeira grisalha, disse:

— O meu maior adversario politico é o administrador do cemiterio do meu districto.

O joven respondeu, sorrindo:

— Então, estás perdido! Se no dia da eleição elle se lembrar de fechar o portão do cemiterio, não sae um defunto para votar. Serás derrotado.

O outro deu uma risada e falou com vagarosa ironia:

— Sempre estou em melhores condições do que estás. Corres mais perigos de perder uma eleição do que eu. Com a emenda anti-proteccionista que apresentaste, perdeste de vez a sympathia de todos os fabricantes de phosphoros...

"Fon Fon!" 27-Maio-916

"Fon-Fon!" - 27 - Maio - 916

Dr. Wenceslau Braz (Palacio do Cattete — ou Guanabara ?) — Estou em duvida sobre a residencia actual de V. Ex.a Não sei para onde dirigir estas mal traçadas regras. Entretanto tenho tanta vontade de dar uns pequenos conselhos a V. Ex.a, maximé depois que V. Ex.a m'os pedio e com tanta gentileza.

Não sei se é falta de modestia tal proposta, porém careço de saber onde V. Ex.a reside definitivamente, pelos menos para ajudar a fazer cessar os boatos de que V. Ex.a nada decide, nem mesmo o logar onde deve residir. Veja, excellentissimo como é perverso o brasileiro...

Dr. Azevedo Sodré (Prefeitura). — Posso affirmar que a interinidade de V. Ex,a vae cessar em breve... Não se assuste! V. Ex.a continuará como prefeito effectivo. Não accredita? Quem me disse isto foi o Macedo e V. Ex.a sabe que o Soares é lá, dentro do Cattete, do Cattete ou do Guanabara?...

Deputato Juvenal Lamartine (Camara). — Para que V. Ex.a anda a dizer certas coisas? Então, é brincadeira andar espalhando que um seu collega foi visto entrando numa certa casa duma certa rua?

Deputado Affonso Barata (Camara). — Corre que alguem surprehendeu uma conversa de telephone em que o seu companheiro Ildefonso Pinto o convidava para ir a um passeio. Quer um conselho? Não vá. Pinto é o bicho que mais come baratas neste mundo!

Miguel Mello (Gazeta de Noticias). — Posso lhe asseverar — e o faço afim de que se previna e evite complicações, que *elle* (já sabe que você foi um dos que mais lhe tem tocado o cacete pelas columnas do Monröe... dos jornaes, quero dizer, Cuidado!

Dr. Alvaro Rodrigues (Gabinete do Prefeito). — Que más linguas a destas rodas officiaes e jornalisticas do Rio de Janeiro! Pois essa gente assoalha por ahi afora que o senhor accumula, que é um verdadeiro accumulador, um cabide de logares remunerados vastamente... Maldade e inveja. Estes cariocas são assim mesmo. Console-se. Ninguem pode ter tres inofensivos empregos. Morre tudo de inveja... Cá estou para defendel-o.

Chauffeur

CÃES

D'Amicis celebrou os cães de Constantinopla e uma infinidade de poetas contaram um dos cães que ladram á lua.

Hoje em dia, se os podengos de Stambul foram desterrados para uma ilha do mar de Marmara e se uma carrocinha gradeada pesca os *street-dogs* neste Rio de Janeiro, nas linhas de batalha da Polonia e da França, os cadellos proliferam. Matilhas de cachorros sem dono seguem, dizem os jornaes europeus, os exercitos do Kaiser e se fartam de carniça após os combates.

Esses animaes sempre gostaram de seguir as tropas em campanha. Já na guerra do Paraguay o general em chefe do Exercito brasileiro ordenára a matança dos molossos vadios que viviam em derredor dos acampamentos. E, como o batalhão encarregado do fuzilamento fosse em massa dos pobres bichos foram de policia, ainda hoje pelos Estados, especialmente no Norte, os soldados de policia são appellidados *mata-cachorros*.

Mas voltemos aos lebreus da guerra européa. A proposito delles o Sr. René Fauchois fez uma poesia, na qual fala de um rafeiro, que, destruida a granja do seu dono, fôra obrigado a seguir o exercito invasor de mistura com os cães inimigos.

O animal narra a sua vida, queixa-se da sorte, diz que passa fome. Eis as suas palavras:

«J'ai faim. Sombre maigreur de mes flancs, [me navres.
Autour de leurs repas je rôde sans succès.
Les autres chiens sont gras, ils mangent des ca- [davres,
Mais moi, je ne peux pas; je suis un chien [français.

Cambyses apaixonou-se por uma sua irmã de pae e mãe. Quiz desposal-a. O direito costumeiro dos persas, porém, se oppunha ao incesto. Que fez o epileptico soberano asiatico?

Consultou o tribunal dos juizes reaes. Estes estudaram as usanças do paiz e as leis persas desde o tempo de Ormuz e Oannés. Não acharam o menor dispositivo que permitisse o casamento do rei com a propria irmã. Então, para agradar-lhe e obter recompensas, deram-lhe esta resposta:

«Nenhuma lei consente na união matrimonial dum irmão com a irmã; entetanto existe uma lei que diz poder o rei fazer tudo e não poder ninguem impedir-lhe de praticar os actos que quizer. Assim, Vossa Magestade, póde casar».

Cambyses casou. Os juizes deram uma sentença de accordo com as suas consciencias. E a chicana ficou morando de vez no reino illustre dos Medas e Persas.

Chicana

Não é de hoje nem de hontem a chicana juridica. Ella envenena o mundo desde os mais antigos tempos e nunca se descobrio o modo de a extirpar.

Herodoto conta um exemplo de chicana mui interessante, que demonstra como os magistrados sempre foram homens duma mesma raça desde os ephoros gregos aos prefeitos romanos e aos desembargadores de hoje.

Na Persia, ao tempo de Cambyses, segundo narra Herodoto, havia os juizes reaes, que distribuiam justiça e interpretavam as leis, homens serios e integros, que não andavam de sobrecasaca, mas usavam togas e tunicas escuras.

No Flamengo

Estava uma tarde linda, de velludo e gaze, toda perfumada. O sol morrêra entre grandes acolchoamentos de nuvens escuras e ficára na natureza uma luz fugidia, suave, saudosa, que violetava a paysagem toda. Ao longe serras recortavam-se num rôxo terno. O céu, o mar, os vultos das coisas distantes eram violetas e sem saliencias, sem detalhes, quasi apagados numa nevoaça leve. No topo dos montes mais altos havia uma bruma de oiro.

A praia do Flamengo fervilhava de gente elegante. As mais lindas mulheres passavam com as suas toilettes claras. Filas de automoveis rodavam velozmente. E, com o seu pisar de rainha, ella surgio num dos passeios, elegante e altiva, modelada num vestido de riscas azues e brancas, a concentrar em si todas as attenções, fazendo esquecer a suavidade da tarde e a formusura das outras mulheres..

"Jornal do Commercio" 27 Abril - 1916

UM PERIGO A EVITAR

Immigração prejudicial

A' COMMISSÃO DE AGRICULTURA DA CAMARA

Offerecemos á consideração da Commissão de Agricultura, da Camara, que por indicação do Deputado Gustavo Barroso tem de dizer sobre a immigração prejudicial que procura o nosso paiz como consequencia da guerra européa, mais os seguintes dados, colhidos na lista de passageiros do paquete *Araguaya*, hontem entrado da Europa.

Este vapor trouxe para o nosso porto 26 passageiros de terceira classe, assim divididos:

ADULTOS — 5 homens e 10 mulheres;

MENORES—6 masculinos e 5 femininos.

Destes 11 menores 10 são crianças.

Ha dias era o *Darro* que, em 62 passageiros trazia, apenas, 4 homens; agora é o *Araguaya*, que em 26 traz, apenas, 5. O resto mulheres e crianças.

Está claramente indicada a tendencia desta corrente immigratoria. Os homens são poucos agora na Europa, ou para o serviço militar ou para o serviço da industria que, em grande actividade, força ao maximo a sua capacidade productiva para prover ás necessidades de todo o genero dos belligerantes.

Os poucos homens que de lá nos vêm entre os passageiros de terceira classe bem póde ser que não tenham servido para nenhum daquelles serviços.

E, além delles, só mulheres e crianças.

Cumpre notar que a nossa situação social, neste momento, por causas varias, já é bastante melindrosa pelas extremas difficuldades de vida com que luta uma grande parte da população.

Certo, as 79 mulheres e crianças que nos chegaram pelo *Darro* e *Araguaya* não vão produzir uma crise social.

Haverá lugar para ellas e, em tão pequena quantidade, facilmente se diluirá na massa total da população, sem que d'ahi provenha grande mal.

Salientamos estes factos apenas pelo que elles têm de caracteristicos, pois, sem contestação, estamos em face de um claro indicio de um serio desequilibrio da justa proporcionalidade que deve ter a corrente immigratoria.

Este indicio não deve ser desprezado. A negligencia, o descaso, a olympica tranquillidade de espirito tão nacional, tão propria dos filhos deste uberrimo paiz, é que póde tornar grave a situação, dando lugar ao apparecimento de um problema social muito mais difficil de resolver que o caso presente.

"Noticia" - 26 - Maio - 1916

OS NÃO DESEJAVEIS...

O joven, formoso e elegante deputado Gustavo Barroso, cavalheiro de bom gosto, intelligencia e muque, não quer estropiados no territorio da nossa estremecida Patria. S. Ex. apresentou á Camara um papel (cuja denominação technica ignoro), pedindo que a commissão de Agricultura diga qual o melhor meio de evitar que, depois da guerra, entrem no nosso paiz aleijados, prostitutas, mendigos e todas as demais variedades de **indesirables** que provavelmente virão atopetar as nossas ruas.

S. Ex. tem razão em parte. Em these não se deve deixar entrar aqui estropiados e mendigos. Mas, meu caro Gustavo, você se esquece de uma coisa: a nossa posição de devedores que não podem pagar nos obrigará a acceitar quantos mutilados e mendigos o estrangeiro nos fizer a honra de enviar para cá. Devemos, não é? Sim. Pagamos? Não. Obtivemos um **funding**, que expira em 1917; para o anno que vem. Este já vae em meio. Ora, segundo dizem os entendidos em materia de finanças, não estaremos, daqui até lá, em condições de pagar a divida. Conclusão: pedir renovação do **funding**. Se os credores concederem a renovação, muito bem. Se não, temos que nos resignar ao que elles determinarem. Vamos que elles determinem que o Brazil fique sendo o Asylo de Invalidos da Guerra, que havemos de fazer? Curvar os hombros, Gustavo amigo, curvar os hombros e deixar que entrem muletas, manetas e pernetas quantos quizerem. Porque nem o seu muque, todo esse seu muque, chegará para convencel-os do contrario... Quanto ao caso particular das... daquellas creaturas que tambem, segundo a sua mente, não devem entrar, tenha paciencia o joven e austero deputado. Se S. Ex. é homem sério, eu, de minha parte, declaro francamente que não o sou. E ha muitos outros jornalistas nas mesmas condições, que estão dispostos a fazer pela imprensa tenaz opposição aos seus designios draconianos. A sua lei prohibitiva deve ser precedida de uma outra: a do casamento obrigatorio, ficando o Estado na obrigação de dotar as moças pobres que forem pedidas em casamento por mancebos pouco favorecidos da fortuna. Primeiro esta lei. Depois, então, póde vir a outra, como corollario...

— **Antonio Torres.**

"Fon-Fon!" - 3 - Junho - 1916

Dr. Wencesláu Braz (?) — V. Ex. desculpe, porém eu não lhe posso dar a resposta que sollicitou, emquanto sua residencia fôr interina, ao mesmo tempo no canto da rua Silveira Martins e no fim da rua Pinheiro Machado. V. Ex. precisa acabar de vez com essa historia de interinidades...

Deputado Gustavo Barroso (Camara) — Que fita você anda fazendo, meu amigo! Querer prohibir a entrada, no paiz, de aleijados e de mulheres! Ha lá quem embarque nessa canôa. Você mesmo quer impedir o augmento do sexo fraco? Maganão!

Dr. Afranio Peixoto (Prefeitura) — V. Ex. gostava muito de comer maçãs ao subir para Petropolis, no trem das quatro. Consta que V. Ex. continua a apreciar essa delicada fructa e que tem a gaveta da mesa sempre cheia de maçãs. Mal o seu gabinete se esvasia, V. Ex. torna-se um frugivoro terrivel. Será verdade?

Professor Mirabelli (São Paulo) — Anda a fazer successo e reboliço a historia que se conta duma lampada electrica, que V. Ex. accende sem fio e sem pavio. Tambem dizem outras coisas estrambolicas praticadas por V. Ex. Eu não duvido que V. Ex. seja um grande sabio nem duvido que faça as maravilhosas coisas que já correm mundo. Dou-lhe, porém, um conselho. Contribua para a felicidade do seu paiz. Seja patriota. Olhe, o Macedo Soares está ahi e assistio ás suas sessões. Elle é intimo do Wenceslau. Mande, por elle, ao presidente da Republica a tal lampada magica. Ella poderá servir como a do Aladdin, para dar riquezas a este Brasil empobrecido ou como a de Diogenes, para o Sr. Wenceslau procurar um homem... Não é uma bôa idéa?...

Chauffeur

♣ No tempo em que não valia a pena gastar capitaes na reforma de navios envelhecidos pelo uso, pois que as necessidades do trafego não eram grandes, o Lloyd ia abandonando pela nossa bahia cascos de vapores imprestaveis.

Hoje, quem se afastar numa lancha do caes do porto e rumar para o lado da ilha das Enxadas ou da Sapucaia verá os cançados navios do Lloyd cheios de operarios, vibrando ao bater dos malhos e martellos.

Dentro de cada casco abandonado grulha uma vida nova. Fazem-se reparos no cavername, solidificam-se as amuras, limpam-se as chaminés, reformam-se as caldeiras e dentro em pouco o barco esquecido estará prompto para navegar.

A guerra européa deu-nos a comprehensão da carencia duma grande marinha mercante. O nosso commercio precisa de navios que levem productos para a Europa. Na impossibilidade de construir novos, rehabilitamos os velhos.

Assim, resurgirão para os mares os antigos paquetes olvidados. Já ninguem se lembrava mais do *Aymorés* do *Florianopolis*, de outros. Dentro em pouco os seus nomes brilharão nos costados, em lettras garrafaes, annunciando a nacionalidade brasileira aos submarinos tudescos...

"Rua" - 30 - Maio - 916

A sessão do C. M.

O deputado Gustavo Barroso plagiador

O Sr. Leite Ribeiro, no expediente, provou como o deputado pelo Ceará, Sr. Gustavo Barroso, plagiou o seu projecto sobre a emigração de mendigos, apresentado ao Conselho em 1901 e que veiu publicado hoje no "Jornal do Commercio" com phrases elogiosas ao deputado da terra do Sr. Accioly.

92

"Jornal do Commercio"
26 Maio 1916
Ed. Pará

O Brasil asylo de invalidos

O assumpto na Camara dos Deputados

Uma indicação á commissão de Agricultura

Não se perdeu, felizmente, o appello que daqui fizemos aos Srs. legisladores quando, recentemente, chamámos a attenção dos Srs. Deputados para o perigo da immigração "indesirable" que ameaça nos vir da Europa como consequencia da grande guerra.

O Sr. Gustavo Barroso, Deputado pelo Ceará, alludindo a factos historicos, lembrou as grandes correntes emigratorias que sahiriam da Europa, logo após as grandes guerras e citou as leis com que os Estados Unidos da America do Norte e Argentina se defendem dos máos elementos emigratorios, fundamentando, assim, brilhantemente a seguinte indicação, que mandou á Mesa:

"Indico que a Commissão de Agricultura, considerando os perigos da immigração de menores e mulheres desamparados, de estropiados e outras pessoas inutilizadas pela guerra européa, tendo em vista as estatisticas do porto do Rio de Janeiro sobre o assumpto, diga sobre a melhor fórma de evitar os prejuizos decorrentes dessa inconveniente entrada de immigrantes prejudiciaes."

E' de esperar que a Commissão de Agricultura não demore em responder a esta indicação, porquanto, do que se trata não é de um perigo futuro a evitar; é de pôr uma barragem a um perigo já existente, como provámos com a lista dos passageiros de 3ª classe do "Darro" na qual, num total de 62, figuram apenas 4 homens, sendo o resto mulheres e crianças, facto este que serviu de argumento ao Deputado Gustavo Barroso.

E a iniciativa de pedir a acção da Commissão de Agricultura devia mesmo ter partido, como partio, de um representante do Ceará, esse viveiro de homens; esse fornecedor de braços e energias a quem se deve o povoamento e a prosperidade da Amazonia; desse Ceará que tem direito de exigir leis que protejam os seus filhos, contra uma desigual concurrencia do trabalhador extrangeiro e tambem de leis que, pelo menos, os colloquem em igualdade de circumstancias com o immigrante extrangeiro quanto ao seu amparo e localização, em nucleos de colonização da União ou Estados.

Já aqui deixamos dito que precizamos muito de immigração, sem duvida, mas da que venha a ser uma utilidade e não um prejuizo. E precizamos, tambem, um pouco de attenção dos poderes publicos sobre os trabalhadores nacionaes para que não se repitam os lamentaveis factos que presenciamos, recentemente, quando a secca do nordeste fez emigrar para o sul milhares de infelizes que são infelizes, que são ignorantes e são miseraveis, não por culpa propria, mas porque não têm tido a assistencia que deveriam ter.

A votação de meio pratico de vedar a entrada no paiz da immigração "indesirable" já será um começo de assistencia indirecta aos trabalhadores nacionaes.

Um pouco mais de esforço, e os trabalhadores nacionaes, quando em crise, como recentemente os flagellados pela secca, poderão obter dos poderes publicos algo mais que um pouco de alimento, como soccorro, de urgencia á ultima hora, atirado como esmola para que não morram de fome.

Na realidade, um assumpto destes que, vedando a entrada no paiz dos máos elementos immigrativos, tende a proteger os trabalhadores nacionaes, não podia deixar de impressionar um Deputado cearense intelligente e estudioso como o Sr. Gustavo Barroso na sua carreira parlamentar que se tem occupado de preferencia de assumptos uteis á terra que representa na Camara

1916. Sessão de 31 de Maio. "Diario Official" de 1 Junho -

O Sr. Gustavo Barroso — Peço a palavra.

O Sr. Presidente — Tem a palavra o nobre Deputado.

O Sr. Gustavo Barroso (*sobre a acta*) — Sr. Presidente, em sua edição de hontem, *A Rua* publicou uma noticia, com titulos garrafaes, dizendo que o Sr. Intendente Leite Ribeiro, illustre membro do Conselho Municipal desta cidade, na sessão daquella Casa, provára, documentadamente, que eu tinha plagiado um seu projecto sobre a entrada de mendigos, na indicação que apresentei á Camara dos Deputados sobre a necessidade de prohibir a entrada de estropiados e de outras victimas da guerra européa no Paiz.

Eu poderia me defender dessa allegação com a maior facilidade possivel; não o faço, Sr. Presidente, porque para minha defesa basta a carta que o digno Sr. Intendente Leite Ribeiro me dirigiu, hontem, e que peço permissão para ler:

«Exmo. Sr. Dr. Gustavo Barroso — Applaudindo sem reservas, na sessão de hoje do Conselho Municipal, o acto por V. Ex. praticado, iniciando uma acção que considero urgente, momentosa, de grande alcance social, sobretudo para esta cidade — a prohibição da entrada, no territorio nacional, dos estropiados, cegos, etc., que, por effeito da conflagração européa, fatalmente se espalharão por toda a parte, para o exercicio da mendicancia, ampliei o caso ao meretricio, e para tornar demonstrada a sinceridade do meu applauso á digna e patriotica attitude de V. Ex., mostrei que já em 1901 eu havia, por meio de uma indicação, pedido que os Poderes Federaes praticassem esse acto de defesa social, terminando a minha oração com a leitura da minha indicação, de uma pagina de Jules Humet, sobre o assumpto, e da lei americana, que interdicta a entrada de aleijados, dementes, prostitutas, etc., nos Estados Unidos.

Com pasmo, e ao mesmo tempo indignação, acabo de ver que um reporter da *A Rua*, deturpando as minhas intenções e a minha acção, vem de me emprestar uma aggressão a V. Ex., quando meu objectivo foi exclusivamente o opposto: applaudir V. Ex.

Meu discurso não será publicado amanhã, mas espero fazel-o em breve, e V. Ex. terá a confirmação do que me apresso a dizer-lhe.

Vou telephonar para as redacções dos matutinos, contestando o que esse vespertino publicou, e espero que V. Ex. não me responsabilize por esse acto, que sou o primeiro a deplorar.

De V. Ex. Cr°. e Respr. Obrg. *C. Leite Ribeiro.*»

Era o que tinha a dizer. (*Muito bem; muito bem!*)

Questões de ensino

Sobre o Collegio Militar

O Sr. Gustavo Barroso deixou hoje, sobre a mesa da Camara dos Deputados, o seguinte requerimento de informações:

"Requeiro que o governo, por intermedio do Ministerio da Guerra, informe:

a) si se encontra vaga a cadeira de geographia do curso de adaptação do Collegio Militar do Rio de Janeiro, desde quando e por que motivo;

b) si algum dos adjuntos do referido curso requereu provimento na cadeira em questão, em que data e qual o despacho dado a esse requerimento;

c) si o curso de geographia se acha suspenso, ou, no caso contrario, por qual dos adjuntos está sendo ministrado;

d) si a esse adjunto são pagos os vencimentos annualmente consignados no orçamento da Guerra para o professor effectivo;

e) si o governo, entendendo estarem os adjuntos do Collegio Militar desta capital incluidos no artigo 11 da lei 2.290, de 13 de dezembro de 1910, mandou apostillar os seus titulos, como substitutos, assegurando-lhes os direitos que os mesmos substitutos gosavam nos institutos civis;

f) qual o criterio seguido nas duas ultimas promoções de professor havidas no curso de adoptação do Collegio Militar do Rio de Janeiro;

g) em que datas foram nomeados para o cargo que actualmente desempenham os dous adjuntos ainda existentes no mesmo curso.

Sala das sessões, em 9 de junho de 1916. — Gustavo Barroso."

Notas - "9-Junho - 916

93

"Selecta" 1 Junho 1916

«Quant au petit soulier de Cendrillon, comment n'y pas reconnaitre la sandale qui permit a un roi d'Egypte de retrouver la courtisane Rhodopis ? »

E. Gomez Carrillo — *La Grace Eternelle.*

« Le roi, emerveillé et par la singularité de l'aventure et par la beauté de la sandale, chercha par tout le pays la femme à qui elle avait appartenu, et c'est ainsi que Rhodopis devint reine d'Egypte. »

G. Maspero — *Histoire ancienne des peuples de l'Orient.*

O Nilo corria barrento e vagaroso por entre os cáes e os renques de palacetes polychromicos de Naucratis, «a flôr do Delta», «a poderosa navegadora», que nesse tempo era, por um regio decreto de Amasis, o unico porto Egypcio onde podiam ancorar as ligeiras embarcações do Archipelago, do Jonico, e as barcas pesadas do Golfo das Syrtes.

Nenhum navio podia transpôr outra barra do lodento delta do Nilo que não fosse a Canopica. O monopolio alfandegario do Egypto, assim estatuido, foi a base da monstruosa riqueza mercantil da cidade. Se, forçada por tempestades, uma galera infringisse a lei, tinha o capitão que jurar, perante as auctoridades severas, por Ammon, por Eschmun ou por Zeús, a involuntariedade da acção.

Naucratis era mais grega do que Egypcia.

Hellennizara-se ao contacto commercial com as ilhas proximas. Sua grande importancia com o decreto do novo Pharaó mais se alargara. Seu renome encheu o Mediterraneo, do Ponto Euxino ás columnas de Hercules. Sua fama correu pelo Mar Vermelho, de Asiongaber ao cabo dos Aromatas.

Os marmores claros dos palacios davam sombras tremulas á correnteza do rio. Nos jardins palmeiras esguias ramalhavam lassamente. E o céo encinzentado do Egypto pesava sobre as cousas, granitico, soturno, abafador.

Numa das muitas voltas elegantes do canal de Sakharah, erguia-se lindo palacete de porphyro verde.

As paredes lustrosas das fachadas inclinavam-se estreitando-o para cima. Entre columnas que relembravam pelas canelluras os velhos feixes de canniço entaipados de lama, das construcções primévas, terminando suavemente em capiteis com a fórma leve da flôr do lotus, abria-se uma porta trapezoidal.

A moldura de basalto escuro alargava-se na parte superior onde espalmava as azas o milhafre sagrado e luzia, doirada, num contraste vibrante com os ornatos egypcios, uma inscripção grega, simples e alegre. Sobre o terraço, perto do parapeito polido, num divan de correias trançadas, afundando-se mollemente em fulvas pelles de leão, descansava a sensual Rodopisa. Um braço pendia, alvo e roliço, fóra do leito, e o olhar seguia preguiçosamente a correnteza do rio. Fitava aqui, ali madeiros carunchosos, derivando, feixes de canniços arrastados em redemoinhos. Depois ella erguia a cabeça e poisava instantes os olhos claros na nodoa escura de uma aza, perdendo-se no cris pallido do céo. Mais um momento, e as palpebras cançadas velavam a sensualidade dos olhos: — e, quando de novo lentamente se erguiam, elles estendiam-se pelo azul parado e longinquo do Meditarraneo, procurando avistar a trireme em que Caraxo vinha de Mytilena á terra ardente do Egypto.

Uma pyramide escureceu lugubremente nos riscos vermelhos do poente, para os lados de Saïs, magestosa e negra qual fantasma das velhas dynastias desapparecidas. O grito do vigia da barra Canopica, annunciando a noite, varou o céo, duro, forte, cortante como a voz de Ramsés II — quando chamava ao combate, á margem dos lagos da Asia Menor, a legião heroica de Sutek.

Entre as folhas das plantas aquaticas, nos lameiros de ao pé dos cáes, passeiavam ibis pernudos e graves, como guerreiros chardanas montando guarda diante do palacio real de Memphis. Sobre os capiteis das columnas de uma velha construcção de Tuthmosis poisavam vultos brancos de cegonhas. Num comoro ao longe, avultando na planicie que cercava a cidade,

reluzia tocada dos ultimos raios do sol a estatua de basalto verde de um rei antigo, com um gerifalte de azas abertas sobre a cabeça — symbolo de fereza e divindade.

Rodopisa esperava o amante, que não vinha, e naquella solidão sua alma era triste como o morrer da tarde, como as sombras que se adensam em torno da pyramide de Meïmun, nos areiaes quentes da Lybia. Recordava os dias de amôr, de alegria, de felicidade. Fechava pesadamente os longos cilios castanhos que lhe toldavam com duas sombras leves a limpidez da face. Sem que o sentisse, abstracta e saudosa, como estava, escorregara-lhe do pé a minuscula sandalia de coiro do Epiro, bordada a perolas, com incrustações de esmeraldas por entre os lavores de oiro, quasi tão rica como as da celebrada hetaira Lamia, que foram um regio presente de Demetrio Poliorcetes, senhor da Macedonia.

Rodopisa nascera na Thracia e se educára a ver o treinamento dos homens para as luctas circenses e a criação dos garanhões para montaria dos cataphractes. Ao sahir da adolescencia, poderia disputar um concurso de formosura a Laïs ou a qualquer das escolhidas cortesãs do rei de Pergamo. A fama de sua belleza estendera-se de Samos á Trinacria e de Bubastes até Cesaréa. Os argivos appellidavam-n'a a «Dorica» e diziam que, no Egypto, chegara a gosar de tanta influencia que, por sua ordem, se erigira a pyramide de Mykerinos. Della fallavam os soldados nos acampamentos, os guias das caravanas longas atravessando o deserto, os pilotos dos navios, de pé junto ao esporão da prôa.

Em Samos, nos ergastulos de Yadmon, fôra escrava em companhia de Esopo. Um dia pagára ao corcunda uma fabula com um beijo. Levou-a ao Egypto, esperando proventos, Xanto, negociante de escravas, fornecedor dos dicterions do Pireu, traficante de auletridas para os festins de Athenas, vendedor de hetairas para os jardins do Ceramico, explorador de bordeis nos portos do Archipelago, mercador de cortesãs para os prostibulos de Naucratis.

Foi ahi que Caraxo, commerciante de vinhos, que vinha de Mytilena numa galera de esporão doirado, a vela grega trapejando no mastro, mercou-a a peso de oiro. Caraxo era irmão de Sapho, a poetisa, que os contemporaneos chamavam «a mascula».

Isolada na riqueza daquelle palacio, vigiada por servos fieis ao amante, a hellena maravilhosa entediava-se em silencio e só tinha um pouco de alegria quando elle chegava das viagens distantes e mandava alumiar com tripodes de resinas perfumosas a vasta sala dos festins. Esperava-o naquella somnolencia e cuidava ouvir o ruido dos remos na modorra daquella lassidão. Estava só sobre o terraço. As servas tinham-na deixado para que repousasse melhor, e das caçoletas de perfumes, que ainda ardiam, desprendiam-se espiras de fumo azulado.

O sol ia desapparecendo. Leve claridade tingia as coisas. Sobre tapetes pelludos da Caramania a cáliga faiscava. Soavam ao longe tubas de guerra. E na pallidez do céo bordejava de azas abertas uma grande aguia, que insensivelmente, foi baixando sobre o terraço. Mal ruflavam as pennas, tão vagaroso era o vôo. Baixou mais e mais: — depois, ascendeu de novo para o céo profundo, levando no bico a sandalia bordada.

A' ultima claridade do dia sobre as lagens escuras das ruas illuminou um cortejo real. O divino Amasis, da vigesima sexta dynastia, viera com a côrte visitar a cidade, que protegia carinhosamente desde que se apoderára do throno egypcio, delle expulsando Apries, o conquistador de Chypre, toda verde de parras, da Phenicia, toda cheia de tradições.

Na frente, cadenciados e rijos, marchavam os frecheiros da guarda, envoltos em tunicas vermelhas, e carcaz ao hombro, e longo arco na mão, cobertos com mitras felpudas como os soldados de Babylonia. Depois, espalhando os bronzeos sons das trombetas, vinham negros vigorosos dos desertos longinquos, com tatuagens azues no rosto, brincos largos de oiro e alvos turbantes de linho. E logo, entre o fervilhar das lanças dos cavalleiros e os leques de plumas dos flabelliferos nubios, Amasis garbosamente conduzia o carro real, incrustado de nacar, de marfim e gemmas, com cartuches e inscripções hieroglyphicas multicores. Os quatro garanhões brancos que o tiravam encurvavam os pescoços aos puxões das rédeas. Fraqueavam por vezes. Então, os da comitiva, que ladeavam a quadríga, afastavam-se presto. O Pharaó, hirto e solenne, erguia no ar a face magestosa, emmoldurada nas abas cahidas do capacete azul; e a vibora de oiro que lhe sahia da fronte vibrava toda aos solavancos do carro.

Seguiam-se as insignias da realeza e da nação rematando longas varas de acacia: cabeças de Hathor de Neith, e de Ptah, milhafres, gerifaltes, lotus azues, globos alados, urœus, bois apis, gypoetos, maxillas de crocodillo, deuses ibiocephalos, cartuches reaes, ibis, baris mysticos de Hor, de Khum, de Ammon-Ra, grandes anubis

de oiro com os olhos de esmeralda. Acotovellavam-se sacerdotes com alvas oureladas de purpura e de jacintho, medicos syrios com simarras escuras, œris balançando as plumas de avestruz do alto capacete e ostentando collares de honra, astrologos phenicios chamarrados de oiro.

95
96

A aguia veio descendo sobre o cortejo em vôos lentos, espiralados. Deixou cahir a calçadura luxuosa sobre o carro real e, subindo nos ares com immensa velocidade, apagou-se. Todo o cortejo parou num intradusivel espanto. Fechava a marcha uma syntagma de mercenarios ionicos. Ao avistarem a ave sagrada de Jupiter, os hoplitas baixaram as lanças e puzeram o joelho em terra. Curiosa, a multidão mais apertára na rua irregular a passagem do sequito real. Os batedores brandiam azorragues. E pelas viellas sordidas, pelas betesgas lamacentas, o poviléo foi se escoando em silencio.

O Pharaó apanhou a sandalia minuscula e recolheu-se pensativo ao palacio de altas linhas severas, todo cheio da austera magestade das vastas salas hypostilicas. Ao outro dia contaram os medicos que não pregára olhos como por bruxedo, apezar de haver matado a sede com agua de rosas, tocada de vinho de Tenedos, que estivera, num vaso de barro de Oph, exposta tres noites no parapeito do templo de Osiris.

De manhã muito cedo, mal a aurora sarjava de sangue o horizonte pallido, já o rei estava de pé, e pelo palacio, dos corpos de guarda ao gyneceu, borboleteavam ordens.

Mais tarde, um tetrarcha de vélites, com a couraça de escamas de bronze, cercado de soldados, percorria as ruas. A's esquinas, um ethiope bizarramente tatuado soprava a tuba sonora. Procuravam de casa em casa um pé que calçasse a sandalia prodigiosa.

Experimentaram-n'a em todas as mulheres que encontraram: — nas murchas hetairas emigradas de Corintho; nas auletridas fanadas, vindas de Mileto; nas prostitutas réles do Canal das Lamas; nas bojudas camponezas de Bubastes; nas franzinas tecelonas phenicias; nas tintureiras immundas da Tiberiade; e até nas gordas mulheres rescendentes a alho, que traziam comsigo os mercadores pobres de Hecatompyla.

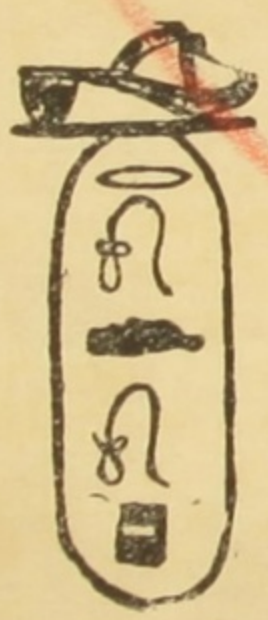
Levaram tres dias em experiencias e, ao fim de cada um, o Pharaó divertia o seu furor, vendo os mensageiros infelizes espatifados na fossa dos leões ou as cabeças rolarem, cortadas pela sua propria mão.

No quarto dia, o œris encarregado da perigosa diligencia, trouxe-lhe Rodopisa, que fora encontrar scismarenta e triste no seu palacio rico, em cuja porta, sob as azas egypcias do milhafre, brilhava um verso attico á gloria e ao prazer de Venus Peribasia e Callypigia.

A' noite, o palacio real tumultuou em grande orgia. Lampadas de oleos perfumados do Cysico illuminaram as pesadas columnatas e os grandes entablamentos pejados de inscripções. Tiniram sobre as mesas enormes, repousando em sócos de granito, as copas de oiro, os pratos de bronze e as espatulas de prata. Derramaram-se os ôdres e as amphoras esguias de vinhos raros: — de Cós, de Tenedos, de Karpathos, de Rhodes, de Parthenope. E perpassaram em tenues gazes, dansando em farandolas lascivas, indo cahir sobre os leitos forrados de pelles macias, por entre os braços dos convivas, as delicadas auletridas da Hellade.

Vezes, pesava grande silencio. O vento assoprava os braseiros, cujas châmmas rubras iam clarear um instante, nas paredes ennegrecidas, scenas de batalhas antigas. Os escravos nahasis olhavam das portas, cruzando os braços riscados de manilhas. Os gritos roucos das sentinellas esganiçavam-se ao longe Depois, recrudescia a bacchanal.

Nessa noite Amasis, o victorioso e audaz, sagrou a nova favorita com longo e ardente beijo...



Dias depois Caraxo veio de Mytilena vender vinhos em Naucratis. Não encontrou mais a esperal-o a amante pensativa. Mandou preparar de novo a trireme de esporão doirado e partiu, veloz, pela liquida planicie do Archipelago. O piloto de pé, curvando-se para a frente, marcava o rythmo dos remos: e os remadores da Lybia respondiam modulando um canto triste e saudoso como o ramalhar das tamareiras nos oasis, no qual relembravam a paz das aldeias e diziam as saudades dos amores distantes...

GUSTAVO BARROSO (João do Norte)

MENDIGOS

Com a sua displicencia de infinito bom tom, o joven deputado Gustavo Barroso descalçou a luva e redigiu indicação a proposito de um caso que precisa ser regulado: o dos immigrantes inuteis, invalidos. Immediatamente souberam os povos de uma coisa fatal — é que tambem já tratara do caso ha muitos annos o edil Leite Ribeiro, o homem dos dez mil projectos. Ficou assim a burguezia da Municipalidade de accordo com a elegancia da representação federativa. O Conselho dispensa a urgencia de pôr em ordem a miseria que vem do exterior. A Camara propõe que se veja isso, quando houver tempo, o opulento, rapido e avaro tempo...

A minha palavra não tem valor algum. Mas, por um acaso, faz-se forte por acompanhar a do já veneravel Leite e a do representante, senão do voto authentico do Ceará, pelo menos de uma brilhante mocidade, cultora do diletantismo espiritual em todas as manifestações da vida. Concordo com Barroso. Concordo com Ribeiro. E como ha mais maneiras de concordar do que de projectos tem o esforçado Ribeiro, concordo por idéas que nem Barroso nem Ribeiro têm — pela situação assustadora do mendigo interno.

Por que manter a mesma criminosa indifferença, deixando entrar tambem os miseraveis estrangeiros, quando já temos de mais nacionaes para assustar a gente, e morrer pelas ruas?

Eis porque, pensando nos nossos mendigos, eu applaudo a indicação...

João do Rio.

"Fon-Fon!" — 3 de Junho de 1916

Gatafunhos...

Eu me queixei da ruindade deste mundo, affirmando até que a morte é preferivel a viver, porque o repouso é melhor que o movimento.

Claudio França, que me ouvia sorrindo, olhou-me algum tempo, balançando a cabeça e depois aconselhou-me desta sorte:

— São momentos de descrença, de desanimo provocado por uma ninharia qualquer. A alma humana é duma fraqueza immensa. A' menor contrariedade se amarfanha e atira um véo negro sobre todas as coisas.

Quando estiveres numa occasião destas pensa na doutrina de alguns dos maiores doutores da egreja, daquelles cujas opiniões fôram condemnadas pelo tumultuoso concilio de Nicéa.

Lembra-te que Aetio dizia ser o crime uma necessidade: e não te horrorises de nada. Recorda-te que Messalio affirmava ser o trabalho o maior dos peccados: e não te esforces para coisa alguma. Por fim medita no que apregoava Valentim: «O mundo é a obra dum Deus em delirio»: e ri de tudo, meu amigo. *Isto* não vale a pena de ser tomado ao serio.

Eu sorri, levantei-me e disse-lhe com alegria:

— Anda d'ahi, ó Claudio, vamos jantar no Assyrio e dansar o tango.

Garatujas

Os velhos escriptores, quando se referem á Roma dos Cesares, não cessam de gabar o augmento quasi diario das suas construcções. Strabão esgazeia os olhos e conta-nos que alli se desmanchavam casas ás centenas, construindo-se outras tantas, para substituil-as. Quem adquiria uma morada tinha o cuidado de a demolir e levantar outra segundo o seu gosto ou o seu modo de viver. Assim, Roma era uma cidade que vivia a se renovar.

Aqui neste nosso Rio de Janeiro tambem se constroem muitas casas e os compradores de predios não descançam emquanto não os amoldam ás exigencias do seu gosto, pessimo quasi sempre. E' agradavel ver derrubar uma velha mansão colonial para que surja no seu logar uma elegante fachada moderna. Porém é triste ver, e isto é quotidiano, pôr a baixo casarões de gosto antigo para erguer casinholas *art-noveau*.

Ainda ha dias eu vi quebrarem velhos telhões portuguezes, vidrados, esmaltados de azul; vi quebrarem-nos a alvião para apparecer uma platibanda sobrecarregada de compoteiras e ornatos pesados.

Quande se fazem taes demolições para construirem novas coisas, ainda vá lá, supporta-se. O que é doloroso é vêr, — e tal espectaculo vejo todo o dia, pintar os portaes e as frontarias de granito, para fingir a tinta, por cima, marmores coloridos...

Ainda o relogio da Gloria

Passando num bonde de Praia Vermelha extranhei pela centesima vez que a Prefeitura ainda não tivesse mandado concertar o relogio do largo da Gloria, parado ao meio-dia e vinte dum dia cuja memoria já se perdeu. O Fagundes, cearense da gemma, cabeça chata e voz arrastada, retrucou:

— E' preferivel que fique parado a andar como o relogio do Icó.

— Que historia é essa do relogio do Icó?

— Vou contal-a. Havia no Icó em tempos idos, quando no sertão cearense a ignorancia era mil vezes maior que hoje em dia, um advogado chamado Manoel Hortencio. Naquella povoação matuta nunca se vira um relogio. Uma feita, o Manoel Hortencio mandou buscar uma pendula na capital da Provincia. Todo o povo ficou embasbacado e não havia ninguem que não regulasse sua vida pelas horas do relogio famoso.

Vai uma noite toda a população icoense se agglomera no adro da matriz, em lagrimas e aos gritos, implorando misericordia, pedindo a Deus que não deixasse o Icó perecer nas trevas!...

Sabes o que acontecera? O relogio do Manoel Hortencio tinha se atrasado e déra cinco horas da manhã quando tão sómente era meia-noite!

— Semelhante a essa anecdota sertaneja é uma historia veridica acontecida em Paris. Ahi por mil oito centos e trinta e tantos, no pateo das Tulherias havia um velho canhão de bronze. Ao meio-dia em ponto um guarda o fazia detonar. E toda a grande capital regulava os seus relogios pelo tiro da velha peça.

Pois uma vez um garoto accendeu a mecha e fez a bombarda disparar por volta de dez horas da manhã. Não avalias as atrapalhações, os desencontros, os prejuizos dos parisienses. Um horror!

O Fagundes olhou-me, sorrindo, e eu terminei:

Estou de accordo comtigo. E' preferivel que o relogio da Gloria continue ankylosado, e que cause transtornos funambulescos, si der para andar marcando horas erradas!

Eu acabára de ouvir uma sentença mais do que injusta no recinto daquelle austero tribunal. Fiquei parado, os olhos fitos numa estatua da Justiça, a velha Themis da balança e da venda, que tem servido de balança para tantas vendas e que se erguia sobre uma prancha a um canto sombrio.

Um amigo tocou-me no hombro.

— Que esperas?

— Que se reproduzam os antigos prodigios. Quando os argivos tomaram Troya, no horror do saque, Minerva virou o seu rosto de marmore branco, para não vêr a violação de Cassandra. Na tomada de Siris, quando os jonicos arrebatavam os supplicantes de ao pé dos altares, Pallas Athenae, a deusa dos braços claros e dos olhos verdes, baixou as palpebras de pedra.

Eu esperei, ó tolice! que Themis deixasse cahir aquella balança, aquelle lenço, voltasse a cara, ou melhor, brandisse aquella espada de dois gumes...

"A Noite" — 4 - Junho - 1916

Para salvar a nossa honra

A opinião de mais um deputado

O deputado Gustavo Barroso externando-se, a nosso pedido, sobre o assumpto, assim se expressou:

— Não sou tão pessimista sobre as nossas condições financeiras quanto aquelles que tomam parte na campanha alarmista do momento. Tambem não sou tão optimista quanto outros que contra ella se insurgem. Acho que temos necessidade de cuidar com empenho, boa fé e patriotismo dos meios mais ou menos urgentes para podermos satisfazer as nossas obrigações perante os credores estrangeiros, evitando vergonha e descredito para o nosso paiz. E devemos seriamente trabalhar pela cura radical da nossa enfermidade financeira, para que de uma vez nos desatolemos dessa situação de aperturas em que somos obrigados a viver. Ambas as faces do problema são importantissimas. O nosso dever impõe remediar uma com maior brevidade e não descurar da outra, mais profunda e mais difficil.

Não tenho grande fé no auxilio dos municipios e Estados. Todo o Brasil está em más condições de dinheiro e o nosso povo ainda não tem a cultura da gente franceza, que, para o pagamento da indemnisação á Allemanha, em 1871, deu as suas joias e as suas alfaias. Eu bato palmas ás palavras do meu illustre collega José Augusto, digno e estudioso representante do Rio Grande do Norte, pedindo medidas que dêm instrucção ao povo brasileiro e o tornem apto a saber combater as suas crises, mormente com a educação technica e profissional.

O notavel discurso do illustre Sr. Carlos Peixoto trouxe uma certa tranquillidade ás amarguras do momento. Mas é necessario que o governo não continue nesta quasi impassibilidade em que vae. Urge a proposição de medidas por parte do executivo e a sua discussão sincera e ponderada pelo legislativo.

O remedio indicado pelo deputado Carlos Peixoto: economisar o que falta para os pagamentos de 1917; esse remedio é, na minha humilde opinião, o melhor. Ha tanto em que economisar, tantas obras a suspender, tanta cousa a sustar. Ao demais, caracemos de uma arrecadação melhor, bem como de tributar certos e determinados productos agora em boas condições e até agora escapos á tributação, como, por exemplo, o café e o assucar, segundo as palavras do proprio relator da Receita. E por que se não regulamenta o jogo, que existe de facto?

Entretanto, na carencia de meios em que nos encontramos, pensam em enviar uma grande embaixada á Argentina, em elevar as legações do Chile e Rio da Prata a embaixadas, em modificar a linha da serra da Central e a linha circular dos suburbios, e que sei mais.

Instruamos o nosso povo, impulsionemos as fontes da economia nacional, economisemos, não só com os funccionarios, mas nas verbas de maior vulto, e tenhamos honradez, patriotismo e fé que a Patria sobrenadará a esta crise passageira.

14

"Diario Official" - 6 - Junho - 1916. Discurso pronunciado na sessão do Senado de 5 de Junho de 1916

O Sr. Mendes de Almeida — Não póde recair, porque neste caso representaria um ataque ao seu direito.

Assim, Sr. Presidente, diversas têem sido as opiniões emittidas a proposito deste magno assumpto. E' natural e isto tem succedido, que surjam antagonistas ás idéas pregadas pelo nobre Senador, razão porque eu me permitto a liberdade de solicitar do Senado a necessaria autorização para juntar ao meu discurso a opinião do jovem Deputado pelo Ceará Sr. Gustavo Barroso, que tambem toma parte nessa movimentação patriotica, opinião que tambem foi publicada pela *A Noite*, e que eu peço licença para citar.

A opinião de S. Ex. é a seguinte:

"Gazeta" - 23 Setembro 1916

Gatimanhos...

Em sisuda reunião da commissão de finanças da Camara dos Deputados, o illustre relator do orçamento do Exterior declarou solennemente ter grande empenho em cortar as verbas daquelle ministerio, apezar dos obices e entraves que encontrára. E teve uma phrase de muito espirito o nobre deputado:

— «Sr. presidente da commissão, o ministerio da Relações Exteriores despende muitas verbas, cuja inutilidade se demonstra com duas palavras. Creio que esse dinheiro é gasto todo com polainas!»

Houve um sussurro na commissão e entre as pessôas presentes. O relator sorrio e explicou:

— «O ministerio tem uma quantidade de mocinhos elegantes, que são addidos sem vencimentos, mas vencem umas tantas libras por mez. Todos esses bonitos rapazes usam polainas claras, cada uma deste tamanho! Eu já conheço os moços do ministerio pelas polainas. Quando vejo um frangote de apurado trajar e polainas já sei: é do Itamaraty. Tão certo como tres e dois são cinco. Propunha á illustre commissão que certas verbas do referido orçamento fossem discriminadas com a seguinte rubrica: para polainas...»

98
99

"Imparcial" - 10-Junho-916
(Ecos)

O deputado Gustavo Barroso apresentou hontem, á Camara um requerimento de informações, com tantos *itens* que os profanos podem imaginar haver ali uma grave e complicada questão de direito, um desses problemas, que dependem de largo estudo, elementos variados e difficeis de apprehender.

Infelizmente, não se trata de coisa assim complexa e é isso exactamente que dá ao requerimento o aspecto de uma demonstração lamentavel. O caso é dos mais simples e dos mais communs na administração indigena : é o classico caso de um cidadão, que vê seus direitos negados ou sonegados pelo capricho de altos funccionarios, mui pequenos, que abusam do poder confiado á suas mãos, para satisfazer melindres pessoaes ou proteger afilhados.

O cargo a que se refere o requerimento é o de professor de geographia do curso de adaptação do Collegio Militar desta capital. Está vago, desde setembro de 1913 e cabe — por direito expresso em leis e regulamentos indiscutiveis — ao adjunto mais antigo do mesmo curso. Mas como o director do Collegio não sympathiza com esse adjunto, que, além do mais, é tambem jornalista e não se tem servido de sua penna para elogiar systematicamente o sr. ministro da Guerra e o pessoal de seu gabinete, resolveram todos esses importantes cavalheiros não fazer sua nomeação.

O prejudicado appellou para todos os recursos que a lei punha a seu alcance. Mas que valem as leis deante da omnipotencia de um ministro ? Que vale mesmo a vontade do sr. presidente da Republica, sua decidida resolução de fazer justiça ?

Nada.

Sabemos que o sr. dr. Wenceslão Braz, levado pelo desejo de manter inalteravel justiça na administração, já se interessou por esse caso ridiculo; mas suas intenções foram burladas pela confusão voluntaria das informações, que lhe foram prestadas. E como não é possivel ao presidente da Republica abandonar outros afazeres mais instantes, não houve remedio senão mover uma acção parlamentar.

E vae a Camara dos Deputados occupar sua attenção com os caprichos de um ministro em assumpto de expediente administrativo. Talvez seja até necessario votar uma lei, com tres turnos de discussão em cada casa do Congresso, determinando que os ministros não podem deixar de observar os regulamentos, quando lhes der na telha.

"Fon-Fon!" - 10-Junho-1916

♣ Esbelta e altiva, com um passo de garça real e um todo de rainha, face clara e ardente de uma heroina de ballada, ella trazia sobre um hombro, quasi na bordadura de oiro do decote, uma borboleta azul.

Fiquei a olhal-a, a sentir o encanto do seu perfume e a fascinação dos seus olhos. Ampla e toda escancarada, uma janella dava sobre o jardim. O odor das roseiras morria ao entrar no salão que ella perfumava. As pupillas de oiro das estrellas contemplavam-na penduradas no céo escuro.

E eu lembrei-me de velha pagina dum chronista francez, que contava uma anedocta curiosa. Thomaz de Foix, senhor de L'Esau perguntára num baile a formosa dama porque tinha o vestido semeado de borboletas. Ella respondera que os homens usavam brazões ao peito, significativos de sua nobreza e valentia. Assim, as mulheres podiam trazer symbolos do seu caracter. Ella não se deixava apanhar nunca. Era como uma borboleta. Voava quando qualquer mão se approximava della.

Fiquei a pensar, depois dessa remembrança de leitura, si aquella borboleta significava isso ou, peior, queria dizer volubilidade...

(27)

Garatujas...

No nordeste brasileiro é raro o homem do campo que não acredite no lobishomem como o camponez de França crê no *loup garou*. A crença geral é que, nas noites de quinta para sexta-feira, as pessôas amarellas, pallidas, *os empambados* ou *come-longes*, vestem a blusa ás avessas e se rebolcam num espojadoiro de cavallos ou sobre o estrume, sahindo transformados num bicho horrivel, meio lobo e meio gente.

Os meninos é que têm verdadeiro horror a essa *visagem*. A' noite não ha moleque sertanejo ou praieiro que atravesse certas encruzilhadas. Nem que lhe dessem rios de dinheiro !

♣ Outro dia encontrei um homem gordo, de sutambaque marron, que tinha no peito uma fita avermelhada. Era um commendador. Mostrei-o ao meu amigo Eudoxio como se mostra uma curiosidade.

O Eudoxio, sorrindo, fez estas ponderações :

— Que queres ? Já um grande escriptor disse que tudo neste mundo tem limites menos a imbecilidade humana. Eu gosto das condecorações, mas no peito daquelles que as mereceram. Compradas ou dadas por amizade, não me tentariam nunca. Mas ha gente que gosta de ter uma plaquinha ou uma fitinha ao pescoço, como ha burros e cavallos que cadenciam melhor o passo e engallam o pescoço, quando se lhes penduram as campainhas...

Aqui no Brasil demos a quanta gente houve o titulo de barão e a commenda da Rosa. Portugal distribuio á vontade a venera da Conceição. Em França se installaram palmas e meritos para não desmoralisar muito a Legião de Honra. O papa dá medalhas a granel. E isto não é vicio da época. Houve tempo em que a coisa era peior.

Antigamente, em França, dava-se a ordem de S. Miguel a tanta gente que ella era appellidada «o collar de todas as bestas». Não sou eu quem o affirma. Castelnau, no tomo primeiro das suas *Memorias*, á pagina 363, chama-o textualmente assim, em velho francez : «le collier á toutes bestes».

Os lobishomens andam no *fado* e gostam daquelles logares.

E' tão velha, entretanto, a crença humana no lobishomem. Herodoto conta nas suas «Historias» que os gregos accusavam fortemente os Neuros de se transformarem durante alguns dias, um por um, em lobos, correndo doidamente pelos bosques e voltando depois á forma primitiva.

Esses Neuros eram uma tribu populosa da grande familia Scythia e habitavam as regiões onde hoje mais ou menos se estende a Rumania.

99 100

"Fon-Fon!" - 10 - Junho - 1916

HERESIAS

Lendo a annuncio de uma nova egreja protestante, eu extranhei que a religião reformada se andasse bifurcando diariamente em seitas, cada qual a mais diversa, emquanto o seu tronco permanecia uno e indivisivel.

O Madruga interrompeu-me :

— O' homem, não conheces então como foi cheio de schismas e dissidios o catholicismo até o seculo IV, mesmo até mais adiante. Vou citar-te algumas seitas, para que vejas como eram interessantes.

Os patricianistas diziam que Deus fizera o espirito e o diabo a carne; os paternios que Deus fizera o corpo até o meio e o demonio do meio para baixo, e os manicheus que Satanaz creára Adão e Eva.

Os sabellinos affirmavam que o Padre e o Espirito Santo soffreram quando o Filho soffreu. Os ophitas consubstanciavam Deus na serpente. Os severianos achavam sagrados os furores do demonio. Os hernios queriam que os anjos fizessem as almas. Para os appollinaristas Jesus era a carne do Verbo e não de Maria; para os menandrios e corintios era um sabio ; para os arianos, o filho de Deus, creado pelo Padre, mas que creára o Espirito Santo; para os Theodolistas, Theodotus ou Melchisedec; para os sethianistas, Sem, filho de Noé; para os Gnosticos, pae do demiurgio; para os Athanasios, o homem do Senhor; para os arcontios, viera destruir a obra da mulher; para os methodios já estivera encarnado em Adão e para os merinthios não passava de um homem.

Paulo de Samosata, ademais, escrevia que só fôra Deus depois do baptismo. Hermogenes assegurava que elle habitava o sol. Marcellina confundia-o com Pythagoras. Cerintho apregoava nova resurreição. Marcello de Anagra achava que era simples prolongamento do Padre e os ebionitas espalhavam que o tinham conhecido.

Havia mais os circoncillios que pilhavam os ricos ; os cainitas, glorificadores de Caim; os Valesios, que desafiavam a dor; os Tacianos que se flagellavam com juncos e os montanistas que se mortificavam.

Ainda outros eram mais interessantes. Os marcosios adoravam Sabaoth, cabeça de burro, pae do diabo. Os astotyritas não comiam carne. Os therapeutas cantavam hymnos ao sol. Os ethesaitas davam sexo ao Espirito Santo. Os valentinianos ennumeravam 365 céos e os carpocratinios criam num céo unico. Os rabdalistas acreditavam numa circulação universal. Os saturninos falavam de 7 anjos, os colorbarios de 7 estrellas e Bardesanes de 7 espiritos planetarios.

Para Manis as almas se purificavam na lua e para Marcion o Padre Eterno era um simples anjo. Tambem Cerdon o condemnava. Clemente de Alexandria affirmava ser a materia eterna e Origenes que o demonio seria derrotado.

Existiam tambem os nicolaitas, os antidicomaristas, os basilidios, os tertulianistas, os andianos, os...

— O' Madruga, para com isto. Já são seitas demais.

— Meu caro, o catholicismo teve mais ainda. Eu, porém, só pertenço a uma, aos priscillianos, que juravam ser este mundo obra do diabo...

O CUCO

O Amaral soltou uma gargalhada, olhando de esguelha para o relogio da Gloria, parado a seculos no alto da sua columna de pedra.

Ergui os olhos do jornal que lia e interrogueio-o sobre as causas daquella intempestiva e ruidosa alegria.

Emquanto o bonde corria para a cidade, elle me contou a seguinte historia, assegurando ser verdadeira.

— Minha mulher não tem o somno leve nem pesado. Ao ruido que faço quando entro em casa, á noite, não acorda; mas desperta logo que eu me deito na cama. A sua primeira pergunta é: — que horas são? Invariavelmente respondo : — meia noite. Ella fica toda contente por eu ter chegado cedo, dá-me um beijo, vira-se para o outro lado e resona.

Ora, a uns quinze dias atraz, vou entrando em casa e esbarro com uma cadeira, esquecida pela creada ao meio do corredor. Foi um barulho medonho. Minha mulher acordou e perguntou lá de dentro em voz alta :—que horas são? Fiquei frio. Devia ser alta madrugada. Antes que eu fallasse, o cuco da sala de jantar começou a dar horas. Ella, lá no quarto, eu, cá no corredor, ficamos esperando a contar os cantos do passaro do infame relogio. E elle cantou: — hu-hu !, hu-hu !, hu-hu ! hu-hu !

Quatro horas da manhã ! Estava perdido, meu amigo. Porém Deus ou o diabo, não sei qual, me deu uma inspiração salvadora. De pé, no meio do corredor, eu continuei, imitando o cuco : — hu-hu ! hu-hu ! hu-hu ! hu-hu ! hu-hu ! hu-hu! hu hu!

A coitadinha falou-me lá de dentro:—anda deitar logo Amaral. E' meia noite.

Agora aquelle relogio parado da Gloria lembrou-me este *truc* e não me pude conter. Gargalhei.

— Pois, meu caro, respondi-lhe eu, quem me salvou uma feita foi o proprio relogio da Gloria. Elle estava paralysado havia uns oito dias. A pretexto de fazer umas visitas, sahi á noite e fui ao Assyrio. Quando voltei para casa eram tres horas. Minha mulher não conciliára o somno. Esperava me lendo.

Ao entrar, disse-me que olhasse o relogio e visse se eram horas de um homem serio chegar no seu lar. Olhei o relogio e dei um grito de espanto : — não é possivel !

Então, expliquei-lhe tudo. Eu visitára um amigo na pensão Suissa. A janella do seu quarto dava para a praia da Gloria. Era um velho camarada. Conversamos de cousas da infancia. Fumamos charutos. O tempo passou sem que sentissemos até que olhei da janella o relogio da Gloria, relogio official. Marcava meia noite e vinte. Despedi-me. Pois o maldito relogio devia estar parado. Que massada !

Ella acreditou e dormimos em paz...

"For-For!" 10 Junho a 1916

Claudio França voltou-se para o companheiro que lhe falára de uma fabula antiga, lentamente, como se tivera difficuldade em remexer-se no largo divan de coiro. Quebrou depois a cinza muito branca do charuto no rebordo do cinzeiro de Donlton, sangue de boi, um *rouge flambé* admiravel, ladeado sobre a pequena tripode em que repousava por um esguio vaso de Fünfenkirchen e um bójudo jarro de Bernard Moore. Olhou as espiras do fumo odorante e contemplou as suas obras de ceramica fina, esparsas em cima dos moveis. Aqui luziam os olhos de oiro dum gerifalte esmaltado em Carlsrühe perto dum boião elegante de Arita, a real fabrica do Japão. Alli os jarrões de Guda vigiavam velhas peças de Bourg-la-Reine, puro estylo Imperio. Sobre uma peanha antigos saxes mostravam brilhos de oiro morrendo em brilhos de azul.

E Claudio falou com displicencia:

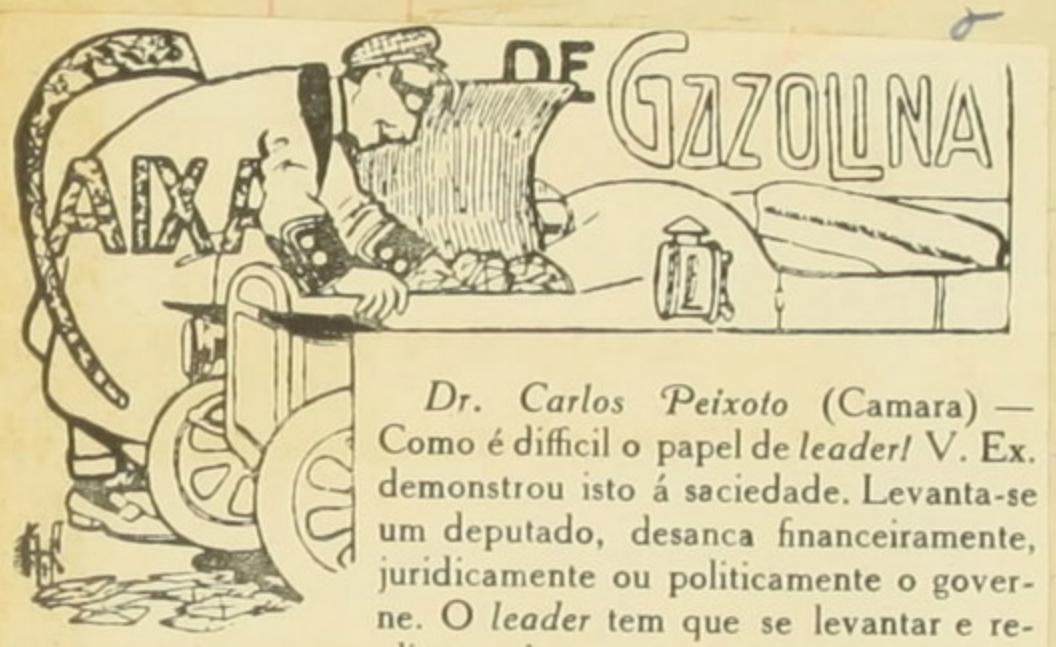
— Disseste-me o teu enthusiasmo por lêres num conto ignorado um tecido elegante de estylo e idéas acerca da Fonte de Juventa, fabula que alumiou tantas mentes de aventureiros nos prodromos da vida americana.

Eu te poderia contar de outras identicas e mais amaveis, mais poeticas, mais curiosas, desde o El Dorado ás cidades de miragem, que desapparecem por encanto, á Atlantida de Platão, á velha Ophir dos patriarchas. Foi sempre destino do homem procurar algo de mysterioso e grande que lhe desafie a ambição e o atturda neste entrechocar de dôres que é a vida. Vem de muito longe o desejo de crear na mente logares deliciosos, que embalem em sonhos as imaginações, os espiritos soffredores. Mas na realidade tudo é fumo como este que sae do meu charuto.

Homero ideou Ogygya e os Hippehmogos intrusos. Hesiodo creou a região dos pygmeus, Alcman a dos stegonopodos e Eschylo a dos cynocephalos. Appollodos inventou os montes Riphens. Theopompo imaginou a Meropida, Hecateu a Kimneris e Evhemere a Panchaia, todas regiões felizes e alegres. Até o grande Aristoteles falou duma Dionysopolis, cidade que um mesmo viajante não encontrava duas vezes no seu caminho. E Camões nos deu a Ilha dos Amores. Todas as religiões teem um paraiso.

Tudo engano. O homem deve procurar gozar aqui mesmo, intelligentemente, como melhor lhe parecer e puder. Mais ou menos assim como eu faço.

O companheiro levantou-se sorrindo, gabando aquella erudição. O França estirou-se mais no canapé, bateu umas pequenas manchas de cinza na manga do casaco de flanella e continuou a fumar com beatitude.



Dr. Carlos Peixoto (Camara) — Como é difficil o papel de *leader*! V. Ex. demonstrou isto á saciedade. Levanta-se um deputado, desanca financeiramente, juridicamente ou politicamente o governe. O *leader* tem que se levantar e replicar sobre o assumpto que o outro glozou. Depois do longo e bello discurso do Sr. Moacyr, V. Ex., vendo que o *leader* ficava na moita, teve piedade do governo. E' comprehensivel e é louvavel. V. Ex. deu a mão ao governo e tirou-o do lodaçal. O seu discurso fez o paiz respirar, foi uma janella que se abrio para o céo, para o mar, para a luz. Andaram creando por ahi uns *sub-leaders*. Agora V. Ex. foi pela opinião publica nomeado *super-leader*. Bravos!

Deputado Pedro Moacyr (Camara) — V. Ex. é pessimista mesmo, porém merece um abraço pelo seu discurso.

Deputado Macedo Soares (Camara) — Faça tudo, Ex., escreva artigos sobre finanças e sobre modas, concorra á Commissão de Finanças e á Academia de Lettras, mas, pelo amor de Deus, não aparteie o Sr. Carlos Peixoto!

Deputado Simeão Leal (Camara) — V. Ex. é esperto. Quando andava a fazer festas ao Camillo de Hollanda, V. Ex. já adivinhára que elle ia ser o governador de sua nobre terra. Lá na Parahyba se diz que quem adivinha assim chorou... antes de nascer.

Dr. Pinheiro Junior (?) — Tenho um recado urgente para o senhor. Mandam-lhe dizer os seus illustres collegas coronel Franco Rabello, Dr. Guedes Nogueira, tenente Sodré, que precisam falar-lhe respeito á organisação duma liga que defenda os interesses de todos os governadores de Estado addidos. Como o Dr. Wenceslão Braz tem predileção pelos interinos, elles esperam que S. Ex. estenda a sua benevolencia aos addidos... sem vencimentos...

Chauffeur

AS PITANGAS

Um mar calmo, todo palhetado de sol, banhava aquellas rochas ensombradas de arbustos leves. Adiante, uma praia rasa e branca, estendia-se beirando matagaes e serras, toda semeada de barcos em repouso. Ao longe ao longo do perfil das fortalezas da barra, passavam velas brancas, inclinadas ao arejo da brisa. A tarde cahia mansamente.

Ao abrigo duma pintangueira, sentado nas pedras, um par de namorados conversava baixinho, aconchegadamente. Ella, erguendo-se de subito na ponta das botinas brancas, disse com um riso que lhe doirou a face:

— Olha uma pitanga lá em cima. Colhe-a para mim.

Elle puxou os galhos, subindo a um pedrouço, tirou o fructo e deu-lh'o, alegremente. E quando ella o mordia, elle, vendo o vermelho daquella polpa esmaecer entre as pôlpas rubras dos seus labios sadios, roubou-lhe um beijo, um longo beijo.

As velas brancas inclinavam-se mais ao sopro da brisa vesperal. Nuvens occultavam o sol. Um pescador passou, remando no seu barquinho, a cantar:

Menina, minha menina
Da minha veneração
Na barra do teu vestido
Preso está meu coração.

E eu que de um comoro perto olhava a paysagem e vira toda aquella scena levantei-me e segui para a cidade, todo cheio da tristeza da tarde, a pensar que os momentos iguaes áquelle são de certo os unicos felizes na vida...

101
102

"Epoca" - 12 - Junho - 916

Desembarque dos mendigos e estropiados

A commissão de Justiça, da Camara dos Deputados, ainda não emittiu o seu parecer, que será de certo inspirado nos mais elevados conhecimentos juridicos, dada a competencia dos que a compõem, sobre a indicação de um representante cearense, que quiz saber si ao governo era licito impedir o desembarque dos estropiados e mendigos, que hão procurado abrigo na nossa terra.

Aquella indicação que mereceu de "alguns autorisados interpretes" da carta de 24 de fevereiro de 1891, commentarios que a mim me não pareceram razoaveis, nada contém de extraordinario nem de novidades; não é um projecto de sonhadores que deva ser recebido com certas reservas; não é tão pouco um problema intrincado que deva ser estudado com meticulosidades e detalhes longos.

Não será por ventura de natureza a impressionar o publico desta capital o degradante espectaculo que lhe offerecem os mendigos, os aleijados, as creanças, as mulheres com o corpete desabotoado, exhibindo os seios minguados pela fome, que esmolam nas portas dos theatros, nos degráos das egrejas e horas de missas de defuntos ricos, horrivel espectaculo que a mais esforçada policia não póde evitar ?

Que especie de concurso poderá prestar-nos essa tropilha de mutilados e enfermos, si ainda não temos asylos onde se procure aproveitar as energias destes infelizes que a guerra inutilisou, ou que já vieram ao mundo com defeitos que á sciencia não foi licito corrigir ?

O Rio de Janeiro já é uma cidade onde a pobreza é enorme, onde se explora a caridade publica, onde os vicios sociaes crescem de um modo que assusta, onde nada se faz para evitar-se a propagação de males que estragam uma raça.

E' certo que a nossa Constituição assegura aos estrangeiros aqui residentes as mesmas vantagens que aos nacionaes; negando-lhes apenas os direitos politicos; mas, esse dispositivo constitucional não obstou, no emtanto, que fosse votada e promulgada a lei que admitte a expulsão de estrangeiros nocivos á ordem publica.

Acoimada embora de inconstitucional, os tribunaes tem negado repetidas vezes "habeas-corpus" aos individuos que a policia pretende expulsar do territorio nacional, impedindo assim que a nossa cidade se transforme em refugio de delinquentes da peior especie, de desoccupados que se fingem de necessitados para illudir a vigilancia policial, de "rufiões" e rascoas que traficam com a innocencia de menores desamparadas.

A prisão não é evidentemente o mais seguro expediente para reduzir a mendicidade; além de aggravar as despesas do Estado, que se vê assim obrigado a sustentar os vagabundos, ella contribue para o desenvolvimento da criminalidade.

Nos Estados Unidos não se admitte o desembarque de immigrantes analphabetos, embora o analphabetismo possa ser combatido com proveito, e não offereça á collectividade perigos maiores.

As necessidades sociaes de um povo não pódem ser limitadas pelos favores que as leis concedem aos estrangeiros laboriosos; e a Constituição de um paiz que é a sua lei suprema não póde descer a minudencias, cogitando de questões que á sabedoria dos poderes legislativo e judiciario compete dirimir.

E, em face dos progressos da "Eugenia", a nova sciencia que tem por objecto estudar os melhores meios de se conseguir uma raça sadia e robusta, essa prohibição torna-se legitima, constituindo uma salutar providencia de que se pódem orgulhar os governos avisados.

E', porém, indispensavel que seja promúlgada uma lei, regulando os casos em que a Policia Maritima deveria impedir o desembarque daquelles individuos.

Não seria tambem de mão conselho que se exigisse dos que quizessem domiciliar-se aqui a carteira de identificação do paiz onde residissem.

Não serei eu quem vá aconselhar a rejeição do braço estrangeiro, que nos auxiliará a explorar as incalculaveis riquezas da nossa terra, abandonadas pela incuria de alguns governantes, conduzindo-as ás regiões da prosperidade; não serei eu quem vá recommendar leis injustas para apoquentar o estrangeiro que em sua terra não póde vencer, e se acolhe á nossa, pedindo-lhe amparo e hospitalidade; não serei eu quem preconisará idéas que o adeantamento do nosso seculo repelle.

102
103

Não, sou um espirito formado ao influxo das mais liberaes idéas; mas o futuro da nossa raça merece não pequenos cuidados dos dirigentes esclarecidos; o interesse em livrar o nosso paiz de vagabundos que amanhã se tornarão temiveis delinquentes, assaltando transeuntes e enchendo as prisões; o desejo de ver organisado o trabalho de modo a produzir incessantes lucros, todos esses problemas, cuidadosamente estudados em alguns paizes, levam-me a applaudir a indicação do deputado cearense, que eu desejára ver transformada em lei.

Alfredo Balthazar da Silveira.

"O Combate" - 11-6-916 - S.ta Leopoldina Espirito Santo

Terra de Sol

O exmo. sr. dr. Paulo de Mello, deputado federal, presenteou esta folha com um exemplar da opulenta producção literaria de Gustavo Barroso—João do Norte—que traz o titulo suggestivo e symbolico de TERRA DE SOL.

Só agora tivemos ensejo de perlustrar as paginas pinturescas em que um dos muitos genios da *terra da luz* deixa daguerreotypada sua *psyché*, de um sentimentalismo realista, inedito e exquisito.

No genero, é uma obra que corre parelhas com Os SERTÕES do inesquecivel Euclides da Cunha. Este, tinha longo tirocinio de letras e larga experiencia da vida real; aquelle, é um joven a quem a sorte tem bafejado prodigamente, e ainda não teve aso de experimentar as agruras do mundo objectivo.

Euclides da Cunha era o genio que se exterioriza para communicar impressões naturaes adquiridas no campo da vida utilitaria; João do Norte é o talento estuante que, numa ansia de sensações naturistas, abre as portas da alma, capta impressões e, numa espontaneidade surprehendente, grapha-as nas paginas de um livro... para ser lido.

Os SERTÕES pode dizer-se que são uma serie de photographias, —vividas e nitidas—das desertas caatingas da Bahia.

TERRA DE SOL é o grito de dôr de um povo desditoso que vive jungido ás inclemencias de uma natureza avára. O Ceará — como ella descreve é um Sahara, periodicamente sequioso e faminto, qual Prometheu atrellado a um meio flagellante. Ella nos não dá a conhecer simplesmente quadros physicos: apresenta-nos tambem, com vivas cores sentimentaes, a psychologia dos seres forjados sob a influencia de um clima torturante. Depois de pintar scientificamente o solo cearense, sua vegetação e suas alternativas metereologicas, a TERRA DE SOL, fala-nos do homem, do boi, do cavallo e do cão, sobre cuja entidade animica a miseria natural decalcou seus terriveis estigmas.

Tem paginas que enternecem a lagrimas. A alimaria sedenta sinistramente urra e levanta as pupillas baças para o céo azul, como que supplicando misericordia. O exodo de incontaveis fami-

103
104

"Fon-Fon!" — 17 Junho - 916

lias esqualidas, esqueleticas, andrajosas, que vão deixando pelas estradas mirrados cadaveres, e marcham sempre roendo raizes venenosas e bebendo em paúes.

Em meio a toda essa narração de soffrimento, Gustavo Barroso, não se esqueceu dos encantos do *verde*, da epoca da abundancia, das festas e dos costumes tradicionaes e do amavio *folk-lore* de seus conterraneos—apostrophes alacres, suavizadoras da vida de um povo condemnado ao maior dos supplicios—a sêde.

Todo o soffrer dos seus irmãos ecoou na alma juvenil e vibratil de Gustavo Barroso, arrancando-lhe do talento este *poema de dôr—em prosa* que é a sublime TERRA DE SOL.

J. Avila

Parodias

O Fulgencio deu uma gargalhada e disse-me:

— Este jornal de provincia que por acaso me cahio nas mãos está interessante. Imagina tu que elle estampa estes celebrados versos dum diplomata e politico do imperio:

Quem passou pela vida em branca nuvem
E em placido repouso adormeceu,
Quem não sentio o frio da desgraça,
Quem passou pela vida e não soffreu,
Foi espectro de homem, não foi homem,
Só passou pela vida e não viveu!

—Achas isto interessante? E' tão velha a sextilha.

—Sim, mas não me deixaste proseguir. O interesse está nas parodias que se seguem.

Escuta:

Quem passou numa casa o dia inteiro
E das carteiras o pó não sacudio,
Quem nunca de manhã lavou tinteiro
E o gosto dum "carão" nunca sentio,
Foi de caixeiro espectro e não caixeiro.
Veio vêr se servia e não servio!

E esta ainda é melhor:

Quem passou numa cacimba a noite inteira
E só de manhã cedo se tirou,
Quem foi vêr se passava na carreira
E p'ra dentro da mesma escorregou,
Foi o gato da minha cosinheira,
Que foi vêr se nadava e não nadou!

Ouve ainda esta outra...

—O' Fulgencio, leia em voz baixa e deixe-me em paz. Tenho mais que fazer que escutar parodias dos jornaes provincianos...

Gatafunhos...

Anatole France, descrevendo Napoleão no encontro que teve com um velho cura, seu parente, em San Miniato, diz que elle escreveu um ligeiro bilhete, antes de deitar-se, a Josephina e depois retirou do seu cerebro a imagem dessa mulher com a rapidez de quem fecha uma gaveta.

Ora, a ligeireza dessas epistolas do grande homem á unica mulher por quem o seu coração palpitou, é notavel e interessante, porque nas quatro palavras que elle lhe gatafunhava entre duas batalhas dizia um mundo de coisas. E esse poder de expulsar uma recordação quando della não carecia mais é de todos os grandes homens, mui especialmente dos grandes homens de guerra.

Quando o Imperador estava numa côrte correspondia-se mais calmamente com Josephina. Entretanto essas cartas, as mais longas, são duma brevidade espantosa.

Da côrte de Saxe elle lhe escrevia nestes termos:

— « Minha amiga. Recebi tua carta. Sube com prazer que passas bem. Acabo de caçar no campo de batalha de Iena. Almoçámos no logar onde esteve a minha barraca. Assisti ao baile de Weimar. O Imperador Alexandre dansa. Eu não. Quarenta annos são quarenta annos. Vou bem de saude, apezar de pequenos incommodos. Adeus, minha amiga. Espero ver-te brevemente. »

Dias depois, ainda do repouso daquella côrte carinhosa, elle garatujava esta interessantissima epistola:

— « Minha amiga. Escrevo-te pouco. Ando muito occupado. Não fazem o menor bem ao meu defluxo as conversas que me tomam dias inteiros. Mas tudo vai bem. Estou contente com Alexandre *(Imperador da Russia)*. Elle deve tambem estar contente commigo. Creio que, se elle fosse mulher, fal-o-ia minha amante. Voltarei em breve. Passa bem, porque quero encontrar-te gorda e fresca. Adeus, minha amiga. »

As cartas verdadeiramente napoleonicas são os bilhetes feitos a lapis sobre a perna, a cavallo. Eis tres exemplos, de Schoenbrunn, de Burgos e de Madrid:

— « Envio-te o irmão da duqueza de Montebello para te dizer que tomei Vienna e tudo vai bem. Goso optima saude. »

— « Reina grande actividade. O tempo está lindo. Temos vantagens. Estou bom. »

— « Parto agora mesmo para manobrar contra os inglezes, que, parece, receberam reforço e querem fazer caretas. O tempo está optimo e eu passo bem. Não te inquietes. »

Rio, 17 de Junho de 1916

DUMA LIGEIRA PALESTRA

Morriam no ar as ultimas vibrações militares da cidade. Todas as tropas tinham desfilado pelo Beira-Mar, onde, agora, começavam a brilhar os lanternins dos automoveis. Sons de marchas guerreiras esmaeciam no ar. Anoitecia vagarosamente.

Mandei tocar para a Avenida Atlantica. O phaeton correu. Ao desembocar da curva do Leme, o pharol da ilha Raza lampejava. Longos frócos de espuma enrolavam-se areal afóra. Um fremito passou nas altas lampadas electicas. Uma piscou um instante, ao longe. E todas, accesas dum jacto, clarearam a praia.

Recostando-se mais nas almofadas do *Knox,* Godofredo Alvim falou sentidamente da morte de Emilio Faguet:

— Elles lá se vão, os bellos espiritos de França, um a um. Desfilar de mortos! Professor e critico, original nas suas deducções, Faguet não usou os methodos de Taine, Brunetiére ou Sainte-Beuve, mas estudou profundamente os grandes pensadores. Sempre o conheci, nos livros, amparado a Aristoteles, Platão e Kant ou perquirindo as opiniões de Comte, Maistre, Voltaire, Rousseau e Montesquieu. A' critica literaria deu menos vigor de espirito. Entretanto, lembras-te dos lindos commentarios do «André Chenier» e do «En lisant les beaux vieux livres»?

— Se me lembro! Adoro este ultimo livro. Sinto, porém, nos «Dez Mandamentos» certo desejo de dirigir sentimentos, que me desagrada. Não se impoem opiniões. Mostram-se. Quem as amar que as acceite. Mas salva-o de tão leve culpa o «Culto da Incompetencia» e o «Horror das Responsabilidades». Creio que elle conhecia o Brasil, embora não confessasse, porque para nós é que escreveu esses livros.

A noite cahira de todo. A Avenida brilhava sob o triplice collar de luzes. A renda de espumas do mar palhetava-se de oiro. Godofredo continuava:

— Reduzio nesse livro a nada os resultados que se apregoam oriundos da democracia. Mostrou que nesse regimen é a incompetencia quem elege, nomeia, ensina, legisla, dirige.

Tirei um charuto do bolso e, amaciando-o entre os dedos, disse:

— Entre nós a incompetencia é credo, doutrina, religião, poder. E não surge um homem de vontade que a domine e, para os politicos, magistrados, funccionarios, militares e outros phariseus da epoca, tenha as mesmas palavras candentes d'El Rei Dom Diniz:

«A todolos Alcaides, e Commendadores, e Alvasis, e Meirinos, e Juizes, e Justiças de meu Reino, saúde. Sabede que eu sou certo que vós nom fazedes Justiça, assi como devedes... aquel que Eu souber de vós, que a nom faz, nem na compre, assi como deve, que Eu o matarei...»

O Godofredo deu uma risada:

— Falei de Faguet e tu já estás fazendo opposição. E's bem brasileiro! Vamos jantar. *Chauffeur,* mais depressa, para a cidade.

Jotaenne

Dr. Wenceslão Braz (Cattete) — V. Ex. pede a minha humilde opinião sobre a fusão de alguns Estados do Brasil, que têm litigios de fronteiras. Falo francamente a V. Ex.: sou contrario a isso. Tal meio de terminar disputas demonstra da parte do poder central do paiz falta de força e autoridade. O Brasil, saiba V. Ex., já está cançado de governos emollientes, de autoridades cataplasmas. Precisamos mais que nunca de revulsivos. Estado de Santa Catharina do Paraná, é bôa! Chame á ordem os Estados brigões, puxe-lhes as orelhas e mande que se aquietem. V. Ex. indaga se deve fundir o Estado dos Marcondes e Pinheiros com a sua gloriosa terra natal. Absolutamente não. Ficaria o Estado do Espirito Santo de Minas e V. Ex. sabe que o espirito santo de Minas é o sr. deputado Antonio Carlos.

Dr. Carlos Maximiliano (Ministerio da Justiça) — Li o relatorio de V. Ex. O seu estylo cada vez fica mais elegante e ameno. V. Ex. é o Eça de Queiroz da politica nacional. Quando foi da promulgação do Codigo Civil, V. Ex. falou das «arremettidas cavalheirescas dos canhões». Pyramidal! No relatorio actual, V. Ex. diz que o «exame vestibular joeira as capacidades.» Francamente, está bonito o pedacinho. Acceite meus parabens. V. Ex. faz progressos...

Deputado Costa Rego (Camara) — V. Ex. quando discursar, precisa mudar o tom da voz. Ponha pedras na bocca como Demosthenes. Porque o falsete do seu collega Piragibe que V. Ex. gosta de imitar, não é de bom gosto. Quem lhe avisa seu amigo é.

João Lage (Paiz) — Nunca pensei que o meu amigo fosse o admiravel poeta que é. Sabia das suas variadas aptidões e apreciava a sua grande intelligencia. Não lhe conhecia, porém, essa faceta. As quadras estavam optimas... de encher o olho...

Chauffeur

— "For-For!" — 17 - Junho - 1916 —

Garabulhas...

Andam os jornaes a «badalar desabaladamente», como os sinos do Sr. Osorio Duque Estrada, apregoando um incrivel accordo para a solução da perlenga do Contestado, pelo qual se fundirão em um Estado só os dois de Santa Catharina e do Paraná.

Neste seculo em que todas as tendencias são analyticas, em que tudo busca a desagregação, é bem interessante essa idéa da fusão de dois Estados bairristas.

Não póde deixar de ser blague a creação do novo Estado de Santa Catharina do Paraná. A occasião é por demais opportuna para se propôr ao governo da Republica, caso seja verdade a projectada emenda, união ou caldeamento das duas unidades da federação, a applicação do mesmo methodo a todo o paiz. Teremos desta sorte: o Estado do Grão-Pará das Amazonas do Acre; o do Piauhy Rosa do Maranhão; o do Rio Grande do Ceará (sempre secco aliás); o da Parahyba Pernambucana ou do Pernambuco Parahybano; o das Lagôas de Sergipe; o de Bahia de São Salvador do Espirito Santo de Collatina; o de São Paulo de Minas; o Districto Federal de Praia Grande do Rio de Janeiro; o de Santa Catharina do Paraná; e o do Rio Grande de Matto Grosso.

Perguntarão qual o destino de Goyaz. Esse Estado não existe. E' como o Eldorado. Vive na imaginação dos brasileiros. Temos visto photographias de Matto Grosso. Nunca vimos um documento que demonstrasse a existencia dessa terra ignota. Achamos com fundamento que foi o senador Bulhões que inventou Goyaz para ser vereador em Petropolis...

GARATUJAS...

Um homem magro, de physionomia triste, todo vestido de preto, atravessara a Avenida, ligeiramente.

Disseram-me que era positivista e de uma pureza dalma exemplar. Alimentava-se de vegetaes, não usava nada que proviesse da morte de animal algum, nem coiros, nem sedas. E jurára, depois da morte de sua mulher, conservar eterna viuvez.

Eu sorri e respondi a quem me dera esses informes com as seguintes palavras:

— E' sobremodo interessante como uma seita scientifica e religiosa de hoje se parece com a maneira de viver dum povo antiquissimo. O positivista vegetariano é hoje o que antes de Christo eram os Mysios da Europa. Este povo habitava, segundo o que conta Posidonius, alli para os lados dos Balkans, era tranquillo e piedoso. Por simples devoção nada comia que padecesse morte. Nem aproveitava a carne dos seus rebanhos. Alimentava-se de vegetaes, leite e mel. Alguns votavam-se ao celibato; outros, enviuvando, jámais contrahiam novas nupcias. Homero, maravilhado por seus costumes sãos, chamou-os virtuosos, extranhos a todos os gozos sensuaes e os mais justos dos homens.

Você chama esse individuo que passou — vegetariano e positivista. Os hellenos denominavam os taes mysios *theosebos* e *capnobatos*.

— Meu caro — retrucou-me o companheiro — depois de tudo o que me contas, fico decidido a chamar aquelle homem, quando o encontrar, *capnobato* ou *theosebo*; porém em voz baixa direi que é tolo, porque neste mundo quem não tira proveito perde tempo e trabalho...

♣ Quando nós, neste Rio de Janeiro, queremos dizer que um sujeito esteve maluco usamos de um circumloquio interessante. Dizemos que elle já esteve na praia da Saudade ou foi hospede do Dr. Juliano Moreira.

Brantôme nos mostra nas *Dames Galantes* como se chamava um sujeito doido, em França, ao tempo dos Henriques. Perguntava-se-lhe se já fizera uma viagem a S. Maturino.

Este santo era nessa época o patrono dos loucos. Assim o affirmam as trovas e refrões satiricos do tempo. O povo cria formalmente que elle curava os bocicodios, os alienados de qualquer especie. Acreditava na sua virtude para tanto, embora tal santo fosse inventado pela fantasia do proprio poviléo, segundo assegura Henri Estienne. A edição de 1720 do «Journal de Henri III» contraria essa asserção do chronista citado.

O certo é que nesta nossa terra ha muita gente que anda solta na rua e bem precisa ser apresentada ao Dr. Juliano ou rezar a S. Maturino.

A UMA ARVORE

(Ao Gustavo Barroso)

Olhem-n'a bem... Alli está, coitada!
E quem assim a vê
Tão secca e desgbalada,
Tendo, immovel, serena, em certa altura,
A forma real de um V,
Sente logo a tristeza e tem logo a impressão
De que está vendo humana creatura
Com os braços erguidos
Supplicando perdão
Para os peccados commettidos,
Ou, implorando, crédula, ao seu Deus,
Misericordia para os males seus!

Outr'ora, ella, quando era
Em plena primavera,
Cheia de ramos e tambem de flores,
Todos a procuravam
E lhe tinham amores...
Como que, humanamente, a todos acolbia!
Nos seus ramos, cantavam
Passaros, todo o dia...

Hoje, porem, está abandonada!
Ninguem a procura, ou, ninguem a quer...
A ingenua passarada
Passa cantando e nem a olha sequer...

*

O' arvore, consola-te! Tambem
A tua sorte, a tua desventura,
Muita humana creatura
Tem.

OZÈAS MOTTA

Rio —

106
107

"Fon-Fon!" 24 Junho 1916

Dr. Wenceslão Braz (Cattete) — Hontem ouvi numa roda de gente importante commentarios desagradaveis ao governo de V. Ex. Houve quem lembrasse a historia da velha de Syracusa, que pedia aos deuses conservassem o tyranno com medo de succeder-lhe um peior. Um senhor que entende de finanças e se mette na politica affirmava que os negocios e questões vitaes do Brasil são de tal monta e latitude que o espirito dum homem não os pode abraçar com facilidade. Dahi as indecisões de V. Ex. Até uma senhora declarou entre as perolas do seu sorriso divino que lhe parecia estar o palacio do Governo vasio. Mas, excellentissimo senhor, eu vos defendi e com muita habilidade. Sabe como? Recitando uns versos francezes que aqui vos deixo para que V. Ex. nelles ponha os olhos e sobre elles reflicta:

"*Ces petits souverains qu'on fait pour une année,*
Voyante dun temps si court leur puissance bornée,
Des plus beureux desseins font avorter le fruit,
De peur de le laisser a celui qui les ruit."

V. Ex. foi ou não bem defendido?

Deputado Antonio Carlos (Camara) — Andam jornaes e opiniões a falar pelos cotovellos porque V. Ex. convocou uma reunião secreta da commissão de finanças na Bibliotheca Nacional. Accusam-n'o de ter feito isto contra o regimento da Camara. Defenderam-n'o, porém, affirmando que a reunião teve caracter particular. Ora, V. Ex. nunca leu Anatole France e, se leu, leu com pouca attenção. Num dos seus livros ha um pedacinho que defenderia perfeitamente V. Ex. O grande escriptor francez diz que, como o individno tem funcções que precisam ficar secretas, o Estado tambem as tem. Assim, V. Ex. poderia responder aos que falam, dizendo que os membros da illustre commissão, do mesmo modo que podem entrar em certos aposentos para fazer certas coisas, podem ir á Bibliotheca tratar da salvação do paiz.

Joao Episcopo («Gazeta de Noticias») — O meu caro confrade enganou-se chamando o Floriano de Brito *reforméco*. Se não se enganou, foi por perversidade que o fez. O Floriano não quer reformar orthographia nenhuma; não é autor de nada nesse sentido. O que elle fez foi dar parecer sobre o projecto da reforma orthographica do Sr. Pedro Moacyr. A sua brilhante e forte epistola episcopal deve ser mandada ao illustre representante fluminense. Mas o pobre Floriano é que pagou o pato. Eu pedir lhe-ia desculpas.

Chauffeur

Falei da guerra européa e disse a minha indignação diante da selvageria das gentes civilisadas e que se batem em nome da cultura e da civilisação. O meu paradoxal amigo Zacharias, sorrindo, ripostou-me:

— A Europa devia ser riscada do mappa-mundi. Das cinco partes do mundo é a mais prejudicial, pretenciosa e má. Nenhum mal decorre para os homens da Asia, cuja opulencia ella suga para fartar o seu immoderado desejo do luxo. Nenhum prejuizo cae sobre a terra, provindo da Africa infeliz, que a Europa tem devastado em seu proveito, escravisando até os habitantes. A Oceania, onde ella vae buscar recursos de alta valia, não faz mal a ninguem. Da America, que não malbarata o equilibrio pacifico do planeta, ella fez um mercado para se enriquecer. E' só aquella pequenina e orgulhosa Europa que, em nome da civilisação ou da *Kultur*, vive perturbando a paz do mundo e a vida dos homens. E' um desafôro. Devia ser riscada do mappa!

A crise

O governo, ao envez de fazer grandes economias, quer decretar novos impostos e estes sobre os productos de consumo directo da arraia-miuda. E' o povo ainda que tem de apertar a barriga, para comer menos, afim de pagar o que o governo gastou de mais. Carecido de instrucção e enfraquecido pelo calor tropical, elle não será capaz de nenhum movimento em favor de seus direitos. Acceitará tudo, resmungando, mas acceitará. Só existe um bom conselho a dar-lhe. E' reproduzir mais o menos o trecho duma oração pronunciada na praça publica de Athenas por um personagem de Luciano de Samosata, o fino e subtil escriptor da velha Hellade:

— Meus irmãos, communico-vos que tenho uma grande figueira, a qual me dá muita sombra á sala de jantar. Por isso vou cortal-a dentro de oito dias. Os seus galhos são excellentes para uma pessoa enforcar-se. Aquelles que estiverem desgostosos da vida aproveitem este praso de oito dias e pendurem-se nos seus galhos. Para que ninguem perca tão optimo ensejo, é que faço esta communicação.

"Fon-fon!"-24-Junho-916

Aguias

Num grande annuncio de cinematographo vi duas aguias em lucta. Uma, de uma só cabeça, era a Italia; a outra, bicephala, representava a Austria. A' sombra das azas da primeira tinham vencido as legiões romanas e o olhar da segunda vira a victoria dos soldado heroicos da guerra dos Trinta Annos e de cem outras mais.

Era a aguia daquelles versos de Victor Hugo:

" Quand le regiment des ballebardiers passe,
L'aigle noire d'Autricbe, l'aigle a la griffe rapace,
Dit: — Voilá le regiment de mes ballebardiers!"

Pois bem, as duas aguias se batiam naquelle *reclame* de cinema, apregoando uma fita da guerra, tirada nas linhas do Isonzo. E o amigo que me acompanhava fez logo alli uma porção de considerações sobre o symbolismo militar e glorioso das aguias, aves da heraldica, dos brazões e dos combates, nuncias das conquistas de Roma, das manobras de Frederico e das batalhas de Napoleão.

Sorri.

— Das coisas só se vêm os aspectos que apaixonam mais. Todo o mundo se contenta em saber ou contar que a aguia é a ave nobre por excellencia, sentada ao lado de Jupiter, bordejando sobre a cabeça de Scipião ou poisada á dextra do Corso como um falcão de caça. Por que não se procura vel-a pelo lado util?

— E a aguia tem utilidade?

— Tem e bem prosaica, capaz de apagar a sua gloriosa legenda de oiro. O Codigo Alfonsino determinava que os camponios destinados a servir como besteiros do conto real, para manterem seus privilegios, criassem, a beneficio da lavoura, certo numero de aguias, para exterminarem aves damninhas, ratos e insectos que detrimento causassem á fructas e searas...

O amigo interrompeu-me:

E's um desmancha prazeres. Com duas palavras me apagas toda a vida de gloria da ave das guerras e dos triumphos para a reduzires a um papel vil de caçadora de ratos.

— Tudo, meu caro, tem, como as moedas, verso e reverso, cara e cunho. E' a vida...

O guarda civil dera voz de prisão áquelle individuo alto, de fraque e chapeu côco, que acabára de esbofetear outro, na esquina. O homem, enfuriado, disse ser official do exercito, á paisana, que não podia ser preso por um simples guarda e que a policia era uma corporação bichada, desmoralizada, sem valor. Se o guarda não se acovarda, acabava apanhando uns sôccos.

Eu condemnei a fraqueza do representante da auctoridade e o desaforamento do rebelde e pretencioso autor do delicto. Fiz commentarios mais ou menos exaltados. O Claudio França, que me acompanhava deu uma risada. Extranhei a sua maneira de rir e pedi explicações. Elle calmamente respondeu-me:

— Sou como Jeronymo Cirgnard. Para te mostrar como penso sobre o caso que presenciámos, dir-te-ei um trecho pequenissimo das suas lucidas opiniões compiladas por Anatole France. «Não creio que as represalias legaes ou espontaneas façam mais do que accrescentar o mal ao mal. Não gosto das vinganças particulares nem da crueldade das leis. E se rio, quando desrespeitam ou batem nos policias é effeito dum simples movimento da carne e do sangue e por bonhomia natural...»

Não ri, mas fui obrigado a sorrir.

Garabulhas...

Tinha passado a chuva, mas soprava da barra uma ventania forte que, açoitando as franças molhadas das arvores, fazia respingar agua em torno. Aconchegando a minha capa de borracha e enterrando as mãos humidas nos bolsos, eu disse ao Godofredo dois versos de Camões:

Nato, Aultro, Borcas, Aquilo queriam
Arruinar a machina do mundo.

E elle, amparando-se a um paredão afim de resistir á força da ventania, tornou-me:

— O grandioso Camões sempre empregou no seu monumental poema as expressões mythologicas na representação dos ventos e outras forças da natureza. Entretanto, do seculo XII ao XVI, os documentos e foraes nomeam os ventos de um modo digno de se saber.

— Diz-me, se sabes de cór.

— O vento de leste era o levante ou soão; o de oeste travessia ou ociente; o do norte aguião ou aquilão; o do sul abrego, vendaval ou alcouce. E todas essas velhas denominações, essas velhas formas da lingua morrem e passam...

Sur la pierre blanche...

Eu disse do meu enthusiasmo pela minha patria. Mostrei os seus thesouros inexplorados, a riqueza dos seus campos, a quantidade dos seus mineraes, a extensão das suas costas, a immensidade do seu territorio, a maravilha das suas cachoeiras e a grandeza das suas vias fluviaes. Fiz longas considerações sobre a crise que nos amargura e demonstrei o seu caracter passageiro. Terminei patrioticamente:

— Passada esta época de penuria, as forças vitaes se desenvolverão. Emquanto a Europa esgotada pela guerra silenciosamente trabalhará para se refazer, o nosso progresso irá de vento em pôpa num crescendo prodigioso. O Brasil um dia assombrará o mundo pela sua riqueza e pelo seu poder! Tenho muita fé.

Claudio França olhou-me com desalento e ripostou com simplicidade:

— Eu só te posso repetir as palavras calmas de Critias a Triephon:

Tu sembles avoir dormi sur la pierre blanche, au milieu du peuple des songes, puisque tu as fait un si long rêve pendant une nuit si courte.

Gatafunhos...

— Deus fez as mulheres para encanto dos homens e graça da vida. Olhai como passam, alli na praia, em bandos leves, elegantes, graciosos, encantadores. Respiro daqui o seu perfume. A mais feia tem qualquer cousa de interessante que prenderá a alma de alguem. Deus as fez para alegria do nosso viver !

— O diabo as inventou para nossa perdição e as moldou com harmonia de curvas maravilhosas, afim de melhor nos atrahir e vencer.

— Não. Ellas são a doçura do lar e a pureza do amor. São as santas do amor materno e as guardas da fidelidade conjugal.

— Enganas-te. Os seus instinctos amorosos são iguaes aos nossos, mais escondidamente voluptuosos talvez. Nós somos infieis, porque o animal que transmite a semente da vida o é por sua propria natureza, desde o elephante ao menor insecto que anda de nectario em nectario. Ellas são infieis com malicia.

— Sei que me vaes contar aquelle apologo arabe da mulher do gigante, que, apezar de trancafiada num cofre de vidro e guardada no fundo do mar, já tinha um rosario de cem anneis, recordação de tantos homens quantos a haviam tido nos braços nos raros momentos em que o gigante adormecia, na praia, nos seus joelhos. Emquanto elle dormia, ella fugindo de mansinho, o enganava.

— Não te contarei essa velha fabula, não obstante Anatole repetil-a pelos labios de Jeronymo Coignard, mas dir-te ei um refrão do tempo de Francisco I, quadra popular do velho Paris, e voz do povo, voz de Deus:

Qui voudroit garder qu'une femme
Naille du tout a l'abandon,
Il fraudroit la fermer dans une pipe,
Et en jouir par le bondon.

E é isso mesmo, meu caro, só guardadas numa pipa e a gente provando-as por uma torneira, como se faz com os vinhos raros, porque ellas são com effeito o melhor vinho do mundo!

A ORDEM INVERSA

Outro dia encóntrei num livro brasileiro verdadeira mania pela ordem inversa. O seu autor não a dispensa e construio quasi todas as phrases de accordo com ella. Imaginem que ao descrever um dos nossos philologos elle assim se expressava :

«Grammatico não ama o chamem.»

Extranhando tal construcção, recordei a historia dum meu conhecido velho, pernostico e engraçado, que gritava para a filha, da porta da rua onde se sentava de tarde,

— «O' menina traz os meus, que estão em cima da mesa, oculos ! »

Mas o Horacio, meu amigo intimo, ao ouvir o que ahi fica, disse-me :

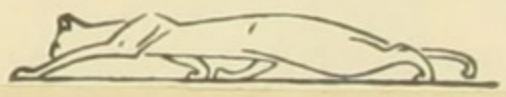
— « Essa maneira de escrever é devida á influencia da lingua dos Caxinauás, indios do Amazonas, idioma esse estudado proficientemente pelo Capistrano de Abreu. Queres um exemplo ? »

— « Pois não ».

— « *Aibebô ratô kari bi tâxû.* »

Isto diz um Caxinauá. Sabes a traducção ? La vai : as mulheres suas batatas tirar fôram...

E' ou não é a ordem inversa ?



Petalas de rosas

Passára uma formosa mulher, rosto altivo, passo elegante e leve de parisiense. O Claudio França comprimentou-a com os olhos a brilhar. Notei que se emocionára e perguntei-lhe o motivo. A nossa longa amizade desculpava a indiscrecção. Sorrindo com a sua face bondosa e franca, respondeu-me :

— Porque a amo.

— Conheci-te sempre arido e frio. Nunca senti no teu ser uma scentelha de amor. Depois de conquistares uma mulher, cançado do proprio esforço de attingil-a, o teu desejo repousava. E agora vejo que mudaste. Que te fez aquella deusa vibratil, aquella linda mulher dos olhos claros e quasi verdes como a Venus Callipygia ?

— Um gesto e nada mais. No seu salão elegante, debruçando-me sobre o espaldar da poltrona em que sentára, beijei-a. Levantou-se dum salto. Cuidei que se aborrecêra. Mas sorrio e disse-me : «Podem-nos estar espiando». E com duas petalas de rosa colhidas num vaso de Sêvres, *elle a bouché les trous de serrure...* Só em francez a gente pode contar a elegancia fina e discreta desse gesto. Desde essa noite amo-a como louco !...

Passavamos pela praia de Botafogo. Eu olhava o verde dos gramados e uma deliciosa estatua do crepusculo que entre elles se erguia, muito branca e muito leve, parecendo desprender-se do sóco e coar na bruma de oiro da tarde. O Monte voltado para o mar seguia com os olhos o carro aereo do Pão de Assucar suspenso no espaço.

Um vulto esbelto de mulher vinha para o nosso lado e passou, ligeiro, roçando pelo meu hombro. Reconhecia-a. Era uma pessoa que fizera ha tempos vibrar profundamente o coração do meu amigo. Voltei-me para elle, que, alheiado, seguia o carro aereo ainda.

— Não reconheceste aquella mulher ?

— Não. Quem é ?

— Fulana.

O Monte baixou a cabeça e, depois dum momento, levantando a face pallida me disse :

— Razão de sobra tinha o Campoamor naquella quadrinha... Lembras-te ?...

Pasan veinte años ; vuelve el
Y al ver-se, exclaman el y ella :
— Santo Dios ! y este es aquel ?
— Dios mio ? y esta es aquella ?

"Fon-Fon!" 17 - junho - 916

Gatafunhos

Olhando aquella expressiva photographia do *boxeur* Johnston, o hercules negro, o meu amigo Julio gabou o valor da força muscular e teceu elogios á educação physica dos antigos povos.

— Hercules matou a hydra de Lerna, abrio o estreito das Columnas, furtou os pomos das Hesperides, raptou os rebanhos de Geryon, estrangulou o leão de Neméa e fez mil outras acções lendarias só pelo poder da sua força. Vês, por esse mytho, como os antigos apreciavam o *muque*.

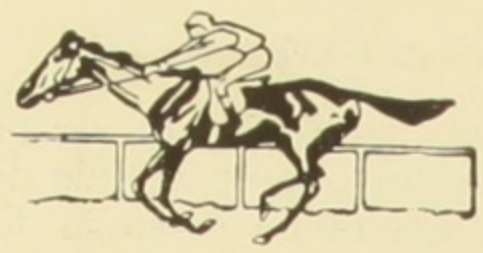
A Biblia nos fala de Sansão e eleva immensamente os seus prodigios. Milhares de athletas eu conheço nas lendas de cada povo. Entretanto de todo aquelle com que mais sympathiso é Milon de Crotona.

— Por que?

— Os outros destruiam, derrotavam. Elle era bom, construia, ajudava. Eis a differença. Hercules pintou o sete. Sansão derrocou as columnas dum templo, sepultando sob os seus escombros uma grande multidão.

Milon não. Um dia estava em casa dum amigo a jantar. Era uma roda alegre. Bebia-se muito. Choviam petalas do tecto. Um voluptuoso festim. De repente as columnas que sustentavam os artezões do forro estalam e desabam. Vinha o telhado abaixo. Milon levanta-se. Mette os hombros debaixo das tesouras. Sustenta toda aquella ruina, dando tempo aos outros de fugir. Quando a sala foi evacuada, retirou os hombros e sahio. Tudo desabou.

Então Milon é ou não melhor do que o athleta da Biblia?



"Fon-Fon!". 24. junho - 916.

Olhei a copia magistral daquelle quadro de Tattegrain — A Peste. Um fremito percorreu-me o corpo. Era horrivel, mas obrigava os olhos a se demorarem nelle. Tentarei descrevel-o:

Um esqueleto envolto na alva mortalha esvoaçante caminha vagaroso, solenne e lugubre por vasta planicie toda branca de neve. Um braço, duramente estendido na pallidez do céo, aponta mysteriosa rota. Segue-o de perto empastada alcateia de lobos, hyenas e chacaes. Os olhos phosphorecem no escuro. Sobre a caveira amarellada um corvo desdobra as azas longas.

Continuei a olhar o quadro. O meu amigo Daniel disse-me com vagar:

— Comprei-o num leilão. O original está em Paris. Vale uma fortuna, quasi tanto como «As Boccas Inuteis» do mesmo autor, outra epopéa do horrivel. Tattegrain só pintava coisas assim. E tu, bem vi agora, sentiste sem querer a voluptuosidade do horrivel. Saberás o que ella é e o que vale lendo o que a respeito da mania do horror escreveu Jacques Normand ou o estudo feito na Comedie Française em 1911 por Henri Lavedan.

— Não sei se tive a voluptuosidade do horrivel ou a sensualidade do horroroso. O certo é que uma vibração me sacudio todo. E a sensação não é de todo má. Tens outra copia de «Tattegrain»?

Não. Tenho, porém, uma edição linda de Leipzig, da «Dama Macabra».

— Dá-me. Recomeçarei com prazer...

"Fon-Fon!" 1º de julho 1916

Aquelles moveis estylo Luiz XVI, com embutidos preciosos e todos reluzentes de bronzes doirados, davam uma graça austera ao pequeno gabinete. A luz coava-se em tons vermelhos duma linda lampada de crystal entalhado de Richard.

Godofredo Alvim folheava uma revista ingleza toda cheia de illustrações sobre a guerra, scenas de batalhas, de ambulancias, de heroismos e abnegações. Com os dedos preguiçosos virando as folhas, elle louvou o espirito guerreiro e militar dos povos.

— Gosto da guerra e admiro o soldado. A epopéa napoleonica faz-me vibrar. Leio embevecido os contos de Georges d'Esparbés. Agora esta lucta titanica da Europa, em que o povo francez mostra ser um povo de heroes, me faz doente dos nervos.

Claudio França levantou-se da sua rica poltrona em que a seda carmezim sangrava entre os relumbros da talha doirada, abrio uma estante de vidros polidos, tirou um livro pequeno, encadernado em marroquim escuro, procurou uma pagina e leu:

«Ha heroes, mas não ha povos de heroes. Os soldados sempre marcharam sob o terror da pena de morte. O serviço militar foi odioso até os pastores do Latium, que deram a Roma o imperio do mundo e a gloria de ser deusa. Carregar o equipamento foi lhes tão duro que o nome de equipamento, *aerumna*, exprimio depois entre elles o acabrunhamento, a fadiga do corpo e do espirito, a miseria, a desgraça, os desastres».

«Entre os soldados como entre todas as multidões o sentimento mais forte é o medo. Vão contra o inimigo, porque este é o perigo menor. As tropas em linha de batalha estão postas na impossibilidade de fugir. Esta é que é a arte das batalhas».

— Quem te responde, meu caro Godofredo, heroe de gabinete, é um dos mais calmos e indulgentes philosophos do mundo. Ouviste a voz inspirada de Egiria pelos labios de Anatole France.

E Claudio remergulhou nas almofadas da poltrona.

110

Garatujas...

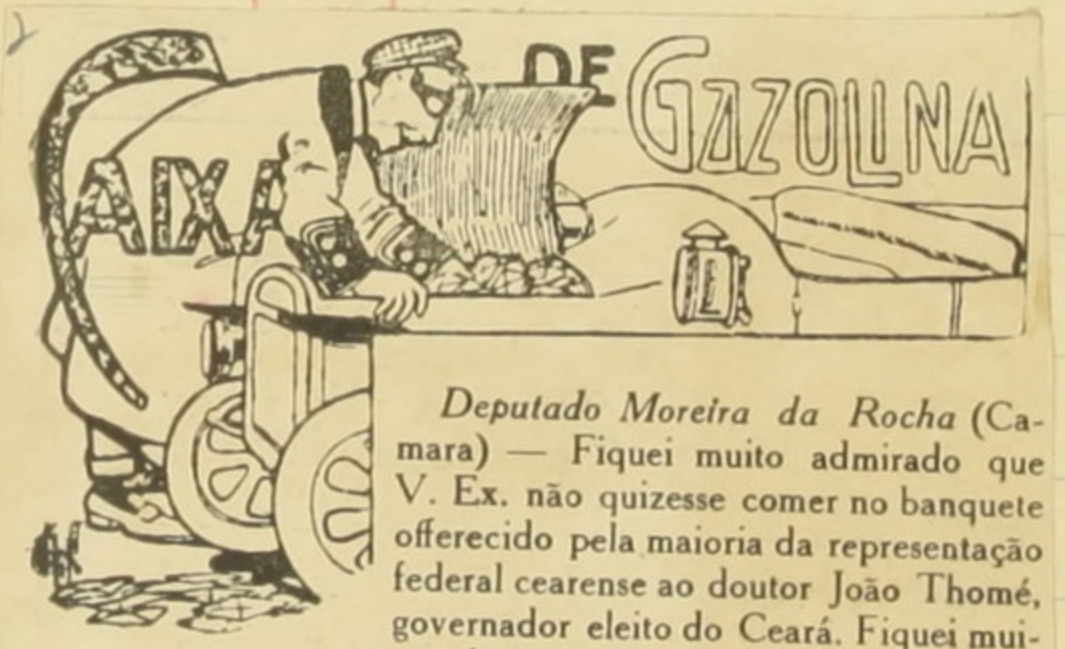
A curva suave de Icarahy encheu-se de luzes. Todas as lampadas electricas, acezas dum jacto, clarearam a areia alva da praia, onde morriam espumas. O derradeiro raio do sol faiscou numa vidraça da ermida da Bôa Viagem, alcandorada entre a vegetação e os barredos do seu alto morro, côr de sepia já pela falta do dia. Em demanda da barra, passava, magestosamente, ao longe, um cruzador inglez, com as quatro chaminés enchendo o céo de fumaça.

Parei sob as arvores do jardim praieiro, junto duma peanha rustica, onde havia uma placa de bronze com inscripções. Procurei lêl-as. Diziam a época em que a camara municipal de Nictheroy mandára elevar o cáes e plantar o jardim. Não reparei bem a forma da placa. Mas o Claudio França, risonho e calmo, disse-me:

— Quem fez este marco tinha bom gosto. Deu á chapa de metal a forma compativel com o logar, com a paysagem, a forma artistica, elegante duma náo ou caravella antiga. Que suggestões de arte ou reminiscencias de leituras agradaveis te dá este pequeno monumento?

— Lembra-me as guerras navaes, as conquistas, os descobrimentos, as aventuras, toda a alma irrequieta e desejosa dos Phenicios, dos Gregos e dos Lusitanos. O meu olhar vê as galeras de Actium, as biremes de Hamilcar, as triremes de Agos Potamos, as carracas de Veneza, os galeões e fustas dos Gamas, dos Colombos, dos Cabraes, dos Albuquerques...

— A mim vêm idéas differentes. Estou mais afastado do amor ás guerras e conquistas do que estás. Penso mais suavemente, mais calmamente. Ao vêr esta galeota de bronze, recordei os bateleiros gallo-romanos, que adoravam os rios de que viviam pela pesca ou pelos tributos de passagem. Lembrei-me que á margem do Sequana, do Matrona, do Garumna, elles alevantavam stélos de pedra com uma nave de bronze, oblação de suas almas modestas e crentes ao rio abençoado e divino que os alimentava. E tambem, ó meu amigo, relembrei os esplendores poeticos de Virgilio, quando trata das coisas nauticas, demonstrando uma erudição de velho lobo do mar, aprendida com os pescadores de Parthenope. Vejo, claramente vejo os navios de Enéas, á face azul do Mediterraneo, transformados em cysnes, vogando, vogando...



Deputado Moreira da Rocha (Camara) — Fiquei muito admirado que V. Ex. não quizesse comer no banquete offerecido pela maioria da representação federal cearense ao doutor João Thomé, governador eleito do Ceará. Fiquei muito admirado, porque V. Ex., eu sei e todo o mundo sabe, gosta muito de peixe. Pois não sabe o que perdeu. Havia tres qualidades de peixe no banquete. Disse-me, porém, um amigo que V. Ex. lá não foi com medo de ser pescado para o partido dominante. Consta, porém, pela bôcca do mundo, que V. Ex. não compareceu porque sentio que lá não pescava nem pesca mais nada...

Deputado José Augusto (Camara) — Então está lendo a obra do grande Sarmiento? Que tal? E' excellente para os seus trabalhos sobre instrucção. Verá que auxilios lhe traz.

Felix Pacheco («Jornal do Commercio») — Meus parabens pelo justo *habeas-corpus*. Você é de folego e de sorte. Apezar do Rosa estar cheio de espinhos venenosos conseguio derrubar a roseira. Arre! Já é tempo do Piauhy deixar o lado dos aventureiros e ser dos homens de talento e brio como você.

Chauffeur

Como se grita

Grita o leiteiro, o peixeiro, o fructeiro, o caixeiro da venda, o homem que vende cadeiras de vime e o que apregôa cadeiras e espanadores. Um individuo que offerece ovos gane horrivelmente pelas portas. Outro, que se desfaz de gallinhas tisicas, berra em todas as casas.

Então a minha rua é a peior de todas. Até 11 horas da manhã ouço de todos os lados: — Peixe! Olha a verdurinha bôa! Quer comprar gallinhas? Chega para os ovinhos frescos! As bassourinhas e pennachos, sinhá dona!

E a uma hora certa um vendedor que só existe na minha rua, brada:

— Biscoito mineiro! Biscoito mineiro!

de manhã, por estas ruas do Rio de Janeiro! E' um alarido horroroso que até ás vezes parece o barizo das tribus selvagens dos huirões num daquelles ataques que Fenimose Cooper descreve.

A gente dorme ao apito do guarda nocturno, acorda ao bater de taboinhas do vendedor de plantas, toma banho ao som da trompa fanhosa do padeiro, bebe o seu café com leite acompanhado pela frauta dum doceiro matutino ou pelo chiado dum amolador e começa a ouvir a gritaria da rua.

111

112

"Fon-Fon!" 1 Julho 1916

Gatafunhos...

Era uma tarde maravilhosa, macia como velludo e transparente como gaze. O esmalte de Sèvres do céo se arqueava broslado de vermelho para o poente. Iamos pela praia do Flamengo, eu e o Claudio França, quando um grupo de rapazes elegantes chamou a nossa attenção. Vestiam ternos de casemira escura, polainas cinzentas, gravatas de *plastron*, e os paletots cintados davam-lhes uma attitude de insectos saltitantes. Ao passarmos por elles, eu disse ao Claudio ironicamente :

— São, certamente, fidalgos como todo rapaz que se preza neste Rio de Janeiro. Devem ser duques, condes e marquezes.

O Claudio sorrio penalisado e respondeu :

— Houve tempo em que o ideal dos jovens na nossa terra era ser cadete da Escola Militar. Nos bailes e entre as moças todos os triumphos pertenciam aos alferes-alumnos. Depois, com o esmagamento dos ultimos pronunciamentos militares, voltou a mania do imperio : o bacharel em direito. Houve tempo tambem em que todos esses meninos queriam ser secretarios de legação. Agora veio a inclinação para a nobreza. Não ha frangote que não ande apregoando pergaminhos.

Coitados! Se soubessem como os homens de espirito consideram a nobreza! Para quem tem na alma dois dedos de philosophia, mais vale o operario que se mata no trabalho honesto e util do que o fidalgo que se enerva no luxo ou conquista glorias na sangueira das batalhas. Demais, a nobreza se origina do roubo e da crueldade. Os barões medievos eram salteadores da estrada real. Os cadetes da *guerre en dentelles* violentavam mulheres, saqueavam cidades e se embebedavam com graça e espirito... Os ponteiros do começo da idade-media transformaram-se em marquezes, governadores das marcas ou pontarias. Pois bem, no tempo de Viriato e das guerras romanas na Iberia, eram chamados em baixo latim — latros, isto é, ladrões. Um dos mais notaveis cavalleiros da Hespanha, nessas priscas eras, chamava-se Porcio Latro e a sua descendencia, grande familia de fidalgos, que consta das velhas inscripções das cidades leonezas, era a familia dos Ladroens...

E ambos começámos a rir.

Disseram-me que um sujeito era odiento e mau. Olhei-o e accrescentei :

— Deve ser. O physico pelo menos o demonstra.

Um amigo rio e duvidou que feições ou gestos determinassem o moral de alguem.

—Pois determinam. Pelo modo de escrever se conhecem defeitos e qualidades dum homem. A physionomia trae a alma. O andar demonstra o caracter. O vestir denota o gosto e o espirito. Todas essas manifestações são correlatas em o que ha no cerebro e no coração. Coração está aqui no sentido antigo e não como o orgão chefe da circulação. Num velho livro medievo li as curiosas observações dum abbade que durante quarenta annos regêra um grande convento. Elle vivêra todo esse longo tempo observando o modo de ser dos seus monges e aprendera a conhecer o seu caracter pela maneira por que cortavam o pão na mesa do refeitorio. Os hypocritas levantavam vagarosamente a casca mais dura do pão e cortavam o miolo devagarinho. Os meticulosos cortavam a fatia perpendicularmente. Os sem caracter davam o corte frouxamente com sinuosidade e indecisões. Os homens de acção, os que tinham qualidades de commando, pegavam o pão e partiam-n'o com as mãos ou mettiam a faca e cortavam-n'o com a força e decisão dum golpe seguro.

"Fon-Fon!" 8-Julho-916

Gatafunhos...

Dei uma gargalhada quando elle acabou de me fazer um discurso sobre a excellencia da doutrina de Confucio. Depois, falei :

— Não tens mais que fazer do que andar lendo chinezices. Ora, que abstrusa paixão de ser erudito.

Mas o Claudio França tornou-me sem zanga, os olhos fixados nos meus :

—Ris. E's vão como uma mosca que zumbe. Leio Confucio não por desejo de mostrar erudição, mas porque o meu espirito se deleita com essa leitura. Tenho uma finissima traducção franceza dessa obra admiravel. Vês que não te digo que sei chinez. O proprio Kun-fu-tseu, Confucio, é quem diz :

« Aquelle que se entrega ao estudo da verdade e do bem, se se applicar com perseverança e continuidade, terá grande satisfação» . E' isto o que sinto lendo o moralista chinez. E já li, meu caro, os *Sce-chu* ou os Quatro-Livros, o Ta-hio ou Grande-Estudo, o Chung-yung ou a Invariabilidade no Meio, o Lun-Yu ou as Palestras Philosophicas e agora vou deletrear os dois livros de Meng-Tsu.

A Camara e os Deputados

SELECTA, no seu numero de hoje, inicia a publicação de uma serie de artigos illustradros sobre o titulo acima e nos quaes conhecido jornalista e politico passa em revista a Camara, bancada por bancada.

Completam os commentarios do chronista varios instantaneos das figuras mais em destaque da Camara.

"Fon-Fon!" 8-Julho-916

Ao léo da penna...

— Meu caro amigo, estou alarmado.

— Por que? E's alliado e temes a victoria allemã ou és allemão e temes a victoria dos alliados?

— Nada disso. Nem sei porque motivo vens com isso.

— Simplesmente porque com isso é que todos os Brasileiros se occupam. Todo o mundo discute a guerra. Conheço até pessoas as mais pacificas e bondosas que nessa questão se tornam verdadeiros energumenos.

— Não sou desses. Estou alarmado com a nossa situação. Vejo o dia da deshonra vir para nós a passos largos. Horrivel! Sinto a derrocada do Brasil, o desastre, a bancarrota.

— Esta ameaça é velha como a sé de Braga. Desde o imperio que se fala nisso. Parece que vem mesmo, mas não será certamente para nossos dias. Eu sou como Luiz XV: quem vier atraz feche a porta. E' a unica philosophia que permitte viver em paz.

— Sou o contrario. Sinto o peito confrangido, um peso sobre o coração. Que será do nosso paiz? Onde ir buscar meios de solver os duros compromissos com o extrangeiro?

— Não te afflijas tanto. As nações arruinadas podem viver seculos de exacções, de rapinas ou de expedientes. Ainda temos muito tempo para vivermos de expedientes.

— Qual, meu caro, qual! Creio que desta vez vamos á garra.

— E poderiamos não ir...

— Recorrendo a que?

— Olhando as coisas como são, com bom juizo e desejo de acertar. Não poderemos ter organisação financeira, judiciaria, administrativa, militar, emquanto não tivermos o *abc* difundido e o trabalho organisado. Organisemol-o numa base estavel, pois que já se degringolou a base falsa em que assentava no tempo do imperio — a escravatura. Tratemos de instruir o povo. O mais virá por si, naturalmente.

— Achas que a organisação do trabalho é a fonte de onde tudo derivará para nossa salvação?

Sim. Pelo menos o grande mestre da sociologia diz isto. Por que, ao envez de te alarmares á tôa, não lês Guinplorioz. Verias os melhores remedios para o teu paiz.

General Caetano de Albuquerque — (Matto Grosso) — V. Ex. acaba de ter um bello gesto, resolvendo ficar em seu Estado natal, prompto a defender os interesses publicos contra os interesses privados. Entretanto o que é triste é que V. Ex., quando o Sr. Mauricio de Lacerda atacou a questão das terras de Matto Grosso, se declarasse contra elle. A sua bonita atitude de hoje devia ter sido tomada ha muito tempo.

Deputado Nicanor do Nascimento — (Camara) — Tendo V. Ex. atacado a administração da Central e alguns politicos em evidencia, um seu collega extranhou que V. Ex. tivesse silenciado tudo o que sabia durante muito tempo e somente agora se lembrasse de condemnar abusos, depois que se delineou o reconhecimento do Sr. Irineu Machado no Senado Federal. Accrescentou o referido collega que V. Ex. somente poz a bocca no mundo quando lhe mexeram nos interesses politicos.

V. Ex. devia ter respondido assim:

— O Padre Eterno, que é perfeito, porque é Deus, segundo diz a Biblia, no Novo Testamento, só rasgou o véo do templo, que envolvia os actos dos sacerdotes, quando lhe crucificaram o filho. Que se podia esperar de um simples mortal?

Chauffeur

♣ Ha muito tempo eu não via um batalhão de meninos, espectaculo commum nas ruas das cidades pequenas, onde elles andam formados, ao som do tambor, com os seus chapéos de jornal velho á cabeça.

Outro dia, a dois passos da bulhenta Avenida Rio Branco, surprehendeu-me uma dessas scenas infantis e provincianas. Ao lado do theatro Phenix, numa viella que vae ter ao morro do Castello, andavam em filas cerradas uns vinte meninos de dez a doze annos. Tinham bicornios de papel branco, galões vermelhos nas blusas, sabres de pinho no cinturão e cabos de vassouras como espingardas. A' frente um soprava num cornetim de lata. Ao lado outro, que devia ser o commandante, empunhando uma espada de arco de barril, berrava ordens.

E é tal a força da autoridade e o prestigio da disciplina sobre os homens que esse bando de meninos se deixavam brandamente espaldeirar pelo commandante furioso, quando erravam uma das suas ordens.

113
114

"Fon-Fon!" 8-julho-916

Garatujas...

Eu disse do meu enthusiasmo pelas gentes do norte da Europa, os Escandinavos, os Dinamarquezes, os Finlandezes. Gabei a sua saúde e robustez, a finura da sua intellectualidade, a calma grandiosa de sua civilisação. Entre elles desappareceu o analphabetismo, as mulheres gozam direitos iguaes aos homens, os governos não cuidam de aprestos guerreiros e protegem artes e industrias, os seus estadistas não se preoccupam com outra idéa senão a felicidade do povo.

— Até na arte são admiraveis, disse eu. Nós latinos vivemos afastados do movimento artistico dos teutões e dos escandinavos. O esplendor da França não nos deixa tirar os olhos de Paris. Por isso ignoramos os pintores e os esculptores de Copenhague, de Berlim, de Stockolmo.

Claudio França secundou a minha opinião:

— Falas com acerto, o que, aliás, fazes raramente. Até na arte aquella gente está novamente se tornando admiravel, porque já foi notabilissima em tempos idos. A sua litteratura está maravilhando a Europa. De certo tempo para cá a elles cabe sempre o premio Nobel. Brota na Suecia, na Noruega e na Dinamarca uma floração de escriptores de genio. Selma Lagelof nos conta delicadas legendas. Snoilsky nos deslumbra com um novo mundo poetico. Strindberg narra-nos a vida dos pescadores e Geijerstam a dos camponezes. Edgren e Ahlgren dão-nos typos modernos vivos, palpitantes. Heidenstam escreve o *Oriente;* Sofia Elkan coisas de historia; Fröding, arias; Leverlin, lendas; Hallstrom o *Thanatos*.

Queres esculptura? Terás os marmores de Regdberg. Queres pintura? Terás a obra de Karlfeldt.

E em toda a arte do norte europeu, se não ha a perfeição das linhas, a harmonia do conjunto que os Gregos deram aos latinos, existe mais sonho, porque naquellas regiões ha muito mais bruma.

Gatimanhos...

Espalhadas por estas paginas andam muitas notas, cujos titulos, tirados do portuguez mais lidimo que possa existir, mais ou menos se equivalem.

Garatuja, garabulho e gatafunho é todo a mesma coisa: rabiscas ou rabiscos. Entretanto, em outras accepções, cada qual tem significado diverso. Garatuja é tambem momice, treta e até cafuné. Garabulha é embrulhado e confusão. Gatafunho, para muita gente, é o modo de amanhar do gato.

Rebello da Silva preferia a forma garafunho á de gatafunho. Herculano fala de folhetos cheios de garabulhas e gregotins. Os italianos têm *grattugia* e *garbuglia;* os hespanhóes *garatusa*. Garafunho é classico e gatafunho mais plebeu.

Como todas essas pequenas notas não são mais que rabiscos á tôa e borrões mais á tôa ainda, o seu autor resolve-se a dar-lhes tão mesquinhos titulos. Demais, ellas ás vezes merecem as outras significações de taes termos, porque não passam de momices ou tregeitos, escriptas mal feitas ou desenhos pessimos, tretas ou arranhões, cafunés ou embrulhadas.

E para tratar dellas e das suas epigraphes modestas só um *suelto* como este intitulado gatimanho...

"Fon-Fon!" 15-Julho-916

No restaurant em que eu jantava, só e tristonho, uma destas noites, uma linda mulher occupava a mesa fronteira ao espelho grande da parede.! Via-se pelo crystal, sempre a sorrir. Tinha a pelle setinosa e fresca, os labios vermelhos como pitanga madura, o collo ondeante e sensual de garça.

Esqueci o *paté de foie* no fundo do prato e o oiro do *Graves* na transparencia do copo. Fiquei immovel a contemplal-a. Era muito deliciosa, e desenvolta, e alegre. Havia qualquer coisa no seu todo da nympha e da bacchante.

O creado respeitoso servio-lhe uvas moscateis, transparentes, roseas e alongadas. Começou a trincal-as com vagar. Então, eu me lembrei daquelles versos soltos e antigos que o velho Anatole cita no «Saint Satyre»:

"Elle fuyait, rieuse,
Mordant aux raisins d'or
Mais je sus bien l'atteindre,
Et mes dents ecrasérent
La grappe sur sa bouche."

Infelizmente eu não podia fazer o mesmo.

"Fon-Fon!" 15-dulho.916

Dr. Benjamin Barroso — (Ceará) — V. Ex. acaba de deixar o governo e é necessario dizer-lhe que jamais um presidente de Estado teve, no descer do solio governamental, tantas manifestações como V. Ex. No banquete politico offerecido aqui ao seu successor o Sr. Borges fez-lhe um brinde gentil pela maior das palinodias. E quando V. E. aqui chegar os seus amigos lhe farão uma gloriosa manifesiação. V. Ex. é feliz.

Deputado Nicanor do Nascimento — (Camara) — Constou pelos jornaes que V. Ex. ia apresentar á consideração do seus pares um projecto prohibitivo de entrada de *indesejaveis* no paiz. Ora V. Ex. faz mal, porque quem teve essa idéa no Congresso foi o seu collega Gustavo Barroso, que ia elaborar um projecto a respeito com o Sr. Alberto Sarmento. Agora V. Ex. obriga-o a fazer um substituitivo ou assignar o seu em segundo logar,

Chauffeur

114

A CAMARA E OS DEPUTADOS

A opinião geral no nosso paiz, muito influenciada pelo clamor da imprensa, trata ás mais das vezes a Camara com muita injustiça. Ella tem grandes e graves defeitos. Tem tido a marear-lhe a vida o peccado da preguiça e tambem o peccado da gula. Muita vez a sua indifferença tem causado os maiores males ao paiz. Devendo revoltar-se em certas occasiões, baixou a cabeça e obedeceu. Ao reconhecer os poderes dos que vêm bater á sua porta tem commettido as maiores injustiças e praticado as maiores immoralidades. O brilho dos discursos, pareceres e projectos dos seus mais eminentes membros são lantejoulas de oiro do seu manto purpureo, cujas pontas têm sido arrastadas pela lama. A sua displicencia ou espectativa é resultante da falta de acção do executivo; os seus erros filhos dos costumes politicos e administrativos. Ella tem bastas vezes sacrificado os interesses do paiz, porém outras tantas os tem defendido e os tem salvado. Talvez tenha produzido mais bem que mal.

O Sr. Antonio Carlos, "leader" da maioria e Presidente da Commissão de Finanças.

Forçoso é reconhecer que essa casa do Congresso é ainda dos raros logares onde existem energias capazes de produzir effeitos neste Brasil murcho e acabrunhado.

A sua tribuna desafoga a sêde das opposições e della se tem clamado contra os grandes abusos. E' a unica valvula nos estados de sitio e em todos os momentos de angustia, porque a agua da caldeira

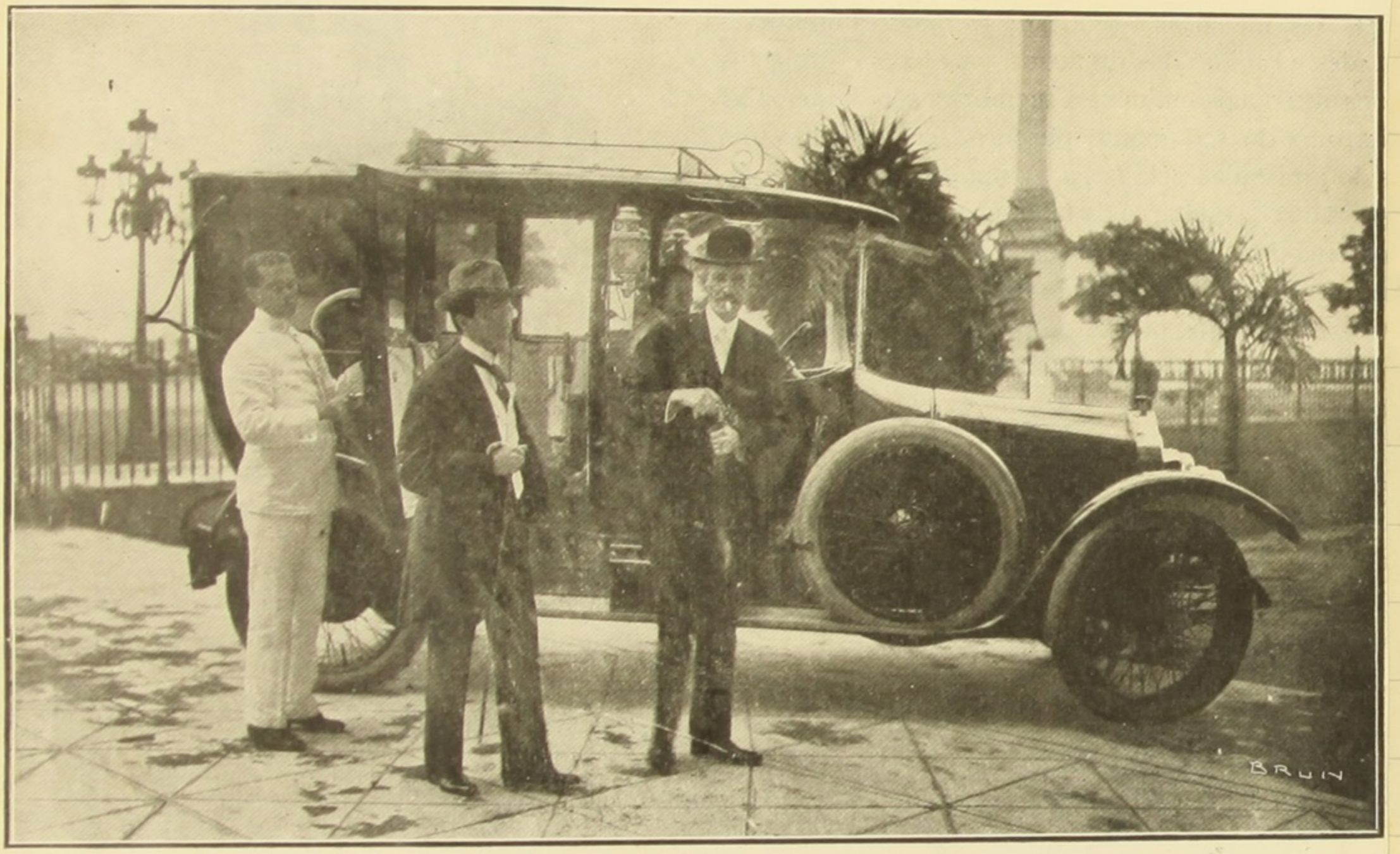
O Sr. Pedro Moacyr, deputado pelo Estado do Rio.

"Selecta" 8 Julho 1926

do Senado não ferve mais nem com as maiores pressões.

A Camara fez o anno passado e está fazendo este anno o trabalho orçamentario com presteza e não é culpada que o Senado o demore e o retenha.

Ella ainda vibra e tumultua nos dias das votações importantes. Ha alli interesses e opiniões que se chocam. Se no seu seio se albergam individuos sem valia e sem pudor, elevam-se ao seu lado typos duma pureza de costumes a toda prova e duma cultura admiravel. Ella ainda tem grandes gestos para repellir ou acolher, que demonstram não estar de todo relaxada a fibra da sua dignidade. Em 1915,



A' direita o Sr. Astolpho Dutra, Presidente da Camara, e á esquerda, o Dr. Otto Prazeres, secretario da presidencia.

numa sessão inesquecivel, máo grado a influencia poderosa dos interesses em jogo, abria os braços ao Sr. Barbosa Lima. Em 1916, embora novas pressões, elegia ao seu talante a commissão de finanças, recusando quem achava dever recusar, o que provocou a renuncia do *leader* da maioria.

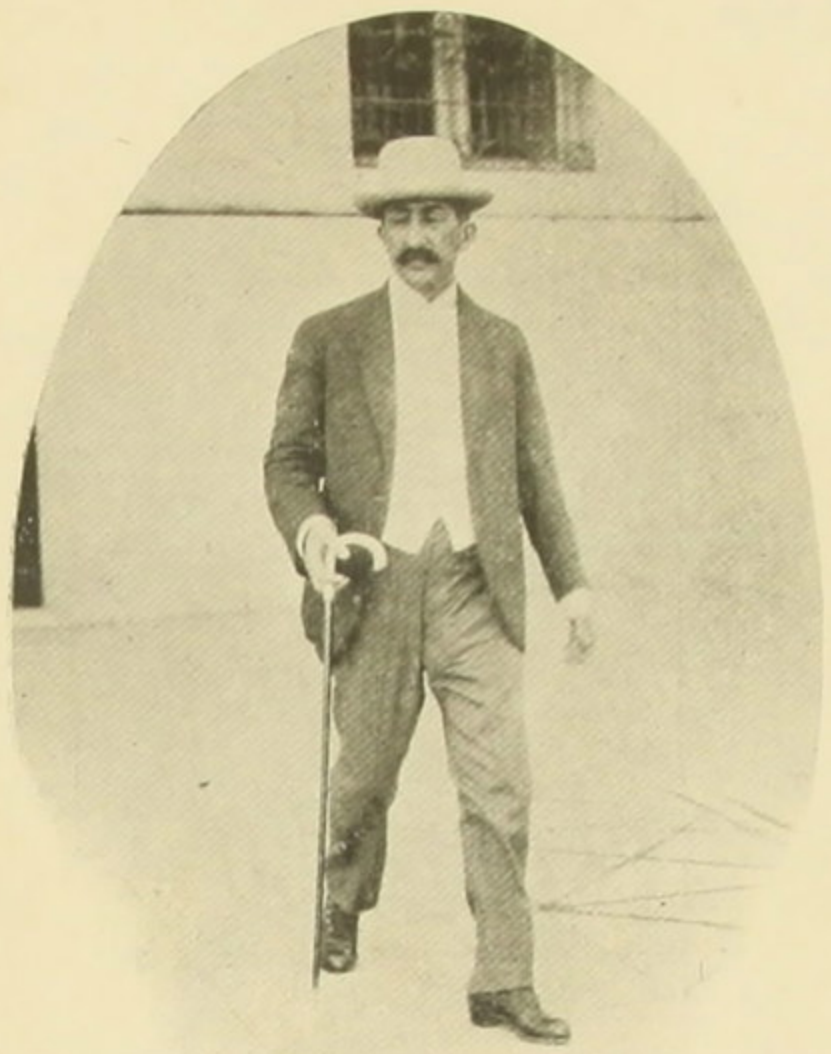
A força de taes gestos não se perde. Ecôa na opinião e lava a Camara de muitas faltas. Deve-se desculpar esta palinodia, porque no começo deste artigo já se fez forte accusação.

Preside a Camara o Sr. Dr. Astolfo Dutra. Aqui vemos a sua figura sympathica junto da sympathica pessôa do Sr. Otto Prazeres, *deputado honorario*, secretario da Mesa. O Dr. Astolfo Dutra é um mineiro de bôa tempera, sincero e affavel, pouco dado ás manobras politicas e pondo, com dignidade e justiça, do alto da sua cathedra presidencial, em pratica o regimento da Camara. O seu perfil, aguçado, as suas maneiras lentas, a sua bonhomia secca, dão-lhe qualquer coisa de nobre, *de vieux style*. Elle não diminue o prestigio e a honra da cadeira em que sentaram Carlos Peixoto e Sabino, seus patricios.

Com a sua face pallida e as suas feições a 1830, o Sr. Antonio Carlos dirige a maioria da Camara, e a sua calma nas refregas da tribuna dão certo valor a sua argumentação sempre defensora do governo. Mas sente-se na sua physionomia que se sacrifica no posto espinhoso que lhe deram, embora as demonstrações de confiança que lhe têm sido feitas, depois das desobediencias e indisciplinas. O Sr. Antonio Carlos é um deputado trabalhador e esforçado, culto e intelligente. Presidindo a commissão de finanças, tem demonstrado aptidões de primeira ordem e esclarecido julgamento. Voltando o olhar para os seus grandes antepassados, depois de vêr o fraccionamento de acção da Camara e a sua rebeldia, elle ha de convir que os conductores de homens não se improvisam e que, além do seu talento, da sua honestidade, do seu valor como deputado culto e bem intencionado, precisaria a voz forte do commandante e o pulso do senhor.

Foi uma inesquecivel sessão aquella em que o verbo inflammado do Sr. Pedro Moacyr, o unico parlamentarista convicto da Camara, bradou com

um exagerado pessimismo a necessidade de um esforço ingente para prevenir a bancarrota nacional. O grande tribuno gaúcho, que representa o Estado do Rio, produzio um discurso vehemente e inspirado, que ecoou no seio do Monroe como dobre de finados das finanças brasileiras. A' sua voz ardente, os deputados estremeceram. Mas uma voz forte e



O Sr. Cincinato Braga, antigo "leader" da bancada paulista.

cheia de fé se lhe contrapoz. Era o Sr. Carlos Peixoto que falava. A sua oração fez um effeito de janella que se abrisse para a luz e o céo azul naquella camara mortuaria. A energia das suas deducções, a força convencedora dos numeros apresentados, a culta moldagem da sua phrase correcta, a elegancia altiva e disciplinadora do seu physico, sagraram o eminente mineiro mais uma vez, pelo unanime consenso dos representantes da nação, *il duca, il maestro et il signore* — como disse o Sr. Pedro Moacyr.

Dias antes, já o Sr. Carlos Peixoto obtivera dos seus pares grande maioria de votos para a commissão de finanças. Nelle estão immanentes as qualidades de commando e, sem saber porque, os seus collegas lhe dão, sempre que se apresenta uma occasião, irrefutavel demonstração da influencia moral que exerce.

Suffragando de tal forma o seu nome para tão importante commissão a Camara não podia mostrar de melhor maneira a confiança que elle lhe inspira.

Nessa commissão, a mais importante, mormente na situação actual, um outro vulto se alça com o maior destaque. E' o Sr. Cincinato Braga. O notavel representante de São Paulo foi o anno passado o centro da questão financeira. Ainda ecôam por entre as columnas do Monroe as suas sonoras e seguras palavras sobre as emissões. Só uma enorme cultura, o habito das refregas tribunicias, a indomavel força do talento, podem dar a um homem como o Sr. Cincinato Braga aquelle tom calmo, convincente, todo cheio de indulgencia e de attenção, que elle tem na tribuna. Porque dos homens sem valor e sem cultura é que é proprio doutrinar dogmaticamente. Só o tolo se crê unico possuidor da verdade. O homem de talento acha que está com a verdade, mas sempre está prompto a escutar, admittir, discutir a opinião dos outros, convencendo-se até, se ella demonstrar que labora em erro.

Uma Camara que possúe figuras desta ordem merece pelo menos algum respeito. **X.**

Gatimanhos...

Olhei uma linda estampa á maneira de 1830, na qual um guapo mocetão, de casaca verdinegra e pantalonas collantes, beijava levemente a testa duma rapariga, que parecia uma illustração dos versos de Musset. E disse :

Ja la vai bem longe o tempo dos beijos castos. Hoje se aprendem nos cinemas beijos duma vivacidade libidinosa que jaz mal aos nervos. E' só a carne que estúa. Materialisámos de mais a mulher. Não ha nada de mystico ou espiritual no amor.

Claudio França ripostou :

— Como estás longe da verdade! Em todos os tempos e em todas as sociedades houve e ha os que amam espiritualmente e os que amam carnalmente. Questão de individuos e não de epocas. Os Romanos comprehendiam admiravelmente os beijos e os dividiram em especies. Dahi vês que nesse tempo, o tempo das orgias e das bachanáes, dos festins e das voluptuosidades incomparaveis, havia quem amasse com pureza e quem amasse com lascivia. Elles, os latinos, chamavam *osculum* o beijo casto dos filhos aos paes, dos irmãos ás irmãs e vice-versa ; *dulcissimum* o osculo dos casados, legal e honesto ; *suavium* o contacto dos labios dos namorados ; *mellifluum*, o beijo dos amantes ; e *basium* o ardente, e louco, e prolongado beijo da volupia !

"Athena". Belem. Pará - Nº. IX - 3º anno. especial commemorativo do Ficentenario de Belem

Maio 1916

Lettras e lettrados

Praias e Varzeas — contos de J. do Norte.

Foi este um dos ultimos bons livros que tive o prazer de manusear. Li-o tardiamente, é verdade; mas o li, e é o quanto basta.

Uma profunda sympathia espiritual approximara-me deste vigoroso prosador, desde quando foram publicadas as suas admiraveis paginas da *Terra do Sol*, livro de estréa, que apezar de consagral-o, não me pareceu uma obra perfeita de Arte, porém o trabalho cuidadoso e intelligente dum observador de pulso firme e vista clara.

Agora, no entanto, após um silencio relativamente insignificante, surge-nos João do Norte com um novo volume sobre coisas do Nordeste, que é um trabalho excellente.

O observador arguto e perspicaz da *Terra de Sol* torna a sel-o ainda nos admiraveis contos das *Praias e Varzeas* Neste seu recente livro, porém, João do Norte revela-se-nos além de um estylista primoroso, um estheta requintado e um artista impeccavel. Nos seus formosos contos ha alma, ha vida, ha sobretudo naturalidade.

Dotado de uma poderosa capacidade descriptiva, Gustavo Barroso (J. do Norte) desenha-nos fortemente, esboça-nos a largos e fundos traços a nudez pittoresca da vida sertaneja e littoranea do Ceará ora duma suavidade deliciosa, ora duma crueza acerba.

Ademais, com uma penetração rara de psychologo, elle estuda, perscruta a alma retrograda e supersticiosa, affectiva e ingenua, mascula e heroica, luctadora e triumphante do anonymo sertanista cearense, este typo unico e excepcional, que vence a secca e a morte e desbrava e cultiva a Amazonia fecunda e mysteriosa.

O seu livro, todo emoção e encanto, é muito agradavel, muito proveitoso, muito leve, ora commovente, ora arrebatador, mas nunca entediante. Os contos, todos cuidadosamente tramados num estylo escorreito, terso e pessoal, são breves, amenos, originaes. e, por isto mesmo, encantadores. J. do Norte ao passo que nos pinta a vivas côres a paysagem e a vida do Ceará, desenha-nos nitida e fulguran-

t:mente pessôas e coisas e torna-nos redivivas as lendas e as crendices que são a graça, a belleza, o corpo e a alma daquella gente simples, amavel e deliciosamente bôa.

Destacar trabalhos das *Praias e Varzeas* é tarefa arrojada e difficil a que de boamente me esquivo, pois, se todos são bons e apreciaveis, sómente á sensibilidade esthetica de cada pessôa cabe preferil-os e escolhel-os.

Fechei a ultima pagina do livro de Gustavo Barroso (J. do Norte) com o prazer de que raramente me sinto póssuido ao deparar-me com a mór parte das fartas lettras nacionaes tão desvirtualisadas pelas imitações grosseiras dos extranhos e pela falta de cunho regional.

Praias e Varzeas, quando nada, é um livro em que estão gravados fragmentos da historia, costumes, vida e caracter de um povo nobre, grande e veneravel por todos os feitos.

A18
719

Este livro, entretanto, está acima da mediania intellectual, afasta-se da rotina, foge á vulgaridade e, certo, não contará com o applauso enthusiasta dos mediocres e leigos que pullulam por ahi afóra...

Praias e Varzeas, apezar das suas innumeras virtudes, deve encerrar alguns senões e deslises; entretanto esmiuçar-lhe os defeitos não me cabe a mim que me limito apenas a admiral-o e possuil-o carinhosamente. Da sua leitura ficou-me uma doce impressão, e foi tudo.

Belem, março—1916.

PEREGRINO JUNIOR

"Fon-Fon" 15 Julho 1916

Garatujas...

A janella larga do quarto abria para o mar, cujo murmurar se ouvia entre os gemidos do vento numa fronde de palmeira. O negrôr do céo estava todo pingado de estrellas. Vinha do jardim o perfume suave dum jasmineiro florido.

Eu percorria as paginas duma revista ingleza com illustrações a côres. Claudio França olhava a noite com o seu cachimbo de espuma a fumegar.

Aos meus olhos passavam nas suas fardas vermelhas ou escuras, relusindo de oiros, em grande uniforme, typos de soldados inglezes.

Eram os Dragões — a Guarda do regimento do Principe de Galles; os trombetas do *Life-Guards*, fardados como os arautos do seculo XV; lanceiros de plastrão branco, azul, cinzento, verde ou vermelho, de agulhetas e de chapskas; os *Royal Scots Greys* com os seus cavallos cinzentos e o barrete alto de pelle de cão; caçadores de Sherwood e fusileiros reaes de Welsh; a imponencia dos *Coldstream Guards*, a elegancia dos *Irish Guards*, o orgulho dos *Horse Guards* e a calma dos dragões Iniskillings e da Yeomaury; a *Royal Horse Artillery*, lembrando os hussards do seculo XVIII, os dragões de Berck e os hussardos negros riscados de brandeburgos e alamares doirados; por fim os *highlanders* de Gordon e de Cameron.

Levantei os olhos e disse:

— Em parada, são os mais bellos e elegantes soldados do mundo. Em campanha, se abarrotam de *whisky* e geléa. Precisam muito conforto. Têm luxo.

Claudio França virou-se e respondeu:

— Sabem luctar e sabem morrer. Foi a firmeza dos quadrados da infantaria ingleza que permittio a chegada salvadora de Blücher, em Waterloo, e os dragões de Posomby fôram os que carregaram os derradeiros quadrados da guarda imperial franceza. Na propria perseguição fizeram mais que os hussardos de Brunswick ou os cavallos-ligeiros hannowerianos. O inglez é refractario ao serviço militar, mas tem coragem, vergonha e um sangue frio admiravel. Lembraste da brigada do general Colin Halkelt, immovel, terrivel de calma, esperando na ponta das bayonetas, diante da aldeia dos Quatro Braços, a carga dos couraceiros de Kellermann?

Henri Houssaye nos diz que Napoleão, antes de penetrar na Belgica, em 1815, de Ney, que fizera a campanha de Hespanha, indagára com desprezo, que especie de soldados eram os inglezes.

Mais tarde, vendo a inquebrantabilidade na lucta, mandava assestar as baterias e ordenava a escumar de raiva, de odio, aos artilheiros:

— «Atirem! Atirem! São inglezes!»

A arte spagyrica

Diz a imprensa que, em São Paulo, foram descobertos todos os *trucs* de que se servia o professor Mirabelli, o qual andava naquella cidade fazendo prodigios e milagres. Até a gente já pensava que renascera para o mundo moderno um daquelles grandes conhecedores da magia antiga. E fica-se triste em constatar que de todo morreram as sciencias e artes occultas. Ninguem mais estuda a cabala nem a alchimia. O spagyrismo morreu. Ninguem mais lê e medita as paginas da *Mão poderosa*, da *Mesa coberta*, do *Pastor fiel*, dos *Fragmentos do templo*, da *Luz nas trevas*, do *Imouth* e das *Aguas lentas*.

Desappareceram aquelles que recolhiam na transfusão dos metaes, nos Aludeis, ao calor formidavel do Athanor, o Espirito do mundo e a Flor do Céo, para conseguir a Fonte de Juventa.

Nenhum homem conhece mais a Aguia Voadora, o Passaro de Hermes, o Frango de Hermogenes, a Cabeça do Corvo, o Leão Verde e a Phenix fabulosa.

Não se acredita mais na virtude das mandragoras e na influencia das constellações. Perdeu se a significação do apparecimento de Arcturus, da Vega da Lyra, da Espiga da Virgem, da corôa de Ariadna e Altair, Sirius, Regulus, Aldebaran, todos esses luzeiros do céo infinito não agem mais sobre a vida dos homens. Tambem estes não se associam mais aos Elfos, não vêm mais os Sylphos nem são amados mais pelas Salamandras voluptuosas. Não existe nenhum mortal nascido do commercio dos espiritos com as mulheres, assim como foi Merlin, o Encantador, filho duma freira e dum genio do ar e da luz.

Perdeu-se a memoria de Hermes Trimegisto e da Tavola Esmeralda. Não mais se copiam ou editam as grandes obras de magia, cabala, alchimia e arte spagyrica, obras daquelles que em vida foram Zozimo de Panopolis, Sophar o Persa, João de Santa Evagia, Synesios, Olympiodoro, Itephanus, Phocios, Atrabis, Philon, Avicenna, Lulle, Pico de Mirandola, Reuchelin, Morus e Tlydd.

Morreu a velha sciencia que, buscando a formula de transmudar os metaes em oiro, foi causa dos mais uteis descobrimentos chimicos; a velha sciencia fundada por Enoch, filho de Caim, alumiadora dos espiritos medievaes, ambição e esperança de muitas gerações.

119

120

"Fon-Fon!" 15 Julho 1916

Ao léo da penna...

— Lês as secções elegantes dos nossos jornaes?

— Todas. Não perco uma só. São a leitura mais deliciosa que conheço.

— Não posso comprehender o teu pessimo gosto. Não tens outra coisa que fazer.

— Tenho bom gosto e o que fazer, mas gosto de me divertir e ellas me divertem a valer.

Como?

— No «Kodak» da «Epoca» eu sempre vi e palpei a vida elegante e engraçada de Petropolis, e hoje me delicio com uns pensamentos exquisitos, no sentido francez desta palavra, que alli appareceu. O «Binoculo» ensina-me coisas interessantes sobre as modas e o *maintien*. As secções identicas de outros jornaes e revistas trazem um admiravel subsidio para desopilarme o figado.

Esqueceste o «Pall-Mall» do «Paiz».

— Não esqueci. Deixei-o por ultimo, para falar delle melhor. E' obra d'um artista incomparavel. Ninguem como o José Antonio José sabe fazer uma seccão de elegancia e mundanidades. O seu estylo maravilhoso, a sua graça constante, a sua finura vibratil, o seu perfeito bom tom, dão á frivolidade duma nota quotidiana chic o sabor duma chronica cinzelada de arte. E' um mestre.

— E só por essa belleza apparente de linguagem ou expressões te apaixonas pelo «Pall-Mall»?

— Não, meu caro amigo, não. Mas porque eu amo todas as manifestações de sentir que se assemelham ao meu sentir. E eu sinto que o autor do «Pall-Mal», fazendo-o, diverte-se tanto quanto eu me divirto lendo-o. O mundo em todas as suas faces não deve ser tomado ao serio. Elle só merece o riso e a ironia. Ora, o José Antonio José, pelo que me parece, tem diante da nossa sociedade a mesma emoção que eu: assistimos aos diversos numeros dum grande espectaculo de *cabaret*...

Garabulhas...

Tenho medo de falar sobre a guerra européa, porque os meus patricios, quer os alliadophilos como os germanophilos, são muito exaltados. Já vi individuos de uma mansidão exemplar, que, discutindo os ataques de Verdun ou a conquista da Bukovina, se tornam verdadeiros energumenos. Com esses exemplos cheguei a comprehender o delirio das idéas enraizadas e dos enthusiasmos imaginativos, coisa que até então eu não entendia bem. Sempre condemnei a loucura dos sectarios da Communa que incendiaram os mais bellos edificios de Paris á vista dos allemães victoriosos. Hoje comprehendo prefeitamente essas maluquices, porque vejo os mais pacificos cidadãos quererem se engalfinhar porque os germanos tomaram Douaumont ou porque os gaulezes venceram no Marne.

Entretanto, sou ás vezes obrigado a entrar em tal genero de conversação. Os deveres sociaes tyrannisam a gente. Outro dia, num chá, uma senhora perguntou-me qual tinha sido, logo abaixo da actual, jamais igualada, a maior guerra do mundo. Não sou muito versado nessas coisas e respondi por palpite:

— A guerra russo-japoneza, por certo.

O Claudio Franca approximava-se e ouvio a minha resposta. Immediatamente interveio:

— Não diga asneiras. A maior guerra que a historia registra, exceptuando a de agora, é a guerra da Seccessão, a guerra americana da escravatura, dos Estados do norte contra os do sul daquella federação. Foi guerra civil e domestica. Custou vinte e cinco biliões de dollars. Arrazou regiões inteiras. Foi mais dispendiosa que todas as campanhas napoleonicas reunidas e mais cara vinte e quatro vezes que a do Paraguay, a qual é a decima segunda guerra do mundo em despeza.

A dona da casa voltou-se para a senhora que me falára e para mim, dizendo a sorrir:

— Vocês apanharam uma bella lição de historia. Este Claudio tem uma memoria!

Garabulhas...

Conversavamos sobre mulheres e eu disse o meu horror daquellas que se querem masculinisar e se arrogam prerogativas de homem.

Godofredo Alvim tambem se expressou em apoio das minhas palavras. Elle detestava os viragos e não supportava a presença duma dessas creaturas do sexo feminino que o padre Brantôme denominava *homenasse;* tinha horror ás sufragistas. Até se admirava de terem os Gregos celebrado tanto as Amazonas e os seus combates á margem do Thermodonte. Elle gostaria mais de Diana, se ella não gostasse tanto de andar na caça pelas selvas, doidamente.

Claudio França com o seu calmo sorriso o interrompeu:

— Lembras-te bem das amazonas. Tinham nomes tão sonoros como o tapezape dos gladios no ultimo combate de cavallaria que travaram. Eram Marpéa, Phebéa, Philippis, Hippolyta, Aella, Astéria. Eram virgens, puras e guerreiras. Realisavam o ideal que os monges cavalleiros da Idade Media tentaram alcançar, os teutonicos, os porta-gladio, os de Aviz, de Calatrava, os templarios, os de Malta, os de S. João de Jerusalém. Nada mais admiravel do que essas guerreiras extraordinarias das canções de gestos e dos poemas medievos: Alda, Thalestris, Ruthesiléa e essa, que Ariosto divinisou, a ardente e corajosa Bradamante.

Todos os povos creram na sua infancia em mulheres guerreiras e indomaveis, mythos que talvez representem mesmo a indomabilidade disfarçada em doçura das creaturas femininas. Os Gregos além das Amazonas tinham as femeas dos centauros. Os Celtas tambem possuiam as suas Bradamantes. Num dos cantos do Ossian se lê este pedaço a respeito de Colmal, a bella filha de Duntalmo:

«Arranquei-lhe a cota de armas: seu seio de virgem appareceu. Confusa, ella corou e baixou a cabeça. Olhei os meus guerreiros em silencio. A lança cahio-me das mãos com um suspiro. Quando soube o nome dessa formosa virgem, misturei as minhas lagrimas ás suas».

"Selecta" - 15 - Julho - 1916

A proposito do professor Mirabelli

Toda a imprensa se tem occupado com os prodigios de um novo Cagliostro. A attenção das rodas jornalisticas e scientificas da capital paulista não perde o menor movimento do famoso professor Mirabelli, que alli desempenha o papel dos adivinhos, nigromantes, prestidigitadores e magicos de todas as épocas. O conde de São Germano influenciou uma côrte. Napoleão e Josephina pagavam uma pythonisa. Até Marat tinha uma amiga feiticeira. Como havia de São Paulo, a luxuosa e elegante cidade, que desperta para todas as delicias da civilisação, não ter o seu adivinho?

Quem sabe si não é o professor Mirabelli um desilludido dos recursos de vida que tenha recorrido ao processo de ser medium, para obter uma victoria que outros meios lhe negaram? Em Paris, uma feita, a policia descobrio em estreito e escuro becco de Batignolles, misero charlatão, vendedor de beberagens, curador de molestias. Prendeu-o. No commissariado, o curandeiro explicou-se, apresentando sua carta de medico, devidamente legalisada. Formára-se e não pudera obter clinica. Resolvera explorar o gosto do povo pelas coisas mysteriosas. Estava honestamente ganhando a vida.

Não entro na discussão scientifica do caso do professor Mirabelli. Ainda não sei muito bem o que faz. Li que pratica assombros e que os homens de sciencia estão maravilhados. Mas posso commentar litteraria ou historicamente o seu apparecimento. Elle é um élo na seriação indefinida de todos os magicos e outros individuos fóra do commum, que apregoam possuir grandes forças occultas, e que têm surgido por este mundo afóra. Os seus emulos lá estavam entre os adivinhos gregos e romanos, nas rondas de bruxas e no meio dos fazedores de eusalmos e magacías da idade-media; vivem como fakires; aqui são picigas, nas tribus barbaras; alli, hierophantes nas sociedades policiadas.

Como disse, ignoro ainda o que faz. Faltam-me dados bastantes para aprecial-o; mas ouço o clamor das gentes que assombra e aturde com as suas sessões, em que se passam coisas de arripiar os cabellos.

Roma dividia os seus videntes em quatro classes: augurios, auspicios, aruspicios e extispicios. Este não consta até agora a que classe pertença. Ninguem ainda o classificou como nigromante, hierophante, adivinho, astrologo, medium ou magico. Mas os jornaes apregoam prodigios de espantar os incréos.

Viro, diante da voz corrente a seu respeito, a percorrer os velhos alfarrabios que tratam das sciencias occultas: a Kabala, a Alchimia e outras. Tinha infinita vontade de conhecer qual o genero de sortilegio a que se entrega o referido professor. E' vasta a seára para elle colher, em triumpho, espigas de oiro. São tantos e tão attrahentes os ramos em que se divide a sciencia de sondar o futuro ou produzir milagres que a unica difficuldade é a escolha. A cartomancia tudo sabe por intermedio dos baralhos. A capnomancia tudo vê nas espiraes das fumaças. A nephelomancia comprehende tudo pelas fórmas das nuvens. A stapluplomancia tudo faz decorrer do formato e disposição dos cachos de uva. E a aleuromancia lê tudo nas farinhas de trigo.

E' preciso lêr as notas, ementas e commentarios ás «Confissões» de Santo Agostinho, para se ficar penetrado da lindeza dessas variadas fórmas de feitiçaria. Alli estão, além das citadas, a necromancia, convertida pela corruptela do tempo em nigromancia, que ensina olhar o sangue e a sombra dos mortos; a hydromancia que mostra prodigios no espelho das aguas claras e quietas; a alphitomancia que demonstra o poder magico da farinha de cevada e a critomancia, que tudo faz depender das esmolas recebidas pelos pobres.

Se o professor Mirabelli é versado em todas essas magacías, conforme diziam os classicos da nossa lingua, deve certamente estar ao par de que a pyroscopia é o conhecimento pelo fogo, a terastocopia a interpretação das coisas prodigiosas e a oniropolia dos sonhos, tudo conforme já estava coordenado e assentado no quarto seculo da éra christã, quando ainda na cleromancia se encontravam os meios de deitar sortes com os ossos e pedaços de flechas.

Merlin, o homem dos mil encantamentos, autor das Palavras de Futuro, accendia velas de cera e apagava-as de maneira ignota. Era um assombrador das almas mediévas. O Sr. Mirabelli tem e traz em si o progresso do seculo actual. Accende e apaga uma lampada electrica. *Gloria in excelsis...* E assombra os espiritos de hoje.

Reaffirmo que não sei bem o que pensar dos feitos de tão fallada personagem, isto por falta de provas. Entretanto acho notavel que, num seculo de exactidões scientificas e estupendas invenções, ainda surja o espirito de crendice, abusão e mysterio, que alumiou aquelles que criam no poder do signo de Salomão, no Macrocosmo e no Microcosmo, e em umas tantas coisas do Breviario Gothico.

Goethe apaixonara-se pelas sciencias occultas. Não conseguio ser um Cagliostro nem fazer predicções como os «Centurios» de Nostradamus: porém tal inclinação fez com que escrevesse uma das maiores obras litterarias do mundo. Que o novo medium ou magnetisador, se não der para a sciencia nova força como Mesmer com a sua descoberta, pelo menos se transforme em litterato e nos deixe ahi um romance ou um poema de folego.

Feliz homem este senhor Mirabelli por viver num tempo de grandes liberdades. Fôra elle andar produzindo effeitos contrarios ás leis naturaes por meio de sortilegios, nas épocas de antanho, que só com as torturas, para fazel-o confessar se usava magia branca ou magia negra, os tribunaes lhe dariam cabo do canastro.

João do Norte

A21
1:22

A CAMARA E OS DEPUTADOS

A BANCADA PAULISTA

Das grandes bancadas da Camara é a de S. Paulo uma das que mais confiança inspiram e das que têm maiores sympathias. S. Paulo é um Estado feliz, o mais rico e o mais prospero desta nação empobrecida. Os seus representantes, muito embora tenham entre si divergencias de politica local, não demonstram isto no seio do Congresso. A bancada se apresenta unida e forte, cohesa e disciplinada, pugnando sempre pelos interesses vitaes da sua terra. Devia ser por todos seguido este exemplo louvavel. Agora mesmo correm boatos de que o grande Estado do café procura alliar-se ao Rio Grande do Sul afim de contrabalançar, na politica federal, a influencia de outras grandes *ententes*. Dahi as noticias duma demorada conferencia entre os Sr. Soares dos Santos, chegado do Rio Grande, e o Sr. Alvaro de Carvalho, *leader* de São Paulo.

Dr. Pereira Braga, da bancada paulista.

Mas não se creia que os paulistas como os outros brasileiros, nas suas combinações politicas, procurem tão sómente o proveito de vaidade ou interesses subalternos, pessoaes. Não. Elles são dum bom senso definitivo e admiravel. Querem compensações materiaes para o seu Estado, querem o fomento da sua industria, da sua agricultura e do seu commercio. S. Paulo é só quem sabe fazer politica no Brasil.

A sua bancada tem um tom especial. Senta-se á esquerda da sala, nas primeiras filas. Os seus deputados respiram elegancia, bôas maneiras, distincção e riqueza. E' na maioria composta de homens puros, dignos e illustrados como o Sr. Galeão Carvalhal, que foi muito tempo seu dirigente.

O *leader* actual, o Sr. Dr. Alvaro de Carvalho é um homem finissimo, acostumado a viver metade de sua vida no conforto europeu, a outra metade cuidando dos interesses directos seus e da terra natal. Desde o seu modo de vestir a sua maneira de falar, tudo nelle respira cultura e habito da civilisação. Habito da civilisação dizemos, porque entre nós ha muita gente que vae á Europa e ainda se não habituou com a civilisação.

Illustra a grande bancada o saber juridico do Sr. Prudente de Moraes Filho. Seu pae foi, como presidente da Republica, homem de impoluta honradez e excepcional força de vontade. Elle trouxe para a Camara o habito dos estudos de direito e uma invejavel cultura de lettras juridicas. E' um dos novos juris consultos brasileiros de maior renome. Sua acção na commissão do Codigo Civil foi proveitosa e efficaz.

Bueno de Andrada, deputado paulista.

Filho do eminente Sr. Dr. Rodrigues Alves, o deputado Francisco de Paula Rodrigues Alves Filho, é das mais lucidas intelligencias da Camara e dos seus melhores corações. Magro e acurvado, mas de face cheia de bondade e sympathia, sempre apuradamente vestido, com uma sobria e natural elegancia, do mais intenso bom tom, o Sr. Rodrigues Alves tem se distinguido sempre no seio da sua bancada e é, no parlamento, um dos vultos mais procurados e mais queridos.

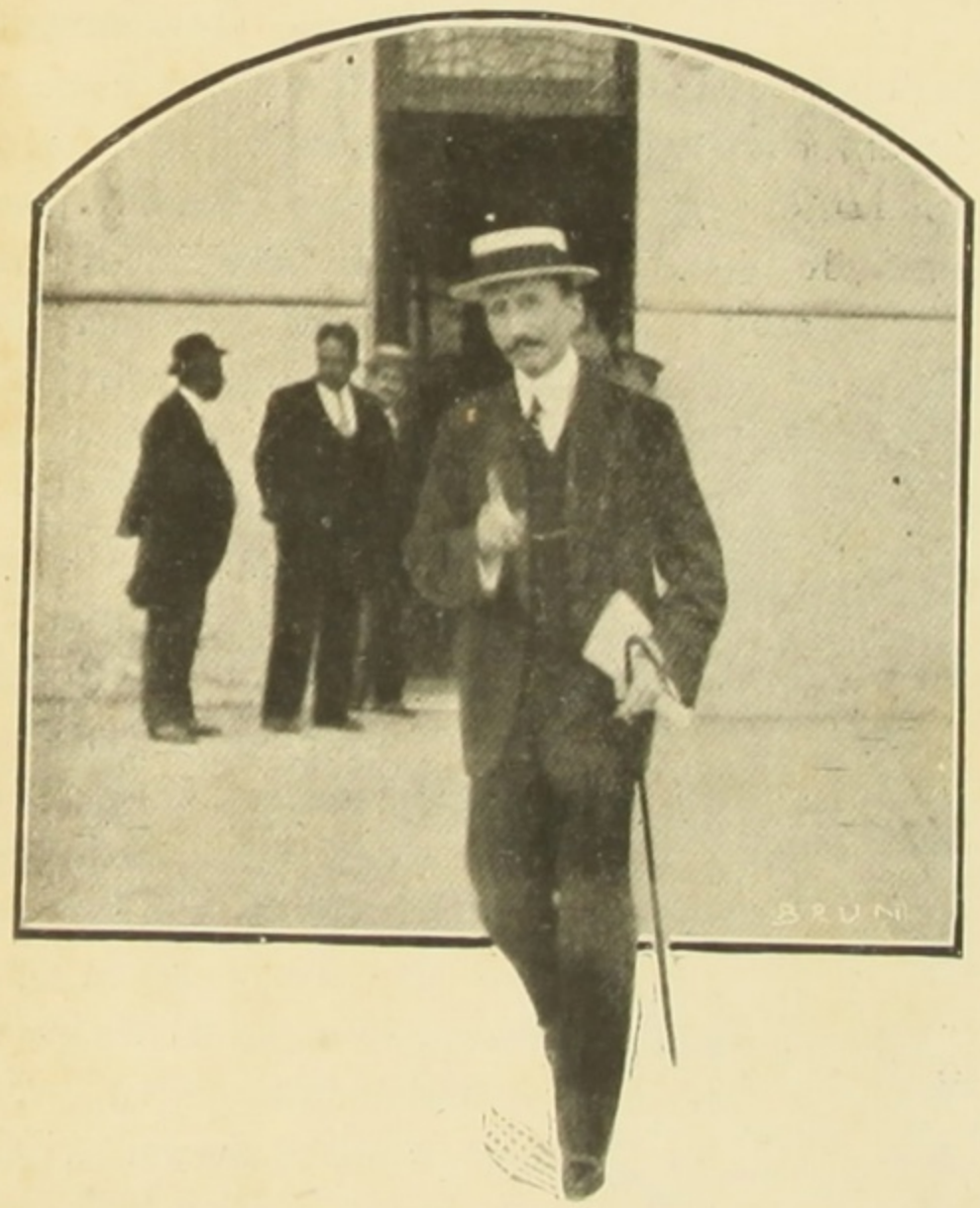
Membro da commissão de diplomacia e tratados, alliando elegante saber juridico e litterario ao conhecimento

perfeito do direito internacional, o Sr. Alberto Sarmento sorri sempre indulgente e bom. Na commissão de que faz parte foi em todos os tempos dos mais dedicados, claros e seguros relatores. Ainda hoje, quando já se occupa menos com o direito das nações, tão esfarrapado na guerra européa, esclarece ou contraria com seus judiciosos apartes os oradores que discutem o assumpto.

Entre os deputados paulistas que ahi vemos, sahindo do Monröe, ainda podemos apontar o illustre professor da Escola Polythechnica, um dos maiores mathematicos do nosso paiz, a figura insinuante e duma amabilidade unica, do notavel engenheiro Pereira Braga.

Barros Penteado, Arnolpho Azevedo e Alberto Sarmento, deputados paulistas.

Outro jurista digno de nota na bancada é o Sr. Arnolpho de Azevedo, encarregado de relatar um dos casos politicos mais complicados da época: — a dualidade de governo do Estado do Espirito Santo;



Dr. Rodriguez Alves Filho, da bancada paulista.

que deu parecer reconhecendo o governo do Sr. Bernardino Monteiro.

Ainda vemos, deixando o branco palacio que hospeda os deputados e os pombos do demolido convento da ajuda, outros representantes de S. Paulo. O Sr. Bueno de Andrada, da raça antiga e admiravel dos Andradas, com o seu bigode de neve, lembra os dias em que pede a palavra no recinto e teima nas suas argumentações sinceras e baseadas, contrariando opiniões, as mais vehementes.

O Sr. Barros Penteado com o seu ar distincto e socegado de banqueiro, de homem de finanças, a sympathia a irradiar do seu todo, a intelligencia ponderada dos homens calmos a luzir nos seus olhos, atravez dos vidros das lunetas.

Dr. Alvaro de Carvalho, "leader" da bancada paulista.

E' S. Paulo que passa com a sua finura, a sua disciplina, a sua comprehensão segura dos interesses necessarios, o seu progresso e a sua grandeza. **X.**

Fon-Fon! 15 Julho 916

Gatafunhos...

Manhã brumosa e fria. O céu dum cinzento baço mirava-se na agua quieta e clara da bahia. Algumas pessoas, embuçadas, passavam pela praia. A' distancia vinha, ligeira, uma embarcacão de regatas. Era uma yole a oito remos. Parecia, sobre o mar, um grande escaravelho. Os remadores, de camisetas lavradas de branco e negro, curvavam-se, recurvavam-se num rythmo largo e elegante. Mais perto, ouvia-se já o ruido dos remos nas forquetas de bronze. Voltei-me a olhar o barco veloz. Claudio Franca, atirando fóra o cigarro perfumado, falou aquecendo ao som da sua voz mascula a frialdade do ar:

— Não avalias como se dilata de satisfação a minha alma quando vejo crescer neste Brasil o enthusiasmo pelos exercicios physicos. A's vezes tenho tido desillusões. Quando foi das linhas de tiro cri o meu paiz povoado de soldados. Soffri muito com a realidade dolorosa de verificar o contrario.

Mas tenho alegria ao presenciar a animação dos rapazes pelas questões de *sport*. A educação physica, que fez a elegancia da gente grega e a força da gente romana, deve reformar em futuro não muito remoto, estou certo, o typo do brasileiro, ainda feio, ainda rachitico. Fico encantado ao encontrar rapagões desempenados e fortes. Isso cons ..

C brasileiro de calça branca e sutambaque morreu. Teremos homens de outra tempera. O *football* attrae as moças e os rapazes cariocas. Os clubs de regatas, antigamente frequentados só por moços do commercio e raros estudantes, contam hoje com o apoio da melhor sociedade.

Meu caro, até politicos andam a remar pela nossa bahia, de manhã cêdo, exercitando os musculos. O sr. Monteiro de Souza, representante do Amazonas na Camara, rema em Botafogo com a camisa azul turqueza do club Guanabara. O sr. Gustavo Barroso, deputado pelo Ceará, usa o *maillot* vermelho e preto do club do Flamengo. E o sr. Carlos Peixoto anda atraz de comprar uma canôa...

"Diario Official" - 11 - Julho - 1916

O Sr. Presidente — Considero prejudicado pela approvação do requerimento do Sr. Souza e Silva o seguinte:

REQUERIMENTO

«Requeiro que seja inserto na acta um voto de congratulações pela data do Centenario da Independencia da Republica Argentina, dando-se deste voto conhecimento ao Presidente da Nação amiga e á Camara dos Deputados Argentinos.

Outrosim, requeiro que se telegraphe tambem ao Sr. Victorino de la Plaza, Presidente daquella Republica, felicitando-o por ter sahido illeso do attentado commettido em Buenos Aires, durante a grande parada de hontem.

Sala das sessões, 10 de julho de 1916. — *Gustavo Barroso.*»

Acha-se sobre a mesa um requerimento que vae ser lido. E' lido, apoiado e posto em discussão, o seguinte

"Fon-Fon!" - 22 - Julho - 1916

Garabulhas...

— Aqui está, Claudio França, neste jornal uma interessante photographia.

— Que é?

— E' a carruagem em que o lendario Osorio, ferido, atravessou as linhas de combate em Avahy. Vai para o Museu. Offerta duma digna filha do celebre general.

— Com effeito, é interessante e notavel a pequena carruagem. Talvez ainda se vejam na sua capota envelhecida furos de pelouros ou rasgões de lançaços. Osorio merece todas as consagrações e o seu carro de guerra deve ser tão admirado pelos Brasileiros como o carro guerreiro de Ramsés II foi adorado pelos Egypcios.

— Não falando de tão alta antiguidade, deves conhecer por certo outros carros historicos mais modernos, carros de soldados, bem entendido.

— São poucas as carruagem de militares famosos. Este tilbury de Osorio em Avahy pode formar ao lado daquella celebrada *carrosse* de vime trançado em que o marechal de Saxe, doente, passou em revista as tropas reaes de França na batalha de Fontenoy; da victoria leve em que Massena, com a perna enrolada em pannos sangrentos, andava pelas margens do Danubio, em Essling; do pequeno coupé verdinegro, que levou Napoleão de Paris a Vienna, Madrid, Berlim, Roma, Varsovia e Moscow, que o conduzio na retirada da Russia e na noite dolorosa de Waterloo. O carro de Osorio é uma reliquia tão grande como qualquer uma destas.

Morria a tarde. Começavam a luzir as lampadas da Avenida. Eu vinha com o Claudio França pela *terrasse* do Lopes Fernandes, quando uma cigana, de ampla saia de ramagens, casaquinho vermelho, as tranças fugindo á prisão dum lenço amarello, se nos affereceu a lêr a *buena dicha*. Afastei a e referi-me á vida vagabunda dessa gente antiga, que desde a mais remota antiguidade percorre o mundo, vendendo metaes, barganhando cavallos, predizendo o futuro.

— Sabes a sua origem certa, Claudio?

— Não, nem ha quem a saiba. Li as obras de Bataillard sobre elles e fiquei quasi na mesma. A sua lingua prende-se ao sanskrito. Desde as mais remotas eras andam errantes pela terra. Os Francezes chamam-n'os bohemios; os Hespanhoes, gitanos; os Italianos, zingaros; os Portuguezes, ciganos; os Inglezes, gypsios, os Allemães, zigeuner; os Rumenos, cyganis; os hungaros, povo de Pharaó; os Turcos, tchingenés; os Persas, hindús negros. Elles mesmos se appellidam Roma-os homens, Kola-os negros, ou Sint-do Sind, da India.

Mas ninguem sabe de onde vieram, como appareceram nem para onde vão.

~~124~~
125

"Fon-Fon!"

Rio de Janeiro, 22 de Julho de 1916.

OS TRUBLIONS

O amplo cinzeiro de porcelana Royal-Doulton, *rouge flambé*, que vermelhejava sobre o marmore esverdeado da mesa, representando um gordo suino a cochilar, já estava cheio da cinza branca dos *Partagas*, cuja caixa se escancarava ao lado. Pela janella ampla, deitando sobre um parque, onde o luar se derramara em tons de leite e de marfim, entrava o perfume das matas da Tijuca. Dalli se avistava a face calma, redonda e branca da lua, um respaldo de serra em que se recostavam palmeiras, todo o fausto de luminarias da cidade immensa, dormida lá em baixo, ao longe.

Recostados nas amplas poltronas *maple*, de coiro acarminado, boforando o fumo dos Havana para os artezões do tecto, os olhos parados com delicia no livor do luar, os tres amigos conversavam sobre as coisas da época. Um, depois de commentar a offensiva dos Alliados e criticar as operações dos Germanos, falou das terras de Matto Grosso, dos ataques ás administrações publicas, do *deficit* dos telegraphos, do máo serviço dos correios e da horrivel situação financeira do Brasil.

O segundo bateu, vagorosamente, com os dedos, uma nodoa de cinza, que lhe sujara o collete de traspasso, em que mergulhava a gravata negra de plastrão, picada por uma perola côr de rosa. Depois, severo nas suas condemnações, citou os nomes apontados pelos jornaes dos responsaveis por esse estado de coisas, affirmou a necesidade de pegar pelo gasnete fulano, beltrano e cicrano, verdadeiros ladrões, delapidadores da fortuna publica, estellionatarios, salteadores até, sacudindo-os na prisão para escarmento dos que desejassem seguir os seus exemplos.

— E' devéras lamentavel que o parecer da Commissão de Finanças da Camara, responsabilisando os ministros do ultimo quatriennio, não passe de *words, words, words...* E' mais lamentavel ainda que tal responsabilidade não seja pedida diante dos tribunaes aos ministros de outros quatriennios, a todos os prevaricadores, a todos os deshonestos. Só de pensar nisso, fico fóra de mim. E' um escandalo!

E atirou um murro na mesa. O cinzeiro de Doulton estremeceu; particulas leves de cinza alva boiaram no ar. Pela janella veio um arejo mais forte, trazendo o macio perfume dos mattos dormentes, dos jasmineiros banhados de luar.

O terceiro tamborilava com vagar sobre as veias verde-malva, verde-esmeralda do marmore. Fumou em silencio alguns instantes. Levantou-se, foi á janella, olhou demoradamente a paysagem. As luzes da cidade pestanejavam. O céo era alto, claro, tranquillo. A lua dava tanta claridade naquelle ambiente limpido, que se avistavam vultos negros de navios surtos no porto, para os lados do Cajú.

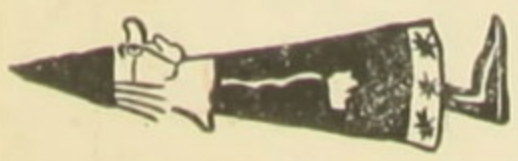
E elle convidou:

— Venham apreciar o luar.

Entre os dois, deitando-lhes os braços aos pescoços, na moldura illuminada da janella, fallou com segurança e calma, levemente ironico:

— Para que vos aborreceis, pensando nos homens e na sociedade dos homens, quando a natureza vos dá, á vista, este luar de fadas e de encantamentos, de balladas e de amores; ao olfacto, o perfume da selva, o odor do jasmim e o cheiro indefinido do proprio luar? Esquecei-os, e as suas dores e as suas miserias! Gozai os gozos naturaes da vida. Olhae, respirae, embevecei-vos. Não vos incommodeis com o seu rastejar e o seu malfazer. E, quando quizerdes rir á sua custa, lêde aquellas ironicas paginas do velho Anatole, no «Monsieur Bergeret», que trazem por titulo: «*Des Trublions qui nasquirent en la Repubicque*».

Jotaenne.



Em frente da minha casa cahira de cansaço ou doença um cavallo de carro de aluguel. O cocheiro tirou-lhe os arreios e ficou no passeio defronte a espera do soccorro pedido pelo telephone da venda proxima. A garotada da visinhança cercou o cavallo tombado.

O animal, de uma magreza horrivel, ossos furando a pelle chagada pelos coiros dos tirantes, resfolegava devagarinho, estirando ás vezes as pernas numa dolorosa distenção de musculos. Esteve assim, de olhos abertos e vidrados muito tempo. Depois, entrou em agonia.

Pobre pileca de carro de aluguel! Levara uma atribulada vida de trabalhos e dôres para ir morrer das fomes e maus tratos sobre o calçamento duma rua, entre a risota dos garotos. Toda a meninada ranhosa e semvergonha das casas de commodos visinha grupada alli, chasqueava da misera azemola, dizia chaças, cuspia-lhe em cima, entucava-a com varetas, atiravalhe pequenos seixos. Eu me indignava já com aquella scena quando uma outra me enterneceu.

Um menino esfarrapado que alli passava, guiando um cego mais esfarrapado ainda chegando-se ao cavallo moribundo, acariciou-lhe de mansinho a cabeça. E o bicho expirou com um suspiro longo sob o carinho da criança.

125
126

"Fon-Fon!" - 22 Junho - 1916

Garabulhas...

A toda carreira o electrico passou pela praia encantadora de Icarahy. Eu fumava um Breva e olhava a paysagem com enlevo. O sol doirava o mar. Uma castanheira elegante, perfilada junto duma ponte, começava a muda, toucando-se de folhas vermelhas como sangue.

O bonde galgou por uma vereda torcicollosa, entre bamburraes sussurrantes. Uma casa pintada de amarello de ocre mirava as aguas placidas da enseada de Jurujuba. O seu primeiro pavimento elevava-se sobre arcadas de alvenaria. Rodeavam-n'a gramados muito verdes e um cáes de pedra com escaleiras que desciam até as rugas do mar. A um lado, entre gradis, alguns inglezes jogavam *tennis*.

Fiquei a pensar. Os estrangeiros se apoderam de todos os pontos pittorescos, agradaveis e bellos da Guanabara, abandonados pelos Brasileiros, que preferem as ruas da *urbs* ao esplendor dos arredores enfeitados pela natureza soberba. Vê-se uma casa alcandorada num morro. Habitam-n'a francezes. Um *cottage* elegante num ameno recanto da praia é occupado por inglezes. Um *bunglow* que domina um cabeço de monte, entre a vegetação rica, pertence a um Americano. A velha mansão dos nossos avós sita em ponto aprazivel pertence hoje a um Allemão.

Emquanto o ricaço Brasileiro possúe um casarão de fachada construida pela phantasia ignorante do mestre de obras e um *landaulet* com *chauffeurs* agaloados, vai ás casas de chá e passa ligeiramente pela praia do Flamengo, o estrangeiro se delicia com o agrado, o carinho, a voluptuosa acolhida da nossa natureza. Mora numa casa singela e commoda, pittoresca e artisticamente situada, tem a sua *barata,* para gozar o prazer de deslisar no asphalto, anda num barquinho á gazolina ou á vela, faz *sport,* vive, goza, respira o ar sadio da matta, a viração saudavel do mar.

Aquella curiosa casa erguida sobre arcos esteve alli ao abandono até que um estrangeiro a adquirio. Além da sua situação tinha o valor das reminiscencias dos nossos tempos idos. Entretanto nenhum brasileiro se lembrou de compral-a. Quando era prohibido o trafico de negros, ella servio para receber os contrabandos de escravos. O navio negreiro, bordejando fóra da barra, onde não podia entrar, enviava os captivos em pequenas embarcações, que os despejavam nas casas destinadas a esse fim, que existiam em muitos recantos da bahia.

Aquella era uma. Outra ainda existe á margem da Lagôa Rodrigo de Freitas, velha, esburacada, servindo aos negros e mulatos de casa de commodos, embora esteja numa tentadora situação para quem deseje morar num canto bonito e poetico. O casarão vetusto, cercado de terraços, cujas balaustradas deitam para a agua tremula, com paredões fenestrados e um subterraneo que termina á beira da laguna, cáe aos pedaços e é guarida de negros livres como foi outrora de pretos escravisados...

Deputado Alberto Maranhão (Camara) — E' digna de louvor a atitude de V. Ex. em favor dos adidos. Essa pobre gente deve andar doente do coração. Ameaçam-n'a por todos os lados. Mas o bondoso coração de V. Ex. se compraz em lhe dar esperanças. Faz V. Ex. muito bem.

Deputado José Augusto (Camara) — Sonhador! As suas idéas sobre educação nacional são admiraveis, o seu desejo de instruir as classes populares verdadeira prova de patriotismo e intelligencia; porém tudo isso, meu illustre deputado, é fumo. No Brasil lhe farão ouvidos de mercador. Aqui se criam todos os obices possiveis á instrucção publica e se fazem reformas sómente com o fito de rebaixal-a cada vez mais. O nobre representante da nação bebeu a sua comprehensão do valor do abc para uma nacionalidade nas paginas de Sarmiento, comprehensão digna de todo applauso; mas nenhum governante deixa de se occupar com os *casos* estadoaes para impulsionar a instrucção publica. Que esperança! Lembre-se que no primeiro imperio já o visconde da Cachoeira dizia na Camara que não se punha em pratica nem o plano geral de estudos de mil e oitocentos e tantos...

Deputados Antonio Carlos, Mauricio de Lacerda e *Torquato Moreira* (Camara) — Pelo amor de Deus não remexam mais nesso caso do Espirito Santo!

Dr. Goulart de Andrade (Academia) — Então ficou sem almoçar até 3 horas, esperando os amigos e elles nada? Não tenho a menor pena. Muito bem feito! Isto é para que não se fie nas promessas daquelle nosso amigo, advogado de causas perdidas e pessimo cumpridor de promessas. Mas não se incommode não: elle é meio maluco.

Chauffeur

"Fon-Fon!" 22-Junho-1910

A chacara da fortaleza

No terraço nobre daquella casa imponente e vasta, olhando as filas de palmeiras do jardim e as aguas da lagôa Rodrigo de Freitas, que o sol doirava rasgando a leveza das brumas, respirei o ar delicioso da manhã. Desci alguns degráos da varanda e dei com quatro ou cinco longos canhões antigos, estirando os pescoços sobre as suas carretas pesadas, entre festões floridos de trepadeiras. Perguntei de onde tinham vindo e o que faziam alli. O eminente politico que me acompanhava explicou-me:

— «Nos tempos coloniaes, temendo desembarque e excursões dos francezes pelos arredores da lagôa, os portuguezes fortificaram este logar. Aqui adiante ha um pequeno combro, o morro da Piassava. Elevaram elles alli uma fortaleza que dominava estas aguas e esta passagem de estrada. Com o tempo derruio-se, desappareceu. Estes canhões foram da tal fortificação. Aqui estão alguns. Adiante, na rua Humaytá, vê-se do bonde outro, estendido sobre o respaldo dum muro. Tambem pertenceu ao forte.

Esta casa foi construida e habitada por um antigo official prussiano, que, achando os canhões no matto, ao abandono, aproveitou-os para ornamentação. Elle fez a casa toda em estylo militar. Repare que as columnas que sustentam os portões são ameiados e enfeitados com pequenos canhões de phantasia. E esta chacara é conhecida pela Chacara da Fortaleza.»

Eu sorri. E condemnei não termos um museu militar para recolher as reliquias do passado, espalhadas á tôa pelo nosso paiz em fóra. Se o tiveramos, nelle poderiam figurar os canhões de alma longa da fortaleza da Piassava ao lado dos morteiros curtos do forte do Leme; as colubrinas do forte do Principe da Beira, os falconetes das antigas náus aventureiras, as caronadas dos vasos de guerra imperiaes e as peças de artilharia da Revolta de Setembro. Poderiamos catar na poeira das velhas fortalezas de S. Luiz, dos Reis Magos, do Brum, de Cabedello, de Nossa Senhora da Assumpção do Ceará, berços e meio berços com as armas da Companhia Hollandeza das Indias Occidentaes ou com o leão arremetente das Provincias Unidas dos Paizes Baixos e a orgulhosa divisa «Je Mantiendrai»; camellos e falcões com as armas de Hespanha: os castellos alternando com os leões ou as columnas de Hercules unidas por uma faixa de oiro; brasiliscos e trons brazonados com as quinas de Portugal; pedreiros e bombardeiros com o escudo das flores de liz e a corôa de França.

E, apertando a mão do eminente homem publico que gentilmente me conduzia, eu lhe disse com tristeza:

— «Somos o povo que procura esquecer a sua vida como se desgostasse de tel-a vivido. Somos o unico povo que despreza o passado.»

FLAGELLADOS

Ao João do Norte.

Passa o cortejo triste, o pobre bando
De orphams que pedem pão — os desgraçados!
Roubaram-lhes ha muito os negros fados
Todo o carinho maternal e brando.

O pae lavrava isento de cuidados
E tranquillo esperava o inverno, quando
O flagello da secca foi queimando,
Até deixar os campos devastados.

Perdendo, á falta d'agua os bois e a roça,
Suicidou-se. Viver quem ha que possa
Quando a miseria põe-lhe a honra em jogo?

E hoje estes pobres entes esqueleticos
Encontram esmolando os homens scepticos,
Sob as fustigações de um sol de fogo.

Ceará.

Cesar Fontenelle

Garatujas...

Manhã. Um raio de sol, rompendo a poeirada humida dos nevoeiros, reluzio á face das aguas. Em todas as direcções passavam barcos de regatas: yoles a oito, quatro, e dois remos, canôas, esquifes, canoés e cahiques. Mal se distinguiam as côres das sociedades. O cinzeiro da neblina esmaecia a mancha vermelha das camisetas do club de Natação, unia num tom escuro as raias rubras e negras das do Flamengo, tornava dum cinza carregado as riscas pretas e brancas das do Botafogo, azulava a nodoa clara das do Vasco da Gama, embranquecia a turqueza das do Guanabara. Ouviam-se o ruido surdo dos remos nas forquetas de bronze, o bater marulhoso das pás na agua quieta e dormente, vozes de patrões, mandando ciar ou levar remos. Ao longe, para os lados da barra, num rasgão da nevoaça, fugia a silhueta negra duma falúa.

Outros raios de sol alumiaram, aqui e alli, a extensão das aguas. Já se avistavam as fachadas das casas da avenida Beira Mar. Chegavam banhistas á praia do Flamengo. Uma mulher clara, loura, dum louro da Dinamarca, da Noruega, da Escossia, de formas perfeitas moldadas pela roupa de malha verdinegra, atirou-se nagua, nadando. A sua cabeça de oiro sahia das ondas e os braços roliços

e brancos feriam o mar entre a prata das espumas.

Larguei o punho dos remos e fiquei a contemplal-a, seguindo-lhe os movimentos todos. Como devia ser sadia e bella, os labios encarnados a pedirem beijos, quando sahisse d'agua aljofrada e tremula de frio. Mais sol borboleteou sobre a bahia. Accendi um cigarro. A nadadora vinha em direcção ao meu barco. O oiro dos seus cabellos faiscava, o alvor da sua carne luzia. E eu pensei em fugir com algumas remadas fortes, para evitar talvez mais uma desillusão. Quantas vezes nos seduz um vulto de mulher visto de longe e de perto nos causa, depois, o maior desprazer. Porque não guardar sómente de tudo os mais ligeiros aspectos rapidamente entrevistos?

Para que desejar conhecer as coisas da vida mais de perto? Para desamal-as com tanta vehemencia quanto se as desejou?

Lembrei quantas creaturas a minha emotividade tem divinisado no momento de avistal-as e, ao depois, dellas tem se afastado numa desillusão. Naquella manhã de brumas e de frio, para que não guardar na memoria aquelle vulto lindo de mulher? Para que olhar de perto o seu rosto, a côr da sua pelle e as fórmas do seu corpo, se de longe era fresca, bella, doirada, clara, e de moldagem perfeita?

Aquella mal entrevista belleza feminina illuminara-me toda a manhã. Bastava essa deliciosa impressão. O oiro amoedado da luz boiava sobre as manchas azues da agua. Esgarçavam-se as nevoas. A cabeça da banhista vinha a alguns metros da minha piroga canadense.

Deixei as mãos poisarem com segurança no punho dos remos. Inclinei-me para deante e, com um puxão brusco, arranquei a voga. O barco voou entre a babugem da agua ligeiramente cortada, ondulando irisada em tons luzentes de malacacheta, em furtacôres de sêda, em roseas e leitosas nuanças de madreperola. Adeante, cada vez mais proxima, o reflexo azul escuro do Pão de Assucar mergulhava na bahia. Para traz, cada vez mais distante, ficava uma cabeça loira, que o sol nimbava de relumbros fulvos, flavos, flamineos, á flôr das ondas.

Diario do Estado - Ceará
13 - Julho - 1916

O illustre deputado Gustavo Barroso enviou ao doutor Benjamin Barroso o seguinte telegramma:

Rio

Da manhã diante minha solidariedade você será ainda maior que foi até agora. Como cearense representante Ceará cumpro dever felicital o ter prestado nossa terra elevados serviços pacificando lutas elevando nivel politico cumprindo leis. Abraços—Gustavo Barroso.

A bancada cearense e o governo que hontem findou

O illustre doutor Benjamin Barroso recebeu o seguinte honroso telegramma:

Rio, 12

Ao deixardes hoje cargo presidente Ceará, tanto honrastes dignificastes com vosso patriotismo, honestidade, firmeza, convicções, é nosso dever enviar-vos garantias nossa solidariedade agradecervos relevantes serviços que prestastes nossa terra natal durante o tempo de vosso trabalhoso, fecundo e brilhante governo. Muito affectuosas saudações.—Pedro Borges, Frederico Borges, Eduardo Studart, Eduardo Saboya e Gustavo Barroso.

~~128~~
129

A CAMARA E OS DEPUTADOS

A Bancada do R. G. do Sul

O artigo que se vae ler é o terceiro de uma serie, cuja publicação *Selecta* iniciou ha dous numeros, tratando da meza, presidencia e *leaderança* da Camara, e que se complectará a seguir, merecendo a attenção do chronista que é profundo conhecedor dos bastidores da politica, e da Camara em particular, todas as bancadas e respectivos membros mais em destaque.

Vamos ao extremo sul do paiz e passemos um ligeiro olhar sobre a bancada gaúcha. Nos tempos do general Pinheiro Machado, era ella a Velha-Guarda das refregas perrecistas da Camara, sob o commando do Sr. Soares dos Santos, um dos homens mais limpos da Republica. E' tambem uma bancada de escól com os seus defeitos, mas com

Dr. Marçal Escobar, da bancada gaúcha.

muito grandes qualidades de acção, de combate e de valor intellectual.

Ella é quem dá o vice-presidente da Camara. Elegeu este anno para o importante logar o Sr. João Vespucio, que é major do exercito, o que pouca gente sabe; que é uma bella cabeça e um digno politico, o que todos reconhecem. Nas ausencias curtas do Sr. Astolpho Dutra, tem dirigido os trabalhos da Camara e a sua voz severa adverte os oradores, disciplinarmente, quando infringem o regimento. Foi membro e dos mais notaveis da com-

Dr. Annibal Mascarenhas, João Vespucio, 1o vice-presidente da Camara, e João Benicio, deputados pelo Rio Grande do Sul.

missão de finanças. O anno passado muitas vezes foi á tribuna, defendendo eloquentemente as idéas financeiras do seu partido.

Substituio-o na referida commissão, o seu collega Augusto Pestana, engenheiro, homem de inclinações praticas, mas de ainda desconhecida capacidade financeira, que talvez a revele com proficiencia, para lustre de sua bancada e proveito da nação.

O Sr. Marçal Escobar é um digno representante do Rio Grande do Sul. Tem a vehemencia natural

Dr. Augusto Pestana, deputado pelo Rio Grande do Sul.

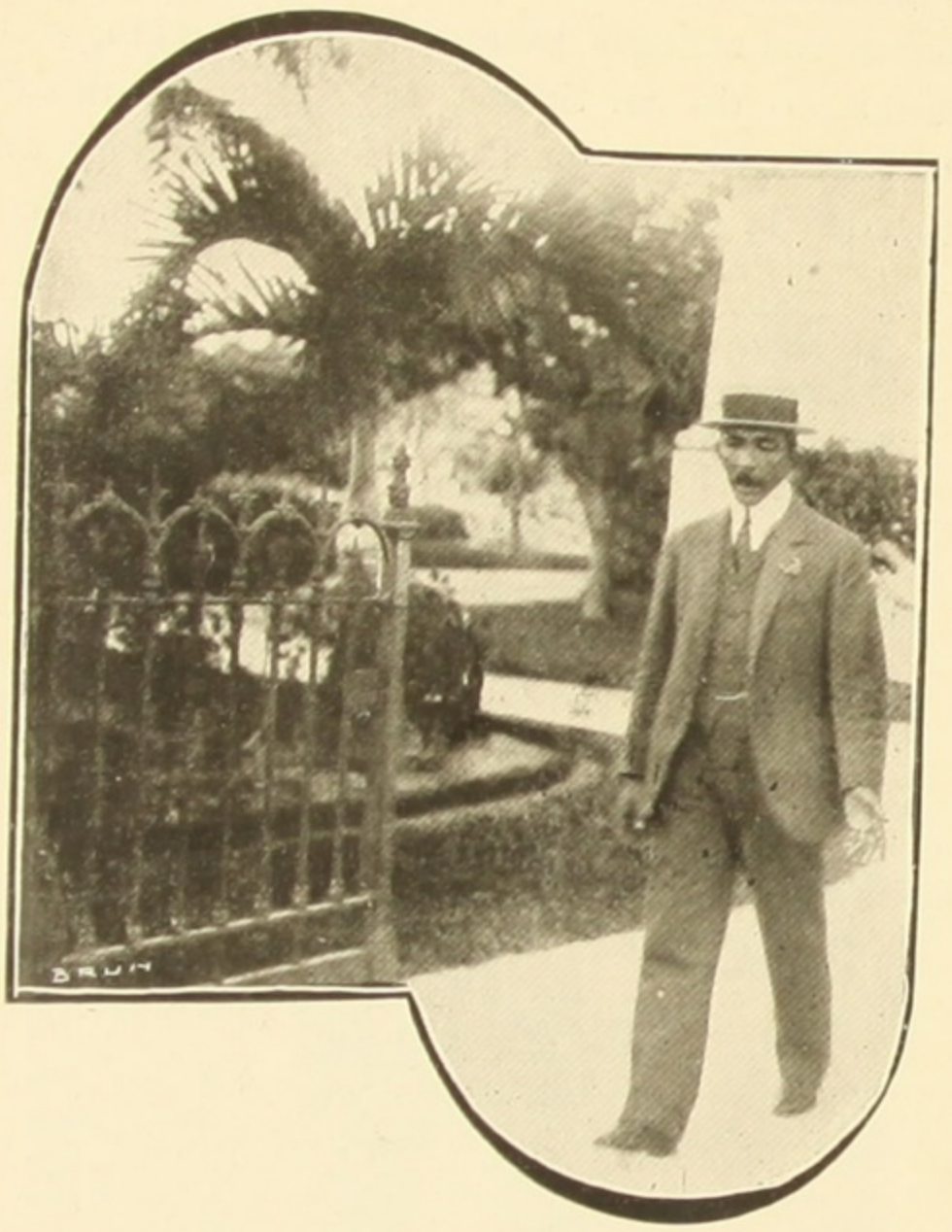
Dr. Deoclecio Borges, deputado pelo Espirito Santo

e sincera do gaúcho altaneiro. Era um dos maiores amigos do senador Pinheiro Machado. Quando o Sr. Barbosa Lima pronunciou, offegante e côr de marfim, no anno passado, aquellas suas tremendas orações, que começavam «Que é o pinheirismo?», nas quaes atacava desabridamente o chefe do P. R. C., o Sr. Marçal Escobar foi dos deputados gaúchos aquelle que com maior energia revidou a accusação, aparteando o accusador no mesmo tom que esse usava.

Dr. Rollemberg, representante de Sergipe.

Correm vozes de que ha uma divergencia, um forte dissidio na bancada gaúcha. Isto, porém, ella não demonstra. Apresenta-se unida e prompta para a defeza dos interesses do seu Estado. Se existem questões e desgostos, estão encerrados na sua intimidade. Essa é a melhor politica que póde fazer a reprezentação federal de qualquer Estado.

Pulemos do extremo sul ao extremo norte. Cheguemos ao Amazonas. Aqui se não vêm os Srs. Agapito Pereira, Ephigenio Salles e Antonio Nogueira. Sómente apparece o Sr. Monteiro de Souza, que é um homem de espirito culto e dizem gozar de verdadeira influencia eleitoral na sua terra. A ban-



Dr. Monteiro de Souza, deputado pelo Amazonas.

cada amazonense é muito pequena, porém é das mais divididas da Camara. Os Srs. Salles e Agapito estão com o governador Pedroso, acompanhando as suas oscillações na escolha dum successor, escolha essa que já apontou uns trinta nomes! O Sr. Nogueira, orador pausado e intelligente, official de marinha, cearense de nascimento, é um elemento nobremente fiel á politica desthronada dos Nerys. O Sr. Monteiro, que aqui passa com a sua simplicidade e a sua bonhomia, é franco atirador.

Se a bancada amazonense é infeliz por se achar tão dividida, mais desgraçada é a de Sergipe, tão pequena como a outra. Constava de quatro deputados. Hoje sómente possúe dois. Um é o Sr. Gilberto Amado, o outro falleceu. Era o Sr. Felisbello Freire, antigo ministro da fazenda, homem de rara competencia e de uma visão segura em assum-

Prudente de Moraes Filho, da bancada paulista.

ptos financeiros. Durante a sessão legislativa de 1915, elle discutio com a maior proficiencia as questões economicas e de finanças do momento, occupando, apezar de doente, a tribuna horas inteiras.

Ainda não se preencheu a sua vaga. Ficou Sergipe com dois deputados. Um é o Sr. Serapião de Aguiar, moreno e gordo, bonacheirão e satisfeito, imagem perfeita, encarnação completa do Silencio. O outro é o jovem Sr. Dr. Rollemberg, que, no nosso instantaneo, prende o chapéo côco com a mão para que a ventania não o carregue. O Sr. Rollemberg é um dos deputados mais moços da Camara. Abaixo de si em idade sómente estão os Srs. Mendonça Martim, Costa Rego e Gustavo Barroso. No anno passado falou algumas vezes, especialmente sobre questões ferroviarias do seu Estado Natal, o menor e talvez o menos favorecido de vias de communicação, no Brasil.

Apparece agora sósinho o Sr. Deoclecio Borges, estremo partidario do Sr. Pinheiro Junior, governador de Collatina, no Espirito Santo. O nobre deputado espirito-santense está só, não porque seus companheiros tenham a affligil-os os males que desabaram sobre a bancada sergipana, mas porque andam em lutas politicas na sua terra quasi conflagrada O Sr. conde Jeronymo Monteiro, irmão do governador de Victoria, não surge no Monröe e Paulo de Mello passeia a sua jovialidade intelligente pelo interior do Estado, todo embebido na questão da dualidade governamental.

X.

"Bm-Gm!" 26 Agto 1916

Gatimanhos...

Encontrei Claudio França, na paz do seu amplo e claro gabinete, catalogando livros.

— Que fazes, meu amigo?

— Bom dia. Estou arrumando uns volumes novos nestas prateleiras que ainda estavam vasias.

— Litteratura ou sciencia?

— Uma e outra coisa ao mesmo tempo: a sciencia que as donas de casa e os mercieiros praticam ás mil maravilhas e que os homens publicos levam a vida inteira a estudar e nunca aprendem.

— Economia?

— Sim. A coisa mais facil e mais difficil da vida. Lê os titulos destes livros.

— «Obras de Leroy-Beaulieu»; Ingran, «Economia Politica»; Liesse, «Economia Politica; Bournier de Flaix, «Estudos economicos e financeiros»; Dreyfus, «Os orçamentos»; Clave, «Economia politica»; Proudhon, «Theoria do Imposto»; Batrie, «O credito popular»; Dufour, «L'impôt foncier»; De Molinari, «As balsas do trabalho». Onde queres chegar, Claudio, com estes cartapacios exhaustivos?

— Todo o mundo neste paiz anda a dar publicamente, da imprensa ou da tribuna parlamentar, alvitres, cada qual o mais interessante, para a salvação do Brasil. Ora, eu não quero ficar atraz. Quero tambem dar a minha opinião. Quero contribuir para a salvação publica. Estou estudando para manifestar-me. E faço muito, porque os que andam por ahi a berrar medidas salvadoras nunca abriram um livro.

— Chegaste a alguma conclusão com teus estudos?

— Cheguei. «Quem gasta mais do que tem a pedir vem». E' o caso do Brasil. Tão simples.

132
131

"Diario do Estado" - Ceará - 13 - julho - 1916

8

Doutor Hermino Barroso

Ceará

Gratos pela vossa patriotica collaboração á fecunda administração que hoje findou, levamos ao presado amigo, fortissima columna de nosso pujante partido, a expressão de nossa solidariedade e a certeza da justiça que fazemos aos grandes e inestimaveis serviços, inspirados em inexcedivel patriotismo e honestidade, que ha muito prestaes á nossa causa politica e ao Ceará, hoje pacificado. Muito affectuosas saudações. — Pedro Borges, Eduardo Saboya, Frederico Borges, Eduardo Studart, Gustavo Barroso.

Senador Pedro Borges, deputados Eduardo Saboya, Frederico Borges, Eduardo Studart, Gustavo Barroso.

Rio

Em meio clangores festivos posse eminente doutor João Thomé recebi vosso telegramma cujos generosos conceitos sobre minha apagada individualidade me sensibilisaram profundamente. Proporcionou-me intima satisfação constatar meus queridos amigos comprehendem a lealdade e dedicação com que venho servindo nosso valoroso partido, procurando torna-lo cada vez mais forte, coheso e disciplinado, durante dois ultimos annos de administração a que prestámos leal e decidido apoio. Muito contribuio para esse auspicioso resultado a harmonia de vistas invariavelmente mantida entre os distinctos membros da Executiva do Partido e mais que tudo ainda a acção patriotica de Setembrino de Carvalho e Benjamin Barroso, dois emeritos obreiros da paz, a que Ceará deve a confraternisação social e estabilidade politica. O bom exito de meus esforços devo-o tambem a vossa nunca desmentida solidariedade e ao patriotico programma partidario de nosso eminente chefe general Thomaz Cavalcanti, cujos principios politicos servem de bandeira á nossa aggremiação.

Ao fechar se o cyclo da administração Benjamin Barroso tenho intensa satisfação proclamar bem alto immensa obra de paz por elle realizada.

Para felicidade Ceará, o governo que hoje se inicia, inaugura-se deixando-nos confiantes e tranquillos sobre o futuro do Estado que todos nós temos servido com dedicação e de nosso pujante partido que confiou ao mui illustre e honrado doutor João Thomé a continuação da obra de Benjamin Barroso. Aos meus caros amigos cujo ideal politico é o meu, agradeço sinceramente a prova de confiança manifestada e declaro que minha unica aspiração é bem corresponder á expectativa dos meus correligionarios, sempre ao serviço da paz e felicidade de nosso querido Ceará.

Affectuoso abraço mui sincero.

Hermiuo Barroso

A33 ~~A 2,22~~

"Revista Americana" - Rio - julho - 1915

O Jogral de Nossa Senhora

Conto de Anatole France

Especialmente traduzido para
a " Revista Americana " por JOÃO DO NORTE.

Para Gaston Paris

No tempo do rei Luiz, havia em França um pobre jogral, natural de Compiégne, que andava de cidade em cidade, fazendo peloticas, passes de força e de destreza.

Nos dias de feira, estendia na praça publica um velho tapete muito usado e, depois de haver attrahido meninos e desoccupados com ditos alegres que aprendera com um antigo jogral e aos quaes nunca mudava uma lettra, tomava attitudes pouco naturaes e punha um prato de estanho em equilibrio na ponta do nariz. Ao principio, o poviléu olhava-o com indifferença.

Mas quando, caminhando com as mãos, de cabeça para baixo, atirava ao ar e aparava com os pés seis bolas de cobre que brilhavam ao sol, ou quando, contorcendo-se até a nuca tocar os calcanhares, dava ao corpo a fórma perfeita duma roda e brincava, nessa postura, com doze facas, elevava-se um murmurio de admiração da assistencia e as moedas choviam-lhe sobre o tapete.

Entretanto, como a maior parte dos que vivem de suas proprias aptidões, Barnabé de Compiégne passava com grandes difficuldades.

Ganhando o pão com o suor do rosto, carregava mais do que sua parte das miserias ligadas ao peccado de Adão, nosso pae.

Ademais, elle não podia trabalhar tanto quanto desejava. Para mostrar o seu bello saber, como as arvores para darem flores e fructos, carecia do calor do sol e da luz do dia. No inverno, era como arvore quasi morta, despojada da folhagem. A terra gelada era dura para o jogral. E, como a cigarra de que fala Maria de França, soffria frio e padecia fome na má estação. Porém, como tinha a alma simples, todos os males supportava com paciencia.

Nunca reflectira sobre a origem das coisas nem jamais pensara na desigualdade das condições humanas. Cria firmemente que, si este mundo é máu, o outro não pode deixar de ser bom, e esta esperança o animava. Não imitava os bailarinos ladravazes e descrentes, que venderam a alma ao diabo. Nunca blasphemava o nome de Deus. Vivia honestamente. E, muito embora não possuisse mulher, não cubiçava a do proximo, porque a mulher é inimiga dos homens fortes como prova a historia de Sansão relatada na Escriptura.

Em verdade não lhe atentavam o espirito desejos carnaes e mais lhe custava renunciar aos picheis do que ás donas. Porque, sem faltar á sobriedade, gostava de beber, quando fazia calor. Era um homem de bem, temente a Deus e muito devoto da santa Virgem.

Jamais deixava, ao entrar numa igreja, de ajoelhar-se diante da imagem da Mãe de Deus e dirigir-lhe esta oração:

« Senhora, tomai cuidado de minha vida até que Deus se digne de tiral-a, e quando eu estiver morto, dai-me as alegrias do paraiso ».

***

Ora, certa tarde, após um dia inteiro de chuva, quando ia, triste e curvado, levando debaixo do braço bolas e facas enroladas no seu velho tapete e procurando uma granja para se agasalhar sem comer, vio um frade pelo mesmo caminho que levava. Saúdou-o respeitosamente. Como marchavam com o mesmo passo, puzeram-se a conversar.

— Companheiro, disse o monge, porque estás todo vestido de verde? Porventura farás o papel de truão em alguma scena?

— Não, meu Pai, replicou Barnabé. Assim como me vêdes, chamo-me Barnabé e sou jogral de profissão. Seria a mais bella profissão deste mundo, si a gente comesse todo o dia.

— Amigo Barnabé, falou o freire, cuidado com o que dizes. Não ha mais bella profissão do que a monastica. Ella é que permitte celebrar louvores a Deus, á Virgem e aos santos. E a vida do religioso é um cantico perpetuo ao Senhor.

Barnabé respondeu :

— Meu Pai, confesso que falei como um ignorante. Vossa vida não se pode comparar á minha. Embora haja merito em dansar, equilibrando na ponta do nariz uma vara com uma moeda equilibrada na ponta, esse merito nem se approxima do vosso. Quizera, como vós, meu Pai, cantar todo o dia o officio divino, especialmente o da muito santa Virgem, a quem sempre dediquei particular devoção. Renunciaria de bom grado á arte pela qual sou conhecido de Soissons a Beauvais, em mais de seiscentas cidades e aldeias, para abraçar a vida monastica.

O frade enterneceu-se com a simpleza do jogral e, como não lhe faltava discernimento, reconheceu em Barnabé um desses homens de bôa vontade de quem Nosso Senhor dissera : « Que a paz seja com elles sobre a terra ! » Por isso assim lhe respondeu :

— Amigo Barnabé, vem commigo e eu te farei entrar no convento de que sou prior. Aquelle que conduzio ao deserto Maria, a Egypcia, pôz-me no teu caminho para conduzir-te á salvação.

Foi desta sorte que Barnabé se fez monge. No mosteiro em que foi recebido os religiosos celebravam porfiadamente o culto da Virgem santa, e cada qual empregava, para servil-a, todo o saber e habilidade que Deus lhe dera.

O prior, de sua parte, compunha livros que tratavam, segundo as regras da escolastica, das virtudes da Mãe de Deus.

Frei Mauricio copiava, com sabia mão, esses tratados em folhas de pergaminho.

Frei Alexandre nellas pintava finas miniaturas, em que se via a Rainha do céo assentada no throno de Salomão, ao pé do qual velam quatro leões. Em torno de sua cabeça aureolada voejavam sete pombas, que são os sete dons do Espirito Santo: dons de temor, piedade, sciencia, força, conselho, intelligencia e sabedoria. Tinha por companheiras seis virgens dos cabellos de oiro: Humildade, Prudencia, Modestia, Respeito, Virgindade e Obediencia.

Aos seus pés duas pequenas figuras nuas e muito brancas mantinham-se em attitude supplicante. Eram almas que imploravam, para sua salvação e não, certamente, em vão, a sua toda poderosa interferencia.

Frei Alexandre representava em outra pagina Eva com o olhar de Maria, afim de que se visse ao mesmo tempo a falta e a redempção, a mulher humilhada e a virgem exaltada. Admirava-se ainda nesse livro o Poço das aguas vivas, a Fonte, o Lyrio, a Lua, o Sol e o Jardim fechado de que fala o cantico, a Porta do Céu e a Cidade de Deus; e todas essas coisas eram imagens da Virgem.

Frei Marbode era do mesmo modo um dos mais ternos filhos de Maria.

Talhava sem cessar imagens de pedra, de maneira que tinha sempre barba, sobrancelhas e cabellos brancos de poeira, e seus olhos viviam lacrimosos e inflammados. Mas elle era cheio de força e alegria, apezar da idade avançada. Visivelmente a Rainha do paraiso protegia a velhice de seu filho. Marbode representava-a sentada num stallo, a fronte cingida dum nimbo de perolas. E tinha grande cuidado e attenção para que as dobras da tunica cobrissem os pés daquella de quem disse o propheta: «Minha bem amada é como um jardim fechado».

Vezes, tambem a figurava com os traços duma creança cheia de graça, e ella parecia dizer: «Senhor, vós sois o meu senhor! — *Dixi de ventre matris meæ: Deus meus es tu* ». (Psalm. 21. 11).

Havia, tambem, no mosteiro, poetas que compunham, em latim, prosas e hymnos em honra da bemaventurada virgem Maria; até mesmo um d'elles, natural da Picardia, punha os milagres de Nossa Senhora em lingua vulgar e em versos rimados.

***

Vendo tal concurso de louvores e tão bella mésse de obras pias, Barnabé lamentava sua ignorancia e simplicidade.

— Ah! suspirava, passeiando só no pequeno jardim sem sombras do convento. Sou um desgraçado, porque não posso, como meus irmãos, dignamente louvar a santa Mãe de Deus, á qual dediquei toda a ternura do meu coração. Ai! ai! sou um homem rudo e sem arte, que não tem, para vos servir, minha santa Virgem, nem sermões edificantes, nem tratados bem divididos segundo todas as bôas regras, nem finissimas pinturas, nem estatuas bem esculpidas, nem versos cantados por pés com accentuação e cadencia. Ai! nada disso, infelizmente, eu possúo!

Assim gemia e se abandonava á tristeza, Uma tarde, quando os monges se recreiavam. conversando, ouvio um delles contar a historia dum religioso que outra coisa não sabia senão recitar *Ave Maria*. Esse religioso era desprezado por sua ignorancia. Porém, quando morrera, lhe sahiram da fria bôcca cinco rosas em honra das cinco lettras do nome de Maria. Manifestára-se, assim, a sua santidade.

Escutando este relato, Barnabé admirou mais uma vez a bondade da Virgem; mas não ficou consolado com o exemplo dessa morte bemaventurada, porque seu coração era cheio de zelo e elle queria servir á gloria de sua senhora, que estava no céo.

Procurava um meio sem poder encontral-o e cada dia mais afflicto ficava, quando uma manhã despertou muito alegre, correu á capella e lá ficou sosinho durante mais de uma hora. Tornou lá ainda, depois do jantar.

E, a contar desse instante, ia todo o dia á capella, na hora em que estava deserta, passando lá grande parte do tempo que os outros frades consagravam ás artes liberaes e ás artes mecanicas. Não vivia mais triste nem se lamentava, gemendo.

Conducta tão singular despertou a curiosidade dos outros.

Indagava-se na communidade porque frei Barnabé occultava-se tão amiudadas vezes.

O prior, cujo dever é nada ignorar do proceder de seus religiosos, resolveu observar Barnabé, durante suas horas solitarias. Um dia, quando este se encerrára na capella, como de costume, o dom prior veio, acompanhado pelos dois frades mais antigos do convento, observar atravez das fendas da porta o que no interior se passava.

Viram Barnabé, diante do altar da Virgem santa, cabeça para baixo, pés no ar, jogando com seis bolas de cobre e doze facas. Fazia, em honra da santa Mãe de Deus, os passes que mais lhe haviam dado applausos e moedas. Não comprehendendo que esse homem singélo punha, dessa forma, sua habilidade e unico saber ao serviço da santa Virgem, os dois anciãos tomaram tudo como um sacrilegio.

O prior sabia que Barnabé tinha a alma innocente; mas acreditou-o cahido em demencia. Preparavam-se os tres a ir tiral-o immediatamente da capella, quando viram a santa Virgem descer os degráus do altar para ir enxugar com a orla do seu manto o suor que gottejava da testa do seu jogral.

Então, o prior, prosternando-se de rosto contra as lageas, recitou estas palavras:

— Bemaventurados os pobres de espirito, porque delles será o reino do céu!

— *Amen!* responderam os dois velhos, beijando o chão.

Anatole France.

— Conhece aquella senhora que ali está?
— Qual? a da direita?
— Justamente
— Vestida de [illegible]o
— Isso mesmo
— A que se volt[illegible]
— Essa.
— De chapéo redon[illegible]
— Sim, com a breca...
— Não a conheço

"Fon-Fon!" - 29 - Julho - 916

Dois encontros

Topei um destes dias, na Avenida, alli perto do café São Paulo, o meu elegante, discreto e erudito amigo Claudio França.

Vinha melancolico e pallido, na gravata negra espetada uma pequena e azinhavrada moeda de cobre de Dionysio de Syracusa. Olhei-lhe as botas de verniz com polainas cinzentas, o vinco perfeito das calças e o cuidado admiravel do fraque escuro.

— Como estás chic!

Elle, brincando com o castão de trança de prata da bengala de junco da India, tornou-me:

— E triste! Acabo de encontrar o Pedro Mattos, meu antigo condiscipulo no Gymnasio. Tinhamos quatorze annos. Eu era pobre. Elle era rico e o mais bello e bem vestido menino da aula, sempre de flanella azul ou branca, relogio e corrente de oiro, dinheiro no bolso, frequentando theatros. Vi-o ha dois segundos e tive pena. Mora no Meyer. Tem grande fortuna, mas não evoluio, não estudou, não se civilisou. Estava com uma grossa roupa *marron*, tinha quatro brilhantes nos dedos e um alfinete hediondo na gravata amarella, meu Deus!

Do collete lhe pendia uma cadeia de oiro, grossa como aquella que, na guerra do Paraguay, fechava o rio diante de Humaytá. E pendurado della brilhava, scintillava, faiscava, faulhava o luzeiro de um monogramma de diamantes.

Contou-me que negociava em lenha e em madeiras de construcção. Fez-me tanta pena o Pedro Mattos!

Eu disse umas coisas, despedi-me e parti. Ao dobrar a esquina do «Jornal do Commercio», dou cara a cara com o Pedro Mattos. Abraçamos-nos e elle, com a sua voz grossa e mal educada, falou assim:

— Estou penalisado! Vi o Claudio França. Que horror! Que pena me fez! Com uma roupinha muito mal feita, muito apertada, sem uma joia, imagine que poz um vintem de cobre na gravata! a corrente do relogio tão fina que mal se via, uma bengala muito ordinaria sem castão de oiro, sem o menor gosto, deu-me uma dôr no coração. Tive dó delle. Disse-me que fôra advogado, jornalista e politico. Agora desfructava as suas rendas. Mentia, por certo. Elle deve estar muito alcançado, muito pobre. Coitadinho! Vou mandar-lhe um destes dias um cheque de quinhentos mil reis. Sempre ajuda, não é?

Peão das terras...

Naquelle ameno recanto do Sacco de São Francisco, bem ao pé do comoro sobre o qual se eleva, dominando as aguas, uma singela egreja de feitio colonial, ergue-se á beira de um corrego um vetusto marco de cantaria.

Na sua quadratura rija e grosseira se destacam as armas da Companhia de Jesus, o I. H. S. que uma cruz encima. Na parte inferior ha uns dizeres rudes:

«Peão das terras...» O resto não se póde ler. Um garoto desabusado quebrou o cimento do rebôco com uma pedrada.

E alli naquelle areal praieiro, batido do sol faulhante, todo lavado pelo esprequiçamento das ondas, onde abicam as canôas de pesca, com a mesma fórma pontuda e esgalgada das pirogas dos indios, o velho marco, o antigo peão, isolado e decrepito, relembra toda a epopéa dos jesuitas nas terras por explorar e conquistar, toda a lucta da cathechese e das bandeiras. Bem defronte, do outro lado da enseada, junto a Icarahy, uma pequena praia tem um nome digno de nota, que recorda a lucta dos indios contra os invasores: praia das flechas.

Pisilander

— Estou furioso com o meu creado.

— Por que, Claudio França?

— Imagina tu que me fez uma de se lhe tirar o chapéu, o maroto do João. Sabes que elle me toma conta do consultorio e é o meu *valet de chambre*. Outro dia recebi um convite para jantar numa casa elegante.

Mandei passar a ferro a minha casaca, comprei umas luvas *gris perle* no Formosinho e uma gravata branca de lindo formato. Em casa comecei a vestir-me diante do espelho, apuradamente.

O João dava-me os objectos que eu pedia, silenciosamente, a sorrir.

Quando terminei de me vestir, pedi-lhe o sobretudo. Ao enfiar as mangas, elle que me aconchegava a gola de veludo ao collarinho, disse:

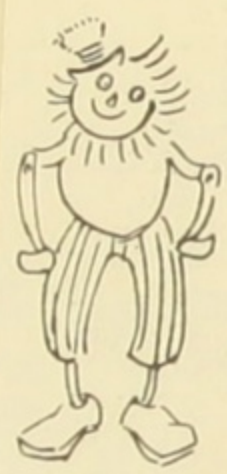
— *Seu* doutor, está mesmo elegante.

— Achas, João?

— E então! Vosmincê até parece um artista de cinematographo.

Fiquei fulo, pois o imbecil só achou para me comparar um artista de cinema! Mandei-o calar a bôcca com dureza. O nescio desculpou-se:

— Não fique zangado, não, *seu* doutor. Não é artista de fita nacional ou italiana. Eu acho vosmincê com o geito do *seu* Pisilander.



Eu vi passarem no panno dum cinematographo regimentos de cavallaria argentina, de cascos reluzentes e coiraças lustrosas. Marchavam com vagar e solennidade como os cavalleiros pasados da Europa. Tinham o mesmo garbo e a mesma disciplina dos *Leib cuirassieren* de Berlim, dos *Leib garde ritter*, de Vienna, dos *Guardas do Imperador*, de Petrogrado, dos *Life guards*, de Londres, e da *Escolta Real*, de Madrid.

Fizeram-me voltar a lembrança os couraceiros francezes do primeiro Imperio limpando a pata de cavallo os campos de batalha da Europa e aquelles heroicos soldados das cargas sublimes de Sedan — os couraceiros do general Marguerite, a quem um ajudante de ordens trouxe a ordem de dar mais uma carga e elle respondeu, pallido dos ferimentos, mal se sustentando no cavallo fatigado:

— *Des cuirassiers? Des cuirassiers? Il n'y en a plus!*

"SELECTA" - 29 - JULHO - 1910

A CAMARA E OS DEPUTADOS

A BANCADA BAHIANA

Noticiando a abertura do Congresso Nacional, a imprensa unicamente se occupou da maneira por que se apresentaram vestidos os nossos representantes.

Felizmente, dois dias depois começou a clamar, até com exagero, em prol de medidas alliviadoras da crise, analysando todas as projectadas providencias, commentando as deprimentes condições do paiz e apontando medidas de toda a sorte. Bem pouco vale a maneira de vestir dum parlamento. Nada adianta á nação o bom ou máu córte, a bella ou feia fazenda do fraque e da sobrecasaca dos senadores e deputados. Prouvera ao céu tivessem elles o peior gosto e a maior impropriedade no trajar, mas possuissem energias e idéas bastantes para bem servirem o regimen e a patria. Demais, não são elles os culpados da falta de ceremonial notada pelos jornaes no dia tres de maio.

Todos os soberanos ou presidentes de Republica do mundo vão pessoalmente á abertura das córtes ou congressos. Os reis, de corôa, sceptro e manto de purpura, a gorgeira de arminho derramada sobre os hombros, lêm a fala do throno, cercados dos seus vedores, pagens, condestaveis e alabardeiros. Os presidentes, de casaca, a fita larga do distinctivo manchando o peitilho, dizem a sua mensagem. Era nesse dia faustoso que o nosso velho dom Pedro punha os seus afamados papos de tucano. Entre nós, o presidente da Republica não se dá a honra de ir á abertura da sessão legislativa lêr o seu relatorio annual. Manda um simples secretario quasi particular e são os secretarios do Congresso que a lêm. O chefe do Estado não se quer incommodar com mais uma ceremonia official.

Dr. Elpidio de Mesquita, representante da Bahia

Dr. Octavio Mangabeira, deputado pela Bahia (á direita)

Entremeiadas a estas linhas têm-se visto instantaneos de deputados, colhidos á entrada do Monröe. Por elles se poderá avaliar a elegancia dos congressistas, tão malsinada no inicio solenne dos trabalhos parlamentares. Ver-se-á que os deputados brasileiros não são tão inestheticos quanto se diz. Ha muitos que se assemelham a vendeiros ou açougueiros endomingados. Porém muito representantes dos calores do norte ou dos sertões e pampas bravios não faz má figura ao lado do homem mundano desta formosa cidade, guardando maior linha que os deputados do operariado londrino ou os hospedes janotas do Palais Bourbon, vindos dos departamentos vinicolas ou industriaes da França.

Tambem durante muito tempo alojaram a Camara no predio arruinado da Cadeia Velha e sómente de pouco tempo a esta parte lhe deram o Monröe.

135

136

Estes deputados que aqui apparecem dão uma amostra mais ou menos interessante da elegancia de vestir da Camara. São da grande bancada bahiana, que encaixou na commissão de finanças o seu *leader*, senhor Antonio Muniz, quando lá já possuia o sr. Octavio Mangabeira, por consenso unanime dos *parédros*. O sr. Leão Vellozo, presidente

Dr. João Mangabeira e Alfredo Ruy, representantes bahianos.

da commissão de diplomacia e tratados, ostenta a sua roupa bem talhada e o seu monoculo de diplomata, sendo de lamentar que o seu corpo não ajude a bôa vontade do alfaiate. O sr. Pedro Lago, com os seus lustrosos cabellos e o pince-nez de oiro, mostra ainda o bello homem que foi em tempos idos. E' apurado no trajar. Bella figura e bello talento de polemista. O senhor Palma, que é magistrado usa fraque escuro e o chapéu cóco dos desembargadores. O sr. Octavio Mangabeira, um dos mais fortes espiritos da Camara, membro notavel da commissão de finanças, relator do orçamento da marinha, veste com apurada discreção. O sr. Elpidio Mesquita, habil advogado, conduz pela rua o seu semi desleixo de profissional do fôro, que parece ser de intenso bom tom. O sr. João Mangabeira é esbelto e aprecia immensamente os fraques escuros, usando-os mesmo nos dias em que faz os seus brilhantes discursos, porque elles lhe dão maior imponencia na tribuna. O sr. Augusto de Freitas, que tem sempre uma pedra vermelha sangrando na gravata clara e gosta de passeiar numa bella victoria particular, apezar da sua idade, ainda é elegante. S. Ex. quando fala sobre o seu assumpto predilecto — a instrucção publica, no qual tem grande competencia, ergue-se quasi na ponta dos pé, a *jaquette* desenhando-lhe a finura do corpo. Parece uma figura parlamentar dos tempos romanticos de 1830.

Eis que entre os srs. deputados pela Bahia se intrometteram representantes de outras terras. Cá está o sr. Lebon Regis, que não deve gostar de tomar parte nessa revista de elegancias bahianas, official do exercito e represente de Santa Catharina.

Ora, o sr. Lauro Müller, que immensasamente deseja ser presidente da Republica, verificando que, para isso, um homem politico carece de ter, guardando as costas, um estado de grande representação, andou procurando encher o balão da fusão do Paraná e Santa-Catharina por causa do Contestado. Só quem não tem a menor agudeza em politica não vio o plano do chanceller. Em 1915, o sr. Lebon occupou-se e com real vantagem, da questão do banditismo na Camara, mostrando as condições desse phenomeno no seu Estado. Os seus discursos causaram optima impressão. Este anno, porém, S. Ex. não quiz tocar na questão da fusão dos dois Estados. E' que S. Ex. quando creança certamente mexeu em alguma caixa de maribondos, ficando por isso, talvez, todo picado pelos bichos...

X.

Deputados Prisco Paraiso, Augusto de Freitas e Pedro Lago, da bancada bahiana

"Fon-Fon!" - 29 - Julho - 1916

Deputado Justiniano de Serpa (Camara). — V. Ex. conhece o actual ministro da Bolivia aqui? Procure conhecel-o. Elle deve ser seu parente. E' o retrato de V. Ex.

Dr. Carrasco (Legação da Bolivia). — Por acaso V. Ex. não tem nenhuma ligação de familia com o cearense Justiniano de Serpa, deputado pelo Pará? De onde virá, então, a sua enorme semelhança com elle?

Deputado Luiz Domingues (Camara). — O que V. Ex. dizia, a rir gostosamente, na sala do café, é bem verdade. Nem V. Ex. nem os seus illustres pares foram eleitos. Eu gosto muito de V. Ex. porque V. Ex. diz coisas verdadeiras. Nunca me posso esquecer daquellas suas palavras na tribuna:

«Sr. Presidente, eu fui levado ao posto de governador do Maranhão pelos desejos da maioria do eleitorado... Esta é boa!...»

E em voz baixa: «Que calumnia!»

Deputado Ildefonso Albano (Ceará). — Para que aquella fita, meu caro, de pedir na Parahyba garantias á policia, para o seu collega Moreira da Rocha? Deixe-se dessas coisas que sahiram da moda.

Miguel Mello (Gazeta de Noticias). — Por que nunca mais ninguem o viu «por entre as columnas do Monroe»?

Osorio Duque Estrada (Imparcial). — O illustre critico enganou-se. Metternich, no final do «Aiglon», não manda vestir no Duque de Reichstad o uniforme austriaco por odio, sim em observancia a firmeza dos seus sentimentos e opiniões. Elle defendia a velha aristocracia, o poder absoluto, os principios combatidos pela Revolução Franceza. Seu espirito não podia admittir que aquelle archiduque fosse filho dum soldado daquella revolução. Era um principe austriaco e devia ser enterrado com a farda branca da Austria. Elle não o odiava. A condessa Camerata perguntou-lhe:

« — Vous ne regrettez rien?»

E elle replicou;

« — Non, je fis mon devoir. J'en ai souffert peut être.»

Chauffeur

"Fon-Fon!" - 5 de Agosto de 1916

Tentações

— Somos muito mais sujeitos ás tentações dos inimigos da alma do que as mulheres.

— Estás paradoxal, ó Claudio França, homem precioso como eterno espirito de contradicção!

— Não sou paradoxal nem mentiroso. O que digo provo e provo com as mais seguras bases.

— Fala.

— Lê a vida dos santos e das santas, as suas cartas, as suas meditações, as suas confissões e os seus pensamentos, terás a prova de que os sentidos do homem são mais fracos, mais susceptiveis de serem influenciados, que os das mulheres.

— Como assim?

— Passa vagarosamente a tua vista e detem a tua attenção sobre as paginas que narram o casto viver das Cecilias e das Teclas. Ouve o ciciar dos labios dessas monjas socegadas e crentes, nas phrases que nos deixaram. A sua vida escorre numa dolencia de fonte. Não tem um estúo mais forte, não tem um estremeção. Ellas nada desejam, ellas não anceiam por coisa alguma. O seu viver deflúe tranquillo e igual. Raramente lhes vêm extases mysticos. E só.

— E os homens?

— Ah! estes soffrem muito. Lê as cartas de S. Jeronymo e pensa no que elle diz. Isolado no deserto da Thebaida, habitando uma gruta humida, enxotando os chacaes noctivagos com os tições da fogueira, adormecendo a rezar com os joelhos sobre as lages asperas, o corpo queimado da canicula, chagado de espinhos, macerado pelas privações, emmagrecido pelos jejuns, alfinetado pelo cilicio, vergastado pelas disciplinas, nos seus deliquios, via sempre e sempre, apezar de tanta mortificação, rondas, farandolas de mulheres núas, dansando!

E' o proprio santo quem confessa tal fraqueza, queixando-se do seu Deus que o abandonava ás seducções infernaes, porque elle fazia o que era possivel para esquecel-as ou não ouvil-as e vel-as.

Trepados no alto das columnas como S. Simeão o Estylita, mordidos de sol e açoitados pela areia esbrazeada do deserto, orando nas cavernas como os ascetas da Thebaida, vivendo com os porcos como Santo Antão, todos elles, homens que se santificavam, sempre cahiram nos ardis do Tentador e sempre diante dos seus olhos, nas horas de fraqueza, se esfumavam num nevoeiro de saudades, farandolas, rondas, theorias e côros de mulheres formosas.

"Fon-Fon!" 5 Agosto 1916

Emigração de Apaches

A guerra produzio um effeito interessante: — a emigração dos apaches. Esses criminosos, sentindo a difficuldade de viver em Paris, por causa do desapparecimento dos estrangeiros e da ida da maioria dos homens para a guerra, vendo que rareavam as occasiões de roubar e se esvasiavam as tavernas e locandas, ameaçados pelas unhas da policia mais poderosa com o estado de sitio permanente, resolveram emigrar.

Foi uma emigração como qualquer outra e movida pelas mesmas causas de todas — o interesse, a necessidade de viver.

Mas sabem para onde, de preferencia, emigraram os apaches? Para Madrid. Não quizeram *fazer* a America, muito menos a Asia, a Africa ou a Oceania. Escolheram a capital em paz mais proxima de Paris. Só havia Madrid. Os bandidos foram fazer a Hespanha —paiz dos bandidos, que tem bandoleiros em Andaluzia, contrabandistas na Catalunha e salteadores na Sierra Morena.

Certo, porém, é que os bandidos aventureiros de Castella e do sul da Peninsula, Luiz Candelas, Niño de los Rizos, El Tempranillo, Jaime el Barbudo, Chulo de la Encarna, Benitez e outros, são verdadeiros aprendizes perante os grandes mestres e profissionaes do crime formados pela escola de Paris, os Bonnot, os Marius Garnier. os Berton, os Gautriaud, os Lucien Vienne.

Conselheiro Nuno de Andrade (Praia de Botafogo) — V. Ex. com o seu fino e mordente espirito tem toda a razão. Estamos de accordo com a mordacidade de V. Ex. O Brasil não tem aguias nem condores. Quando se vir um passaro grande, escuro, voando serenanente muito alto, ninguem se engane. Não é aguia dos Alpes ou condor dos Andes. E' urubú da Mantiqueira, da serra dos Orgãos, do Cubatão, da Borborema ou da Ibiapaba. V. Ex. tem razão.

Dr. Baptista Pereira (rua Ruy Barbosa) — Estimamos que tenha feito optima viagem e que nas terras platinas, pelo brilho do seu espirito e o faulhar da sua intelligencia, tenha feito tantos amigos quantos tem por aqui.

Dr. Gastão Cunha (Prefeitura) —Diga ao seu amigo Amadeu que não é possivel que elle não tenha assistido ao *Aguia* varias vezes.

Dr. Euclydes Barroso (Telegrapho Nacional) — Todo o mundo se queixa de V. Ex. não attender o menor pedido, recusando-se a fazer o mais infimo favor a quem quer que seja sob as allegações de falta de verba, cumprimento de leis, etc. Entretanto, a sua repartição continúa como dantes a dar *deficit*.

Dr. Otto Prazeres (Camara) — Faz muito bem em pugnar pelos barcos do club Guanabara, affirmando que esta é o melhor do mundo. E' porque você não pega no punho do remo ás cinco da manhã Se pegasse, havia de achar que todas as yoles e canôas são iguaes.

Dr. Primitivo Moacyr (Camara) Muito obrigado pelo seu livro. E' um admiravel e precioso repositorio de tudo quanto se tem feito no Congresso pela instrucção publica. Está um trabalho de excellente utilidade. Parabens.

Chauffeur

O caderninho de lembranças

Para o casamento dum amigo uma «garage» mandou-me lindo e luxuoso *landaulet*, todo envidraçado, pintado de castanho, forrado de claro, os *chauffeurs* de libré e luvas.

A rica e formosa carruagem rodou pelo asphalto e eu comecei a examinar-lhe o interior. Mexi no tubo de chamar o *chauffeur*, examinei o mecanismo de accender as luzes electricas e no de dar lume para o cigarro, vistoriei os escaninhos lateraes em que estavam os pequenos vidros para perfume, a caixinha para o *pon-pon* de pó de arroz, a minuscula escova de roupa, o relogio de metal doirado e o caderninho de lembranças.

Com uma curiosidade que a solidão e a necessidade de distrahir-me desculpavam, abri o livrinho e folheei-lhe as paginas. Logo á primeira havia, em lettras tremulas por terem sido escriptas com o carro em movimento, o seguinte:

«H. T. estreou este carro da «garage» tal na temporada do theatro lyrico de 1914.»

Voltei a pagina. Um *noceur* espirituoso deixára alli um traço de sua passagem, acobertando-se no anonymato:

«Eu passeei deliciosamente, na noite de 5 de Maio de 1915, neste admiravel carro. Só?»

Voltei ainda algumas folhas sem nada encontrar de interessante, quando dei com os olhos nesta phrase:

«R. Camargo casou-se a 31 de Julho de 1915, ás 9 1|2 da noite.»

A lettra era leve e grande, cheia de esperança e de vigor. Duas linhas abaixo, em caractéres miudos, apertados, ranzinzas, um desconhecido escrevêra:

«E eu fiz a mesma asneira ha doze annos passados. . . donde se prova que os burros não se acabaram.»

O auto parava á porta da casa dos paes da noiva. O trintanario abrio a porta com o bonet na mão. Antes de apeiar-me, peguei do lapis e escrevi, quasi machinalmente, mais abaixo:

«Apoiado.»

138
139

A CAMARA E OS DEPUTADOS

AS BANCADAS DO EXTREMO NORTE

O Pará foi dos mais ricos Estado da Federação. Teve dinheiro a dar com os pés. Mas a imprevidencia dos governos reduziu-o á pobreza. Já a borracha não dá mais montes de oiro. Já ninguem canta mais aquelles dois versinhos alegres:

«Paris, Pará, parou,
Bebeu assahy — ficou!»

Muita gente bebe assahy e não pára mais naquella terra que foi dos muitos El-Dorados do nosso paiz. Hoje está quasi na miseria. E nas suas actuaes dolorosas contingencias o governo federal não se lembra de ajudal-o, embora delle houvesse durante meio seculo tirado rendas abundantes. O sr. Passos de Miranda apresentou á Camara um projecto de auxilio á producção da borracha da Amazonia, o qual não dará maior resultado dos que anteriormente foram elaborados. O Congresso creou um tempo a complicada e custosa repartição da Defesa da Borracha. Depois de ter gasto com a mesma uns quinze mil contos, quando ella ia começar a produzir algum resultado, cortou-a de vez por economia, deixando ao abandono serviços iniciados, obras principiadas, materiaes que custaram fortunas. O Brasil tirou da Amazonia o que poude. Agora o ubre daquella vacca alimentadora de povos está sêcco. Para que fazer um sacrificio por ella. Que acabe de morrer como morreu o gago de nordeste com a ultima secca. O norte é o filho engeitado da nação. Serve para dar soldados e mais nada. E as suas bancadas não comprehendem as suas responsabilidades e os seus deveres; vivem na mais completa desunião.

Desembargador Agapito Pereira, deputado pelo Amazonas.

O sr. Passos de Miranda poderá desenvolver para obter a approvação do seu projecto aquella actividade do anno passado em favor dos estabelecimentos catholicos de ensino que nada adiantará. Não ha dinheiro. O governo não pode ouvir o estertor da Amazonia. Como homem religioso o nobre deputado paraense deve antes pedir auxilio a Deus, que, é instancia mais alta.

Antes o sr. Passos não desse o menor passo em prol da região da *hevéa*; fizesse como o o illustre deputado pelo Amazonas, desembargador Agapito Pereira, que, com a sua calma, a fumar, vai vendo se desenvolver diante dos seus olhos os *films* curiosos e engraçados da successão do sr. Pedrosa. Houve tempo em que o sr. Agapito fôra cotado como *tertius gaudet* para receber a herança ou antes os salvados do sr. Jonathas. Porém appareceram tantas complicações e tantos nomes para esse espinhoso cargo de governador dum Estado fallido, que, depois do seu nome, S. Ex. já contou trinta e seis candidatos.

Dr. Castello Branco, representante do Pará.

A bancada paraense tem um illustre membro no seio da commissão de finanças da Camara. E' o sr. dr. Justiniano de Serpa, cearense de nascimento e paraense de adopção, jurisconsulto e advogado, homem de saber e de convicções.

Outro dia, referindo-se a S. Ex. um deputado moço contava o seguinte:

— «Eu era muito creança no Ceará e já o Serpa tinha sido deputado á Constituinte. A's vezes estava brincando á porta do escriptorio de meu pae. O Serpa vinha alli tratar de negocios de advocacia. Quando elle chegava eu

pedia logo um tostão para dôces. O Serpa dava. Ora, quem puderia advinhar que um dia, eu e elle seriamos collegas na Camara.»

Então um dos da roda disse com maldade:

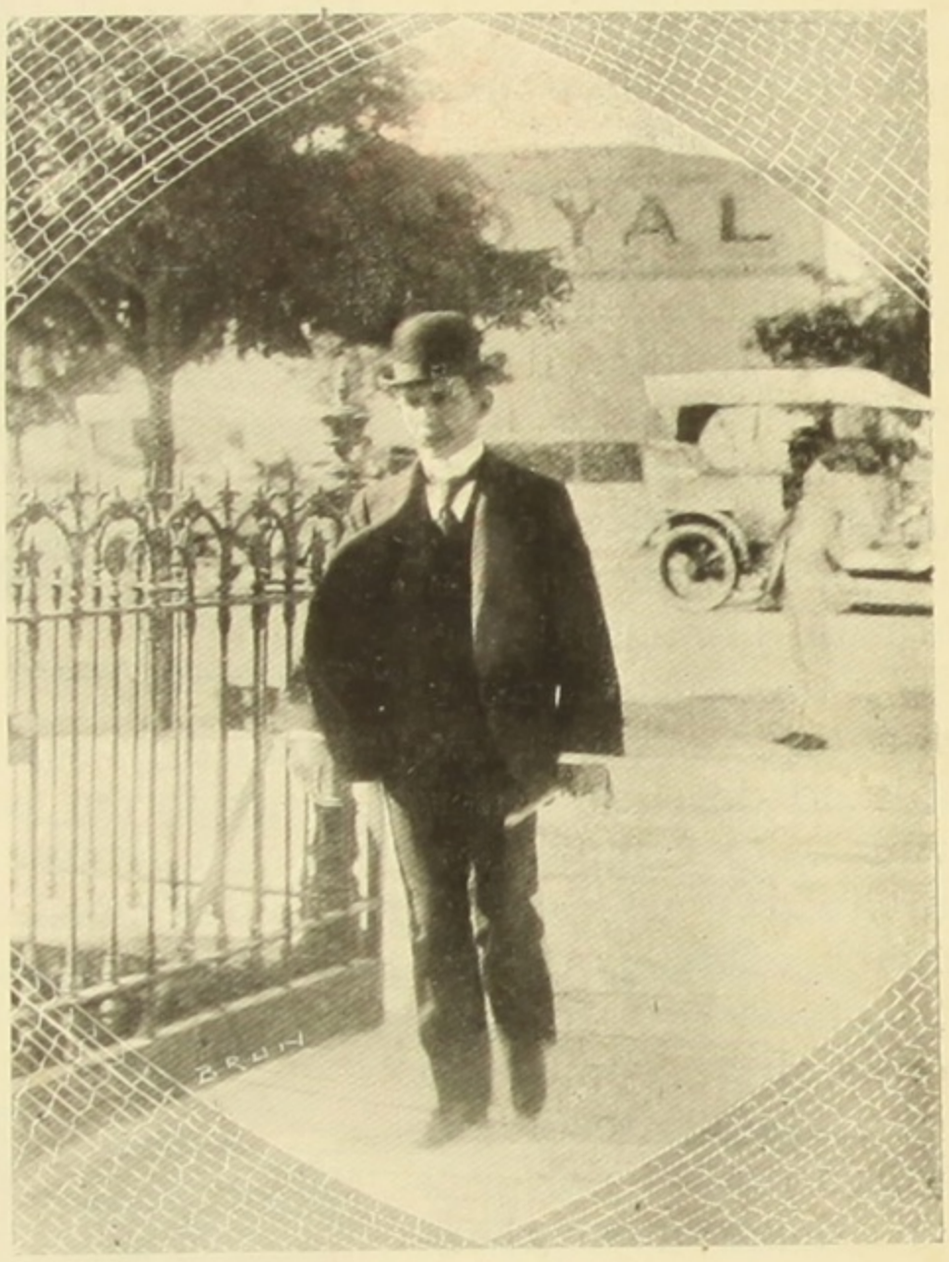
— « Vou perguntar ao Serpa quanto annos tem. Acho que elle nega a idade... »

Pedro Reis, á esquerda, deputado fluminense, e Passos de Miranda, deputado paraense.

Na sessão de 1915 os jornaes andaram a glozar o sr. Rodriguez Barbosa por causa do tom e maneira com que discursa. Entretanto não havia razão para tanto da parte da imprensa, porque, exceptuando uns pequenos defeitos, o deputado paraense é excellente orador e é um homem de invenjavel cultura e admiravel competencia.

Além do sr. Justiniano de Serpa, que está na commissão de finanças, o Pará tem ainda um financeiro na sua bancada. E' o illustre engenheiro Bento de Miranda, que já se revelou muito capaz em materia financeira e outro dia deu um aparte que conseguiu fazer o sr. Carlos Peixoto evitar um pouco dar a resposta tal qual pedia.

Desde o anno passado não pôe os pés na Camara o sr. Theotonio de Britto, representante do Pará. que parece ter a sina de possuir deputados pouco assiduos. Da sua bancada faz parte o sr. Castello Branco, que andou tanto tempo afastado do Congresso, que, agora, estando sentado na sua cadeira, os continuos quizeram pol-o fóra, pensando ser um intruso. Mas S. Ex. repelliu-os com garbo e continuou na poltrona que lhe pertence e lhe deu oitenta bagos diarios durante as suas viagens e escursões pelo Velho Mundo, hoje conflagrado e libertado por esse poderoso motivo do tourismo estrangeiro.



Dr. Rodrigues Barbosa, da bancada paraense.

X.

19 - Agosto 1916

Houve um chronista mundano, aliás de grande nome e de grande brilho, nesta futilissima cidade, que creou para os assiduos frequentadores das reuniões elegantes o biblico appellido dos «trezentos de Gedeão».

Apparece nos agora outro chronista elegante e de nomeada, dando a essa mesma roda social a denominação lisongeira de «encantadores e encantadoras».

Eu tambem me proponho a crear um titulo para uma certa classe de gente tambem elegante. Quero falar das mocinhas *chics*, interessantes e bonitas, que enchem a Avenida ás segundas, quintas e sabbados, umas vindo dos lados de Botafogo, outras dos do Engenho Velho, da Tijuca e de Villa Isabel. Proporia, se a minha voz pudesse chegar até elles, aos chronistas sociaes, que as denominassem sempre nos seus escriptos adocicados — « as onze mil virgens ». Creio não ser muito má a idéa.

"Fon-Fon!" - 12 Agosto - 1916

Garatujas...

Era um explendido desfilar de mantos ricos, de velludo, rendas de oiro, marterenias, sedas e maciezas de pelles, á sahida do Guitry. Todo aquelle luxo casava-se bem no ambiente delicioso do Municipal entre os porphyros esverdeados, os onyxs côr de crême, os marmores rubros das paredes e escadarias.

Poisando a sua pequenina mão, enluvada de branco, sobre o meu braço, e fitando-me com o negror brilhante dos seus olhos, ella me disse:

— Veja, meu amigo, como o preto das casacas entristece este cortejo glorioso e todo reluzente de setins e joias. Veja como os homens teem ares de aves de agoiro entre todas essas aves do paraiso, cada qual com as nuanças e os brilhos mais diversos. Por que se não usam, como de 1815 a 1850, casacas de côr?

E eu lhe respondi:

– Minha doce amiga, como é perversa! Então, não sabe que a distincção ingleza das roupas foi inventada para encobrir a falta de graça dos homens? As antigas maneiras elegantes já se foram. O industrialismo, a effervescencia da vida moderna mataram a harmonia e arruinaram a plastica do homem. O *sport* de hoje, muito forte, com um *training* custoso, estraga as linhas masculinas. Não pode ser comparado á carreira, ao disco, á quadriga de antanho nem á caça com falcões ou cães, ás monterias, ás justas, aos torneios, ao bafordo de outrora. Felizmente todos esses homens calvos, barrigudos, pallidos ou corcovados, que vemos agora passar são supportaveis dentro da roupa singela que imaginaram os alfaiates de Londres. Seriam intoleraveis, verdadeiros bugios, simios ridiculos, em casacas de côres ou com belbutes, rendas, pafos, bofes e bordados.

Ella deixou a mão cahir com mais força sobre o meu braço e olhou-me, sorrindo. Segredei-lhe quasi ao ouvido:

— A elegancia e o bom gosto são hoje privilegio do sexo feminino. Nós não temos tempo de nos alindar. E' pouco o nosso tempo para apreciar a harmonia cambiante e ao mesmo tempo eterna das mulheres. E pouco é todo o tempo dum homem para se embevecer na contemplação de quem tem tanta doçura, tanta graça e tanta belleza, como possuis, minha doce amiga.

Garatujas...

Conversavamos sobre aquelles que abandonam o desempenho das mais altas funcções para se recolherem a uma tranquilla obscuridade, conscios de terem terminado a sua carreira tumultuosa, cheios de indulgencia e de sympathia para o mundo.

Alguem citou o exemplo de Bismarck, afastado dos negocios publicos por Guilherme II, fumando pacientemente o seu cachimbo de louça, ao lado dum *Ulmer-dog*, sentado nas escadinhas da sua vivenda singela.

Outro lembrou o conde-duque de Olivares, apeiado por Felippe III do cargo de primeiro ministro, serenamente regando o jardim de seu castello e envelhecendo serenamente.

Claudio França falou por ultimo:

— Dessa tranquillidade e dessa resignação a melhor amostra que conheço pertence á Roma dos Cesares. Deocleciano, talvez o maior imperador romano, embora os escriptores christãos de certa epoca o deprimam, abdicára desgostoso com os homens e premido por ambições, indo residir numa encantadora *villa*, em Salona.

O velho senhor do mundo, sabio e tolerante, cerebro poderoso que creára a unidade e a paz do immenso imperio de Roma com a sua admiravel tetrarchia, elle que contivera os barbaros e soubera achar entre os homens ambiciosos do seu tempo a coragem e a força de Maximiano, o valor militar de Galerio e a lhaneza, intelligencia, dedicação e bondade de Constancio Chloro, Deocleciano Jupiter como a si proprio se intitulava, lia e cultivava plantas sem nem ao menos procurar saber novas da sua obra grandiosa que as luctas de Constantino, Licinio, Maximino e Severo começavam a enfraquecer.

Um dia, Maximiano Hercules, seu antigo collega no throno imperial, que abdicára comsigo afim de evitar luctas civis, desejando retornar á scena politica, veio tental-o no seu retiro, demonstrando o valor da sua alliança com as provas da sua enorme popularidade. Deocleciano sorrio e, cheio de piedade, levando o robusto general a uma janella, mostrou-lhe o pomar e disse-lhe:

— «Maximiano, se viras os legumes viçosos que alli cultivo, não me falarias de subir ao throno novamente.»

Gatafunhos...

Eu falei da guerra. E, sem enthusiasmo, sem dôr, sem esperança, sem exaltação, Claudio França respondeu-me:

— Para bem te dizer da guerra, dos seus motivos e dos seus fins, do seu resultado futuro e da sua horrenda grandeza, eu precisaria possuir um objecto guerreiro, celebrado nas fabulas do oriente, que inspirou a Flaubert um bello trecho da «Tentação de Saint-Antoine».

Não creias que rodeio o assumpto ou delle fujo com medo de tua opinião. Mas, para te falar com acerto da conflagração européa, precisaria possuir o escudo magico de Dgian-ben-Dgian, o constructor das Pyramides. Esse broquel era mais rico e precioso que aquelle que dos céos cahio aos pés de Numa Pompilio. Reluzia de oiro e pedraria. Era feito de sete coiros de dragão superpostos, sobre os quaes as armas mais duras se partiam como varinhas de acacia e os raios resaltavam quaes pelotas de lã.

As pelles de dragão eram atarrachadas por parafusos de diamante e tinham sido curtidas na biles dum parricida. Dum lado de tão maravilhoso pavez se viam pintadas com as côres do arco-iris todas as guerras que se travaram no mundo desde as armas de pedra até ás devastações de Ramsés II, até ás conquistas de Keops. Do outro se contemplavam todas as guerras que teriam de se realisar na terra desse tempo até a consumação dos seculos.

Nelle devia estar pintada com o seu principio e o seu fim a grande guerra actual.

Mas o broquel de Dgian-ben-Dgian cahio nas mãos da rainha de Sabá e ninguem sabe quem o herdou depois que morreu essa boa amiga do esperto Salomão, rei de Israel.

"Fon-Fon!" 12. Agosto - 1916

Garatujas

Folheei sobre a minha mesa de trabalho uma pesada brochura de Araujo Jorge. Mais um circumspecto e bem feito trabalho do joven diplomata. Fiz-lhe elogios. Claudio França pedio-m'o, examinou-o e disse:

—Está aqui uma parte que deve ser muito interessante. E' a historia da nossa diplomacia desde Alexandre de Gusmão, o avô dos nossos diplomatas. Deve ser um estudo curioso, digno de verdadeira attenção. Leria com prazer este outro estudo sobre Paulo de Groussac e a Historia diplomatica da Republica Argentina. Nos livros de tal feitio sempre se aprende muito.

—Por isso vou ler o livro de Araujo Jorge com carinho. Elle é um estudioso sincero.

—Estou de accordo. Noto nesta obra, apezar de não a ter lido ainda, uma prova de continuidade do pensamento do autor. Este moço não estreou com um livro delirante sobre Christo.

— E' verdade.

—Pois bem, elle prosegue os seus estudos sobre o mesmo assumpto. Aqui estão os ultimos capitulos: «Emilio Bossi, «A negação da existencia de Christo»; Binet-Sanglé, «Jesus Christo»; Nototich, ainda sobre Christo; e Ricci, Christo ainda.

Effectivamente é um traço e raro. No Brasil ha tanta falta de curiosidade em tudo que esta virtude em Araujo Jorge é excepcional.

Sonhos

Com a sua maravilhosa imaginação Shakespeare teceu toda aquella trama delicada do «Sonho duma noite de verão». Cantando a saudade dos sonhos lindos que se vão, Henri Bataille fez o «Sonho duma tarde de amor». D'Annunzio, o esplendido, o reluzente, o faustoso poeta, si escreveu o maravilhoso juvenil e divino «Sonho duma manhã de primavera», tambem imaginou a voluptuosa tristeza do «Sonho dum crepusculo de outomno». Ha pouco tempo Roberto Gomes fazia representar no «Municipal» a sua peça maviosa e nostalgica «Sonho duma noite de luar».

Os tons escuros da noite, as nuanças esverdinhadas do luar, as tonalidades desmaiadas do crepusculo, criam a suave melancolia dessas composições. A tarde, a noite, esbatendo as coisas, escurecendo-as, alongando as sombras, apagando os contornos, violetando os horizontes, trazem para a alma dos poetas esses effluvios de tristezas, em que ao esmorecer da luz ou ao livor do luar se casam os sons distantes duma musica saudosa.

A musica acompanha o farandolar dos elfos shakesperianos, as meditações dos personagens de Bataille, os estúos de amor d annunzianos, a saudade irremediavel do sonhador de Roberto Gomes.

E esse modo de sentir dc poetas não se acaba. Ainda agora um dos mais novos bardos cearenses, o sr. Mario da Silveira, acaba de publicar os fragmentos dum poema, em que se leem versos desta sorte:

«De Kreutzer a sonata eu ouço, deslumbrado.
Ouço o «Adagio» tambem num piano em surdina.
E, como Goethe eu sinto, ao gemer dum transporte,
Estar inerte, ungido, a dois passos da morte,
Pela magua ideal duma magua divina.»

E' de tanto sonhar, idealisar, meditar, que vem essa magua para os poetas, magua irreal, ficticia como os seus devaneios todos. Para esse poeta «tudo é pó! tudo é nada!» conforme elle proprio confessa. Melhor fôra dizer que tudo na vida é sonho e tão somente sonho, sonho das manhãs de primavera, sonho dos dias de inverno, sonho dos crepusculos de outomno, sonhos das noites de verão...

Garabulhas...

Passava muita gente pela Avenida. Eu commentava o modo de vestir de alguns senhores e de muitas senhoras. Affligia-me sobremodo a escolha e combinação das côres. Havia moças de rosa e cinzento, de preto e crême, de vermelho e rôxo, de verde e amarello. Claudio França falava sómente da belleza physica, achando os homens detestavelmente feios e as mulheres soffrivelmente bellas.

Beirando o passeio, vinha uma senhora joven airosa, de feições perfeitas, olheiras escuras, andar imponente.

— Como é bonita! exclamou o Claudio.

Eu relanceei os olhos pela multidão e disse-lhe:

— Achaste aquella senhora bonita e soltaste em voz alta uma exclamação espontanea. Olha, aquella velha horrenda que alli vae, como por causa disso se volta e se pavoneia, toda contente! Quando falaste, ella passava aqui ao pé. Cuidou que a ella te referisses. Vae que não cabe em si de elegria!

— Meu amigo, leste porventura «Tante Lison» de Maupassant?

— Não.

— Tia Lison é uma velha solteirona, feia e tristonha desde a mocidade, que nunca teve um namorado. Um dia, por acaso, ella ouve o noivo de sua sobrinha dizer-lhe uma phrase amavel ou amorosa não sei bem. Tia Lison dispára num choro convulsivo. Acalmada, diz que se commovera porque, durante toda a sua vida, jamais alguem lhe dissera tão doces palavras. Pois, meu amigo, aquella pobre senhora idosa, que dizes ter tomado para si o meu dito galante, é mais feliz que a pobre tia Lison. Talvez nunca lhe tenham dito uma amabilidade. Hoje ouvio uma. Está convencida que foi com ella e não se póde conter de satisfeita. Deus lhe conserve a sua satisfação! Porque imagina que ella se emocionasse como a do Maupassant, desse para chorar aqui na Avenida diante de nós e do publico, resmungando para o guarda civil que accorresse espantado: — «Nunca ninguem me disse o que aquelle moço estava dizendo a uma senhora que passou!»

"Fon-Fon!" 12-Set. 1916

Garatujas...

Quando se acalmaram os furores epicos e sanguinarios da Revolução Franceza, surgiram na época amavel do Directorio, como um symptoma da degenerescencia social que começava e o pulso napoleonico deteve, a alluvião dos elegantes e das elegantes.

Ao velho Paris das cabelleiras empoadas e da etiqueta pomposa dos reis, succedera o Paris acanalhado e grandioso, *sans culotte* e heroico, grotesco e sublime do Terror. Depois, viera o Paris dulçuroso e alambicado das elegancias e futilidades do Directorio. Foi, então, que appareceram os rapazes exaggerados no vestir e no fallar, no sentimento e no gesto, que se denominaram *Muscadins* e *Incroyables*, que supprimiam os *r r* da conversação e diziam: *Incoyable, paole d'honneur, geneal.* Foi, então, que se apresentaram nas rodas sociaes as moças faceiras, de vestidos erguidos a mostrar uma perna, de chapéos de pala comprida, cheias de laçarotes e véos, que se intitulavam *Merveilleuses.*

Hoje, quem passar os olhos observadores sobre o scenario social desta cidade ha de notar identicos effeitos, ha de ver com receio o mesmo symptoma. Apezar do fastio que domina os politicos, da indifferença que enlaça todas as classes, do temor do desenlace fatal que invade tudo, ha uma roda futil que reluz e se diverte sobre a agonia da nação. Que lhes importa as consequencias provaveis da conflagração, a divida a pagar, os compromissos nacionaes, a perspectiva da bancarota, o regimen tributario a esfolar a população? Elles dansam o tango nos chás, frequentam o Guitry, exaggeram as modas, futilisam-se cada vez mais, são os nossos *Muscadins* e *Incroyables.*

Rowing

O céo era côr de chumbo; o mar, côr de chumbo; e a bruma que esfumava os contornos das coisas, côr de chumbo. Naquelle ambiente de cinza e de humidade, as yoles de regatas passavam, ligeiramente. Entreviam-se camisas de malha listadas, braços musculosos, nús, tostados de sol, retezados no movimento rythmico dos remos, cujas pás brancas feriam a agua. Uma grande falúa arrastava-se, beirando a praia, empurrada a vara por dois negros, com o patrão de pé, á pôpa, mãos poisadas na canna do leme.

Pretos, voando, revoando ligeiros, mergulhando velozmente o pescoço a fisgar os peixes miúdos, os tesouras grasnavam, movendo as longas pennas da cauda. Gaivotas brancas e negras esvoaçavam á flór das ondas ou remigiavam mais alto. Sobre o dorso duma boia, poisavam dois «trinta reis», de pennas arrufadas, o bico côr de lacre, piando.

Descansei a palamenta do canóe e olhei todo o mar. Adiante, em cima duma rocha, uma ave marinha, grande, acinzentada, descansava. E eu pensei nos Minquiers, os rochedos bretões que Victor Hugo descreve, onde repousam os goelanos de capa verde, que emigram da Hollanda; no esmalte cinza das porcelanas de Copenhague, que parece feito de brumas e de neblinas, com gaivotas muito alvas, voando; ou nos pratos de faiança sueca de Rostrand, a fabrica das tres corôas, em que, nos rochedos das costas penhascosas da Escandinavia, sob um céo côr de chumbo, olhando o mar côr de chumbo, entre as nevoaças côr de chumbo, poisam, magestosamente, as aguias marinhas.

Os badauds

Entre as manias ridiculas e irritantes dos basbaques que enchem as esquinas da Avenida, está a de fitar com insistencia as pessoas que passam.

Certamente, os *badauds* que estacionam nos passeios da Rio Branco ignoram que é injurioso, provocante e perigoso olhar demoradamente para os que andam o seu caminho, sem lhes dar importancia.

Não ha fedelho elegante, rapazola vadio que se não ache com o direito de medir com os olhos, das botinas ao chapéu, qualquer individuo que por elles passe, como se essa maneira de olhar não significasse desprezo ou provocação.

Quem não estiver acostumado com a falta absoluta de educação de alguns moços elegantes, arrisca-se a passar a tarde, na Avenida, pedindo satisfações, tantos serão os desfructaveis que o *tosarão* de alto a baixo, com ares de valentia, riso de troça ou esgar de pouco caso.

Chapéusinho vermelho

Ella passava pela Avenida, ligeiramente, no seu vestido escuro orlado de pelles, pisando com elegancia, os olhos negros a reluzirem de mocidade e vida. Trazia botas altas de verniz e um lindo chapéu, simples e de bom gosto, da côr da chamma e da côr do sangue. Sorria ao ar, ao movimento da cidade, á vida, com despreoccupação e com felicidade.

Passou ligeiramente, levemente, elegantemente. Muitos olhares se cravaram no seu vulto, seguiram-n'o por entre o borborinho, procuraram vêl-o mais adiante, já perdido entre os grupos de passeantes. A mancha rubra do chapéu ainda brilhou ao sol, entre *aigrettes* e coifas de flôres, bem longe.

Fiz notar a sympathia daquella belleza moça, muito moça mesmo, ainda botão. E Claudio França, ao depois de ouvir-me, recitou:

— Que os numes te fadem bem, Chapéusinho vermelho, figura de lenda infantil, belleza de ballada antiga! Que os lobos não te tentem pelo caminho que segues!

Eu respondi:

— Não. Os lobos não a tentarão nunca. Bonita assim, ella é que tentará os lobos.

25 Set. 916

Garabulhas...

Eu estava muito triste, lentamente fumando o meu charuto de Henry Clay, quando Claudio França me bateu no hombro:

— Que tens?

— Aborreço-me. Enfastio-me. Entedio-me horrivelmente. A's vezes, acabando de ler um artigo, uma noticia de jornal fico assim, sem voz, sem olhar, sem gestos, numa profunda scisma. Creio o meu paiz morto, coberto de vergonha e de desastres! Tenho o maior desprezo pelos homens publicos que o conduzem á ruina e não me posso furtar a essa tristeza, quando sinto o *mal* triumphante.

— Fazes mal. Ri [illegible] o teu bocado de existencia. Não te preoccupes com a vida nem com as maldades da vida. Tira o teu proveito do melhor modo possivel. Pensa, como Spinosa, que o mundo é um tecido de apparencias e convence-te, com o philosopho luso-flamengo, que o mal é tão necessario quanto o bem. Anda dahi. Vamos ao theatro.

143 144

Chaudieu

A CAMARA E OS DEPUTADOS

A BANCADA MINEIRA

Minas, a altiva terra da Inconfidencia, ha muito não tem nenhum estremação politico. Os sismographos politicos não registram á sua face o menor movimento descommum. E' que a gente das alterosas faz tudo caladinha e não gosta de barulhos. As luctas politicas alli, por mais fortes que sejam assumem o feitio da lucta do rato roendo queijo. A politica mineira é um immenso trabalho de minas. A sua bancada se apresenta na Camara com uma segurança e ponderação absolutas. Parece um rebanho disciplinado. Entretanto, lá por dentro, ás vezes as coisas andam pretas. Mas ninguem observa a menor ruga no rosto dos seus deputados. O sr. Fausto Ferraz continúa os seus discursos contra as formigas e outros bichos damninhos. O sr. Alvaro Botelho sustenta a sua admiravel linha de homem do mundo. O sr. Arthur Bernardes mostra a sua physionomia que demonstra a preoccupação de estudos serios. A calma do sr. Bressane e o socego do sr. Manoel Fulgencio são inalteraveis.

Dr. João Penido
representante de Minas Geraes

Francisco Paolielo
da bancada mineira

Dr. Lamonier Godofredo, deputado por Minas e substituto do "leader" da maioria, nos seus impedimentos.

Agora mesmo correm vozes de que se tramam grandes coisas no intimo da politica mineira. Consta que em torno do sr. Francisco Salles se agrupam elementos aptos a se constituirem num novo P. R. C., de maneira a darem tal força ao antigo ministro da fazenda do governo Hermes que seja impossivel eleger um presidente da Republica sem o seu apoio. Dahi os rumores de S. Paulo unindo-se ao Rio Grande do Sul para contrabalançar a influencia provavel de Minas combinada com o Estado do Rio, a Bahia, etc.

Dizem á bocca pequena que o prestigio do sr. Francisco Salles, hoje o maior chefe de Minas Geraes, sobe de ponto, sendo por sua exigencia que se resolveu em favor do sr. Bernardino Monteiro o caso do Espirito Santo, depois do sr. Wenceslão ter promettido mundos e fundos aos srs. Torquato e Paulo de Mello. Tambem rosnavam sobre a escolha do senador Ruy Barbosa para a embaixada de Tucuman, dizendo que

o sr. Presidente da Republica carece dum nome de prestigio nacional para...

Quem poderia responder a isso era o sr. Lamonnier Godofredo, sub-*leader* da maioria, varias vezes substituto do sr. Antonio Carlos. Porém S. Ex. que fala tão alto na sala do café, curaria os seus olhos emmoldurados de olheiras negras e diria que não podia dizer nada. Affirmaria que em torno da politica de Minas gyra a do Brasil, que na União nada se póde fazer sem o concurso dessa bancada, cujos 37 votos fazem peso no Parlamento; que Minas quer sómente a autonomia dos Estados. Faria algumas pequenas considerações sobre o caso do Espirito Santo e sobre o do Piauhy, onde o Miguel Rosa morreu... E era tudo.

Talvez o Sr. Waldomiro Magalhães dissesse alguma coisa. E' moço. Tem certamente enthusiasmos. E' capaz de deixar sahir algumas opiniões. Entretanto, S. Ex., como supplente e secretario da mesa, não gosta de se abrir muito e menos de se compromettter embora pouco. Como bom mineiro, ficaria calado.

Ao sr. Alaor Prata, o joven turco, ninguem pergunta nada. O ainda joven engenheiro e representante da nação, antes de sua viagem á Europa, escrevia sob pseudonymo, para o *Jornal do Commercio*, uns artigos sobre assumptos brasileiros de ordem geral muito interessantes e muito bem feitos. Depois que tornou do Velho Mundo, não se sabe se com saudades ou por qual motivo, ficou quedo e affecta hoje uma displicencia de parlamentar fatigado.

Quem se mostra sempre de optima saúde, o aspecto elegante, disputando inveja, sobrio no vestir e commedido no falar, é o sympathico deputado João Penido. Minas só tem um deputado João. O Rio Grande do Sul bate o *record* desse nome. A bancada gaúcha possue os srs. João Simplicio, João Vespucio e João Benicio. Muita gente pensa que o sr. Penido é membro da bancada riograndense por causa do nome. E' um homem de bello aspecto, mas é mineiro: Minas tambem tem gente assim.

Engenheiro Alaor Prata
representante
do Estado de Minas

Dr. Moreira Brandão
deputado mineiro

Dr. Theodomiro
Magalhães,
da bancada de Minas

Se fossemos fazer uma referencia qualquer, miuda muito embora, a cada um dos deputados da terra de João Pinheiro, precisariamos de varios artigos, porque para tantos deputados, os mais numerosos do Congresso, esta ligeira nota não bastaria.

Demais temos falado de varios deputados mineiros em occasiões outras, ao tratar da mesa da Camara, do *leader*, da commissão de finanças, etc.

Os nossos instantaneos nos apresentam o sr. Moreira Brandão e o sr. Francisco Paolielo. O primeiro é deputado por Minas Geraes, porém não é mineiro. S. Ex., como filho do Rio Grande do Norte, è um voto seguro que a terra de Pedro Velho tem no seio da maior bancada.

O sr. Paoliello, dirão todos, é deputado por Minas, mas é italiano.

Enganam-se.

O sr. Paoliello é representante muito digno do seu Estado natal.

X.

"Careta" - 12 - Agosto - 1916

145 146

"Fon-Fon!"

Rio de Janeiro, 19 de Agosto de 1916

QUINQUENDONNE

Claudio França, soprou para o ar luminoso o fumo do seu «Hoyo de Monterey». Sorrio á luz, ao mar espelhante, que se estendia a perder de vista. E disse-me com a sua calma ironica de sempre :

— Falaste tanto de nossas mazellas sociaes e politicas, tanto discorreste sobre os perigos que nos ameaçam, disseste tantas vezes que este paiz está perdido, que eu abandono a saborosa companhia do meu charuto para responder-te.

Leste algum dia Julio Verne?

— «Quando menino, li alguns de seus livros: *Vinte mil leguas submarinas. Cinco semanas em balão, O paiz das pelles, Atribulações dum chinez na China* e *Mathias Sandorf*. Parece-me que só.»

— «Fizeste mal. Devias ter lido tudo. Li toda a sua grande obra. Não perdi uma pagina e lucrei muito com isso. Conheço volumes de Julio Verne dos quaes pouca gente sabe a existencia: a *Carteira do reporter, Diante da bandeira,* o *Annuncio mysterioso* e o *Soberbo Oienoco*. Mas quero falar-te dum caso que li no *Doutor Ox*.»

Era na Flandres, na pequenina cidade de Quinquendonne. Um engenheiro inventára novo e excellente gaz de illuminação. Tinha até concessão para illuminar a cidade. Estava o gazometro montado e os encanamentos promptos, quando a gente do lugar começou a fazer coisas de truz, asneiras sobre asneiras, verdadeiras loucuras. Os amigos mais velhos, mais intimos desaviram-se por futilidades. As familias se intrigaram. Os homens serios commettiam as maiores tolices. Os jornalistas abriram a torneira das descomponendas e das chantages. Os administradores do municipio chafurdaram-se nas irregularidades e desperdicios administrativos.

Um dia, emfim, para encurtar a historia, dois dos mais eminentes membros da politica e do governo local se incompatibilisaram de tal sorte que resolveram bater-se em duello, o qual, segundo combinaram, seria sem testemunhas, a pistola, no eirado duma alta torre existente na camara municipal. Ao chegarem lá acima, diante do céo azul e do sol offuscante, olharam-se com espanto esquecidos das offensas reciprocas. Nem sabiam mais porque queriam duellar. Desceram as escadas e, ao passarem de certa altura, novamente lhes voltou a furia de antes. Tornaram a subir. Acalmaram-se como por encanto.

Então, matutaram no caso e, de inducção em inducção, conseguiram verificar que uma influencia extranha e maligna dirigia os destinos de Quinquendonne. Era o gaz do Dr. Ox que, habilmente espalhado por elle até certa altura da athmosphera, provocava naquelles que o respiravam interessantes maluquices.

Tenho a impressão, caro amigo, de que um novo e desconhecido Dr. Ox está fazendo das suas neste nosso Brasil.»

E eu respondi :

— «Subamos, Claudio, á torre do *Jornal do Commercio* ou ao cocuruto do Corcovado afim de verificarmos se estamos ou não numa nova cidade de Quinquendonne!»

— «Inutil, amigo, inutil. A camada de gaz vae aqui até muito alto. Tem mais de setecentos metros. Ha trezentos annos que a respiram e não a diminuem.

Jotaenne

Gatafunhos...

De Santa Escolastica contam as lendas que se casou contra a vontade, porém converteu o marido, que era pagão, conseguindo viver com elle em perfeita castidade. Sobre este assumpto, ha uma linda pagina de Anatole França, mimo de graça e leveza de estylo.

Nos primeiros tempos do christianismo, nas Gallias, deram-se muitos casos semelhantes, sendo um dos mais conhecidos o de Rheticio e sua mulher. Nesse tempo, os padres podiam casar. Rheticio era bispo de Autun, consorciou-se com uma formosa moça da mesma cidade, e viveram juntos muitos annos, guardando castidade completa.

Sua mulher, ao morrer, pediu-lhe que, depois de morto, fosse enterrado no mesmo tumulo que ella, afim de repousarem eternamente juntos, elles que tinham conservado no mesmo leito o amor da castidade.

Esses casamentos, que não passavam duma vida de mortificação em commum, luta diaria dos apetites do amor contra os desejos religiosos dos sacrificios voluntarios, não eram raros na igreja primitiva e tinham algo de bizarro e de tocante, recordando as descripções dos casamentos dos mysticos de Nossa Senhora e de Sta. Catharina.

Hoje em dia, os pensamentos dum casal no dia da maridança, como diziam os antigos, são tão differentes, tão differentes...

"Fon-Fon!" 19-Agto 1916

Gatimanhos...

Claudio França olhou, sorrindo, um grande falcão tordilho, de porcelana de Carlsrühe, alcandorado sobre uma prateleira, entre duas estantes do meu gabinete. E perguntou-me :

— Gostas das aves de preza ?

— Aprecio-as bastante. E quem me deu esse *bibelot* foi um amigo que lêra todos os tratados de falcoaria escriptos em lingua portugueza.

— Acredito. Lêr, porém, tudo o que se tem escripto a respeito dessa velha arte de caça é tarefa para consumir uma vida inteira. Desde a mais remota antiguidade que se escreve sobre tal assumpto. A volateria nasceu na Asia, passando depois para o Egypto e sendo trazida para o occidente pelos cruzados. O primeiro autor classico que fala da caça de altaneria é Ctesias, que vio falcões na India e conta que os thracios com elles caçavam. Maternus de Sicilia fala dos falcões caçantes no anno 380. Em 480 taes aves de preza appareceram pela primeira vez em Roma. Edicio, filho do imperador Avito, começou, então, a empregal-os nas caçadas. Os persas, segundo diz Maternus, eram os melhores falcoeiros do mundo. Depois, o uso foi se generalisando nas côrtes e antes mesmo das cruzadas alguns principes christãos possuiam falcões como coisa rara. O rei Ethelberto com elles fazia suas celebres caçadas de grous e Carlos Magno defendeu-os por leis especiaes. Na idade-media tal arte chegou ao seu apogeu. Hoje ninguem pensa mais nisso e só os curiosos impenitentes como eu e esse teu amigo se atrevem a ler o que ha escripto sobre um uso desapparecido.

A Serafina

O Botafogo toca violino magistralmente. Encontrei-o outro dia numa casa de chás e começámos a conversar sobre musica e instrumentos de corda. Elle contou-me que fizera longa viagem aos Estados do Norte, visitando até o interior de alguns delles.

— Fizeste successo com o teu violino ou nunca tocaste por lá ? perguntei.

— Toquei em muitas capitaes e mesmo em algumas cidades do centro. Obtive sempre muitos applausos. Aquelle povo gosta muito de musica. Aconteceu-me até, uma feita, um caso interessante a proposito do meu violino.

— Conta lá.

— Eu ia para o sertão, a cavallo. Seguiam-me um arrieiro montado no burro que me conduzia as malas e um peão que levava á cabeça a caixa do meu violino. Ao subir uma ladeira esconsa, num espigão da serra, á beira de precipicios, diz o arrieiro ao peão :

— Olha, ó Manoel, vai direito e toma cuidado com a *sarafina* do moço !

Fiquei fulo. O animal chamava o meu *Stradivarius* de *sarafina !* Falei aborrecido :

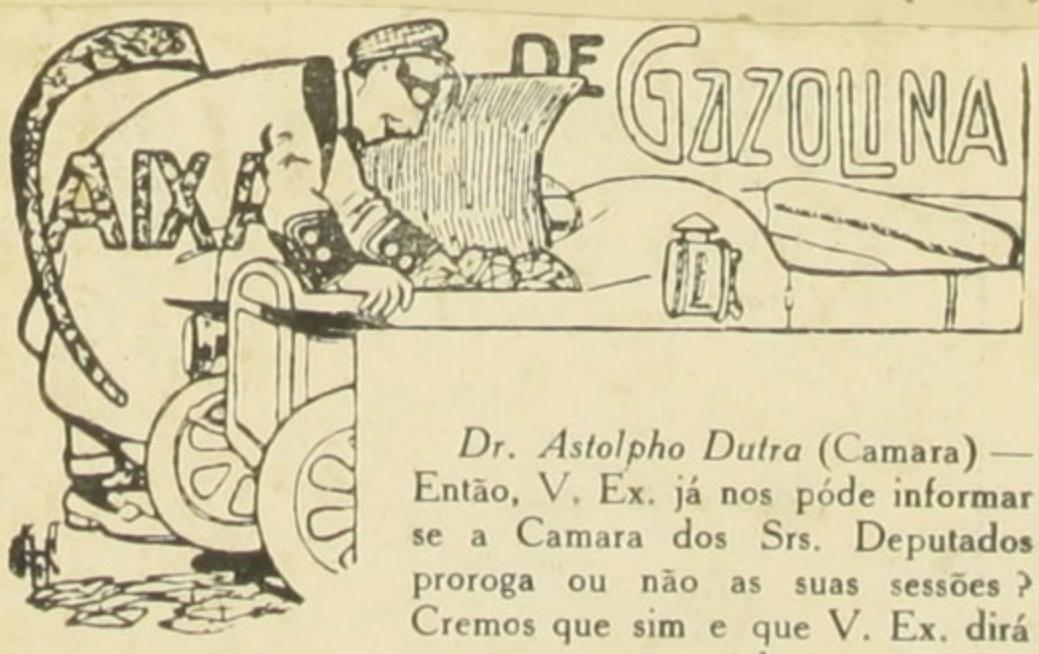
— Que serafina nem *sarafina !* Você não sabe que aquillo é um violino ?

O arrieiro sorrio com superioridade e tornou-me :

— Eu chamei *sarafina* por chamar, que eu bem sei que não é. Mas tambem não é esse nome que *vosmincê* disse. Eu conheço o bicho : é uma rebeca.

26. Agto 916

"Fon-Fon!" 1916 - 19 - Agto.



Dr. Astolpho Dutra (Camara) — Então, V. Ex. já nos póde informar se a Camara dos Srs. Deputados proroga ou não as suas sessões ? Cremos que sim e que V. Ex. dirá como no anno passado :

« — Que querem ? A culpa é do Senado. »

Felix Pacheco (Jornal do Commercio) — E' o caso de se lhe darem parabens mais uma vez : deputado federal eleito após uma renuncia e sem competidor !

Deputado Moreira da Rocha (Ceará) — O doutor João Thomé, presidente desse Estado, não compareceu a um banquete que offereceram a V. Ex., Sr. deputado, em Fortaleza. Entretanto, acceitou um banquete, essencialmente politico, que a bancada governista offereceu a elle, presidente, nesta capital. V. Ex. diante disso não comprehendeu nada ? Pois tire a prova e veja quaes os nove que ficam de fóra...

Chauffeur

148

Deputado Mello Franco (Camara) — Queira V. Ex. acceitar um abraço. O seu projecto sobre o Conselho Municipal é moralisador e digno, um projecto verdadeiramente feliz. Já é tempo de acabar a politicagem carioca e de terem as classes conservadoras e trabalhadoras os seus representantes directos na gestão dos negocios do municipio, que ahi andam á matroca.

Correia Dias (Rua Ruy Barbosa) — Estão maravilhosos os seus desenhos medievaes para o livro « Pergaminhos ». Vimol-os no Salão da Escola de Bellas Artes. Fazem-lhe muita honra. Podemos garantir que, em Paris, o Lebégne não faz melhores.

Deputado Costa Rego (« Correio da Manhã ») — V. Ex. passa o tempo que quer em Alagôas sem ninguem reclamar. Entretanto, mal chega no Rio, só porque o seu collega Gustavo Barroso, faltou tres dias ás sessões, começa a perguntar pelo seu jornal por onde anda elle. E' o caso do macaco que dizia á cutia : « Comadre cutia tire o seu rabo do caminho. »

Simão de Nantua (« Paiz ») — O caro confrade ha muito tempo não publica umas quadrinhas. A sua prosa é muito agradavel, mas as suas quadras são deliciosas. Veja se arranja algumas para matar saudades dos seus leitores.

Chauffeur